UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉDISON TROMBETA DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE O INÍCIO DA UNESP EM PRESIDENTE PRUDENTE: BUSCA POR MEIO DE IMAGENS (1975 - 1980)

Presidente Prudente – SP
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉDISON TROMBETA DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE O INÍCIO DA UNESP EM PRESIDENTE PRUDENTE: BUSCA POR MEIO DE IMAGENS (1975 - 1980)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Arilda Ines Miranda Ribeiro

Presidente Prudente – SP

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Édison Trombeta d.
S---- Memórias docentes sobre o início da UNESP em Presidente Prudente: busca por meio de imagens (1975-1980) / Édison Trombeta de Oliveira. - Presidente Prudente : [s.n], 2014
202 f.

Orientador: Arilda Ines Miranda Ribeiro
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. História das Instituições de Ensino Superior. 2. História da UNESP. 3. Memória. I. Oliveira, Édison Trombeta de. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

ÉDISON TROMBETA DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE O INÍCIO DA UNESP EM PRESIDENTE PRUDENTE: BUSCA POR MEIO DE IMAGENS (1975 - 1980)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 31 de outubro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Arilda Ines Miranda Ribeiro
Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Presidente Prudente

Profa. Dra. Renata Junqueira de Souza
Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Presidente Prudente

Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto
Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas

À minha mãe. Sei o que estas páginas significam para você...

AGRADECIMENTOS

A Arilda, minha orientadora, que acreditou na proposta desde o começo e me recebeu de braços abertos no Programa de Pós-Graduação em Educação, por toda a confiança e pelas orientações dadas.

A minha família, em especial minha mãe Nicélia meu pai Roberto (*in memoriam*), responsáveis pela minha formação e, embora sem possuírem diploma de nível superior, pela minha vontade de estudar sempre.

Às professoras Renata e Ana Lucia, que compuseram a banca de qualificação e compõem a de defesa, com suas imensuráveis contribuições cheias de carinho e doçura.

À UNESP, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, ao qual me vinculo, e ao Departamento de Fisioterapia, no qual trabalhei durante praticamente todo o tempo do Mestrado. O agradecimento, evidentemente, abrange os docentes e servidores dos dois locais. Agradeço, em especial, ao Marcos e a Dani, tanto por toda a força que me deram e me dão quanto pelas contribuições no trabalho em si.

A todos os entrevistados (Leny, Eliseu, Maria Encarnação, Ruth, Helena, Marcos, Thereza, Alvanir e Lucia), por doarem um tempo de suas vidas para contar momentos que, por vezes, não são fáceis de se comentar.

Aos professores que me deram aula na graduação em Comunicação Social, que de certa forma foram os responsáveis pela minha vontade em fazer pós-graduação.

Ao Paulo Boni, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL, onde cursei uma disciplina e conheci a proposta metodológica abordada nesta pesquisa.

Aos colegas do NUDISE e do GPECUMA, pela força e pelas contribuições, e do NEaD e do CPIDES, presentes na reta final.

E ao Tiago, pelo companheirismo, pela compreensão, pelas discussões e pelos debates acerca do tema da minha pesquisa, embora este não seja o assunto de seus trabalhos.

“O que vem a ser portanto um olhar? É talvez a soma de todos os sonhos, cuja parte de pesadelo se esquece, quando a gente pode pôr-se a olhar diferentemente [...]” (BAVCAR, 1992 apud SAMAIN, 2005, p. 15).

RESUMO

OLIVEIRA, E. T. **Memórias docentes sobre o início da UNESP em Presidente Prudente: busca por meio de imagens (1975-1980)**. 2014. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

Vinculado à linha de pesquisa "Processos formativos, diferença e valores", do Programa de Pós-Graduação em Educação, este trabalho traz como base que conhecer a história das instituições de ensino é um dos fatores fundantes para compreendê-la como ela é e problematizar a respeito de seu futuro. Os conflitos ocorridos podem indicar as razões de ser da instituição e a divulgação deles tende a auxiliar na construção do sentimento de pertencimento dos seus sujeitos. Assim, esta dissertação objetiva a reconstrução histórica do início (instalação, manifestação pela permanência e consequências) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) em Presidente Prudente-SP, ocorrida no ano de 1976. Antes, o campus da universidade era denominado Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), um Instituto Isolado de Ensino Superior (IIES), e chegou a possuir os cursos de Pedagogia, Ciências Sociais, Licenciatura em Ciências, Geografia e Matemática. Após a instalação da UNESP ficaram apenas os dois últimos, alguns docentes foram demitidos e outros transferidos de Unidade. A fim de se obter as memórias docentes sobre o fato foi utilizada a História Oral aliada à apresentação de imagens da época, em um procedimento então denominado Imagem como Evocadora da Memória. Um objetivo específico desta pesquisa foi problematizar a respeito deste procedimento. Ouvidos nove docentes, pôde-se depreender que enquanto a maioria considerou o processo como "traumático", alguns viram aí uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Não há consenso sobre como a notícia chegou a Presidente Prudente, no entanto há memórias semelhantes sobre um discurso combativo em uma colação de grau com a presença do reitor. As imagens evocaram memórias acerca de diversos temas, tanto complementares ao que já havia sido dito quanto a outros assuntos, como a evolução predial da FFCL. Sobre a manifestação, há memórias diversas sobre a organização e a divulgação do evento, com destaque para a liderança do professor Armen Mamigonian. Sobre a manifestação em si, a maioria dos entrevistados disse se recordar do Ginásio de Esportes lotado e de um discurso em defesa do ensino superior público no interior, proferido pela atriz Aracy Balabanian, irmã de Mamigonian. Houve uma exceção, entretanto, que nem mesmo após ver as imagens do Ginásio cheio de participantes confirmou a lotação. A saída do evento, alguns narraram, foi em grupos para evitar problemas isolados com os militares, ainda no poder naquela época. Com relação às consequências da instalação da UNESP, três pontos foram os mais abordados nas entrevistas: demissões de docentes que eram contratados em tempo parcial e especialmente a do professor Armen, as transferências formais de docentes entre os campi, mas que ainda trabalhavam na Unidade de origem, e a elaboração de projetos dentro da universidade com o intuito de encontrar ocupação para os docentes cujos cursos originais estavam extintos. Com relação ao procedimento de pesquisa, percebe-se que este possui grandes possibilidades de utilização, embora não seja possível controlar quais memórias emergirão com seu uso. Sobre a história da UNESP, verificou-se que houve combatividade com relação ao fechamento de cursos e, ao mesmo tempo, atitudes foram tomadas para o campus prosseguir suas atividades e voltar a se desenvolver.

Palavras-chave: História da UNESP. História das instituições de ensino superior. Memória. Imagem.

ABSTRACT

This research, which is linked to the study line "Formative process, difference and values", from the Postgraduate Program in Education, has as a main concern the idea that having a notion of the history of educational institution is an elemental factor to understand it as it is and problematize about its future. Conflicts that occurred in institutions can indicate its fundamental principles and assist in building the sense of belonging of its subjects. Thus, this dissertation aims at the historical reconstruction of the early (installation, permanence and consequences) of Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) in Presidente Prudente-SP, which occurred in 1976. Previously, the university campus was named Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), a Higher Education Institute Isolated (IIES, its Portuguese acronym), and came to possess Pedagogy, Social Sciences, Bachelor of Science, Geography and Mathematics courses. After installation of UNESP only the last two courses remained, some teachers were dismissed and others transferred. In order to get memories about this fact, we used the Oral History procedements combined with images of that period, then in a procedure known as Evocative Image of Memory. A specific objective of this research was to ask questions about this procedure. Nine teachers were listened, one could conclude that while most consider the process as "traumatic", some saw on it an opportunity for learning and growth. There is no consensus on how the news reached Presidente Prudente, however there are similar memories of a combative speech at a graduation attended with the presence of the rector. The images evoked memories about various topics, both complementary to what had already been told about other issues, such as land developments of FFCL. About the demonstration, there are several memories about the organization and promotion of the event, especially the leadership of Professor Armen Mamigonian. About the event itself, the majority of respondents said they remember the crowded Gymnasium and a speech in defense of public education, delivered by actress Aracy Balabanian, Mamigonian's sister. There was one exception, however, that even after seeing the images of the gymnasium full of participants the respondents could not confirm the stocking. The output of the event, some narrated, was in groups to prevent isolated problems with the military, still in power at the time. Regarding the consequences of the UNESP installation, three points were the most discussed in the interviews: layoffs of teachers who were hired part-time and especially the teacher Armen, the formal transfer of teachers among campuses, but that were still working in the Unit of origin, and the development of projects within the university in order to find employment for teachers whose original courses were extinct. Regarding the research procedure, one can see that it has great possibilities of use, although you can not control which memories would emerge with their use. About the history of UNESP, there was combativeness to the closing courses, and at same time, actions have been taken to the campus to continue their activities and to develop.

Keywords: History of UNESP. History of institutions of higher education. Memory. Image.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa do número 5 do impresso Carcará, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de novembro de 1976 60

Imagem 2 – Capa do número 6 do impresso Carcará, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de março de 1977 62

Imagem 3 – Recorte da capa do jornal O Imparcial, de 28 de novembro de 1976 63

Imagem 4 – Recorte da página 2 do jornal O Imparcial, de 28 de novembro de 1976 . 65

Imagem 5 – Fotografia publicada na página 12 do jornal Folha de S.Paulo no dia 29 de novembro de 1976 66

Imagem 6 – Fotografia publicada na capa do jornal Folha de S.Paulo no dia 29 de novembro de 1976 67

Imagem 7 – Fotografia publicada na página 13 do jornal Folha de S.Paulo no dia 27 de novembro de 1976 68

LISTA DE SIGLAS

ADUNESP	Associação de Docentes da UNESP
APEA	Associação Prudentina de Esportes Atléticos
CEE	Conselho Estadual de Educação
CESESP	Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COPr	Conselho Universitário Provisório
FAFI	Faculdade de Filosofia (denominação carinhosa da FFCL de Presidente Prudente)
FCT	Faculdade de Ciências e Tecnologia
FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FUNDUNESP	Fundação para o Desenvolvimento da UNESP
FUVEST	Fundação Universitária para o Vestibular
GPECUMA	Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura, Memória e Arte
IE	Instituto de Educação
IIES	Instituto Isolado de Ensino Superior
IMESPP	Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente
IPEA	Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais
NUDISE	Núcleo de Diversidade Sexual na Educação
OEDH	Observatório de Educação em Direitos Humanos
UEC	Universidade Estadual de Campinas (antiga sigla, atualmente em desuso, para UNICAMP)
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISO	Universidade de Sorocaba
UNOESTE	Universidade do Oeste Paulista
USP	Universidade de São Paulo
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária
VUNESP	Fundação para o Vestibular da UNESP

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 HISTÓRIA, MEMÓRIA, IMAGEM: APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO 21
2.1 Memória e Imagem na História Nova 21
2.2 A Imagem como Evocadora da Memória 26
3 A UNESP NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO .. 30
3.1 Desde os Jesuítas 30
3.2 De FAFI a UNESP 46
4 LEMBRAR, NÃO LEMBRAR: A MEMÓRIA FALADA 53
4.1 Da Instalação 69
4.2 Da manifestação 82
4.3 Das consequências 88
CONSIDERAÇÕES 98
REFERÊNCIAS 101
APÊNDICES 108
Apêndice A - Entrevista com Leny Rodrigues Martins Teixeira, em 20 de novembro de 2013 109
Apêndice B - Entrevista com Eliseu Savério Spósito, em 27 de novembro de 2013 122
Apêndice C - Entrevista com Maria Encarnação Beltrão Spósito, em 29 de novembro de 2013 140
Apêndice D - Entrevista com Ruth Künzli, em 29 de novembro de 2013 155
Apêndice E - Entrevista com Helena Faria de Barros, em 10 de dezembro de 2013 163
Apêndice F - Entrevista com Marcos Alegre, em 10 de dezembro de 2013 169
Apêndice G - Entrevista com Thereza Marini, em 27 de janeiro de 2014 177
Apêndice H - Entrevista com Alvanir de Figueiredo, em 27 de janeiro de 2014 182
Apêndice I - Entrevista com Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri, em 06 de fevereiro de 2014 193
Apêndice J - Roteiro das entrevistas – história oral 200
Apêndice K - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 201

1 INTRODUÇÃO

Penso, frequentemente, que eu poderia ter uma memória mais eficiente, lembrar-me de mais fatos. Há, neste sentido, poucas lembranças da minha própria infância. Talvez seja pela conturbação ocorrida durante esta fase da vida (mãe entre idas e vindas do hospital, ficar na casa de uma ou de outra avó, por exemplo). Mas pode ser que existam outros motivos.

Sou filho caçula. Minhas duas irmãs – disso eu me lembro – sempre tiveram álbuns de fotografias da infância. Recordo-me, mesmo sem ter vivenciado estes fatos, das duas bebês engatinhando, depois delas vestidas para irem a festas na cidade, montadas sobre uma pequena mula em Alfredo Marcondes-SP, onde vivi até meus 20 anos, e onde minhas irmãs e minha mãe vivem ainda. Esta última imagem, a tenho perfeitamente, tirada em uma *Polaroide*, dessas que "revelam" a fotografia na hora.

Eu não tinha um destes álbuns. E durante muito tempo, este fato me incomodou. Até que ganhei um, mas eu já tinha quase uma dezena e meia de anos de idade. Como recolher, a esta altura da vida, as fotos para montar um álbum de infância?

Talvez, pelo fato de não ter um álbum de infância, eu não tenha desenvolvido muito suas habilidades mnemônicas. Ironicamente, tem cabido a este "irmão-caçula-de-pouca-memória-e-sem-álbum-de-infância" estudar a memória da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), seu local de trabalho durante a realização desta investigação, de estudo e de pesquisa, com base em imagens. Encontra-se, aí, três pontos marcantes deste trabalho: UNESP, memória e imagem.

Até porque o interesse pelo passado das instituições de ensino tem estreita relação com as ações no seu presente e pode servir de indício para planejar o seu futuro. A história com seus momentos de paz e de guerra traz à atualidade a razão desta instituição existir assim, e não de outra maneira, e também pode ajudar aqueles que chegaram agora a se sentirem pertencentes à realidade que aí está.

Assim, esta pesquisa[1] teve como foco a reconstrução de uma parte da história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Presidente Prudente-SP, um Instituto Isolado de Ensino Superior (IIES), com a intenção de se problematizar o ocorrido, com cunho descritivo, por meio do procedimento intitulado Imagem como Evocadora da Memória, que tem como base documentos imagéticos e História Oral.

[1] Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FCT/UNESP), Campus de Presidente Prudente, em reunião realizada no dia 01 de novembro de 2013, com base no Parecer 445.091, emitido na mesma data.

A faculdade, que antes era chamada carinhosamente de FAFI, passou a ser denominada Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais (IPEA) de Presidente Prudente, em 1976, quando da criação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), que agregou nela os 14 IIES existentes. Posteriormente, em 1989, mudou sua denominação para Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), nome utilizado até hoje. Esta reconstrução histórica pretende tratar do período da primeira mudança de nomenclatura, que pode ser até tomada como "reforma", e que foi também uma enorme alteração estrutural entre os anos de 1975 e 1980, aproximadamente.

O início da FFCL de Presidente Prudente já não foi simples. Após intensas movimentações populares e políticas na cidade, a instituição foi criada no governo de Jânio Quadros, em 17 de setembro de 1957, pela Lei 4.131 (SÃO PAULO, 1957). Apesar disso, foi apenas quase dois anos depois, no dia 3 de maio de 1959, que a instituição de ensino superior iniciou suas aulas com dois cursos de graduação: as Licenciaturas em Geografia e em Pedagogia. Nos anos seguintes, a faculdade ainda obteve autorização para funcionamento de mais três cursos de graduação: Licenciatura em Matemática, em Ciências Sociais e em Ciências (ALEGRE, 2006).

Ao final desta primeira fase da faculdade, contabilizavam-se, então, cinco cursos de graduação em oferta. Porém, em 1976, o governo do Estado de São Paulo publicou a lei que criava a UNESP, momento no qual a instituição sofreu um forte abalo. Conforme se verá em páginas posteriores, relatos dizem que a instituição seria fechada, outros afirmam que ela ficou a ponto de manter apenas o curso de Geografia. No entanto, o corte ficou restrito a três, restando as licenciaturas em Geografia e em Matemática. Ao todo, segundo Lima (2005), foram perdidas com a reforma, anualmente, 200 vagas. Foi nesta reestruturação que a instituição passou a ser denominada IPEA. "[...] A gente via cada vez mais vazio: [ficaram] 80 vagas, não é; 40 de Geografia e 40 de Matemática. Então foram suprimidas as vagas de Pedagogia, de Ciências Sociais e de Licenciatura em Ciências" (SPÓSITO, M., 2013).

Logo em 1977, segundo Alegre (2006, p. 36), conseguiu-se implantar "o curso de Engenharia Cartográfica, por manobra hábil de um professor de Cartografia da casa", algo como um prêmio de consolação. Porém, depois desta "conquista", novos cursos seriam conseguidos apenas nos anos de 1984 e 1988, já contabilizada aí a encampação do Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente (IMESPP). Neste meio tempo, também foi criada a Pós-Graduação em Geografia, em 1987, depois de anos de tramitação do processo

na Reitoria. Foi com o novo estatuto da UNESP, em 1989, que a denominação da unidade passou a ser FCT.

Expostos os recortes temporal e espacial da pesquisa, cabe dar as primeiras pinceladas na metodologia que foi posta em prática: a Imagem como Evocadora da Memória. A premissa inicial é a de que documentos imagéticos (fotografias e charges, por exemplo) servem como evocadoras de lembranças até então ocultas. Ou seja, ao ver as imagens, o entrevistado pode buscar memórias e lembranças que antes da visualização imagética não era capaz de recordar. Evidentemente, há que se considerar, entre outras coisas, dois pontos principais: a imagem é uma construção ideológica, que se refere à realidade mas pode ser bem distante desta; e, mesmo que o depoente consiga se lembrar de inúmeras informações, ele falará apenas o que quiser.

É sabido que as imagens já são, por si só, arcabouços de memórias. Sobre isso, já discorreram diversos pesquisadores, sendo Boris Kossoy o seu expoente no Brasil. O autor (2005) discute a reconstrução histórica por meio de imagens, fator que desemboca em um processo de (re)criação de realidades, em um conflito entre o visível e o não visível, em uma espécie de intertextualidade da imagem tanto com ela mesma quanto com informações externas diversas.

> Fotografia é memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial-interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e "verismo" dos conteúdos fotográficos. A reconstituição histórica de um tema dado, assim como na observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual pelo qual podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção (KOSSOY, 2005, p. 40).

Este procedimento se enquadra na proposta teórica do Grupo de Pesquisa "Comunicação e História", com o qual mantenho contato, principalmente por meio de seu líder, o professor doutor Paulo César Boni. O grupo é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e tem sede na Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná. Na instituição, o procedimento é tratado de Fotografia como Gatilho da Memória.

No entanto, neste trabalho, optei por tratar o procedimento de Imagem como Evocadora da Memória, tratando-se de uma adaptação da denominação dada originalmente, pelos motivos que serão expostos. A alteração de "fotografia" para "imagem" pretende dar maior abertura para outros tipos de imagens que não apenas as fotográficas, tendo em vista que ambos os tipos são e fomentam, também, a memória. Além disso, a troca de "gatilho" por

"evocadora" se dá por acreditar que, distante de ser uma simples relação de causa e efeito, as imagens têm a capacidade de "chamar" ou "convidar" a memória para vir à tona. Este "chamado" ou "convite" pode ou não ser respondido, bem como, se respondido, pode ser, propositalmente ou não, omitido pelo entrevistado.

Além disso, na proposta original, o procedimento só foi aplicado e obteve bons resultados na investigação a respeito da história de comunidades com fundação recente, como as cidades de Telêmaco Borba e Londrina, ambas no Paraná. Nesta pesquisa, pretende-se avançar neste sentido e discutir outros lugares de pertencimento, como o local de trabalho, e mesmo situações em específico, tal qual a instalação da UNESP.

Dos estudos do Grupo de Pesquisa "Comunicação e História" da UEL já resultaram dissertações de mestrado, artigos científicos publicados em periódicos e trabalhos completos apresentados em eventos. A mais recente das dissertações é de Juliana Teixeira (2013), que teve o intuito de sistematizar as discussões apresentadas até o momento. Outra das publicações é a de Sato (2010, p. 57), que expõe:

> [...] durante as entrevistas, a inclusão das fotografias como assunto levou os entrevistados a disparar o "gatilho da memória". Por meio de imagens, as lembranças sobre aquelas determinadas situações ali gravadas despertam as histórias, emoções e sensações guardadas a respeito daquele assunto.

Ainda sobre o tema, Hoffmann (2010, p. 20) afirma:

> [...] ao mesmo tempo em que a fotografia traz à tona lembranças, o sujeito entrevistado reorganiza suas memórias e sua narrativa em função de imagens. O registro fotográfico é valorizado como instrumento de pesquisa e como documento de importância histórica.

A base destas pesquisas vem, por exemplo, de Von Simson (2005, p. 22), que já havia registrado que a música pode ser evocadora ou detonadora da memória.

> Percebi que um dos meus entrevistados, cuja identidade associava à condição de dirigente carnavalesco a de compositor de sambas, muitas vezes se utilizava do recurso de lembrar-cantando o samba-enredo de determinado ano para, em seguida, reconstituir as lutas e dificuldades para "colocar na rua" o carnaval daquele ano. A utilização do recurso da música como detonador da memória deveria ser para ele uma experiência já vivenciada anteriormente, pois esse entrevistado não dispensava a companhia de seu pandeiro para realizar a tomada dos depoimentos orais.

Esta observação foi um dos pontos de partida para as pesquisas sobre o procedimento. Porém, há outra observação a se fazer: já que a fotografia é um meio

ideologicamente arquitetado por um sujeito e trata apenas daquilo que foi visível e socialmente construído para ser registrado, ela, inicialmente, serve apenas para auxiliar na recuperação de parte da memória, já que não é cópia da realidade. Trata-se, assim, da visão de um sujeito, ideológica e socialmente construída, que registrou uma parte da realidade também ideológica e socialmente arquitetada.

Neste sentido, Hoffmann (2011, p. 20), afirma que a Fotografia como Gatilho da Memória:

> [...] pode trazer novas lembranças e vivências, para além do fotografado. As relações de associação se desenvolvem na mente e na memória do entrevistado, fazendo com que ele, ao mesmo tempo, revisite e reflita sobre suas recordações, fazendo delas experiências.

O objetivo principal desta pesquisa foi, então, reconstruir ou (re)interpretar a história do Campus de Presidente Prudente da UNESP, entre os anos de 1975 e 1980, quando de sua reestruturação tida como "traumática" pelos sujeitos desse processo à época. Segundo eles, o ponto de conflito foi a instalação autoritária da UNESP e suas consequências, como demissão de professores e redução de cursos, conforme será problematizado em capítulos seguintes. Teve início, aí, uma série discussões entre os que eram contra esta iniciativa (como os docentes mais combativos da Unidade) e os que eram a favor dela (como o reitor recém empossado). "[...] Para as pessoas que brigaram foi traumatizante. Foi um período bem difícil, isso aqui era um clima que não dava para entrar. Era muito ruim" (TEIXEIRA, L, 2013). Não se pode esquecer, ainda, que a instalação da UNESP ocorreu durante o período da Ditadura Militar no Brasil.

Tal busca se deu por meio da metodologia já dita. Imagens como Evocadoras da Memória e História Oral foram aliadas a outros métodos e técnicas de coleta de dados, todos de cunho qualitativo, como a pesquisa documental e a bibliográfica.

Podem ser citados também, como objetivos específicos: contribuir com os estudos a respeito da história das instituições de ensino da cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo; identificar o papel das imagens e da memória enquanto elementos fundantes da história do fato estudado; e analisar os relatos dos entrevistados antes e depois de verem as imagens apresentadas. Uma consequência desta pesquisa seria, então, a valorização da história da instituição pesquisada e de seus sujeitos, uma vez que o conhecimento do passado é um dos pontos a serem considerados para a problematização do presente e das possibilidades de construção de seu futuro.

Leve-se em consideração que a história do Campus de Presidente Prudente da UNESP já foi foco de outras obras e pesquisas, como as de Lima (2005), Lima e Ribeiro (2013) e Alegre (2006). Desta forma, cabe indicar a pergunta motriz desta investigação: o que dizem as memórias dos indivíduos que participaram da história do Campus de Presidente Prudente, principalmente no período em que a instituição passou a ser denominada Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"? Além disso, este estudo também deve colaborar na teorização a respeito de como as imagens podem ajudar na reconstrução da história, por meio da História Oral.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, trabalhou-se com a hipótese que as imagens podem ser fator fundante para a reconstrução histórica, principalmente por meio do relato oral, uma vez que têm a capacidade de funcionarem como evocadoras da memória. Neste sentido, foi importante problematizar como esta técnica auxiliou no relato histórico deste estudo em específico, do Campus de Presidente Prudente da UNESP, ao trazer novas memórias e narrativas à história da unidade. Para tanto, a abordagem teórico-metodológica é a História Nova, conforme será discutido mais à frente.

Foram entrevistados nove sujeitos, para proporcionar uma comparação que, segundo Bloch (2002), é a base de quase toda a crítica, entendida como parte do trabalho da pesquisa do historiador. Aplica-se, a este caso, seu dito: "Nossa razão recusa, com efeito, a admitir que, colocados necessariamente em pontos diferentes do espaço e dotados de faculdades de atenção desiguais, dois observadores tenham podido observar, ponto a ponto, os mesmos episódios" (BLOCH, 2002, p. 111).

Neste sentido, as divergências e as convergências nos discursos puderam ser postas lado a lado para analisar os fatos narrados, rememorados com o auxílio das imagens. Além da complementação entre as informações obtidas pelo relato oral, estes dados foram dispostos também em relação ao que se tem disponível no material bibliográfico e documental, já citados.

Considere-se, ainda, que o presente trabalho lutou contra a tendência de se cair no "presentismo", uma crítica constante a pesquisas históricas que partem do presente com o intuito de se problematizar o passado. Pelo contrário

> [...] trata-se de, partindo do presente, levantar os véus que encobrem o controle do passado e do presente. Significa também considerar que todos os atos humanos são históricos e, portanto, podem ser campo fértil para investigação histórica (DMITRUK, 1998, p. 61).

No que tange à justificativa desta pesquisa, é importante ressaltar três aspectos. Academicamente, este trabalho é salutar principalmente na área de História da Educação, em seus planos local e regional. Esta investigação tem também como anseio pessoal a obtenção do título de mestre unindo três áreas de meu interesse: Educação, História e Comunicação.

Por fim, pelo âmbito social, esta pesquisa é importante por reconstruir a história do Campus de Presidente Prudente da UNESP em um período tratado por muitos como "delicado", "traumático", e que, por isso, pode suscitar narrativas diversas. Até porque, como afirmam Lopes, Faria Filho e Veiga (2010, p. 18), a pesquisa história em educação é também uma forma de intervenção social "[...] em um país cuja memória e patrimônio educacionais são diariamente dilapidados".

A respeito da história da UNESP, o que se tem, atualmente, são relatos de extrema importância de outros pesquisadores, que podem ser complementados através do uso de imagens e da História Oral, fatores relevantes uma vez que o trecho a ser relatado da história é recente e os sujeitos envolvidos ainda estão ativos e com a memória viva, o que as torna de grande valia para esta reconstrução. Cabe ressaltar que a FCT é a maior instituição pública de educação superior do Oeste Paulista e um dos maiores campi da UNESP, contando atualmente com 12 de cursos de graduação, cinco programas de pós-graduação e o maior número de projetos de extensão universitária entre todas as Unidades, fator que, por si só, já desperta interesse em uma pesquisa para problematizar os motivos deste crescimento, partindo de uma estrutura de apenas dois cursos.

A professora Maria Encarnação Beltrão Spósito[2], que vivenciou este período, discorreu a este respeito em entrevista:

> [...] os anos de 1975, 76 e 77 foram anos muito, muito difíceis. E eu falo tudo isso porque eu acho que a UNESP é uma coisa que deu certo. Mas isso não quer dizer que ela começou adequadamente. Ela é uma coisa boa, nós somos melhores hoje do que nós seríamos se tivéssemos ficado como Unidades (SPÓSITO, M., 2013).

Além disso e ainda no quesito social, é relevante pesquisar, de forma cada vez mais ampla, o passado de uma instituição, pois este é fator fundante para o seu andamento no presente e, ao mesmo tempo, o presente também é indispensável para a problematização do passado, podendo ser o seu ponto de partida (BLOCH, 2002).

[2] Mais à frente, no capítulo 4, será feita uma caracterização mais completa dos entrevistados e da ligação deles com a UNESP.

Cabe esclarecer, ainda, as demais opções metodológicas aqui adotadas. Esta é uma pesquisa do tipo qualitativa, já que visa estudar a realidade e os sujeitos em seu contexto, ambiente natural que serve como fonte de informação. Para Goldenberg (2009, p. 53), a pesquisa qualitativa consiste em:

> [...] descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador.

Sendo um dos objetivos desta pesquisa a problematização da história do Campus de Presidente Prudente da UNESP e da importância dos envolvidos na construção destas passagens, é salutar que a forma de investigação propicie este tipo de entendimento de instituições e sujeitos em suas próprias realidades. Além disso, outro fator que bem se adéqua a esta pesquisa é o dado de que "[...] a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc." (GOLDENBERG, 2009, p. 15).

Inseridas nesta proposta de prática qualitativa, ainda devem ser destacados os principais aportes teórico-metodológicos e procedimentais utilizados. Estes são: a História Oral, a pesquisa documental e a bibliográfica. Passe-se a expor sobre elas.

A metodologia de pesquisa documental pode se referir tanto a materiais que já foram analisados de alguma forma quanto aos "[...] que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc." (GIL, 2009, p. 73).

Aqui, então, a pesquisa documental é válida, principalmente, no que tange às imagens[3], uma vez que estas foram obtidas em arquivos públicos e pessoais, além de outras obras de referência e jornais, para a aplicação do procedimento proposto por esta pesquisa. Outros documentos, como papéis oficiais da universidade e textos jornalísticos, também auxiliaram no delineamento do contexto e na preparação e execução das entrevistas para História Oral.

[3] As imagens utilizadas nesta pesquisa, o critério de escolha delas e as análises realizadas serão problematizadas no capítulo 4 deste trabalho.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, esta é uma constante nos trabalhos científicos e se caracteriza como seu ponto de partida e de apoio durante a implementação, tendo em vista que o conhecimento só pode ser (re)construído tomando-se como base outras informações já pesquisadas. Desta forma, basear-se em obras publicadas é uma ação recorrente e sem a qual novas pesquisas não podem existir. Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2009, p. 71) afirma:

> [...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Como parte do já citado procedimento da Imagem como Evocadora da Memória, a técnica da História Oral consistiu em conversas com os indivíduos que estiveram presentes no evento pesquisado.

> A História Oral contribui com a perspectiva do trabalho de reconstrução das experiências passadas dos sujeitos entrevistados tomando como base o processo de rememoração. A narrativa tem sido o gênero discursivo através do qual os professores relatam suas histórias para os pesquisadores. O fato de narrarem seus percursos proporciona aos sujeitos, autores de seus dizeres, intervirem no passado, ressignificando-o. Esse processo de ressignificação também interfere no seu próprio presente, trazendo, com isso, outros horizontes para o futuro, na medida em que o decurso da entrevista, materializado por meio da narrativa, possibilita reflexões sobre o vivido (GUEDES-PINTO, 2006, p. 47).

Nesta pesquisa foi utilizada a História Oral do tipo temática, que:

> [...] é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (FREITAS, 2006, p. 21-22).

Como já se pôde perceber, esta pesquisa traz, desde o seu início, traços dos resultados alcançados por meio das entrevistas. Esta é uma opção metodológica que tem sido colocada em prática pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura, Memória e Arte (GPECUMA), do qual sou membro, e pelo Núcleo de Diversidade Sexual na Educação (NUDISE), ambos sob a liderança da professora doutora Arilda Ines Miranda Ribeiro, orientadora desta pesquisa.

Exposto isso, ainda cabe apontar que este trabalho está assim dividido: no capítulo que se segue há uma explanação a respeito das relações entre História, Memória e Imagem, dentro do qual consta uma problematização da metodologia da Imagem como Evocadora da Memória, bem como reflexões e apontamentos sobre a prática do procedimento com base no vivenciado durante as entrevistas para obtenção de dados desta dissertação. No seguinte, será feita uma contextualização do ensino superior brasileiro, partindo da educação dos jesuítas com sua influência europeia que ainda demonstra seus resquícios, até chegar à realidade de instalação da UNESP. O capítulo consecutivo será a síntese analítica das entrevistas com as principais informações conseguidas a fim de se problematizar as memórias docentes a respeito do Campus de Presidente Prudente da UNESP, em seu momento "traumático". O fim deste trabalho – que certamente não será o fim do debate sobre a temática – constará no capítulo final, as considerações.

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA, IMAGEM: APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO

2.1 Memória e Imagem na História Nova

Se nem mesmo Saviani (2011) abriu mão de discorrer a respeito da perspectiva teórico-metodológica em sua obra "História das Ideias Pedagógicas no Brasil", não será esta a pesquisa que ignorará sua importância. E aqui a base epistemológica será a História Nova, linha de pesquisa surgida em contraposição ao paradigma tradicional, marxista e à história positivista.

Para Burke (1997), a História Nova, entre diversos pressupostos, volta o foco para a visão das pessoas comuns em vez dos feitos dos vencedores; e abre o prisma para novas fontes até então não observadas, como as imagens e os depoimentos, em detrimento das oficiais.

Cabe ressaltar, ainda, que outro ponto de ruptura é que se parte da concepção de que "[...] a história não é o passado, mas um olhar dirigido ao passado: a partir do que esse objeto ficou representado, o historiador elabora sua própria representação. A história se faz com documentos e fontes, com ideias e imaginação" (BORGES, 2007, p. 45-46).

Para Ciavatta (2008, p. 41):

> Testemunho visual das aparências, como informação e como fonte de recordação e emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, tradicionalmente obtido por meio da linguagem oral e, principalmente, da linguagem escrita.

Burke (1997, p. 11) também salienta que "lança-se mão, cada vez mais, de uma gama mais abrangente de evidências, na qual as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais". É neste contexto de valorização das novas fontes que este trabalho está inserido. Por isso, aqui, serão discutidos os usos da fotografia nas reconstruções históricas, bem como a utilização da História Oral como representativa da memória individual e parte da coletiva.

A respeito dos elos entre história, memória e imagem, um dos autores mais representativos é Boris Kossoy. Segundo ele, a imagem fotográfica tem diversas realidades. Ele começa a explanação por aquela que nomeia de *segunda realidade*. Esta seria "exatamente o que está ali, imóvel no documento (ou a imagem petrificada do espelho), na

aparência do referente, isto é, sua *realidade exterior*, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação) [...]" (KOSSOY, 2005, p. 40, grifo do autor).

> As demais faces são as que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada, mas também, e sobretudo, a *vida* das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo, a *realidade interior* da imagem: a *primeira realidade* (KOSSOY, 2005, p. 40, grifos do autor).

Neste sentido, é importante registrar que as pesquisas em história com imagens precisam levar em consideração que a análise da segunda realidade, daquilo que é visível no registro, não é suficiente. Esta análise é, então, apenas a primeira das tarefas da investigação científica.

> O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daqueles personagens que vemos representados, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, enfim, a vida do modelo referente – sua *realidade interior* – é, todavia, invisível ao sistema óptico da câmara. Não deixa marcas na chapa fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, tampouco digitalizada pelo *scanner* (KOSSOY, 2005, p. 41, grifo do autor).

Para problematizar esta realidade interior, o autor fala em um exercício mental de imaginá-la. Mais opções podem ser levantadas, como pesquisas em outras fontes e até mesmo a memória dos retratados ou presentes na ocasião da fotografia, caso estejam vivos, como é o caso desta pesquisa.

> Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos, de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento. (KOSSOY, 2007, p. 41).

A respeito deste contexto de construção da imagem, é interessante ressaltar, ainda, que deve ser desmistificado o consenso velado de que a fotografia é cópia fiel da realidade retratada. Kossoy (2005, p. 41, grifos do autor) salienta que "[...] a fotografia é uma representação *elaborada cultural/estética/tecnicamente*".

Sobre este ponto convergem diversos pesquisadores do assunto, como Sontag (2004) e Flusser (2011). Este afirma que "a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória,

pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado" (FLUSSER, 2011, p. 31).

Ciavatta (2008, p. 44) também discorre sobre o tema e afirma que a imagem é, ao mesmo tempo, uma mensagem informativa e a "recriação da realidade conforme a visão particular do grupo social que a produz".

> As fotografias são mundos de relações silenciosas, densas, congeladas no tempo mínimo do obturador. Mundos de seres calados e imóveis que devem ser decifrados a partir do contexto onde se encontram, na história de sua relação com os demais seres, tanto pessoas quanto objetos. É o conhecimento dessas relações ocultas, expressões complexas do mundo da cultura, que permitem aproximarmos das fotografias além do prazer estético, da sua imediaticidade encantadora. É este o caminho tortuoso da fotografia como fonte histórica (CIAVATTA, 2008, p. 45).

No campo imagético, não apenas a fotografia (imagem técnica) é relacionada à memória. Obras de arte e arquitetura, por exemplo, também podem ser fontes neste sentido.

> Toda imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento de sua execução estão, indefectivelmente, decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo por meio de signos, de natureza não-verbal, objetos de civilização, significados de cultura (MAUAD, 2008, p. 36).

Assim, nesta pesquisa, charges também serão utilizadas com o intuito de auxiliar o depoente a evocar a memória. Isso porque, em concordância com Romualdo (2000), a charge está ligada pela intertextualidade com diversos outros elementos, sendo o principal deles a própria realidade a partir da qual se constrói a imagem, seu espaço e seu tempo. "[...] A data serve como relação intertextual com a charge [...]" (ROMUALDO, 2000, p. 89).

Historicamente, as charges sempre foram informações visuais com humor e crítica. Aliás, segundo Romualdo (2000), a palavra "charge" vem da língua francesa significa "carregar" ou "exagerar", de forma que o humor e a crítica deste gênero textual se dão pela extrapolação das características, dos traços ou das situações retratadas.

De acordo com Rabaça e Barbosa (1978), a definição de charge é a de um gênero caricatural com o objetivo de construir uma crítica humorística a respeito de um personagem, fato ou acontecimento em específico. Tem natureza geralmente política e costuma usar de artifícios da caricatura, como o já citado exagero de determinadas características.

A primeira charge publicada no Brasil, por exemplo, data de 1837 e retrata um jornalista famoso da época recebendo dinheiro das mãos do governante. A situação trata de

Justiniano José da Rocha, então contratado por um vultuoso salário para trabalhar no Correio Oficial. O exagero está presente principalmente nas expressões corporais: a forte prostração do jornalista diante do homem com dinheiro, representando o poder do Estado, era uma forte crítica à submissão e ao suborno da Impressa da época (LIMA, 1962).

Ou seja: tanto charges quanto fotografias são elementos visuais social e ideologicamente construídos por um sujeito com determinada finalidade. As primeiras têm claro viés crítico e político, enquanto que a segunda pode estar circunscrita em diversos gêneros e estilos.

Assim, esta pesquisa problematiza o uso das imagens dos dois tipos citados, em conjunto com a História Oral, ao concordar com a propositura de Mauad (2008, p. 35), que afirma:

> Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado [...].

Por isso, também é necessário problematizar a respeito das ligações entre memória e história. Le Goff (2003), por exemplo, afirma que a memória coletiva é um dos alicerces da História Nova, enfoque teórico-metodológico desta pesquisa, com o intuito de se reconstruir a história a partir de lembranças grupais.

Sobre isso, Bosi (2003, p. 408-411) afirma:

> Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.

No entanto, a autora (2003, p. 411) completa que "por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum".

Então, a memória individual é como um prisma a respeito da coletiva, e "as lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal" (BOSI, 2003, p. 414).

Halbwachs (2003, p. 72) complementa que o sujeito participa dos dois tipos de memória, a individual e a coletiva:

> [...] a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui, segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 2003, p. 72).

Cabe ressaltar, ainda, que só se lembra de algo, a memória só comparece, se uma situação presente a evocar. E esta memória não vem isenta.

> [...] Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade das imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 2003, p. 55, grifo da autora).

A respeito da formação da memória, Bosi (2003, p. 54) comenta sobre a importância da realidade interpessoal presente nas instituições sociais. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Devo destacar, entretanto, que um sujeito é, ao mesmo tempo, partícipe de cada uma destas instituições e, em geral, diferentes classes sociais convivem na mesma profissão. Assim, o fato de se enfocar a memória de um grupo como o desta pesquisa não deixa de trazer uma imensa gama de visões. Até porque o período de análise desta investigação está inserido no momento da Ditadura Militar (1964-1985), de modo que a posição político-ideológica também é fator fundante na formação da memória.

Esta pesquisa não intenta separar os entrevistados entre aqueles que eram contra ou a favor de quaisquer grupos, mas pôde-se verificar que há os dois lados com relação à Ditadura. Apenas para exemplificar esta diversidade de pensamentos sobre o período, a professora Ruth Künzli (2013) discorreu: “[...] nós estamos na época da Revolução, não é?”. Por outro lado, para a professora Thereza Marini (2014), “[...] nós estávamos em franca Ditadura na década de 60”. Ou seja, enquanto a primeira tratava o Golpe de 1964 como “Revolução”, a outra o trouxe como “franca Ditadura”, em um discurso mais incisivo com relação ao fato.

Além disso, é indispensável pensar também a memória como um trabalho: rememorar exige, daquele que o faz, esforço e dedicação. Aí encontra-se boa parte da importância dos sujeitos que se lembram, em especial do mais velhos. Ao deixar o trabalho "com carteira assinada", dão ênfase La desenvolver este outro tipo de trabalho. Guedes-Pinto, Gomes e Silva (2008, p. 41-42) já apontaram que este trabalho de rememoração utiliza-se das bases materiais que se dispõe no tempo presente:

> [...] a memória é um refazer das experiências passadas exigindo com isso devotamento e trabalho por parte daqueles que se voltam às lembranças de um tempo longuínquo e que, com ajuda dos materiais presentes em seu entorno atual, esforçam-se em um trabalho consciente de rememoração.

Assim, de posse dos dados a respeito dos enlaces entre história, memória e imagem, cabe discorrer a respeito da metodologia da Imagem como Evocadora da Memória, uma das bases desta pesquisa. Esta técnica de coleta de dados, então, insere-se no contexto da História Nova, uma vez que valoriza tanto imagens quanto a memória dos sujeitos.

2.2 A Imagem como Evocadora da Memória

Nesta parte da pesquisa, será explicitada a proposta metodológica da Fotografia como Gatilho da Memória que, pelos motivos já expostos, é tratada nesta investigação de Imagem como Evocadora da Memória. Ao passo em que se explana a respeito do procedimento, com base nos ditos de Juliana Teixeira (2013), Hoffmann (2010) e Sato (2010), também serão expostas as demais opções na sua operacionalização, já que esta ainda é uma proposta recente e, também por isso, passível de adequações à realidade de cada pesquisa.

É necessário ressaltar, ainda, que tais mudanças com relação ao já explanado sobre o procedimento também se devem ao fato de que as pesquisas que o adotaram até o momento tratam da história de cidades com base na memória dos seus pioneiros. Então, esta investigação é a primeira a se aventurar por mares diferentes.

Em continuidade, não se pode esquecer que a proposta metodológica foi criada e está em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa "Comunicação e História", da Universidade Estadual de Londrina (UEL), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A fim de se obter dados além daqueles que seriam conseguidos por meio da História Oral pura e simples, a proposta original consiste em selecionar imagens, analisá-las e mostrá-

las aos entrevistados a fim de se problematizar a respeito delas na complementação dos dados já conseguidos. “No processo de rememorar, as relações de associação e de evocação se desenrolam, fazendo com que o entrevistado revisite e reflita sobre suas recordações” (HOFFMANN, 2014, p. 86).

Hoffmann (2010), a primeira a discutir o assunto no Grupo de Pesquisa, compara o procedimento com os estágios da consciência de Freud, sendo que a imagem, nesta visão, acionaria memória na instância pré-consciente:

> [...] a instância da consciência, responsável pela percepção, não tem capacidade de memorizar. Às outras duas instâncias, pré-consciente e inconsciente, cabem o registro das impressões recebidas, constituindo aí duas modalidades de memória: uma pré-consciente, na qual representações são facilmente rememoráveis, e uma memória inconsciente, constituída por traços mnêmicos para sempre inacessíveis (HOFFMANN, 2010, p. 21).

Assim, segundo Juliana Teixeira (2013, p. 32), a composição do procedimento “é dividida em três etapas: 1) pesquisa com fontes documentais; 2) análise e seleção de fotografias produzidas durante o período que se pretende estudar; e 3) aplicação da História Oral”.

Na primeira etapa, a intenção é que se busque informações, de acordo com Juliana Teixeira (2013), para a construção da “história oficial”, seja por meio de livros ou de artigos já escritos sobre o assunto, de jornais ou demais fontes. Neste momento, segundo Juliana Teixeira (2013, p. 32), já se deve procurar pelos personagens que serão entrevistados, “[...] que estejam bem de saúde e, principalmente, lúcidos para participarem da pesquisa”. Ou seja, este é o momento de definir os possíveis entrevistados e, ao mesmo tempo, conhecer a o que já se tem escrito em termos históricos. Nesta pesquisa, não será utilizado o termo “história oficial”, tendo em vista o debate que a palavra “oficial” pode suscitar.

Na segunda fase, de acordo com Juliana Teixeira (2013, p. 33), para se chegar à seleção final das imagens, contendo entre cinco e dez exemplares:

> [...] procede-se à análise e seleção de fotografias encontradas durante a investigação documental, montando um porfólio. A decisão deve ser tomada com base em duas concepções diferentes. A primeira é a metodologia de análise de imagens proposta por Erwin Panofsky, que divide o estudo imagético em três instâncias diferentes – pré-iconográfica, iconográfica e iconológica. [...]. A segunda concepção que determinará a escolha é a noção de lugar de pertencimento, abordada em estudos antropológicos. De acordo com esse conceito, há uma ligação entre o indivíduo e a coletividade. Por essa razão, uma identidade relacionada ao local que esse indivíduo se reconhece é construída ao lado de sua identidade particular. Dessa maneira, estabelecem-se lugares de pertencimento, capazes de gerar sentimentos e relações de afeto.

Sobre a primeira metodologia de análise imagética, cabe destacar que Panofsky teceu suas considerações em interpretações de pinturas. No entanto, Sato (2010, p. 56) compara as fotografias a este tipo de obra de arte ao afirmar que ambas "[...] são representações da realidade das quais também se podem inferir diferentes interpretações e visões de mundo, consolidando seu papel de documento histórico e fonte de pesquisa".

Assim, segundo Juliana Teixeira (2013), deve-se analisar, inicialmente, o processo que deu origem à imagem, como assunto, autor, espaço e tempo. Depois, deve-se reconstruir a história do fato registrado, com base no processo de produção da imagem.

A respeito dos lugares de pertencimento, destaca-se que este é um conceito antropológico e representa uma relação espacial entre a identidade do indivíduo e a coletividade. É um termo perfeitamente aplicável às pesquisas de história de cidades com fundação recente com base em memórias dos pioneiros. Juliana Teixeira (2013, p. 213), nas Considerações Finais de seu trabalho, já indicou a necessidade de se avançar para além dos lugares até se atingir pessoas e situações. "Essa incorporação, além de facilitar a seleção, pode render novos resultados, uma vez que, nesta pesquisa, as fotografias que mostraram personagens da época foram mais eficientes que algumas com lugares de pertencimento".

No entanto, no caso desta investigação, que aborda um fato específico da história de uma instituição, deu-se preferência à primeira forma de análise (iconográfica e iconológica) e foram escolhidas cinco fotografias. Além disso, ainda com base nos ditos de Juliana Teixeira (2013) sobre a teoria de Panofsky, foram selecionadas também duas charges do jornal estudantil *Carcará*, de forma a totalizar um portfólio de sete imagens.

A respeito do processo de seleção das imagens a serem utilizadas na proposta, é interessante registrar que, conforme já dito, a posição ideológica possui importância fundamental. Uma vez que as charges podem expor uma opinião de maneira mais clara e, durante Ditadura Militar, o *Carcará* mostrava abertamente conceitos de "esquerda", a apresentação de tais imagens fez deslanchar as entrevistas com os seus partidários, mas atravancou as conversas com os "direitistas". Estes, com certa frequência, sem qualquer esforço de pensamento evidente, lançavam frases como "Ah, não lembro não", enquanto aqueles passavam a discorrer sobre o assunto durante diversos minutos.

Por fim, Juliana Teixeira (2013, p. 33) destaca que o último estágio da proposta é aquele em que "o pesquisador precisa fazer um roteiro de entrevista baseado nas informações levantadas documentalmente e nas imagens selecionadas". Ainda é necessário agendar a

entrevista e, na sua execução com base nos ditos sobre História Oral, seguir os seguintes passos:

> em um primeiro momento, a entrevista segue o roteiro do pesquisador, sem fotografias. Em um segundo momento, quando o entrevistado encerra as informações orais, o portfólio de fotografias lhe é apresentado, de preferência uma a uma. Deste ponto em diante, cabe ao investigador ouvir e analisar que novas narrativas são incorporadas a partir do "mergulho" nas realidades fotográficas (TEIXEIRA, J., 2013, p. 33).

Pela proposta original, as imagens devem ser mostradas uma a uma em ordem específica, igualmente a todos os entrevistados. Nesta pesquisa, pelos motivos já expostos com relação ao posicionamento ideológico dos sujeitos, cheguei a alterar, em algumas conversas e com base no *feeling*, a ordem das imagens e, por vezes, até a omitir algumas. Tudo a fim de que a entrevista continuasse agradável ao sujeito ouvido e que mais informações ainda pudessem continuar a vir no restante da conversa.

Evidentemente, a proposta original é mais detalhada nas obras já citadas, como Hoffmann (2010), Sato (2010) e Juliana Teixeira (2013). No entanto, as explanações aqui dadas cabem à necessidade desta pesquisa. E, seguindo Juliana Teixeira (2013, p. 215), mais será explanado nas Considerações, tendo em vista que "novas experiências estão por vir e, por meio de outras replicações e justificações, o método será gradativamente democratizado, contribuindo para a construção do conhecimento".

Este trabalho é, então, uma destas novas experiências. E, para isso, segue no capítulo seguinte um relato a respeito da história do ensino superior até chegar à instalação da UNESP, ponto de estudo da presente pesquisa. É parte, então, da primeira fase da proposta, a problematização do que já consta no rol de dados históricos, conforme se verá.

3 A UNESP NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

3.1 Desde os Jesuítas

O ensino superior no Brasil data do período jesuítico (1549-1759) e já nasceu sob a égide do elitismo e da exclusão, ainda presentes no sistema de educação. Segundo Romanelli (2013, p. 35):

> [...] os padres acabaram ministrando, em princípio, educação elementar para a população índia e branca em geral (salvo as mulheres), educação média para os homens da classe dominante, parte da qual continuou nos colégios preparando-se para o ingresso na classe sacerdotal, e educação superior religiosa só para esta última. A parte da população escolar que não seguia a carreira eclesiástica encaminhava-se para a Europa, a fim de completar os estudos, principalmente na Universidade de Coimbra, de onde deviam voltar os letrados.

Ou seja: em uma terra sem qualquer educação elementar, o pouco que passava a existir era apenas para uma pequena parcela. E quanto mais alto o nível do ensino, mais elitizado ele se tornava. Cunha (2010, p. 152) complementa esta informação ao discorrer sobre a quantidade, a disposição e o nível das escolas na colônia:

> O primeiro estabelecimento de ensino superior no Brasil foi fundado pelos jesuítas na Bahia, sede do governo geral, em 1550. Os jesuítas criaram, ao todo, 17 colégios no Brasil [...]. Nesses colégios era oferecido o ensino das primeiras letras e o ensino secundário. Em alguns, acrescia-se o ensino superior em Artes e Teologia. O curso de Artes, também chamado de Ciências Naturais ou Filosofia, tinha duração de três anos. Compreendia o ensino de Lógica, de Física, de Matemática, de Ética e de Metafísica. O curso de Teologia, de quatro anos, conferia o grau de doutor. [...] Cursos superiores também foram oferecidos no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Pernambuco, no Maranhão e no Pará.

Já se cita nesta época o tema que é foco deste trabalho, o ensino superior. Evidentemente, sua estrutura e seu funcionamento eram bem diferentes do que se conhece nos dias atuais. Em outra obra, Cunha (2013a, p. 27) detalha:

> O segundo grau, *studia superiora*, compreendia os cursos de Filosofia e Teologia. O curso de Filosofia levava três anos, e Aristóteles era o autor estudado: no primeiro ano, lia-se *A Lógica*; no segundo, *De Coelo*, *De Generatione* e *Meteoros*; no terceiro, continuava-se com *De Generatione*, acrescentando-se *De Anima* e a *Metafísica*; paralelamente a essas obras principais, liam-se, na *cadeira* de Moral, a *Ética* e, na de Matemática, *a Geometria* e a *Cosmografia*. O curso de Teologia era desenvolvido em quatro anos, estudando-se, no primeiro, as escrituras; no segundo, o hebraico; no terceiro, a Teologia especulativa segundo Tomás de Aquino; e no quarto, a Teologia prática, tratando-se dos atos, das virtudes e dos vícios.

No entanto, há divergências com relação a este nível de ensino durante o período jesuítico. Tais discrepâncias envolvem tanto os nomes dos cursos existentes, suas durações e os temas estudados. Para Piletti e Piletti (2013, p. 71-72), por exemplo, o curso de Teologia e Ciências Sagradas era o único de nível superior à época e era voltado à formação de padres.

> [...] os jovens que não se destinassem à carreira eclesiástica, e que pretendiam continuar os estudos, deviam fazê-lo na Europa. A Universidade de Coimbra (Portugal) era a mais procurada no campo das ciências teológicas e jurídicas, enquanto a de Montpellier (França) era o destino mais frequente na área de Medicina.

Evidentemente, a educação neste período era para poucos. O projeto inicial dos jesuítas abrangia a instrução e a catequese dos indígenas. Ghiraldelli Jr (2009, p. 25) salienta que, depois de instalados no Brasil, os jesuítas preocuparam-se com a formação da população local para a vida eclesiástica. "Desenvolveram as escolas de ordenação e, graças a elas, alguma instrução chegou até aos filhos dos colonos brancos e aos mestiços".

Os jesuítas ficaram no Brasil até 1759, quando foram expulsos de todos os territórios portugueses (o que incluía Portugal e suas colônias) pelo Marques de Pombal, nome que marcará a próxima fase da educação brasileira (o Período Pombalino). E, durante toda a permanência dos religiosos no Brasil, os jesuítas tiveram monopólio da educação. Dos indígenas, que formavam o principal público-alvo dos jesuítas, a instrução expandiu-se. De acordo com Ghiraldelli Jr (2009, p. 25), "durante esse tempo, eles fundaram vários colégios com vistas à formação de religiosos. Ainda que os filhos da elite da colônia não quisessem, todos eles, se tornar padres, tinham de se submeter a tal ensino. Eram os únicos colégios existentes". Em números, registra-se mais de 370 colégios no fim do século XVI.

Aumentou a quantidade de instituições escolares, cresceu sua abrangência geográfica (embora ainda restrito aos grandes centros da época) e também ocorreu a diversificação do público atendido, dentro dos limites do aceitável para o período. Para Romanelli (2013), apenas as famílias dos senhores de engenho e dos donos de terra poderiam ter acesso à educação, ainda com algumas ressalvas: mulheres e filhos primogênitos não podiam ser atendidos (aquelas, pelo papel social reservado à época; estes, porque estavam destinados à futura direção dos negócios da família, para os quais aquela instrução não era pertinente).

Ou seja: das famílias de classe dominante, apenas filhos do sexo masculino, desde que não fossem os primogênitos, poderiam ter a instrução escolarizada. E foi este público que, ainda segundo Romanelli (2013, p. 37), se tornou primordial para os jesuítas. "A obra da catequese, que, em princípio, constituía o objetivo principal da presença da Companhia de

Jesus no Brasil, acabou gradativamente cedendo lugar, em importância, à educação da elite". Aí está a o início da marca da elitização do ensino brasileiro.

Sobre os conteúdos e procedimentos, também se observa alterações do início para o fim do período. Aos indígenas, por meio da catequese e da instrução elementar, o objetivo era, para Saviani (2011, p. 47), "a aculturação da população colonial nas tradições e nos costumes do colonizador".

Já às elites, a intenção era cultivar o saber desinteressado e, ao mesmo tempo, alheio à realidade e aos problemas de vida na Colônia, a fim de se manter a terra distante de quaisquer ares de revolução ou de modificação do *status quo*.

> O ensino, assim, foi conservado à margem, sem utilidade prática visível para uma economia fundada na agricultura rudimentar e no trabalho escravo. Podia, portanto, servir tão somente à ilustração de alguns espíritos ociosos que, sem serem diretamente destinados à administração da unidade produtiva, embora sustentados por ela, podiam dar-se ao luxo de se cultivarem (ROMANELLI, 2013, p. 34).

Sobre o mesmo assunto, Paiva (2010, p. 49) complementa a problematização a respeito do caráter da educação à época, desconectada da realidade da Colônia e com o intuito de incorporar os moradores da nova terra na cultura portuguesa.

> O colégio plasmava o estudante para desempenhar, no futuro, o papel de vigilante cultural, de forma que a prática, mesmo desviante, pudesse ser recuperada. O colégio era a adesão à cultura portuguesa. Lendo a gramática do colégio, entenderemos a gramática da cultura.

Enquanto a elite era a única que podia ter acesso à educação oficial no período, ao fim desta fase a educação virara o jogo e se tornara, ela mesma, a marca do elitismo. Segundo Romanelli (2013, p. 36) "era natural que assim fosse, porque esse tipo de educação veio a transformar-se no símbolo da própria classe, distintivo desta, portanto, almejado por todo aquele que procurava adquirir *status*".

Até este momento, o Estado não era responsável pela – e sequer tinha qualquer envolvimento com a – educação em qualquer nível ou modalidade. Tudo o que se referia ao ensino e às instituições educativas estava sob as mãos de particulares, em especial a igreja. Isso, até 1759, quando os jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias. Este ano e este movimento marcam, para Saviani (2011, p. 15), o fim da primeira fase da história das ideias pedagógicas no Brasil.

> Instituindo colégios e seminários, os jesuítas exerceram o monopólio do ensino até sua expulsão, o que confere um caráter orgânico a todo esse período marcado pelo pleno domínio das ideias pedagógicas classificadas no âmbito da concepção tradicional em sua vertente religiosa. A partir de 1759, através das reformas pombalinas da instrução pública, abre-se espaço para a circulação das ideias pedagógicas inspiradas no laicismo que caracterizou a visão iluminista.

Com a saída dos jesuítas de Portugal e das colônias, a perda para o Brasil foi grande, uma vez que não houve substituição imediata de sua pedagogia e organização escolar por nenhuma outra proposta. “Foram fechados, assim, 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários maiores, além de um número não determinado de seminários menores [...]” (CUNHA, 2013a, p. 53).

Romanelli (2013, p. 37) complementa que, neste momento, o “Estado assumiu, pela primeira vez, os encargos da educação”. Com relação ao ensino superior, no entanto, o Estado pouco fez durante muitas décadas, até 1808, com a vinda para o Brasil da Família Real Portuguesa e, consequentemente, da sede do reino. Foi um hiato de quase 50 anos, tempo durante o qual o fechamento de alguns cursos superiores transformou-se no oferecimento de aulas de disciplinas isoladas. No entanto, quase nada de novo foi feito.

Para Cunha (2010, p. 202), “após a expulsão dos jesuítas em 1759, o ensino de Filosofia passou a ser ministrado nos conventos de outras ordens religiosas, especialmente nos franciscanos”. Na realidade, já existia o ensino superior ministrado por religiosos que não os jesuítas, bem como pelos militares. No entanto, era restrito a seus respectivos públicos, não se abrindo à sociedade (ou à sua elite), tal qual faziam os jesuítas.

Em outra obra, Cunha (2013a) complementa que, com o passar do tempo, estes cursos, especialmente os oferecidos pelos franciscanos, passaram a visar os leigos desejosos de ilustração, além dos futuros sacerdotes.

> Em 1776, os frades franciscanos criaram, autorizados por alvará régio, um curso superior no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Era, na realidade, uma faculdade, organizada conforme a Universidade de Coimbra, já nos moldes da reforma pombalina (CUNHA, 2013a, p. 54).

Foi a partir da vinda da família real ao Brasil que se iniciaram as alterações com relação à educação superior na então colônia. Com ela, foram instalados os primeiros cursos superiores não teológicos, sob a forma de organização de aulas régias, avulsas, com caráter principalmente prático. “Eram unidades de ensino de extrema simplicidade, consistindo num professor que com seus próprios meios ensinava seus alunos em locais improvisados” (CUNHA, 2010, p. 154).

Para Saviani (2011, p. 113), o intuito era, de maneira geral, “a formação de quadros para a administração e para a defesa militar do reino, cuja sede se transferira para o Rio de Janeiro”.

Assim, já em 1808, foram criadas a Academia Real de Marinha, as aulas de economia e as de cirurgia na Bahia, além das de cirurgia e anatomia no Rio de Janeiro. Em 1809, as aulas do Rio de Janeiro organizaram-se como medicina, para “formar médicos e cirurgiões de que necessitavam o Exército e a Marinha” (SAVIANI, 2011, p. 113). Já de acordo com Cunha (2010, p. 154), “em 1813, as cátedras independentes de Anatomia e de Cirurgia foram reunidas a outras, recém-criadas, e deram origem às academias de Medicina, no Rio de Janeiro e na Bahia, que hoje fazem parte das universidades federais existentes nesses estados”.

O ano de 1810 foi o do surgimento da Academia Real Militar que, anos mais tarde, foi unida à de Marinha para formar a Escola Central e Escola Militar de Aplicação, com o objetivo maior de “formar engenheiros civis e preparar a carreira das armas” (ROMANELLI, 2013, p. 39).

Saviani (2011, p. 113) complementa:

> Em 1812 temos a escola de serralheiros, oficiais de lima e espingardeiros em Minas Gerais, de agricultura e estudos botânicos na Bahia e o laboratório de química no Rio de Janeiro, onde também foi criada em 1814 a aula de agricultura. Em 1817, surge o curso de química que englobava as aulas de química industrial, geologia e mineralogia e em 1818 o de desenho técnico, ambos na Bahia.

Embora existam dados dissonantes na literatura sobre o assunto, há também complementares. Neste prisma, Romanelli (2013, p. 39) ainda cita a criação de mais cursos:

> O Gabinete de Química organizado na corte e o Curso de Agricultura criado na Bahia, em 1812, foram duas tentativas de implantação do ensino técnico superior, que, se não vingaram, pelo menos tiveram o mérito de trazer para a Colônia opções diferentes em matéria de educação superior. Deve-se assinalar ainda a presença da Missão Cultural Francesa, que teve como consequência a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, em 1820. Esta seria transformada em Escola Nacional de Belas-Artes.

Além de Engenharia e Medicina, que tinham importância na situação de guerra contra a França, completa a lista dos principais cursos superiores profissionais do Brasil, segundo Cunha (2010, p. 154), o de Direito. “Em 1827, cinco anos depois da independência, o Imperador Pedro I acrescentou ao quadro existente os Cursos Jurídicos em Olinda e em São Paulo”. Belas Artes, Economia Política, Matemática Superior, Química, História, Desenho e

Música são outros cursos superiores citados por Cunha (2013a). Estes, no entanto, tiveram duração curta e variada. Deve-se lembrar, também, do tradicional curso de Filosofia:

> A reestruturação e ampliação do ensino superior no Brasil, a partir de 1808, fizeram que os estudos de Matemática, Física, Química, Biologia e Mineralogia se deslocassem dos cursos de Filosofia, controlados pela igreja, para cursos médicos e para a Academia Militar, e, muito mais tarde, para a Escola Politécnica, que dela se separou. [...]. Os estudos de Filosofia (propriamente dita) deslocaram-se para as faculdades de Direito, onde foi menor a influência do positivismo [...] (CUNHA, 2013a, p. 64).

Há que se considerar que a partir de 1834, o ensino superior passou a ser de responsabilidade exclusiva do poder central. "[...] As províncias limitaram-se a promover, muito precariamente, o ensino primário e secundário, deixando para o governo da União o monopólio dos estudos superiores" (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 105).

Ressalte-se que, até neste momento, não se vê Universidade no Brasil, embora ela já fosse realidade na América espanhola. São Domingos, em 1538, e México, em 1553, foram as primeiras nas terras de além-mar, seguidas, segundo Cunha (2013a, p. 15), pelas "universidades de São Marcos (Peru), de São Felipe (Chile), Córdoba (Argentina) e outras, de modo que, ao tempo de nossa independência, havia 26 ou 27 universidades pela América Espanhola".

No Brasil, eram apenas aulas ou cátedras isoladas que começaram a se unir e, assim, formaram os primeiros cursos. Estes deram origens a Escolas, Faculdades, Academias ou Institutos que, pelo menos até 1909, mantiveram suas estruturas totalmente isoladas umas das outras.

Segundo Vaidergorn (2003, p. 63), a criação das escolas técnicas brasileiras de conhecimento utilitário lembrava o modelo de ensino superior "francês (sem a escola superior de formação de professores) carregado de um certo preconceito anti-universitário, adiando por muito tempo a criação de Universidades".

É interessante ressaltar que a primeira faculdade de Presidente Prudente, que daria origem à UNESP, era uma instituição de formação de professores, algo que já era falho desde o início do ensino superior brasileiro e assim permaneceu por muito tempo (será que a falta de professores em determinadas disciplinas, ainda hoje, não é um reflexo deste período?). "O máximo que se teve nas décadas de Império, em termos de ensino humanístico público, foi o Colégio Pedro II, que, embora distinguisse seus formados com o título de bacharel, era uma Escola de nível secundário" (VAIDERGORN, 2003, p. 63).

Cabe lembrar, em consonância com Piletti e Piletti (2013, p. 103), que, sem cursos de formação de professores, "estes eram selecionados com base em três condições: maioridade, moralidade e capacidade, sendo que a última, às vezes, era avaliada por meio de concurso".

Neste contexto, começou a surgir necessidade mais gritante da formação de professores. Para suprir este ponto, as províncias do Império começaram a criar as Escolas Normais, instituição que já estava em ampla valorização na Europa. "As primeiras escolas normais foram criadas nas províncias da Bahia e do Rio de Janeiro, na década de 1830, mas seus resultados foram poucos promissores" (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 103).

> A província do Rio de Janeiro saiu à frente instituindo em Niterói, já em 1835, a primeira Escola Normal do país. Tratava-se de uma escola bastante simples, regida por um diretor que era também o professor, com um currículo que praticamente se resumia ao conteúdo da própria escola elementar, sem prever sequer os rudimentos relativos à formação didático-pedagógica [...] (SAVIANI, 2012, p. 12).

Além da Bahia e do Rio de Janeiro (à época, Distrito Federal), esta iniciativa se estendeu à maioria das demais províncias, como Mato Grosso, São Paulo, Piauí, Rio Grande do Sul, Paraná, Sergipe, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Paraíba, Santa Catarina, Goiás, Ceará e Maranhão. Segundo Saviani (2012), embora tenha se espalhado pelo Brasil, tais instituições tiveram existência instável e foram fechadas e reabertas com certa frequência.

Um dos exemplos citados por Saviani (2012, p. 13) é o de Couto Ferraz[4] "[...] que considerava as Escolas Normais muito onerosas, ineficientes qualitativamente e insignificantes quantitativamente [...]. Por isso, Couto Ferraz, quando presidente da província do Rio de Janeiro, fechou a Escola Normal de Niterói em 1849". Em 1859 esta escola foi reaberta e, em 1879, Leôncio de Carvalho[5] iniciou a reconstrução do parâmetro de Escola Normal ao fixar, entre outros pontos, seu currículo, a nomeação de seus docentes e a remuneração de seus funcionários. Esta regulamentação veio a partir do Decreto nº 7.257, de 19 de abril de 1879, com o objetivo de reestruturar o ensino primário, secundário e superior no Município da Corte, a chamada Reforma Leôncio de Carvalho.

---

[4] Luiz Pedreira do Couto Ferraz foi deputado na Assembleia da Província do Rio de Janeiro, presidente da Província do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, além de Ministro do Império desta Província. Neste último cargo, baixou o Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854, que tratou da "reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte" (SAVIANI, 2011, p. 130).

[5] Carlos Leôncio de Carvalho foi professor na Faculdade de Direito de São Paulo, Ministro dos Negócios do Império e deputado pela província de São Paulo. Sua Reforma se deu enquanto ele era ministro (SAVIANI, 2011).

Quantitativamente, no entanto, as Escolas Normais não pararam de crescer. Para Piletti e Piletti (2013), em 1876, por exemplo, foram criados dois destes estabelecimentos na capital do Império, um para cada sexo, que foram unidos em 1880, quando toma força o molde das escolas normais no Brasil. Dez anos depois, já no período tratado de Primeira República, República Oligárquica ou República Velha, uma reforma no ensino normalista do Estado de São Paulo tornou-se padrão para o restante do país. Segundo Saviani (2012, p. 15), "a reforma foi marcada por dois vetores: enriquecimento dos conteúdos curriculares anteriores; e ênfase nos exercícios práticos de ensino, cuja marca característica foi a criação da Escola-Modelo anexa à Escola Normal". Da capital, a iniciativa espalhou-se para grandes cidades interioranas e até transformou-se em referência para outros Estados.

A mesma legislação previu, ainda de acordo com Saviani (2011, p. 137-138):

> [...] regulamentação do ensino superior abrangendo a associação de particulares para a fundação de cursos livres (artigo 21); permissão a particulares para abrir cursos livres em salas dos edifícios das Escolas ou Faculdades do Estado (artigo 22).

Saviani (2012) também afirma que a questão de formação de professores em nível superior foi colocada nesta reforma, mas não saiu do papel. E este ponto só voltou a ser discutido quando da criação do Estatuto das Universidades Brasileiras, em 1931, que definiu a possibilidade do curso de educação, ciências e letras para a formação de uma universidade no Brasil.

Um ponto que será importante para as discussões deste trabalho é o citado ensino particular, especialmente no nível superior. Minto (2006, p. 88) afirma que entre 1889 e 1918, "56 novas instituições [de ensino superior] foram criadas, sendo a maioria delas privadas, sempre nos moldes das velhas escolas superiores".

Já Cunha (2010, p. 158) contabiliza a criação 27 escolas superiores entre 1891 e 1910: "nove de Medicina, Obstetrícia, Odontologia e Farmácia; oito de Direito; quatro de Engenharia; três de Economia e três de Agronomia". Até neste momento, reitera-se, não existia Universidade, apenas escolas isoladas.

O ano de 1911 foi representativo, no entanto, para a criação das Universidades no Brasil. De acordo com Cunha (2010, p. 159), foi o momento do Decreto 8.659, de 5 de abril do referido ano, uma "reforma geral do ensino secundário e superior" que visava "a desoficialização e a contenção da 'invasão' do ensino superior por candidatos inabilitados".

Esta foi a Reforma Rivadávia Corrêa[6], que já tratava, mesmo que indiretamente, de um ponto que será alvo de grandes discussões no ensino superior público tempos depois: o caso dos excedentes.

As três primeiras universidades criadas no Brasil, no entanto, foram particulares e tiveram vida curta. Em 1909 foi criada a Escola Universitária Livre de Manaus, transformada em Universidade de Manaus no ano de 1913. Segundo Vaidergorn (2003), embora fosse privada, os estudantes não tinham despesas para a manutenção da instituição, que era bancada, então, por doações dos governos estadual e municipal. A instituição contou com 38 professores e formou 85 alunos. A Universidade nasceu no auge da prosperidade advinda da exploração da borracha e ofereceu:

> cursos de Engenharia, Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia e de formação de oficiais para a Guarda Nacional. O esgotamento da prosperidade econômica na região levou ao fim da instituição em 1926, da qual restou apenas a Faculdade de Direito, incorporada em 1962 à recém-criada Universidade Federal do Amazonas (CUNHA, 2010, p. 162).

Já a primeira Universidade criada no Estado de São Paulo era particular e paga. Surgida em 1911, ofereceu, de acordo com Cunha (2010, p. 162), os "cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Comércio, Direito e Belas Artes". Vaidergorn (2003) ainda fala da intenção de se criar nela a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e uma Universidade Popular. Encerrou as atividades em 1917. Ainda de acordo com Vaidergorn (2003), um dos motivos de seu fechamento foi a dificuldade para reconhecimento e validação de seus certificados de conclusão. Outro motivo teria sido a criação da Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo, pública, que esvaziou fortemente a particular. "A universidade tornou-se, então, inviável em termos financeiros" (CUNHA, 2010, p. 162).

A terceira da série foi a Universidade do Paraná, iniciada entre 1912 e 1913 por ação de profissionais locais, mas que subsistiu com recursos do governo estadual. Oferecia cursos de Direito, Engenharia Civil, Medicina, Odontologia, Farmácia, Obstetrícia e Comércio.

> Mas a proibição da equiparação de instituições de ensino superior em cidades com menos de 100 mil habitantes pôs fim ao projeto da universidade, que foi dissolvida. Restaram, como faculdades livres, as de Medicina, de Engenharia e de Direito, equiparadas nos anos 20. Em 1950, essas faculdades foram incorporadas à recém-criada Universidade Federal do Paraná (CUNHA, 2010, p. 162).

[6] Rivadávia da Cunha Corrêa, à época da reforma, era titular do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, passou a permitir a criação das faculdades livres e instituiu o vestibular para ingresso ao ensino superior. Posteriormente, Rivadávia foi também ministro da Fazenda (SAVIANI, 2011).

Após estas iniciativas de vida curta, a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, foi a primeira realmente duradoura. Segundo Cunha (2010, p. 163), a sua forma de criação tornou-se quase um padrão posteriormente:

> [...] resultou da união das faculdades federais de Medicina e de Engenharia (descendentes das cátedras criadas em 1808 e 1810), e de uma faculdade de Direito, resultado da fusão e da federalização de duas instituições privadas existentes na capital do país.

O mesmo estilo de criação de universidades, pela aglutinação de escolas isoladas, foi utilizado para criar, em 1927, a Universidade de Minas Gerais, a segunda de longa vida criada no Brasil. Esta veio pela "justaposição das Faculdades de Engenharia, Direito, Medicina, Odontologia e Farmácia, já existentes em Belo Horizonte" (CUNHA, 2013a, p. 191).

Uma maneira diferente de se criar universidade iniciou-se em 1896, com a fundação da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Segundo Cunha (2013a), o estabelecimento era constituído dos institutos de Engenharia, Júlio Castilhos (ensino secundário e propedêutico), Agronômico e Meteorológico, Parobé (formação de operários e de mestres de ofício), Montanoy (para trabalhos com eletricidade e mecânica), Borges de Medeiros (de Engenharia Agronômica e Medicina Veterinária), Experimental de Agricultura, de Zootecnia, de Química Industrial, de Economia Doméstica e Rural e Pinheiro de Machado (para o operariado agrícola). Tendo em vista a grande variedade de cursos, "a partir de 1932, ela passou a se chamar Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, mas o *status* universitário só lhe foi atribuído em 1934" (CUNHA, 2010, p. 164).

No campo legal, 1928 foi um ano importante para o ensino superior. No dia 28 de novembro, foi baixado o decreto 5.616, que dispunha, entre outros pontos, a respeito da fiscalização de novos estabelecimentos, da forma de criação destes e da autonomia administrativa, econômica e didática destas instituições, desde que respeitados os mesmos requisitos das entidades federais.

> Estabeleciam-se marcos limitadores para a multiplicação das universidades. Ao solicitar reconhecimento, a instituição deveria contar não só com elevado patrimônio como, também, ter no mínimo três faculdades funcionando ininterruptamente há pelo menos 15 anos. Somente se fossem satisfeitas tais condições é que uma instituição receberia do governo federal o status de universidade, podendo usufruir da autonomia que lhes era atribuída, mantida a exigência da equiparação aos estabelecimentos federais de ensino superior (CUNHA, 2010, p. 165).

Logo após este momento, já depois da Primeira República, a Era Vargas[7] teve início com o intuito explícito de se "reconstruir a nação" por meio de um programa tido como revolucionário, que incluía, entre outros pontos de destaque, foco maior no campo da educação. "Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, que durante 1930 e 1937 passou por três gestões: a de Francisco Campos (1930 a 1932); a de Washington Pires (1934); e, por fim, a de Gustavo Capanema" (GHIRALDELLI JR, 2009, p. 40).

Duas destas gestões deram importantes contribuições para a Educação Superior: a de Francisco Campos[8] e a de Gustavo Capanema[9].

Segundo Romanelli (2013), a reforma Francisco Campos iniciou-se pelos decretos 19.850, 19.851, 19.852, de 11 de abril de 1931, que tratavam, respectivamente, da criação do Conselho Nacional de Educação, da regulamentação do ensino superior com a adoção do Regime Universitário e da organização da Universidade do Rio de Janeiro. No mesmo ano ainda foram publicados os decretos 19.890, de 18 de abril, sobre o ensino secundário, 20.158, de 30 de junho, a respeito do ensino comercial, e 21.241, de 14 de abril, que consolidou a regulamentação do ensino secundário.

O Decreto 19.851, denominado Estatuto das Universidades Brasileiras, estabeleceu padrões de organização para todos os estabelecimentos de ensino superior no país, tanto os universitários quanto os que não seguiam esta nomenclatura, de forma a seguir a linha já adotada pelo governo de centralizar as ações político-administrativas. Segundo Cunha (2010, p. 165), "cada universidade seria criada pela reunião de faculdades (pelo menos três dentre as seguintes: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras)".

---

[7] A Revolução de 1930, que colocou Getúlio Vargas como chefe do governo provisório, iniciou uma nova era na história brasileira, terminada em 1945, quando de sua deposição por um golpe militar. Nestes 15 anos de governo, ele presidiu a República "[...] primeiro garantido pelas armas das milícias das oligarquias dissidentes e do Exército; depois, eleito pelo Congresso Nacional; e, por último, sustentado pelo Exército, já com o monopólio do uso da força, representando os interesses das classes dominantes" (CUNHA, 2013a, p. 205).

[8] Segundo Saviani (2011, p. 267), "Francisco Luis da Silva Campos nasceu em Minas Gerais, no município de Dores de Indaiá, em 18 de novembro de 1891. Formou-se em Direito pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte". Antes de ser ministro da Educação e Saúde Pública, foi deputado estadual e federal, secretário dos Negócios do Interior de Minas Gerais e governador interino deste Estado.

[9] De acordo com Saviani (2011, p. 267), "Gustavo Capanema Filho nasceu no dia 10 de agosto de 1890 em Pitangui, também em Minis Gerais, e, como Campos, formou-se na faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, porém dez anos depois, em 1924". Foi também vereador, oficial de gabinete no governo mineiro e secretário do Interior do mesmo Estado.

Também estabelecia o organograma e os parâmetros para funcionamento das faculdades, a necessidade de credenciamento dos cursos no Ministério da Educação, a formação do corpo docente e a administração das universidades.

> A administração geral de cada universidade seria composta do conselho universitário e do reitor. O conselho universitário, órgão consultivo e deliberativo, congregaria os diretores de faculdade, dois representantes de cada congregação, um representante eleito por todos os livre-docentes da universidade, um representante da associação de diplomados e o presidente do Diretório Central de Estudantes. O conselho universitário deveria elaborar uma lista com os nomes de três professores do ensino superior para que, dentre eles, o ministro da Educação escolhesse o reitor (CUNHA, 2010, p. 166).

Os catedráticos eram os principais atores dentro da Universidade. Eles eram os membros permanentes das congregações, candidatos ao conselho técnico-administrativo e à diretoria, além de serem a maioria absoluta dos membros do conselho universitário. Para Romanelli (2013, p. 136), isso é reflexo do coronelismo vigente. "[...] Ao mesmo tempo que consagrava um espírito aristocrático na condução do ensino, criava o mesmo tipo de relacionamento vigente entre os políticos e sua clientela".

Já a reforma Capanema vale a citação pela alteração realizada no Ensino Normal, com foco na formação de professores. Considere-se que, geralmente, os sujeitos que seriam alunos em Faculdades de Filosofia eram egressos do curso Normal. Uma licenciatura seria, assim, a continuidade do ensino normalista, conforme ocorreu com as professoras Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri e Helena Faria Barros, entrevistadas nesta pesquisa. A última docente narra:

> Eu comecei a fazer Escola Normal aqui em Prudente, era uma Escola Normal municipal. Mas o último ano de escola normal eu fiz em Cafelândia, Estado de São Paulo. E quando eu saí a escola normal passou a ser estadual. Aí acabei o Normal e fui para São Paulo, para fazer Pedagogia (BARROS, 2013).

O conjunto de decretos-lei baixados durante a gestão de Gustavo Capanema teve início em 1942 e terminou apenas em 1946, sendo que, aqui, será explorado o Decreto-lei 8.530, de 2 de janeiro deste ano, intitulada Lei Orgânica do Ensino Normal.

Embora este tipo de educação existisse já desde 1830, a legislação foi importante por centralizar diretrizes e fixar normas para sua implantação. Romanelli (2013, p. 168), cita as finalidades do ensino normal, dadas pelo decreto: "Prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; Habilitar administradores escolares destinados às mesmas

escolas; Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância".

De acordo com Piletti e Piletti (2013), o ensino normal era dividido em dois ciclos: o primeiro era para a formação de regentes de ensino primário e durava quatro anos, enquanto o segundo se estendia por três e formava professores primários. No entanto, Romanelli (2013, p. 170) cita problemas do decreto com relação ao sistema de avaliação e falta de flexibilidade, sendo, esta última, refletida na entrada no ensino superior: "limitava o ingresso dos estudantes normalistas apenas a alguns cursos da Faculdade de Filosofia".

Aliás, era esta a faculdade que começava a despontar como uma das principais, como o núcleo da universidade. Exemplo maior desta visão surgiu nas falas dos intelectuais da educação, como Anísio Teixeira, que criou em 1935 a então Universidade do Distrito Federal e foi o idealizador da Universidade de Brasília, e Fernando Azevedo, membro da comissão que criou a Universidade de São Paulo (USP) e mentor do projeto das faculdades de Educação e de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) desta instituição. Para o último:

> a Faculdade de Educação seria o centro de formação de professores para o ensino secundário. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, concebida como o "coração da universidade" seria o lugar onde se desenvolveriam "os estudos de cultura livre e desinteressada". Nela funcionaria uma espécie de curso básico, preparatório para todas as escolas profissionais, assim como para os seus próprios cursos (CUNHA, 2010, p. 168).

A USP, vale ressaltar, é a "irmã mais velha" da UNESP e, por ser a primeira fundada entre as universidades públicas estaduais do governo de São Paulo, influenciou fortemente as outras duas.

Criada em 25 de janeiro de 1934, por meio de decreto estadual, à USP foram incorporadas as faculdades de Direito e de Medicina e as escolas Politécnica, Superior de Agronomia e de Veterinária, além de diversos institutos de pesquisa técnico-científica e do Instituto de Educação, transformado em "escola superior e incorporado à universidade como Faculdade de Educação. Já no âmbito da nova universidade, foram criadas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais e a Escola de Belas Artes" (CUNHA, 2010, p. 167).

No entanto, a FFCL mal fora instalada e já estava no olho do furacão.

> A Escola Politécnica de São Paulo pretendia tornar-se o núcleo da futura instituição [USP]. No entanto, a opção adotada em 1934 atribuiu esta incumbência à recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Isso provocou forte reação

> das antigas unidades profissionalizantes incorporadas à universidade, em especial da Escola Politécnica (CELESTE FILHO, 2013, p. 15).

Outros impasses se seguiram a este. Por exemplo: pelo projeto inicial, a intenção era agregar na FFCL da USP todas as cátedras básicas, de tópicos gerais, da universidade. Assim, todas as cadeiras deste gênero, como as de Matemática ou Física, seriam deslocadas de suas faculdades ou escolas para a FFCL, sob a justificativa de que "o profissional desenvolvia um saber técnico, enquanto a ciência não tinha finalidade de aplicação prática. Portanto, deveria impor-se a separação didática entre um cientista da área de Física e um engenheiro, por exemplo" (CELESTE FILHO, 2013, p. 18).

No entanto, este projeto nunca foi, de fato, consumado, o que acabou por criar o perfil das FFCL que viriam a ser criados no interior do Estado de São Paulo. Segundo Cunha (2013a, p. 23):

> [...] a força dos interesses dos professores das escolas profissionais, temerosos de perder poder com a transferência de certas matérias para a nova faculdade, fez com que esta se transformasse em mais uma escola profissional, fundindo-se com a Faculdade de Educação no propósito de formar professores para o ensino secundário.

No entanto, ainda parafraseando Cunha (2010, p. 166), a USP foi uma "bem sucedida variação do modelo federal" e, por isso, serviu de base para a criação da UNESP e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Entre a criação da USP e a da UNICAMP, respectivamente a "irmã mais velha" e a "irmã do meio" na prole do ensino superior estadual paulista, um novo decreto-lei alterava a regulamentação das universidades. De número 8.457 e publicado em 26 de dezembro de 1945, a legislação flexibilizou a possibilidade de criação deste tipo de instituição.

> O decreto determinava que uma universidade precisaria ter, pelo menos, três unidades de ensino. Mas, pelo novo critério, duas delas (e não as três) deveriam estar entre as de Filosofia (e não mais Educação, Ciências e Letras), Direito, Medicina e Engenharia. Se uma das três faculdades do núcleo gerador fosse de Filosofia, a segunda deveria ser escolhida na lista acima, mas a terceira poderia não constar dela, "uma vez que, por seus objetivos e organização, convenha aos interesses do ensino, a juízo do Conselho Nacional de Educação" (CUNHA, 2013b, p. 80).

Entre as irmãs, a USP, primogênita, reinou soberana no ensino superior público estadual paulista até 28 de dezembro de 1962, quando, de acordo com Gomes (2006), foi publicado o decreto que criou a UNICAMP, cuja sigla, até 1966, foi UEC. O primeiro

vestibular ocorreu em abril de 1963 e as aulas já começaram no mês posterior. A sua criação veio dos anseios da população e da imprensa da cidade, que clamavam por uma Faculdade de Medicina.

Considere-se que, à época, havia um crescimento exponencial na busca por esta graduação. Entre 1946 e 1964, segundo Cunha (2013b), o número de candidatos por vaga para Medicina cresceu, na média, de 5,4 para 7,6.

> O aumento dos aprovados, mais do que proporcional ao incremento da relação candidatos/vagas, foi responsável pelo fenômeno dos "excedentes", candidatos aprovados nos vestibulares, mas impedidos de se matricular pela limitação de vagas. Esse fenômeno foi mais intenso nos cursos de Medicina [...] (CUNHA, 2013b, p. 83).

Um detalhe curioso sobre a então UEC e que, segundo Gomes (2006), transformou-se em ponto de discórdia no momento, foi o fato de que a universidade nasceu constituída por apenas uma faculdade, a tão pedida de Medicina, instalada pelo mesmo decreto. Estava, visivelmente, em desacordo com o decreto-lei 8.457.

Ainda de acordo com Gomes (2006), outras escolas só seriam instaladas, de forma a regularizar a situação da universidade, em outubro de 1966, quando o Conselho Estadual de Educação (CEE) autorizou o início das atividades das faculdades de Engenharia, de Ciências, de Tecnologia de Alimentos e de Enfermagem, além dos institutos de Matemática, de Física, de Biologia e de Química. A criação destes institutos e faculdades só foi possível por meio da aprovação do relatório da Comissão Organizadora da UNICAMP, constituída em 11 de setembro de 1965 para criar, de fato, a Universidade que, dizia-se, só existia no papel. O presidente do referido grupo foi Zeferino Vaz, importante personagem da história da Educação de forma geral, e da UNICAMP em particular.

É interessante ressaltar como as histórias das três instituições se entrecruzam com frequência. Durante as entrevistas, diversas vezes USP ou UNICAMP eram lembradas, seja no âmbito da formação em nível de graduação ou pós-graduação, em parcerias ou mesmo comparações. Este é o caso do professor Alvanir de Figueiredo (2014): "Geografia de Prudente começou a crescer bastante foi nos últimos tempos, porque antes o dono da Geografia era Rio Claro no interior. E lá a USP como sempre. Mas a UNICAMP não tinha Geografia".

Já os professores Eliseu Savério Spósito (2013), Leny Rodrigues Martins Teixeira (2013) e Ruth Künzli (2013) lembraram-se da USP pois cursaram lá a pós-graduação. A docente Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri (2014), por sua vez, recordou-se de desenvolver um

projeto em parceria com a instituição logo após o período de criação da UNESP. “A professora Marangoni vinha da USP para trabalhar junto com a gente para a elaboração deste Plano e foi uma experiência muito interessante”.

Marcos Alegre (2013), ex-diretor, citou o nome da universidade em outra ocasião: “[...] Nessa altura nós tínhamos aqui o professor Armen, o professor Alvanir. Ele era o diretor, eu era o vice. Nós três tínhamos convite para a USP, mas nós não aceitamos”.

Cabe ressaltar, ainda, que no momento da reorganização da UNESP, já estava no poder a Ditadura Militar, cujo início deu-se com o Golpe de Estado deflagrado em 1964.

> Imediatamente após o golpe de 1964, o novo regime procurou evitar que a universidade se tornasse cada vez mais crítica, nos dois sentidos do termo, pela expulsão de professores, pela triagem político-ideológica dos novos docentes e pela contenção do movimento estudantil, passando a reprimi-lo à medida que se organizava. Mas, apesar disso, a crise da universidade, então calada em sua crítica, continuou se aprofundando. Foi para inverter essa tendência que o Estado promoveu a “reforma universitária” de 1968, arrebatando uma bandeira hasteada pela UNE três décadas antes, no momento mesmo do seu nascimento, fonte de fértil crítica da universidade e, por extensão, da sociedade que a mantém e dela se previne ou defende (CUNHA, 2013b, p. 210).

A reforma de que fala Cunha foi promovida por meio das Leis 5.539 e 5.540, ambas de 1968, cujos pontos principais, pelo menos para o contexto desta pesquisa, são a determinação da organização em Universidades como a ideal para o ensino superior, deixando as instituições isoladas como um formato excepcional e transitório, e a resolução da indissociação entre ensino e pesquisa, fator que praticamente obrigou os docentes a serem também pesquisadores e incentivou a dedicação exclusiva e o tempo integral (CUNHA, 2010). Além disso, esta reforma previu a reestruturação da administração universitária de modo a racionalizar e modernizar o modelo de ensino superior existente (ARANHA, 2006).

Todo este contexto, com a gota d’água de que o *status* de Instituto Isolado deveria acabar (embora, sabe-se, até hoje existam instituições de ensino superior fora do regime universitário), fez com que em 30 de janeiro de 1976 fosse publicada a Lei 952, que instalou a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) congregando 14 Institutos Isolados de Ensino Superior (IIES) do Estado de São Paulo.

Destes, sete eram Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Além de Presidente Prudente, as outras eram Assis, Franca, Marília, Rio Claro, São José do Rio Preto e Araraquara. Esta cidade, inclusive, possuía também uma Faculdade de Farmácia e Odontologia. Araçatuba e São José dos Campos sediavam as outras duas Faculdades de Odontologia, enquanto Botucatu possuía a Faculdade de Medicina. Completavam a lista o

município de Guaratinguetá e sua Faculdade de Engenharia, e Jaboticabal com a de Ciências Agrárias e Veterinárias. Na ocasião da instalação da UNESP, surgiu ainda uma faculdade em Ilha Solteira, "onde se criou mais um câmpus da nova universidade e onde se pretendia instalar a reitoria (o que nunca aconteceria)" (LIMA; RIBEIRO, 2013, p. 209).

Cada um destes Institutos Isolados foi criado em um contexto diferente, sendo a mais antiga fundada em 1923, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara. A maioria das demais foi criada entre os anos 50 e 60, quase sempre por causa de manifestações e pressão da população das cidades. Foi o caso da FFCL de Presidente Prudente, conforme se verá nas próximas páginas, que versam sobre a história desta instituição em específico até a instalação da UNESP.

3.2 De FAFI a UNESP

A FFCL de Presidente Prudente foi criada em 17 de setembro de 1957, por meio da Lei estadual 4.131 (SÃO PAULO, 1957). No entanto, apenas em 13 de abril de 1959, a faculdade foi autorizada a funcionar, pelo Decreto Federal 45.775 (BRASIL, 1959). Por isso, as aulas de Geografia e Pedagogia, primeiros cursos da instituição, começaram somente cerca de 20 meses depois da sua criação legal (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2013a). A instituição, desde o começo, foi chamada carinhosamente de FAFI. E, aparentemente, este foi um nome marcante, pois seis dos nove sujeitos entrevistados se referiram à instituição por esta denominação.

Mesmo a publicação da lei estadual já não foi um passo simples de ser dado. Resistências das mais diversas existiam, sendo as duas maiores delas a da USP e a da grande imprensa, com ênfase no jornal *O Estado de S.Paulo*. Ambas as frentes eram contra a interiorização do ensino superior, receando que a escassez de recursos para a expansão pudesse prejudicar a qualidade do ensino superior oficial já existente.

> Na verdade, estavam defendendo a manutenção do monopólio da Universidade de São Paulo e de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que permaneceria centralizando a renovação das elites dirigentes, contrariando a Lei Estadual nº 161 de 24/12/1948. Em outras palavras, defendiam que o acesso ao ensino superior continuasse sendo para poucos, já que a USP não possuía vagas suficientes para a demanda existente em todo o estado e a maioria dos jovens do interior paulista que concluía o segundo ciclo secundário não tinha possibilidades de se deslocar para São Paulo, ou outro centro universitário, a fim de prosseguir estudos (LIMA, 2005, p. 40).

Por isso mesmo, segundo Vaidergorn (2003, p. 175), a primeira incorporação de escola superior como instituto isolado, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara em 1951, foi feita "[...] à revelia do Conselho Universitário da USP, cujo principal argumento para a resistência baseava-se nos possíveis vícios trazidos por uma escola de origem municipal ou particular".

A respeito desta resistência dos catedráticos da USP com relação à interiorização do ensino superior, lembra-se o professor Eliseu Savério Spósito (2013):

> Então, quando a gente estudava, aqui era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era um Instituto Isolado. Ele, inicialmente, quando foi criado, ele era, entre aspas, monitorado pela USP, que nunca, de uma forma geral, os catedráticos nunca foram muito simpáticos a essa ideia da interiorização do ensino público.

É importante ressaltar que nem todos os professores foram contra a interiorização do ensino superior. É o caso de Florestan Fernandes e alguns outros que, segundo Lima e Ribeiro (2013), estavam cientes de que o magistério público necessitava de docentes qualificados e também de que a qualidade não era um produto pronto, mas sim uma construção coletiva e constante.

Já no caso d'*O Estado de S.Paulo*, da família Mesquita, as críticas eram constantes e tinham o intuito de fortalecer o discurso de que as universidades existiam não para ampliar as elites, mas apenas para renová-las. "A rejeição às FFCL-IIES por parte do *O Estado de S.Paulo* manteve o jornal permanentemente em uma posição editorial de crítica, sendo muitas vezes francamente hostil" (VAIDERGORN, 2003, p. 174).

Corrêa (2006, p. 22) dá um exemplo de notícia publicada pelo jornal:

> [...] Os professores da USP encontraram nos editoriais de *O Estado de S.Paulo* sua voz mais combativa. Em editorial de 7 de abril de 1960, "Abuso tem que acabar", o jornal criticava a criação dessas escolas como atos demagógicos, sem critérios definidos, vindo causar sangria financeira ao erário sendo produto de manobras eleitoreiras.

O fato é que crescera, no interior do Estado de São Paulo, a quantidade de formados aptos a ingressarem no ensino superior e, assim, tornou-se necessária a criação de escolas deste nível. A necessidade é bivalente: a população desejava a instrução superior e os políticos locais tinham o anseio de conseguir votos. Então, estes movimentaram-se em busca da Faculdade para Presidente Prudente, a fim de suprirem a vontade daqueles. Conforme

Lima (2005), vereadores e mesmo deputados tomaram frente de comissões pró-faculdade e de proposituras de projetos de lei com este intuito.

Após comentar a ação dos políticos, Corrêa (2006, p. 19) também dá ênfase ao papel da população das cidades, em especial dos estudantes:

> Algumas cidades do interior paulista contavam, já em meados da década de 1950, com um bom número de escolas secundárias e técnicas, que atendiam não só a comunidade local como também a regional. Esses estudantes, reunidos em torno de suas associações representativas, passaram a reivindicar a criação de faculdades em manifestações de rua e publicações nos jornais locais.

Corrêa (2006) explicita ainda mais o processo de criação dos IIES ao citar também outros motivos, como orgulho municipal, rivalidade entre cidades e consciência dos direitos fundamentais do povo, bem como a consequência da migração de estudantes para a capital e o possível êxodo destes do interior.

Diversas foram as propostas para Presidente Prudente: Faculdades de Direito, Farmácia, Odontologia, Economia, Administração e Filosofia. A última foi a que obteve sucesso nas campanhas. Segundo Lima (2005), este tipo de instituição foi clamado com foco para estudos das jovens que estariam terminando o ensino secundário e, desta forma, poderiam seguir a carreira tida pela imprensa prudentina como a "mais adequada à mulher".

Após muita campanha pelas páginas do jornal e aprovada a lei que criava a FFCL de Presidente Prudente, teve início outra leva de publicações e manifestações: as que solicitavam o início das atividades, de fato, da faculdade. A professora Ruth Künzli (2013), ao recordar-se que um hino era cantado nestas ocasiões, lembra-se também deste processo. "Ela [a FFCL] demorou dois anos para ser instalada. Então havia a cobrança de que ela fosse instalada. Então foram feitos vários comícios na Praça 9 de Julho e tal, inclusive com a presença de autoridades também".

Segundo Lima e Ribeiro (2013, p. 52), já no dia 19 de setembro, dois dias depois da criação legal da instituição, o jornal local *O Imparcial* lembrava "[...] da necessidade do prédio, para que a faculdade se instalasse, e que Presidente Prudente esperava ajuda do governador, como havia feito em Marília, para que, no ano seguinte, a faculdade funcionasse".

Depois desta publicação e até o início das atividades da faculdade, mais algumas dezenas de matérias foram publicadas nos jornais locais, entre os quais estavam também *Correio da Sorocabana* e *A Voz do Povo*. Ficou também mais gritante a participação popular. Lima e Ribeiro (2013) e Oliveira e Ribeiro (2013b), bem como Alegre (2006), citam, com

base nestes periódicos, diversas manifestações dos cidadãos prudentinos pela efetiva implantação da instituição. O último autor destaca, principalmente, a ação dos estudantes do Instituto de Educação (IE) da cidade e do professor Luiz Gonzaga Santos. A professora Ruth Künzli (2013) também tem forte memória a respeito deste personagem: "Luiz Gonzaga dos Santos foi o grande organizador, o grande regente, de todo esse movimento em prol da faculdade de Prudente. Ele que organizava as passeatas, ele organizava os alunos, ele era um professor do científico [...]".

Segundo Alegre (2006, p. 15):

> A faculdade estava criada desde 1957 e não instalada e, por isso havia o receio de que, com a troca de governo, provavelmente haveria mudanças na política e essa faculdade poderia não ser mais instalada. Esse era o receio e a razão do movimento. Acontece que a lei que criara a faculdade estabelecia que caberia à prefeitura ou mesmo particulares interessados, oferecer instalações, terreno, prédio para instalar a escola e isso não estava sendo feito e então a faculdade poderia não ter para onde ir... Com a pressão da comunidade a faculdade se instala e começa a funcionar em instalações precárias, acanhadas, e isso durou cerca de oito anos até a ocupação do atual campus quando a direção da faculdade conseguiu, do próprio Estado, recursos para a construção dos edifícios necessários para o bom funcionamento da Faculdade (ALEGRE, 2006, p. 15).

Com a formalização da instituição, teve início a sua peregrinação por diversos prédios, durante um bom tempo, emprestados. Sabe-se, como já dito, que era obrigação da prefeitura de Presidente Prudente, ou de particulares interessados, ceder o espaço à FFCL, como contrapartida à iniciativa do governo estadual. Então, no dia seguinte à cerimônia de instalação da faculdade, em 3 de maio de 1959, o ano letivo teve início efetivo em salas da Escola Técnica do Comércio "Dr. Joaquim Murtinho" na região central da cidade, um prédio temporariamente cedido (LIMA; RIBEIRO, 2013).

A estada da instituição aí durou pouco tempo. No mês seguinte, as aulas foram transferidas para um prédio recém-construído pela prefeitura e cuja finalidade não era o funcionamento do ensino superior, mas sim de um Grupo Escolar. Era próximo ao Cemitério da Saudade, local que não era atendido por linhas de ônibus e que, por isso, fez criar uma linha apenas para levar os estudantes do centro da cidade até lá. Ainda segundo Lima e Ribeiro (2013), pouco tempo a FFCL ficou ali também, tendo em vista que faltavam vagas para estudar em grupos escolares e, então, aquele espaço seria utilizado para este fim.

Assim sendo, em agosto de 1960, a FAFI foi transferida para o prédio do Colégio Tanel Abbud. Aí, novamente, havia o conflito com outro nível de ensino. "A diretora da escola segundo publicações dos jornais, reclamava a necessidade de utilizar as salas então

utilizadas pela faculdade, pois a demanda pelo ensino secundário crescia a cada ano" (LIMA, 2005, p. 126).

Uma pequena evolução veio em 1962, quando começou a primeira movimentação em torno do local onde funciona a UNESP atualmente.

> Um terreno, de 17.900 metros quadrados, pertencente à Associação Comercial e Industrial de Presidente Prudente, tinha sido declarado de utilidade pública pelo Decreto 40.220, de 12/06/1962, a fim de ser desapropriado pela Reitoria da USP. Era um local denominado Granja Municipal, próximo à saída para Álvares Machado, onde se faziam exposições de animais, que a prefeitura já começava a chamar de Centro Educacional (LIMA; RIBEIRO, 2013, p. 111).

Sabendo disso e com o conhecimento de que logo a FFCL deveria sair do prédio do Colégio, o diretor do momento, José Fernando Martins Bonilha, solicitou ao prefeito a construção de dois barracões de madeira no terreno. Para estas instalações a faculdade foi em meados de 1963. Os dois barracões foram divididos em salas de aula e outras duas casas já existentes serviam como prédios administrativos. Um destes ainda existe. Segundo Lima (2005, p. 130), "além de ser um local muito afastado da cidade, não havia asfalto, nem ruas abertas. Era necessário, para se chegar à faculdade, atravessar o Córrego do Veado, hoje canalizado, onde é o Parque do Povo".

Tem-se como referência que tal ação funcionou mais para caracterizar uso e posse do terreno do que por outro motivo. Assim, ficaria registrado que o terreno era da FFCL e, a partir daí, lutar-se-ia por recursos para construções. Segundo Alegre (2006, p. 68):

> [...] Em 1962, foram autorizados a funcionar mais dois cursos de Ciências Sociais e Matemática. As primeiras turmas deveriam iniciar suas aulas no primeiro semestre de 1963 e não havia salas para acomodá-las. Ao mesmo tempo, estava para vencer o prazo estabelecido na lei de doação do terreno para as construções definitivas da faculdade.

Tanto é que, segundo Alegre (2006, p. 68), o funcionamento da FFCL foi transferido, já em julho de 1963, para um "edifício, bem no meio da cidade, cedido pelo Banco do Estado de S. Paulo, também por empréstimo, e ficou ali até 1968". Lima (2005, p. 131) complementa: "era um prédio de seis andares onde havia funcionado a loja de departamentos de Martins Fadiga, com a *Boite Ambassador* no último andar. A loja faliu e o estado ficou com o prédio".

Finalmente, este foi o último endereço provisório da instituição, onde ela ficou até 1968. "Em 1965, ainda tendo como diretor o interventor Sylvio Fernando Paes de Barros,

foram construídos nove metros quadrados onde seria, em 1968, instalada a estação meteorológica, recurso imprescindível para o curso de Geografia" (LIMA, 2005, p. 135).

No mesmo ano foi inaugurado o prédio que atualmente é chamado de Bloco de Aulas 1, "[...] com 1472 m² e que, durante certo tempo, abrigou a faculdade toda. Entrou em uso em 30/7/1968 quando a FAFI, finalmente, encontrou seu lugar definitivo" (ALEGRE, 2006, p. 70).

A partir daí, mais terreno foi conseguido e novos prédios foram construídos. Após o início das atividades no lugar definitivo, a FFCL e, posteriormente, a UNESP, passaram a crescer em termos territoriais e prediais. O mesmo não pode ser dito no que se refere ao número de cursos, por exemplo.

Como mostrado há pouco, além das graduações em Pedagogia e em Geografia, desde o início dos trabalhos, em 1963 começaram a funcionar os cursos de Ciências Sociais e Matemática. Em 1969, bem antes de se transformar em UNESP, ainda teve início da Licenciatura em Ciências. A instalação da UNESP em 1976, entretanto, deixou apenas Matemática e Geografia na cidade.

No entanto, a realidade vivida em Presidente Prudente não foi igual ao ocorrido nos demais IIES do Estado de São Paulo. Aliás, pouca coisa era parecida na administração destas instituições, o que levou o governo estadual a pensar em formas de se padronizar as ações. "Nessa tentativa de aglutinar os Institutos Isolados é criada, em 1969, a Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo (CESESP) que, de certa maneira, seria o embrião da futura universidade" (CORRÊA, 2006, p. 32).

Aos poucos e quase sem se perceber, a CESESP começou a adquirir um perfil semelhante ao de uma reitoria. Este ponto também é recordado pelo professor Eliseu Savério Spósito (2013). Segundo ele, a Coordenadoria teria congregado os institutos "[...] como se fosse uma reitoria, mas não era. E foi exatamente isso aí que deu a semente para a UNESP [...]".

De acordo com Corrêa (2006, p. 37):

> No período de 1971 a 1973 a Cesesp dinamizou e procurou consolidar seu trabalho de conhecimento da situação dos Institutos e de busca de padronização dos procedimentos de gestão. Em 1973, Luiz Ferreira Martins, assumiu a coordenação da Cesesp substituindo Dorival Teixeira Vieira. Tendo atuado como conselheiro no CEE (1971-1973), Martins imprimiu novo ritmo aos esforços dirigidos à sofisticação da gestão dos Institutos (CORRÊA, 2006, p. 37).

A CESESP como ponto inicial de uma reitoria, somada à influência da Reforma Universitária de 1968, que determinava a organização do ensino superior em universidades como a ideal e relegava às instituições isoladas um caráter excepcional e transitório, foram fatores fundantes para a instalação da UNESP em 1976.

> A consolidação desses Institutos Isolados, aliada à importância e ao nível cultural e científico que eles alcançaram nas mais variadas áreas do conhecimento, acabou por estimular a criação de uma universidade que os reunisse para possibilitar uma ação conjunta, de modo a aproveitar ao máximo suas potencialidades, preservando, ao mesmo tempo suas características particulares (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA, 1995, p. 8)

Entretanto, os depoimentos da época não citam esta preservação de características de cada instituição. Segundo os que estavam na FAFI, por exemplo, quando da instalação da UNESP, esta ação veio de forma autoritária e sem ouvir os reais anseios da comunidade, conforme se verá no próximo capítulo, que trata da problematização sobre as memórias colhidas durante esta pesquisa.

4 LEMBRAR, NÃO LEMBRAR: A MEMÓRIA FALADA

Tão importante quanto a teoria que embasa a prática está a discussão a respeito das condições nas quais estas práticas se dão. Por isso, a introdução deste capítulo trará um resumo da história dos entrevistados e como chegou-se aos nomes deles para participação no trabalho, além de pequenos detalhes das conversas para a pesquisa. A ordem de apresentação dos sujeitos, a seguir, está organizada conforme a data da entrevista, da primeira a ocorrer para a última.

Cabe destacar, inicialmente, que pelo menos três personagens a mais seriam ouvidos: os professores Armen Mamigonian e Ulisses Telles Guariba Netto, bem como a atriz Aracy Balabanian. O primeiro, ao ser contatado por telefone, mostrou-se receptivo a participar da pesquisa até saber do tema; quando foi citado que tratava-se de uma entrevista a respeito do processo de instalação da UNESP que culminara com sua demissão, pôde-se ouvir pela invenção de Graham Bell que não havia intenção de falar sobre isso, seguido de uma despedida e "tu tu tu". Telefone desligado.

Armen seria um entrevistado valiosíssimo para esta pesquisa, tendo em vista o que já se sabia por meio de Alegre (2006) e foi confirmado posteriormente pelas demais entrevistas. Além disso, ele foi um dos professores mais combativos e o único demitido entre os docentes em tempo integral.

Por outro lado, Ulisses, que é diretor de uma instituição de ensino superior de Assis-SP, mostrou-se interessado na conversa, porém ocupado naquele momento. Pediu que ligasse novamente tempos depois, solicitação que repetiu-se várias vezes. Na última delas, Ulisses afirmou que tinha dado uma entrevista há pouco tempo para o Observatório de Educação em Direitos Humanos (OEDH), órgão da UNESP, e que não havia nada mais a acrescentar com relação ao ocorrido em Presidente Prudente. Ao fim, me enviou o registro da entrevista, por *e-mail*.

Conforme será discutido mais à frente, Ulisses foi o primeiro presidente da ADUNESP e talvez por isso mesmo enfrentou publicamente (com fotos e declarações na *Folha de S.Paulo*) Luiz Ferreira Martins. Tudo isso frente à Ditadura Militar e com o histórico de desaparecimento político de sua ex-esposa pouco tempo antes. Esta visão sobre o ocorrido era tida como importante para esta pesquisa, principalmente na problematização imagética. No entanto, não se concretizou.

Por fim, em contato com a assessoria de imprensa de Aracy, conseguiu-se a confirmação de uma entrevista, por telefone ou *e-mail*, em meados de janeiro de 2014. Inúmeros contatos foram feitos e a conversa foi adiada várias vezes. A certo ponto, o enviei à assessoria, por *e-mail*, apenas uma pergunta e a Imagem 3, que pode ser vista um pouco mais à frente. A intenção era que, frente à pergunta e à imagem, fosse feita uma gravação em áudio das reações da atriz, para ser enviada a mim. A resposta da assessoria veio por escrito: "Quando mostrei a foto, ela disse se lembrar de pouca coisa do dia". Depois disso, não consegui mais contato com a assessoria.

A vontade de ouvir Aracy era com o intuito de complementar as informações conseguidas, ouvir um sujeito externo à realidade da UNESP e alguém público, famoso, que se deslocou muitos quilômetros para participar de um evento a fim de defender uma instituição que pouco conhecia.

Entre os entrevistados, todos os nomes partiram de uma lista organizada por mim e pela minha orientadora, com base em Alegre (2006) e Lima (2005). Além disso, já que ambos trabalham na instituição, já se conhecia os nomes dos sujeitos tidos como importantes para a história da UNESP.

Entre eles, Leny Rodrigues Martins Teixeira (APÊNDICE A) foi a primeira a conversar comigo, na manhã do dia 20 de novembro de 2013. Marcada facilmente via *e-mail*, a entrevista ocorreu em uma sala de reuniões da FCT e, a contar pela gravação, durou pouco mais de 50 minutos. Apesar de todos os testes e ensaios, eu estava nervoso, pois Leny fora a primeira a aceitar o convite para responder as perguntas e discutir as imagens. Além disso, existia tanto o receio de pouca aceitação com relação ao tema, uma vez que já se sabia haver uma certa rejeição ao tema por ser traumático, quanto a negativa incisiva do professor Armen. Apesar destes fatores, a entrevista foi realizada de forma a se obter informações interessantes.

Leny disse que queria ter cursado Psicologia, mas na época decidiu-se por Pedagogia. Os principais fatores para a escolha foram o recente falecimento do pai, a impossibilidade de transferir-se para São Paulo (onde havia o curso) e o oferecimento da Pedagogia em Presidente Prudente. Ingressou como docente temporária na UNESP justamente em 1976. "[...] Eu vim substituir uma professora e acabei ficando" (TEIXEIRA, L., 2013).

Foi demitida em 1980, pouco tempo após a instalação da UNESP. Segundo Leny, ela só ficou sabendo da demissão por meio das páginas da *Folha de S.Paulo*. Voltou à UNESP em 1984 e ficou até aposentar-se, em 1997. Neste período, ajudou a reimplantar a licenciatura

em Pedagogia, com um projeto mais atualizado frente às novas demandas locais e regionais. Foi casada com outra importante figura da história da instituição, o ex-diretor Márcio Antonio Teixeira, falecido em 2013.

Uma semana depois de ouvir Leny, foi a vez de Eliseu Savério Spósito (APÊNDICE B). A conversa ocorreu em 27 de novembro de 2013, na sala dele na FCT, durante da tarde. Também agendada com facilidade, via *e-mail*, foi a entrevista mais longa da pesquisa: cerca de uma hora e meia de gravação. No entanto, depois do *stop* no gravador, foram no mínimo mais trinta minutos de conversa. Apesar de algumas interrupções, afinal ele estava em seu lugar de trabalho e às vésperas da realização um evento, a entrevista fluiu de uma maneira muito sossegada. Eu estava mais tranquilo do que na primeira entrevista e, aparentemente, Eliseu também estava à vontade.

Ele foi aluno do curso de Geografia na FFCL, depois passou a ser servidor administrativo e, por fim, docente da UNESP. No momento da instalação desta universidade, era servidor e recém-formado. Casou-se com Maria Encarnação Beltrão Spósito e pediu demissão da UNESP no fim de 1977 para cursar pós-graduação em São Paulo, onde também deu aulas. Quando voltou como docente, em 1980, vivenciou o fim processo de transição, inclusive a demissão de docentes.

Conta que quase foi demitido enquanto funcionário, pois ajudava a produzir o *Carcará*, fora do seu horário de trabalho mas ainda utilizando o espaço da UNESP. “[...] eles achavam que isso era ilegal, eu usar o recinto público para subverter a ordem” (SPÓSITO, E., 2013).

No entanto, quando Eliseu foi ingressar na instituição como docente, o impedimento foi contra sua esposa. Ela, Maria Encarnação Beltrão Spósito (APÊNDICE C), foi ouvida para esta pesquisa na tarde do dia 29 de novembro de 2013. Foi uma entrevista de pouco mais de uma hora, na sala da docente na FCT. Sob mesma justificativa do esposo, algumas interrupções ocorreram.

Dois fatos a marcaram, quando se toca no nome de Armen, professor que fora seu orientador. Primeiro, Maria Encarnação diz que quando ele foi demitido, Armen entrou em contato com ela, que já morava em São Paulo, pedindo ajuda para conseguir um trabalho na capital do Estado. Depois, quando ela e o marido foram ingressar na FCT como docentes, a convocação dela teria saído em substituição ao professor Armen. Segundo ela, “[...] quando começou a haver novos concursos, a partir de aposentadorias ou demissões, sempre se

nomeava ‘alguém no cargo de fulano’. [...] e a minha, por mera coincidência, saiu em nome de Armen Mamigonian” (SPÓSITO, M., 2013).

Mas até sair esta convocação, foram meses de angústia. Pelos depoimentos, a Congregação da Unidade demorou para homologar a convocação dela. A justificativa era de que, apesar da anistia, os membros sabiam que ela possuía ficha no DOI-CODI, fato que também a impedira de assumir um cargo de professor para ensino fundamental.

Maria Encarnação foi aluna e ainda é docente. Discursou de maneira combativa em sua formatura, com o apoio da professora Thereza Marini, o que gerou reações fortes no reitor, que estava presente. Este fato também será ponto de problematização mais à frente.

A última a ser entrevistada em salas da FCT foi Ruth Künzli (APÊNDICE D), cujo depoimento foi colhido em 29 de novembro de 2013. Foi em uma tarde abafada e dentro de uma sala quente e fechada. Após certo tempo de entrevista, uma escura e grande nuvem de chuva se aproximou, e a docente, que já respondia muito brevemente as perguntas, passou a demonstrar impaciência, como que querendo ir embora antes que caísse o temporal. Talvez por isso, esta tenha sido a entrevista mais curta: pouco mais de meia hora. E, apesar da mudança climática, não houve chuva.

Ruth é uma das referências de “memória fotográfica”. Ela é partícipe da história da instituição, literalmente, desde o início, pois foi aluna da primeira turma de Geografia e, atualmente, é docente voluntária da FCT, depois da aposentadoria compulsória. Apesar de dizer que gosta muito da história da FCT e que se sente pertencente à instituição, não discorreu por muito tempo sobre o ponto específico desta pesquisa.

A primeira a ser entrevistada em casa foi a professora Helena Faria de Barros (APÊNDICE E), na manhã do dia 10 de dezembro de 2013. Cursou o Normal em Presidente Prudente, mas para fazer nível superior teve que ir a São Paulo, pois ainda não havia faculdade em Presidente Prudente. Concluiu Pedagogia em 1952 e ingressou na FAFI como docente em 1964, com aposentadoria pela UNESP. Afirma que foi a única docente do curso de Pedagogia da recém-criada UNESP a permanecer lotada em Presidente Prudente, por ser a primeira professora contratada para o curso. No entanto, teve que desenvolver projetos paralelos depois do fim de sua graduação na cidade.

Foram quase quarenta minutos de conversa, tendo como base a gravação realizada. Pequenas interrupções ocorreram, sem comprometer a qualidade da entrevista. Tem alguns problemas de visão, o que pode ter atrapalhado a entrevista no momento de apresentação das

imagens. Não se pode esquecer, entretanto, que fui extremamente bem recebido na casa de Helena, inclusive com convite para um café da manhã.

Na mesma manhã do dia 10 de dezembro de 2013 foi a vez de Marcos Alegre (APÊNDICE F). Há uma hora e meia de gravação com o docente, no entanto a estada no escritório do apartamento dele foi bem maior. Por vezes, o ex-diretor parou a conversa para procurar pelo escritório documentos ou livros, sempre com o intuito de contribuir com o objeto desta pesquisa. Também me recepcionou muito bem e, apesar de todas as limitações, pareceu apreciar a conversa.

Lecionou na FAFI desde 1963, foi diretor e vice-diretor da instituição. Quando da instalação da UNESP, ocupava este cargo e teve papel decisivo na mantença dos dois cursos e na criação posterior da graduação em Engenharia Cartográfica. Não se lembrou de estar presente na manifestação de 1976, dizendo que, provavelmente, deveria estar em São Paulo nesta data, pois estas viagens eram constantes.

Findadas as entrevistas de 2013, na manhã do dia 27 de janeiro de 2014 fui convidado a entrar na sala da casa de Thereza Marini (APÊNDICE G). Após aguardar um pouco, fui recebido pela docente, devidamente maquiada e com os cabelos bem arrumados. No entanto, ao começar a entrevista, a irmã de Thereza chega e há o anúncio de que elas teriam uma consulta médica em menos de uma hora. Pensei em remarcar a entrevista, no entanto acreditou ser uma "desfeita" com quem se arrumara tanto para receber a visita e que mostrara gostar de conversar. Assim, mudei totalmente a estrutura da entrevista e consegui, ao fim, quarenta minutos de gravação, com a certeza de que poderia ter obtido muito mais informações.

Tanto Thereza quanto sua irmã trabalharam na UNESP, mas apenas a primeira esteve na memória dos entrevistados e nas demais obras pesquisadas. Esta ingressou na FAFI em 1965 e aposentou-se na UNESP. Foi uma das principais executoras do Curso Piloto que, na época da Ditadura, chegou a ser o estopim de uma sindicância interna. Além disso, também foi protagonista nos projetos desenvolvidos pelas docentes do curso de Pedagogia que permaneceram no quadro da UNESP após o fim deste curso em Presidente Prudente. Projetos que, inclusive, ela transformou em um livro.

Na tarde do mesmo dia, 27 de janeiro de 2014, foi a vez de Alvanir de Figueiredo (APÊNDICE H), que, tal qual Marcos, foi diretor e vice em Presidente Prudente e que, como Thereza, parece gostar de conversa. De gravação, há uma hora e quinze minutos, mas a entrevista começou antes e terminou depois do "rec". Aliás, Alvanir anotou o número do meu

telefone celular e, no mesmo dia da entrevista, ainda ligou complementando alguns dados e sugerindo entrevistados. Toda esta simpatia e disposição ocorreram apesar de ele estar em recuperação de uma cirurgia de hérnia, que o deixava um pouco desconfortável se ficasse muito tempo na mesma posição.

Alvanir foi professor da FFCL de Presidente Prudente desde 1961. Parecia apreciar tanto o fator gestão que interrompeu um pós-doutorado na Sorbonne para assumir uma direção na UNESP. Em 13 de agosto de 1975 assumiu virou diretor da FAFI e permaneceu no posto quando da instalação da UNESP, em janeiro do ano seguinte. Deixou o cargo em 5 de agosto de 1979. Também foi diretor e vice em Marília. Nascido em São Vicente e graduado em Geografia e História, mudou-se para Presidente Prudente para lecionar na UNESP e ainda mora na cidade.

A última entrevistada foi Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri (APÊNDICE I), ouvida na manhã de 06 de fevereiro de 2014 em sua sala na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), onde trabalhava. Foram quase quarenta minutos de gravação e a entrevista mais "otimista" de todas: hoje, olhando para o passado, Lucia disse ver que a instalação da UNESP foi um grande aprendizado.

Formada em Pedagogia pela FAFI, começou a lecionar na instituição em 1971. Após a instalação da UNESP, teve o cargo transferido para Marília e, ao mesmo tempo, dava aulas em Assis e em Presidente Prudente. Quando voltou a esta cidade, inseriu-se no recém-criado Departamento de Planejamento para dar aulas de Administração, já que sua área de pesquisa e atuação sempre foi a administração escolar. Na Unidade de Presidente Prudente, participou ainda da elaboração do Plano Diretor para a prefeitura de Martinópolis, cidade também do Oeste Paulista.

Evidentemente, outro ponto essencial nesta pesquisa, além dos entrevistados, são as imagens. Uma dissertação que trata do método (TEIXEIRA, J., 2013), já problematizada neste trabalho, considerou que o número ideal de imagens a serem exibidas durante a entrevista deve variar entre cinco e dez. Assim, nesta pesquisa, optou-se por sete. A seguir, serão problematizados os contextos de obtenção destas imagens, os critérios da seleção e as análises realizadas[10], conforme discorrem os pressupostos da Imagem como Evocadora da Memória.

[10] As imagens 5, 6 e 7 já foram analisadas de maneira mais completa no artigo intitulado "Leitura Semiótica e reconstrução histórica: análise de imagens da manifestação pela manutenção da UNESP", publicado no periódico Discursos Fotográficos. O mesmo trabalho possui uma explanação resumida a respeito das teorias de análise das imagens (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2014).

Três pontos precisam ser destacados. O primeiro é que as análises aqui apresentadas não podem ser consideradas como "aprofundadas", já que este não é um dos objetivos desta pesquisa. Em segundo lugar, é necessário apontar que as imagens foram analisadas segundo os pressupostos teórico-metodológicos de Peirce (2000) e Bakhtin (1990). Por fim, é preciso apontar que as figuras aqui inseridas estão idênticas às mostradas durante a entrevista, inclusive a presença do texto, que podia – e foi – lido por alguns participantes. As imagens utilizadas, seus contextos e as análises são os seguintes.

Imagem 1 – Capa do número 5 do impresso *Carcará*, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de novembro de 1976.

Fonte: Arquivo pessoal – Eliseu Savério Spósito.

Esta é a imagem da capa do número 5, de novembro de 1976, do *Carcará*, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, da FCT/UNESP. A imagem, desenhada pelo professor Eliseu Savério Spósito, tratava o fechamento de vagas nas FFCL, com destaque para a Unidade de Presidente Prudente.

A ideia da utilização das charges nesta pesquisa partiu da professora Arilda, orientadora do projeto, ao relembrar de uma tese (LIMA, 2005) defendida sob sua orientação tempos atrás que acabara de ser lançada em formato de livro (LIMA; RIBEIRO, 2013). Em

contato com a autora da tese, Eunice, ela afirmou ter conseguido as imagens do *Carcará* com o professor Eliseu, que já estava na lista de entrevistados. Em contato via *e-mail*, Eliseu gentilmente separou os exemplares que possuía em uma pasta vermelha e deixou a minha disposição. Tais documentos foram digitalizados e os originais, devolvidos ao professor. Assim, obteve-se as duas primeiras imagens desta pesquisa.

Partindo para a análise semiótica da imagem, a primeira impressão a ser trabalhada é a que se refere à cor. Segundo a teoria de Peirce (2000), este é um ponto ligado à primeiridade. "Tratando-se de consciência instantânea, é não-cognitivo, original, espontâneo; é um simples sentido de qualidade [...]" (PIGNATARI, 2004, p. 44).

Neste sentido, há um apontamento que serve para todas as imagens deste trabalho, pois mesmo o simples preto e branco cabe nesta análise. Tanto nas charges quanto nas fotografias, trata-se da tecnologia de impressão da época, que ainda não permitia a cor em larga escala, como ocorre atualmente. Desta forma, esta análise em primeiridade ajuda a problematizar o contexto de produção.

Além da cor e das informações evidentes (como data de publicação e nome do jornal), esta primeira imagem há diversos pontos relevantes na primeiridade. Há duas oposições visíveis. A primeira é composta por uma janela fechada de inscrições para as Faculdades de Filosofia de um lado, e uma janela aberta de inscrições da FUVEST do outro. A segunda trata-se da contraposição do homem à esquerda, com característica dos estudantes de licenciatura, especialmente Geografia (roupas simples, cabelo meio longo e barba por fazer), em relação ao homem da direita, com aparência de militar da época da Ditadura (terno e gravata, óculos redondos, com bigode e careca).

Observe que até mesmo a disposição destas contradições é significativa: enquanto o interessado em cursos de Filosofia seria "de esquerda" e está deste lado, o militar seria representante claro da direita e também está nesta porção da imagem. Assim, então, pode-se observar a figura em seu contexto, que é, além da conjuntura de fechamento de cursos, a Ditadura Militar.

Ainda sobre o contexto, é necessário ressaltar que todas as madeiras que fecham a janela dos cursos de Filosofia, na imagem, possuem o nome de uma cidade da recém-criada UNESP com Faculdade de Filosofia. São as "seis irmãs", citadas por Vaidergorn (2003): Presidente Prudente, Assis, Marília, Rio Claro, Araraquara e São José do Rio Preto.

Assim, pode-se depreender que, na minha visão, é possível observar que a intenção dos produtores da imagem é de tanto se discutir o fechamento dos cursos e quanto se mostrar contra tal proposta. Esta observação seria, então, o signo em sua generalidade.

Imagem 2 – Capa do número 6 do impresso *Carcará*, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de março de 1977.

CARCARÁ

PESA MATA E COME

FILOSOFIA – PRUDENTE

LIQUIDAÇÃO

~~240~~ VAGAS

POR APENAS 80 VAGAS

APROVEITEM

EDITORIAL

Desta vez, vamos considerar a diminuição das vagas em nossa Faculdade, a procura nos vestibulares e os gastos individuais do estudante em P. Prudente,em 3 tempos.

1. Talvez a form direta e chocante em que está expressa a redução das vagas em nossa escola possa parecer sensacionalista, mas infelizmente é essa a realidade. De um Instituto Isolado com 6 cursos e 240 vagas anuais, nos restaram dois — cursos e oitenta vagas, alguma coisa assim que pode até ser chamada de resto.

Ao lado desse quadro, por si só já nada auspicioso, assinalamos a dois fatos básicos que contribuem para tornar ainda mais caótica a situação.

Enquanto na escola pública cursos e vagas são reduzidos, cursos esses gratuitos e com professores à altura e laboratórios e biblioteca bem equipados, oferecem uma formação até certo ponto razoável, de outro lado vemos as escolas particulares e seus cursos de fim de semana proliferarem, dobrarem suas vagas e despejarem certificados, cujos portadores, mais por deficiências dos cursos do que

E a existência dessas escolas foi decisiva na reforma universitária, pois o exemplo está aí: Assis, onde não existe outra faculdade a não ser a estadual, com 120 vagas, não teve mais que a proporção de 8,5 aluno por vaga, sendo uma cidade com um número de habitantes próximo à metade do número de P. Prudente, cidade esta que ainda perde na situação geral, pois se as 7 Faculdades de Filosofia totalizam 1400 vagas, dando uma média de 200 vagas, esta escola teve que se contentar com 80 vagas.

2. Quando da transformação da nossa Faculdade de Filosofia em Instituto (hierarquicamente inferior), a área básica ficou sendo Estudos Ambientais. Relacionados com essa área, estão, secundariamente, Geologia, e diretamente, Meteorologia e Ecologia, que tiveram respectivamente 331, 200 e 108 candidatos nos últimos vestibulares (3 dos 5 cursos mais procurados), mas nenhum existente neste Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais (IPEA). Se, por um lado, há uma grande procura por esses cursos, embora com perspectivas de saturação muito próximas, mas ainda não foram trazidos nos

Fonte: Arquivo pessoal – Eliseu Savério Spósito.

Outra capa da publicação, em seu sexto número, divulgado em março de 1977. Também tratava, agora mais claramente, a respeito da redução de vagas oferecidas na FFCL de Presidente Prudente após o fechamento dos cursos na instalação da UNESP.

Novamente, após a discussão sobre as cores da imagem e sobre os elementos legíveis, como data de publicação, cabe discutir os demais elementos da primeiridade. Pode-se ver, por exemplo, a representação do "Prédio da Administração" da FCT, com traços modernos para a época. À frente dele, uma placa com uma "liquidação": de 240 vagas por apenas 80. Esta era uma crítica evidente à redução de vagas, ainda mais se se levar em

consideração a ordem: a redução de vagas que representa a vontade da Reitoria está à frente da Faculdade de Presidente Prudente, se sobrepondo a ela e a sua vontade.

O contexto e a intenção, vale relembrar, são semelhantes ao da imagem anterior. O momento era de diminuição de vagas nos cursos, ocorrida no período da Ditadura Militar, enquanto que o objetivo das publicações era combater esta imposição da Reitoria.

Assim, pode-se problematizar também o potencial de crítica da charge, enquanto instrumento produzido intencionalmente para discutir determinado fim. No entanto, a intencionalidade também está presente em fotografias, pois estas também são construídas social e ideologicamente para certa finalidade. Um exemplo é a imagem a seguir.

Imagem 3 – Recorte da capa do jornal *O Imparcial*, de 28 de novembro de 1976.

O IMPARCIAL

União Diário da Região · Presidente Prudente, domingo, 28 de novembro de 1976 · Número: 7.941

ROBERTO SANTOS
Diretor Presidente
MARIO PERETTI
Diretor Responsável

Quase cinco mil pessoas na concentração da FAFI

ENSINO PUBLICO GA
PELO FORTALECIMENTO

Boeing 737 em Prudente:
até agora só esperança

Poderá ser iniciada a

Fonte: Biblioteca da FCT/UNESP.

A terceira imagem é da capa do jornal *O Imparcial*, do dia 28 de novembro de 1976. Trata da manifestação ocorrida no Ginásio de Esportes de Presidente Prudente pela manutenção da faculdade na cidade. O evento contou com a participação de diversas autoridades locais, de representantes do governo estadual e da atriz Aracy Balabanian, irmã de um professor da FFCL da cidade, Armen Mamigonian. Foi apresentada aos entrevistados da forma como é mostrada neste trabalho, possibilitando a leitura do texto de chamada.

De posse da informação de que o jornal *O Imparcial* sempre foi partidário da FAFI e, posteriormente, da UNESP, entrei em contato, por telefone, com a equipe da publicação. A

intenção era obter fotos sobre a manifestação de 1976. No entanto, o editor-chefe do jornal afirmou que os arquivos não estariam organizados e que, por isso, não poderiam ajudar na pesquisa.

Desta forma, coube ao mim, e a minha rinite alérgica, entrar na sala da FCT/UNESP com os arquivos de diversos jornais, encadernados e dispostos em estantes de madeira cobertas de pó. Após uma manhã de pesquisas, foram encontradas e fotografadas as duas imagens mostradas aqui, já que os arquivos não podem sair da sala. Não possuo memórias de um dia em que tenha espirrado mais do que neste.

A respeito da imagem, é oportuno verificar alguns detalhes relativos à primeiridade. Embora não seja possível discernir cada um dos membros da mesa do evento, a legenda da fotografia aponta que à frente está a atriz Aracy Balabanian, chamariz do evento. Ela e todos os demais presentes estão voltados para palavras de ordem como “ensino público” e “fortalecimento”. Além disso, ao expor grande quantidade de sujeitos sobre o palco, intenta-se mostrar a grande presença de pessoas “importantes”, passíveis de serem colocadas a discutir e discursar o assunto frente ao público.

A imagem, então, reforça a intenção do jornal de mostrar a relevância do evento e da participação popular, frente ao contexto de fechamento de cursos. Afinal, as ações governamentais deveriam ser feitas para o povo e, caso a Faculdade tivesse o apoio deste, imaginava-se evitar o corte na FCT.

A Imagem 3, publicada como chamada principal na capa do jornal *O Imparcial*, demonstra a importância dada pela publicação à manifestação. A cobertura completa também trouxe uma fotografia, no interior do periódico, que será analisada a seguir.

Imagem 4 – Recorte da página 2 do jornal *O Imparcial*, de 28 de novembro de 1976.

Quase cinco mil pessoas na concentração da FAFI

Fonte: Biblioteca da FCT/UNESP.

A quarta imagem apresentada aos entrevistados compõe o interior do jornal *O Imparcial* do dia 28 de novembro de 1976. Mostra o público presente na manifestação.

Na discussão desta imagem, são muito válidas as palavras de Machado (1984, p. 76): "toda fotografia, seja qual for o referente que a motiva, é sempre um retângulo que recorta o visível. O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significante, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada".

Assim, é possível perceber que o fotografado trata-se um local amplo e lotado de manifestantes. A imagem foi construída pelo fotógrafo com a intenção de mostrar esta grande quantidade de sujeitos presentes, ou seja, o recorte serve para mostrar grande participação popular. Reforça esta visão o ângulo da fotografia, frontal, que costuma dar a impressão de veracidade e realidade.

Outro detalhe relevante é a existência de uma caixa de som na imagem, voltada para aquele que fez a imagem – ou para quem a está observando. Desta forma, além de mostrar grande participação popular, há o indício da existência de mais gente aos lados (fora do

recorte da fotografia). Além disso, se a caixa de som for tomada como direcionada ao leitor da imagem, indica que a manifestação fala também com este, envolve o leitor no evento.

No entanto, a manifestação também foi destaque na imprensa nacional, por meio de publicações na *Folha de S.Paulo*. Algumas delas estavam acompanhadas de fotografias, que serão problematizadas nas páginas seguintes.

Imagem 5 – Fotografia publicada na página 12 do jornal *Folha de S.Paulo* no dia 29 de novembro de 1976.

Fonte: Acervo Folha.

Esta é uma fotografia que foi publicada no interior do jornal *Folha de S.Paulo* no dia 29 de novembro de 1976 e versava também sobre a manifestação de 1976, mostrando o público. Este foi o único periódico de circulação nacional que conteve imagens sobre o assunto.

As imagens 5, 6 e 7 foram encontradas na exploração de uma ferramenta que eu desconhecia, chamada de "Acervo Folha". Trata-se de uma página na internet que possui todas as edições desde 1921 dos jornais do Grupo Folha, entre eles a *Folha de S.Paulo*, digitalizadas e disponíveis para consulta.

Como teste, foi efetuada uma pesquisa do tipo Detalhada no jornal *Folha de S.Paulo*, com as palavras: UNESP Presidente Prudente. As três palavras foram inseridas no campo "Com Todas As Palavras", com delimitação de data entre os dias 01 de janeiro de 1975 e 31 de dezembro de 1976. Inicialmente, os resultados apontaram 34 páginas do jornal. Observei atentamente todas elas e apenas três possuíam notícias com fotografias sobre a manifestação. As imagens foram copiadas diretamente da página do Acervo e salvas para esta pesquisa.

Na análise da imagem, é salutar a citação de que, no jornal, a imagem traz a seguinte legenda: "Autoridades, políticos, professores, estudantes, a própria população – todos são contra a supressão de cursos no Interior". Neste sentido, Barthes (2009, p. 22) afirma que "[...] pela sua própria disposição, pela sua medida de leitura, [a legenda] parece

duplicar a imagem, isto é, participar na sua denotação". Este último é o caso da referida legenda.

A fotografia, com interpretação reforçada pela legenda, problematiza a intenção do fotógrafo de indicar a presença dos "mais de cinco mil manifestantes". Ao retratar, agora, com outro ângulo, há a tentativa de mostrar indivíduos "a perder de vista", principalmente pelo fato de que, ao fundo, quase já não é possível distinguir rostos e corpos das pessoas. Em complementação, o ângulo da foto traz a amplitude do lugar onde ocorre a manifestação, informação reforçada pela grande quantidade de janelas ao fundo, na parte superior.

Ainda tratando do ângulo da imagem, sabe-se que, ao se fotografar de baixo para cima, tende-se a conotar superioridade. Assim, a leitura complementa a ideia de que a vontade popular, daqueles sujeitos ali presentes, é mais importante e deve, desta maneira, ser soberana. Ou seja, novamente o jornal quis mostrar a abrangência e a grandeza da manifestação.

Na mesma data da publicação desta fotografia, outra imagem sobre a manifestação saiu em páginas da *Folha de S.Paulo*. Foi na capa da edição, com o intuito de prender a atenção ao leitor e convidá-lo a ler a notícia na íntegra, no interior da publicação.

Imagem 6 – Fotografia publicada na capa do jornal *Folha de S.Paulo* no dia 29 de novembro de 1976.

Fonte: Acervo Folha.

Esta foi a foto estampada na capa da *Folha de S.Paulo*, no mesmo dia da imagem anterior. Também mostrava a plateia e dava a impressão de lotação do espaço. É a mesma publicada pelo jornal *O Imparcial* (Imagem 4 – Recorte da página 2 do jornal *O Imparcial*, de 28 de novembro de 1976) e, portanto, a análise é também semelhante.

Uma diferença é que, por ter sido publicada na capa do jornal, é possível verificar a importância dada ao fato pela *Folha de S.Paulo*. E, ao mostrar este contingente de sujeitos presentes na manifestação, o fotógrafo e a publicação querem chamar a atenção do leitor para o texto completo, que encontra-se no interior do periódico.

É evidente, ainda, que as leituras imagéticas não terminam na própria fotografia. Trevizan (2002, p. 19), afirma que se deve "[...] completar este movimento receptivo pelo reconhecimento do uso social e ideológico dos signos, ativado pelo autor, na construção desta mensagem". Neste sentido, esta fotografia mostra a presença massiva de manifestantes com a intenção de convidar o leitor para a matéria completa, no caderno de Educação.

Dois dias antes desta divulgação, outra imagem já havia sido divulgada pela *Folha de S.Paulo* a fim de discutir e mostrar a não concordância com relação ao fechamento de cursos. A fotografia mostra o então presidente da ADUNESP, conforme será problematizado agora.

Imagem 7 – Fotografia publicada na página 13 do jornal *Folha de S.Paulo* no dia 27 de novembro de 1976.

Fonte: Acervo Folha.

Fotografia publicada no dia 27 de novembro de 1976, também na *Folha de S.Paulo*. Estampava uma notícia sobre a crítica da ADUNESP ao anteprojeto da UNESP. O retratado é o professor Ulisses Telles Guariba Netto, presidente da associação recém-criada, e divulgador das referidas críticas. Ressalta-se que este professor foi casado por sete anos com Heleny Telles Ferreira Guariba, militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) presa e torturada, desaparecida desde 1971. Pelas atuais investigações da Comissão nacional da Verdade, o último paradeiro de Heleny foi a chamada Casa da Morte, em Petrópolis. Ou seja:

poucos anos antes de enfrentar publicamente a instalação da UNESP, a mãe de seus dois filhos havia sido morta pela Ditadura.

Além da cor, na primeira análise desta imagem pode-se observar outros pontos relevantes para discussão do período de produção. Por exemplo, pode-se citar que retrata-se um professor com cabelos grandes e bigode, além de fumar no momento da foto. Estes fatores servem para discutir as diferenças entre o período da imagem e os dias de hoje, quando termo e gravata dão a impressão de responsabilidade e respeito. A imagem do docente é quase o retrato do homem médio da área de humanas na década de 1970, conforme problematizado na Imagem 1, por meio do desenho do homem que procura onde fazer inscrição para o vestibular das Faculdades de Filosofia. Outro detalhe a observar é o olhar do professor, voltado para o horizonte, como se observasse algo distante. Esta imagem é próxima ao retrato de um visionário, alguém com visão "para a frente".

No que tange à existência do signo, cabe uma análise da imagem por meio do contexto. Assim, vale ressaltar que a *Folha de S.Paulo* demonstrava, em diversas publicações, apoio ao não fechamento de cursos da UNESP. Conforme Alegre (2006), Perceu Abramo, então editor do Caderno de Educação do jornal, também havia demonstrado apoio em contatos telefônicos. Ainda no contexto situacional, é importante citar que outro periódico influente, *O Estado de S.Paulo*, apoiava a reestruturação. Além disso, Júlio de Mesquita Filho, nome dado à nova universidade, era um grande editor deste jornal.

Assim, faz certo sentido a cobertura imagética da *Folha* sobre a manifestação, bem como o silêncio d'*O Estado* a respeito do mesmo fato, que pouco noticiou. A fotografia abriu a interpretação sobre o perfil dos docentes da UNESP, pois trouxe o presidente da ADUNESP com uma imagem, pouco formal e caráter não conservador. São informações relevantes pois combatem versões de que os docentes eram contrários às mudanças por acomodação. Pelo contrário, a imagem de seu representante pode ser considerada até mesmo como progressista. É necessário ressaltar que ainda era o período de Ditadura Militar, quando imagens progressistas ou outras que representassem risco à situação vigente poderiam ser vistas "subversivas".

> O Estado que se organizava optou pela coerção (no sentido usado por Gramsci) como caminho para difundir a sua concepção de mundo. A chamada "limpeza de área" – na linguagem dos IPMs (Inquérito Policial Militar) – foi dirigida contra setores mais progressistas que, no governo anterior, tentaram alcançar hegemonia em sintonia com as classes populares/subordinadas, no bojo das campanhas das Reformas de Base (CUNHA; GÓES, 1985, p. 32).

Por fim, no signo em sua generalidade, a intenção é observar como a imagem cumpre a intenção de sua publicação, ao retratar um docente visionário frente à ADUNESP e, assim, representativo da UNESP.

Sobre a execução das entrevistas por meio da História Oral, é necessário destacar que elas foram divididas em dois momentos: um exclusivamente de questões orais (o roteiro da entrevista semi-estruturada encontra-se no APÊNDICE J deste trabalho) e outro cujos depoimentos foram colhidos com base nas imagens, ou seja, na primeira fase as perguntas solicitavam respostas enquanto que na segunda, o papel problematizador era das imagens. De toda forma, as informações a serem obtidas envolviam três pontos principais: a instalação (como a notícia do advento da UNESP chegou à Presidente Prudente e quais foram as reações a ela); impressões sobre a manifestação de novembro de 1976; e as consequências dos fatos. As imagens objetivavam basicamente os dois primeiros pontos, conforme se verá nas páginas seguintes, a começar pelo momento da instalação da UNESP.

4.1 Da Instalação

A publicação da Lei 952, de 30 de janeiro de 1976, foi o golpe que deixou, por décadas, cicatrizes no ensino superior de algumas cidades do interior paulista. Com a legislação, instalou-se a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e, a partir daí, decorreram as alterações nas denominações das Unidades (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente passou a ser Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais), nos cursos nelas oferecidos (Pedagogia, Ciências Sociais e Licenciatura em Ciências foram as perdas na cidade) e na vida de docentes, funcionários e alunos.

A publicação da lei foi resultado de uma atividade que já existia por trás das cortinas. Pela legislação, conforme já explanado, a forma ideal de organização do ensino superior era a universitária. Já existia a Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo (CESESP), chefiada por Luiz Ferreira Martins desde 1973.

Em contiguidade, no dia 24 de outubro de 1975 foi apresentado à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo o projeto de lei para a criação da Universidade, embrião da Lei 952. Apesar de ter tramitado em regime de urgência, houve um certo tempo entre a apresentação e sua consolidação, utilizado pelos deputados na discussão e na propositura de alterações. Segundo Corrêa (2006, p. 43), por exemplo:

> [...] o deputado Osvaldo Doreto Campanari, do MDB, propunha que o § 2º do art. 7º tivesse a seguinte redação: "Somente professores titulares da instituição poderão ser indicados para compor as listas tríplices [para escolha do reitor]", no lugar de "somente professores titulares poderão ser indicados para compor as listas tríplices", da redação original. A proposta de substituição, que ensejava obstruir a condução do professor Luiz Ferreira Martins à Reitoria da UNESP, não foi acatada.

Assim, Moacyr Expedito Vaz Guimarães foi nomeado reitor interino imediatamente após a instalação da UNESP, com a atribuição de dirigir elaboração das listas para a indicação do reitor que assumiria a instituição para o quadriênio seguinte. Luiz Ferreira Martins encabeçou a referida lista e assumiu a reitoria com a necessária aprovação do governador em 10 de março daquele ano. Entretanto, nesta pesquisa, sempre que se refere ao primeiro reitor, fala-se de Luiz Ferreira Martins, e não de Moacyr Expedito Vaz Guimarães, tendo em vista o caráter temporário deste.

Embora apenas a vontade de uma pessoa não seja suficiente para a instalação de uma universidade, pode-se dizer que isso foi um fator preponderante no caso da UNESP. Outros pontos importantes seriam a legislação universitária brasileira e a necessidade de se padronizar procedimentos e formas de organização das instituições públicas existentes então. Segundo Marcos Alegre (2013), "[...] havia um reitor, mas não tinha universidade. Precisava criar a universidade para dar ao reitor".

A professora Ruth Künzli (2013) comentou a este respeito:

> Inclusive, assim, dizem as más línguas – aí teria que buscar um pouco mais de informações – que, na realidade, a UNESP apareceu de uma briga do Luiz Ferreira Martins com os professores da USP, porque o Luiz Ferreira Martins queria ser reitor da USP e o pessoal da USP não queria o Luiz Ferreira Martins como reitor. Então criaram uma universidade, a UNESP, em que o colocaram como reitor para se livrar dele (KÜNZLI, 2013).

Assim, pelos depoimentos, depreende-se que várias foram as previsões para a FAFI. A professora Ruth Künzli (2013) também lembra que ouvia-se "falas de que a faculdade seria fechada". Alegre (2013) é outro que discorre a este respeito:

> Ele [Luiz Ferreira Martins] não falou para o público, e também nós não temos documento, ele foi muito esperto, não escreveu nada. Ele disse assim "Que tal fechar a Faculdade? Porque vocês estão numa cidade que não tem futuro. Então vocês vão para Marília, vão para Assis, vão para Rio Preto. Prudente... Assim como Franca também, não tem futuro" (ALEGRE, 2013).

Para a época, a opção levantada no depoimento do professor Eliseu Savério Spósito (2013) deveria ser pior:

> Verdade ou não, segundo depoimentos que já vão desaparecendo no tempo, o primeiro reitor da UNESP falou aqui em Prudente que o sonho dele era transformar esse campus aqui num quartel militar. E quando isso foi falado para aqueles professores mais combativos daqui, aí que eles combateram mais mesmo, aí que a reação se tornou mais forte.

Isso porque a "caça" aos professores de esquerda, tanto supostos quanto reais, já estava em plena execução dentro das universidades. Promovido pelo reitor e com a anuência até mesmo de alguns docentes, um "terrorismo cultural" já havia acontecido, por exemplo, na USP tempos antes. Tudo isso era para, entre outras coisas, "[...] a correção de certos 'desvios' esquerdistas – ou, melhor, para o expurgo dos esquerdistas que estariam infiltrados nas instituições de ensino superior" (CUNHA, 1988, p. 21).

Já a respeito da notícia da instalação da UNESP, não há consenso sobre como ela teria chegado a Presidente Prudente. Figueiredo (2014), questionado a este respeito, afirmou que "o reitor veio até aqui", à FAFI, para explanar o projeto. Outros docentes, como Ruth Künzli (2013), afirmam que Luiz Ferreira Martins veio à cidade apenas depois de oficializada a instalação da Universidade, mas antes do fechamento dos cursos.

Já na memória do professor Eliseu Savério Spósito (2013), a notícia veio pela Direção da Unidade.

> Pelo que eu me lembro foi o próprio diretor, na época, que era o professor Marcos Alegre, que veio com a proposta de "Olha, agora nós vamos ser uma universidade; isso é muito bom porque vai fortalecer, não seremos isolados"... Porque até o nome era esse: Instituto Isolado. Então ele veio entusiasmado com a notícia. E daquele tempo ele contaminou positivamente a maioria das pessoas "Olha, então se é bom, vamos achar que é bom também, não é?". Mas junto veio essa proposta de fechamento de cursos. Aí já não foi bom, porque a proposta era, segundo a geopolítica que a primeira reitoria traçou, fazer uma regionalização por áreas, como se os territórios, dentro do Estado de São Paulo, tivessem, entre aspas, alguma vocação. Quer dizer, aqui em Presidente Prudente, era Geografia. Não podia ter História, não podia ter Química, não podia ter Física, nada (SPÓSITO, E., 2013).

Naquele momento, entretanto, o diretor era Alvanir de Figueiredo, e não Marcos Alegre. Embora sem certeza, a professora Maria Encarnação Beltrão Spósito também se recorda de notícias vindas pela Direção. "Eu não me recordo bem, mas é provável que tenha sido o diretor de então. Uma das pessoas que eu mais associo a este período, de trazer as notícias, era o professor Alvanir de Figueiredo" (SPÓSITO, M., 2013).

Uma terceira possibilidade é trazida pela professora Helena Faria de Barros. "Diário Oficial. Mas o diretor também tinha ido para São Paulo e ele veio com a notícia, de uma

reunião dos Institutos, ele veio com a notícia de que se tinha sido criada, transformada" (BARROS, 2013).

Antes da oficialização, entretanto, conversas e especulações já existiam. A professora Rutk Künzli (2013) se recorda: "alguém tinha uma informação aqui, outro tinha uma informação ali, até o momento em que realmente a coisa veio cristalizada no Diário Oficial".

Por outro lado, há quase um consenso a respeito dos ânimos quando do recebimento da notícia na cidade. A maioria dos docentes ouvidos afirma que, no começo, a proposta foi bem recebida, pois se tratava de tirar o *status* de "isolamento" dos institutos e transformá-los em universidade. Após a "euforia" inicial, com a informação de corte de cursos, a visão passou a ser outra.

> Então, a notícia que veio, inicialmente, ela foi bem vinda, foi bem aceita, mas no momento em que houve a proposta de fechamento de cursos, a reação aqui foi muito grande. Porque eu acredito que só Prudente perdeu. Você pode ter tido algum fechamento de departamentos em outras Unidades, mas elas ganharam outros nesse rearranjo. Nessa dança das cadeiras, Prudente perdeu muitas cadeiras e não vieram outras para cá (SPÓSITO, E., 2013).

Para a professora Lucia Ferri (2014), não se pode falar em "euforia". O recebimento teria sido já com certo receio, apesar da consciência da importância de uma universidade. "[...] Mas o modelo, a gente tinha uma certa cautela com relação ao modelo de Universidade que estava sendo implantado. Existia uma cautela da nossa parte em relação a isso, dada a extensão territorial, todinho espalhado".

A professora Ruth Künzli (2013) lembra que, com as notícias contraditórias, "[...] criou-se um clima bastante alarmista [...]. A gente se mobilizou, a gente fez bastante movimentos aqui na faculdade e, [...] a gente fez um movimento, por exemplo, lá no Ginásio de Esportes [...]". Esta manifestação será abordada mais à frente.

Outro ponto cuja lembrança é semelhante em todas as conversas são os motivos para o fechamento dos cursos. É praticamente uníssona a justificativa de que a intenção era a não duplicação de meios para os mesmos fins. "Não duplicação de esforços era o lema" (FERRI, 2014).

Esta justificativa, propagada grandemente durante todo este período, estava em consonância com toda a política educacional para o ensino superior implantada durante o Regime Militar. Segundo Cunha (1988), as ações com relação às universidades deveriam deixar de lado os critérios da demanda social, que levaram à expansão de vagas, para assumir

posturas tecnicistas e economicistas, com foco em eficácia e na sustentação organizacional, financeira e funcional.

Docentes que permaneceram na Universidade, mas faziam parte de um dos cursos fechados, as professoras Lucia Ferri, Thereza Marini e Helena Faria de Barros têm esta mesma lembrança a respeito da Licenciatura em Pedagogia.

> [...] Eles resolveram ter um curso só em cada lugar do Estado. Então no Leste teria que ter uma, no Oeste uma, e assim. Em cada região do Estado teria que ter uma Faculdade apenas. Então, no nosso caso aqui, no caso de Pedagogia, tinha Marília e tinha aqui. Marília tinha mais doutor e acabou extinguindo o curso de Pedagogia aqui. E extinguiu outros. Foi extinto também Ciências, Ciências Sociais, que era um grande perigo na época. Ficou só Geografia. Agora, com o esforço dos professores a Matemática foi deixada (BARROS, 2013).

Encerrado o curso, mesmo continuando com duas licenciaturas no campus, foi fechado também o Departamento de Educação. “Então, por exemplo, eu era do Departamento de Educação, vou tomar a Educação como exemplo, e eles botaram lá na cabeça deles que dois ou um departamento de educação na universidade seria suficiente” (MARINI, 2014).

Até os professores de outros cursos, especialmente da Geografia, possuem lembranças a este respeito mesmo sem afetá-los diretamente. Ao falar sobre as supostas vocações das regiões atendidas pela UNESP, o professor Eliseu Savério Spósito completa: “em Marília tinha que ser tal curso, em Assis tal curso. Isso não existe, isso só se resolve, realmente, a partir de um projeto imposto. Porque não houve uma pesquisa de base, de aspiração, de vontade, ‘O que se precisa aqui?’” (SPÓSITO, E., 2013).

Reitera-se: estas eram características marcantes de projetos implantados durante o período da Ditadura Militar. Ideias como estas, de redução de custos e eficiência funcional independentemente das realidades de cada instituição, advêm dos ideais difundidos a partir de 1964 por meio do convênio MEC/USAID e de Rudolph Atcon. Cunha (1988, p. 324) considera “a difusão da ideia de privatização da universidade – erroneamente identificada à sua autonomia – o principal aspecto negativo da pregação deste consultor [Atcon]”. Falas como estas, sobre o funcionamento da universidade como uma empresa, não eram inéditas à época e continuam a ser repetidas atualmente.

No entanto, os docentes apontam que esta questão da “não duplicação de esforços para o mesmo fim” foi mais incisiva nos cursos de Ciências Humanas, especialmente aqueles tidos como “combativos”.

> Ele [Luiz Ferreira Martins] pretendia fechar cursos, ele não queria duplicar cursos. E alegou isso para fechar os cursos de Pedagogia e Ciências Sociais, principalmente, e, aproveitando o ensejo, fechou também a Licenciatura em Ciências e Estudos Sociais, que era um curso novo na faculdade. E não adiantou, quer dizer, a gente brigou e é interessante porque apesar de ele alegar que não queria duplicidade, o curso de Ciências Sociais ficou duplicado, porque ficou um curso em Marília e um em Araraquara. Então, não era questão só de duplicação (KÜNZLI, 2013).

Alvanir de Figueiredo, diretor na época da instalação da UNESP, também se recorda desta particularidade.

> [...] Muita gente que não queria que tivesse repetição de gastos com os mesmo fins, então não queria que tivesse Matemática em vários lugares, Geografia em vários lugares. Fecharam Geografia de Franca, daquela época. Rio Claro ficou. E mais ainda, tem lugares em que... Por exemplo, as Agronomias o pessoal não teve peito para fechar (FIGUEIREDO, 2014).

Embora o Quadro Comparativo presente na obra organizada por Corrêa (2006) não condiga com a realidade levada a cabo[11], ele serve de base para traçar um paralelo semelhante ao dito por Figueiredo. Lá consta que ficaram dois cursos de Agronomia: um em Botucatu e outro em Jaboticabal. Mas não foram apenas estas graduações que permaneceram "repetidas". Odontologia, apenas como exemplo, continuou a existir em três campi: Araraquara, Araçatuba e São José dos Campos.

> Essa ideia de não haver duplicação ou de haver um menor número de cursos do que o que havia foi tomando corpo cada vez maior. E o que é lamentável é que os critérios nem sempre foram técnicos, os critérios eram também políticos, ou seja, as unidades da Universidade, da futura Universidade, as faculdades que viriam a ser os campi da futura Universidade... houve um relação direta entre os que foram menos críticos tiveram menos cursos fechados, os que foram mais críticos tiveram mais cursos fechados. Isso foi notório (SPÓSITO, M., 2013)

Esta discussão a respeito do fechamento de cursos da área de Ciências Humanas para o fomento das demais também foi trazida à tona na problematização de outros autores. Para Cunha (1988, p. 317), por exemplo, este tipo de atitude era tratada como "modernização" e visava principalmente o ensino superior de jovens de classe média sob a ótica taylorista.

---

[11] No livro (CORRÊA, 2006, p. 52), consta, para o Quadro Comparativo, a seguinte fonte: "Cesesp, *Institutos Isolados do Ensino Superior. Diagnóstico e Sugestões*, 1975, p.8-10 e atas COPr", sendo que COPr é a sigla de Conselho Universitário Provisório. No documento, está escrito que a FAFI ficaria com os seguintes cursos: Estudos Sociais, Planejamento Ambiental, Matemática e Geografia. No entanto, a instituição permaneceu apenas com os dois últimos. Por isso diz-se que o quadro não condiz com a realidade que foi posta em prática. No entanto, no caso dos cursos de Odontologia e Agronomia, as informações estão corretas. Vide a histórico das instituições citadas.

> Com a modernização do ensino superior pretendia-se colocar a universidade a serviço da produção prioritária de uma nova força de trabalho requisitada pelo capital monopolista organizado nas formas estatal e privada "multinacional". Com essa finalidade, desenvolveu-se o ensino a nível de pós-graduação e toda a ênfase foi dada aos cursos de ciências (exatas?) e de tecnologia, bem como de ciências econômicas, nas quais se ensinava uma das línguas oficiais do poder.

Diante do fechamento dos cursos, entretanto, os docentes da FAFI não ficaram de braços cruzados. Duas frentes foram criadas, a partir de então: propostas para a criação de novos cursos e lutas públicas contra o projeto de instalação da universidade com o encerramento de algumas graduações.

Na primeira atitude, tem destaque o papel dos professores Alvanir de Figueiredo e Marcos Alegre, então Diretor e Vice-Diretor do recém-criado IPEA/UNESP. Diversas foram as propostas. Pelo que pôde ser colhido nas entrevistas, foram construídos projetos para implantar, no mínimo, os cursos de Ecologia, Administração Pública, Arquitetura e o único que obteve êxito: Engenharia Cartográfica. "[...] Nós preparamos onze cursos [...]" (ALEGRE, 2013).

Figueiredo se recorda de outra graduação que, desencorajada à época, foi implantada cerca de 25 anos depois. "[...] Quando eu estava como Diretor, eu tentei criar Arquitetura aqui" (FIGUEIREDO, 2014).

> O povo queria Engenharias, não queria Filosofias. Nem sabia o que era uma Filosofia. [...] Chega o reitor, diz que fecha esses cursos e coloca no lugar cursos... porque a gente tinha estudado para por Agronomia, Zootecnia, Administração, Ecologia, e ele prometeu. Então tudo bem, foi uma beleza. [...] O reitor – isso foi em novembro – "O primeiro curso que eu vou dar para vocês é Ecologia" (ALEGRE, 2013).

Ainda segundo as memórias docentes, todas as tentativas eram fomentadas pelas promessas do recém-empossado reitor. Recordam os docentes que, recebidos os projetos, Luiz Ferreira encaminhava o curso para outro campus.

> [...] Nós, muito ingenuamente, montamos uma comissão, eu e vários professores, inclusive da USP, para montar um currículo de Ecologia. Montamos um senhor currículo de Ecologia, aí chegou as férias, dezembro, e ele foi viajar. Foi até Israel. Quando ele voltou, nós entregamos o currículo para ele. Ele viu o currículo e falou "Está muito bom e tal, mas não serve para vocês, vou mandar para Rio Claro" (ALEGRE, 2013).

Pelas lembranças dos dois professores, a graduação em Engenharia Cartográfica obteve sucesso por causa de uma estratégia da Direção:

> Então a gente, com a Geografia, a Matemática era para fechar, aí deu aquela ideia também de se criar o curso de Engenharia Cartográfica e aí foi malandragem minha, não tem nada do... eu montei o curso de Engenharia Cartográfica como habilitação da Geografia. Aí o "Ah, esse vocês podem montar" (ALEGRE, 2013).

E esta atitude também foi proposta com o intuito de tentar manter alguns docentes.

> O primeiro curso a ser agregado foi eu que criei, isso eu tenho certeza. Foi Engenharia Cartográfica, que [...] absorveria o pessoal de meio ambiente, absorveria o pessoal de Botânica eventualmente. Então, se você pegar, muita gente, eu mesmo dei aula na Engenharia Cartográfica. Tem a área de Matemática e absorveria também aquele pessoal, da Física, da Matemática (FIGUEIREDO, 2014).

O novo nome da Unidade também partiu deste anseio de se aproveitar o que sobrara da instituição, tanto em termos de docentes quanto de pesquisas e de outros fatores. Alvanir de Figueiredo (2014) lembra-se mais sobre este assunto:

> Eu propus o seguinte: alguma coisa que aproveitasse o Ambiente para não botar na rua o pessoal da Biogeografia, aquele pessoal da Botânica e tal. [...] Porque o Reitor, o Luiz Ferreira Martins, que era veterinário e dava aula da parte de Biologia na Faculdade de Odontologia de Bauru, ele era contra essas Filosofias. Era contra. Ele queria era institutos de pesquisa.

Tanto o novo nome da instituição quanto o único curso que conseguiu autorização da reitoria para ser criado estão ligados à onda de modernização trazida a partir de 1964, que dava preferência aos cursos da área de exatas. Mas "Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais" e "Engenharia Cartográfica" também estão têm relação a um outro fator: "impedir que o 'vírus' ideológico dos estudantes de cursos de mais tradição de mobilização, como os de Ciências Sociais, por exemplo, 'contaminasse' os de menos tradição [...]" (CUNHA, 1988, p. 83).

Um ponto marcante a respeito dos fatos que permeiam a instalação da UNESP é a colação de grau da professora Maria Encarnação Beltrão Spósito, na qual ela foi oradora. Foi em 1977, o reitor estava presente e a então aluna da turma, crítica e combativa como se espera de quem foi presidente do Diretório Acadêmico nos tempos de Ditadura, proferiu um discurso contrário ao que ora se colocava em prática, como o fechamento de cursos e demissão de docentes.

> Ele ouviu o discurso dela de costas. [...] Ele ficou olhando para lá, para cá, não respeitou o discurso. E foi um discurso crítico contra o fechamento de cursos também, por uma universidade, realmente, do conhecimento, uma universidade mais livre. (SPÓSITO, E., 2013).

Este dia foi especialmente marcante para duas pessoas. Além da própria oradora da turma, a professora Thereza Marini foi personagem extremamente importante.

> Ele [Luiz Ferreira Martins] volta na formatura de 77, já como reitor, naquela época o reitor vinha às formaturas, e é essa a formatura em que eu acabei sendo a oradora e que ele levanta e dá as costas para mim. Primeiro porque realmente se lembrou de mim como aluna e, claro, sobretudo por causa do conteúdo do discurso. E nesse dia também, foi muito bom porque estavam na primeira fila de professores – foi uma formatura na APEA [Associação Prudentina de Esportes Atléticos], no salão da APEA – o professor Márcio Antonio Teixeira, o professor Armen Mamigonian, a professora Thereza Marini, todos eles se levantam, batem palma para mim, em protesto a ele. Eu paro o discurso, fiquei muito, muito, muito chateada, você está fazendo um discurso e alguém se levanta, dá as costas, é o reitor. Eu não sabia se eu devia continuar. Eu lembro que a Thereza Marini subiu três degraus, ficou em pé ao meu lado – ela tinha sido minha professora – e falou "Você vai falar o discurso até o fim, eu fico em pé aqui ao seu lado". Acabei falando o discurso até o fim, desci a escada com a perna tremendo. Uma parte grande dos alunos me aplaudiu, mas também houve quem vaiou, havia também quem desgostasse dessas manifestações políticas, enfim (SPÓSITO, M., 2013).

Evidentemente, o fato foi mais marcante para a oradora. No entanto, a professora Thereza Marini também se recorda deste momento. Até porque o histórico de Marini também é de combatividade: ela havia coordenado a execução do chamado Curso Piloto anos antes.

> [...] Eu me lembro que ela preparou um discurso muito interessante, um discurso muito pensado a respeito do ensino superior, e enfim. Do ensino universitário. E aí, acho que o Reitor estava, eles levantaram-se para sair, e a Carminha diz e foi mesmo, que eu falei "Você não pare! Fique aí, não pare!". Porque nós sempre tivemos esse pensamento de Universidade. Quem estava ali eram aqueles que tinham criado aquela confusão (MARINI, 2014).

Após a primeira parte das entrevistas, que foi essencialmente de perguntas e respostas, teve início o a conversa com o incentivo das imagens, citadas no início deste capítulo. Duas destas imagens podem contribuir para a discussão deste tópico, "Da Instalação". São as duas primeiras.

Vale destacar, ainda, que as reações a estas duas imagens, em específico, são diversas, mas podem ser divididas em dois grupos: aqueles que apoiavam a publicação do informativo *Carcará* (considerando que ele era uma publicação considerada de "esquerda") e os que eram contra. Não é intenção desta pesquisa delimitar a posição ideológica de cada entrevistado ou dividi-los entre os dois grupos. Esta observação consta apenas com o intuito

de problematizar a negação implícita de alguns docentes em conversar a respeito da publicação, em contraposição ao entusiasmo de outros.

A respeito da "Imagem 1 – Capa do número 5 do impresso *Carcará,* órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de novembro de 1976", o professor Eliseu Savério Spósito discorreu com bastante ênfase, até porque ele é o autor da imagem. Segundo ele, a intenção era mostrar que as Faculdades de Filosofia estavam fechadas, não recebiam inscrições para vestibular.

Já sobre os personagens retratados, o docente relata que não eram pessoas específicas. "[...] O barbudo, que era o exemplo da Filosofia. Quem quer fazer Sociologia, Geografia, História, tinha que ter barba, óculos e cabelo comprido. E aqui um com cara de militar, né. Com bigode, meio careca" (SPÓSITO, E., 2013).

Ainda segundo ele, a confecção do informativo era feita fora do horário de funcionamento da Faculdade. "[...] A gente ficava, às vezes, uma ou duas noites fazendo jornal, no dia seguinte passava no mimeógrafo a tinta e tal e distribuía por aí" (SPÓSITO, E., 2013). A professora Maria Encarnação Beltrão Spósito também se recordou do processo de execução do jornal. "Isso era feito, geralmente, à noite. Imagina que não tinha xerox. [...] Isso era mimeógrafo. Então você tinha que rodar esses mimeógrafos. Esse deve ter sido um dos primeiros, está aqui número cinco" (SPÓSITO, M., 2013).

As docentes Leny Teixeira e Ruth Künzli, ao olharem esta primeira imagem, mencionaram outro viés da publicação. Segundo esta última, "[...] alguns viram no *Carcará* às vezes matérias ofensivas, mas de qualquer forma a gente via que era um órgão combativo também" (KÜNZLI, 2013).

> Na realidade, o *Carcará* fez notícia mesmo quando ele começou a falar mal dos professores. Porque até então, entendeu, circulava mas não tinha tanto ibope. Mas na hora em que ele começou a falar mal, mas um mal pesado, inclusive de coisas particulares dos professores, aí ficou [...] famoso, né (TEIXEIRA, L., 2013).

Cabe ressaltar, a respeito do procedimento da Imagem como Evocadora da Memória, que não se pode escolher ou prever qual lembrança a imagem trará e se trará alguma recordação. Ilustra esta propositura a fala da professora Thereza Marini quando apresentada à Imagem 1:

> [...] Nesta figura aqui, sabe de quem eu me lembro? De um secretário que nós tivemos aqui e que... houve uma época em que foi aberta, pelo governo estadual, uns fóruns de debates dentro das universidades. E nós, nesta ocasião, nós fizemos, como a USP fazia, pararam as aulas e nós fizemos um grande fórum de discussão em favor

> da universidade livre, autônoma, etc., e aí tinha um secretário que era um dos olheiros que promoveu uma abertura de uma sindicância aqui na UNESP e que eu coordenava o trabalho. E aí nós fomos chamados por esta investigação, veio uma comissão aqui, e eles queriam pegar algumas cabeças (MARINI, 2014).

Ao aprofundar a discussão sobre o *Carcará*, na "Imagem 2 - Capa do número 6 do impresso *Carcará*, órgão informativo do Diretório Acadêmico 3 de Maio, referente ao mês de março de 1977", o professor Eliseu Savério Spósito lembrou-se de mais detalhes da produção do informativo. "[...] Tinha participação também do Mauro Bragatto, ele estava junto. [...]. E como eu estava na minha sala, eu pegava da administração uma máquina de datilografar elétrica [...]" (SPÓSITO, E., 2013).

Na continuidade da conversa a respeito da figura, o docente também comentou a respeito de como a Faculdade ficava vazia à noite, com o fechamento dos cursos.

> [...] quando acabou Ciências Físicas e Biológicas, não tinha mais nada à noite. E antes, como Ciências era só à noite, o que a gente chamava da cantina, que era onde está lá o Diretório Acadêmico, era um movimento tremendo. Tanto que tinha música, jogo e o pessoal esperava o intervalo para ir para lá (SPÓSITO, E., 2013).

Lembrança semelhante afirmaram ter as professoras Ruth Künzli e Leny Teixeira, instigadas pela mesma imagem, que trazia a informação de redução das vagas de 240 para 80. "É o que eu falei para você: nós quase fechamos isso aqui. Você andava aqui, estava às moscas, não tinha ninguém" (TEIXEIRA, L., 2013).

> A gente dava aula à noite, como eu disse, e era sempre movimentado, porque tinha o curso de Geografia, de Estudos Sociais, Pedagogia à noite, né? E aí, depois dessa "fechação" de cursos aí tal, a gente estava conversando à noite e aqui tudo vazio, só tinha uma ou duas classes iluminadas, não tinha gente circulando quase, então a gente estava assim comentando a tristeza que dava de você ver aquela faculdade que fervilhava, que borbulhava, e de repente aquela pasmaceira, aquela coisa... sabe, assim, quase que abandonada. Então, é, fez um mal muito grande para a gente esse fato, esse fechamento dos cursos, foi uma coisa muito chocante (KÜNZLLI, 2013).

Não custa relembrar que esta proposta de fechar cursos da área de Humanas ocorreu em decorrência das demandas dos grupos que assumiram o poder frente ao Golpe Militar. Segundo Saviani (2011, p. 374), este ponto foi um dos utilizados para "vincular mais fortemente o ensino superior aos mecanismos de mercado e ao projeto político de modernização em consonância com os requerimentos do capitalismo internacional".

Reitera-se que, quando se apresenta uma imagem ao entrevistado, sob a ótica da evocação da memória, não se pode controlar quais recordações a imagem vai suscitar. Por vezes, partindo do exibido, o docente avançava para assuntos diversos. Ainda assim, as

memórias obtidas são extremamente importantes, como é o caso da reação da professora Helena Faria de Barros à imagem 2, que a fez lembrar-se da evolução predial da Faculdade.

> Diminuíram as vagas, diminuíram os cursos, não tinha ninguém. E o prédio era só... sabe onde está a Administração, ali na frente? [...] Ali era da administração, e o segundo prédio, o prédio dos professores ali. Então, só tinha ali onde fica a Geografia, nem a Administração não tinha no começo, só ali. Então as salas eram ali, a administração era ali, era só o primeiro lance (BARROS, 2013).

A partir daí, a entrevistada passou a discorrer sobre os demais campi da UNESP e lembrou-se que Assis e Marília tinham bons prédios, embora não suficientes para suprir a demanda. E também recordou-se das instalações pelas quais da FAFI passou até se fixar no local onde está atualmente, bem como de fatos ocorridos neles.

> Aqui começou lá no que a gente chamava de Martins Fadiga, um prédio que nem Casas Bahia, que tinha embaixo assim e em cima era a universidade. E o elevador parava, de vez em quando tinha que subir a pé. Depois é que passou para lá, onde está hoje, mas não tinha asfalto, não tinha ônibus, com chuva tinha que subir andando num barro danado até lá. Demorou bem, acho que levou quase um ano para ter o asfalto ali em frente e o ônibus com os estudantes subir até lá. E começou no Martins Fadiga, mas o Martins Fadiga já foi o segundo porque o primeiro local foi lá naquela escola vizinha do Tiro de Guerra. Começou ali e depois foi para o Martins Fadiga e depois foi para lá. A prefeitura fez apenas um lado e juntou tudo lá e hoje está no que está (BARROS, 2013).

Este fato, de se transferir as instituições de ensino superior para pontos distantes da área central das cidades, foi observado como regra geral especialmente após o Golpe de 1964 e a consequente ótica liberal que permitiu o crescimento do ensino privado. Esta mudança também teve como foco a visão mercantilista da universidade e economia de custos.

> Assim, ao mesmo tempo em que as universidades públicas abandonavam os centros urbanos, as universidades privadas expandiam aí suas instalações. Embora esse processo segregacionista e monumentalista tenha sofrido uma inflexão ainda que tardia, os problemas advindos da segregação espacial das universidades públicas já não encontravam solução fácil nem barata (CUNHA, 2010, p. 182).

Voltando às narrativas obtidas, outros depoimentos também traçaram caminho semelhante: ao ver a imagem do atualmente chamado de Prédio da Administração, emergiu a memória do histórico de construção da UNESP. “Essa aqui é exatamente do ano logo seguinte à criação da UNESP, em que, então, já havia esse prédio da Diretoria. Porque, no começo, não existia esse anexo aqui” (SPÓSITO, M., 2013).

Em síntese, os depoimentos citam que a vontade de Luiz Ferreira Martins foi o motivo principal da instalação da nova universidade e que, além disso, a vontade inicial dele era fechar a FFCL de Presidente Prudente, como parte da "caça" aos esquerdistas, supostamente infiltrados no ensino superior (CUNHA, 1988). Não há consenso sobre a forma de chegada da notícia da instalação da UNESP em Presidente Prudente. Há citações sobre uma fala do reitor, da Direção da Unidade e da Imprensa Oficial, de forma que uma definição não é possível. Entretanto, a maioria dos depoimentos fala de uma euforia inicial quando do recebimento da notícia, seguido de um grande receio.

Ainda sobre este tópico, é recorrente que a justificativa para fechamento dos cursos foi a não duplicação de meios para fins idênticos, clara alusão à política educacional implantada com a Reforma Universitária de 1968, que incutiu no ensino superior uma mentalidade semelhante à de uma empresa. É importante notar, por outro lado, que esta "não duplicação" se voltava basicamente aos cursos da área de Humanas, também em consonância com os pressupostos modernizantes da já referida reforma educacional, que dava atenção ao fomento de cursos das áreas de Exatas e Tecnologia (CUNHA, 1988). Este fato se confirma também tanto com o novo nome da instituição de Presidente Prudente (Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais) quanto com os depoimentos que citam diversas propostas de novos cursos para Presidente Prudente encaminhadas à Reitoria, de forma que apenas a Engenharia Cartográfica, da área de Exatas, foi aprovada.

Após todos estes fatos, ocorreu uma formatura com a presença do reitor, na qual o discurso foi marcadamente combativo. Com a apresentação das imagens, além das repetições daquilo que já havia sido dito, depoimentos narraram a maneira de confecção dos jornais e suas imagens, mas também reiteraram a postura combativa e, por vezes, ofensiva da publicação. Assomaram também memórias desconectadas do ponto retratado mas que reforçam o caráter que as imagens têm de evocar memórias, como a época do projeto piloto executado pela professora Thereza Marini e a evolução predial da FAFI.

Pode-se depreender, então, que as reações às imagens apresentadas são diversas, desde o silêncio, passando pelos relatos que já eram esperados, até chegar mesmo em assuntos para muito além daquilo que foi retratado. Assim, cabe continuar na discussão destas imagens e as memórias emergidas a partir delas a respeito da manifestação ocorrida no Ginásio de Esportes de Presidente Prudente, tema do próximo tópico.

4.2 Da Manifestação

Em 27 de novembro de 1976, segundo as notícias publicadas nos jornais *O Imparcial* e *Folha de S.Paulo*, reuniram-se cerca de cinco mil pessoas no Ginásio de Esportes de Presidente Prudente para a manifestação pelo não fechamento de cursos na UNESP da cidade. E é destas publicações que vieram as outras cinco imagens discutidas durante as entrevistas, cujas memórias evocadas serão problematizadas a seguir.

O mês de novembro de 1976 foi marcado por de discussões, tumultos, e protestos, em diversos locais, por causa das ações intransigentes da nova reitoria. Além das atividades ocorridas em Presidente Prudente, "a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo registrou [...] várias manifestações de deputados, em geral da bancada do MBD, estranhando, protestando, divulgando documentos e solicitando providências para que o reitor da UNESP reconsiderasse as mudanças [...]" (CORRÊA, 2006, p. 49).

Sem a apresentação das imagens, é interessante destacar o que foi dito das memórias sobre a organização e sobre a divulgação do evento. A manifestação foi encabeçada pelos professores da então FAFI, com destaque para a liderança do professor Armen Mamigonian. "Nessa época eu era vice-presidente do Diretório então não apenas participei como ajudei na organização. O professor Armen era o líder, eu era, inclusive, orientanda dele, mas eu estava ali porque eu era vice-presidente do Diretório" (SPÓSITO, M., 2013).

> Realmente, a gente conseguiu um público muito bom, que a gente conseguiu através de "N" divulgações e tal. E como eu disse, quer dizer, o grande chamariz foi a Aracy Balabanian. Quer dizer, aí o Armen deu um golpe de mestre, não é? Porque ele trouxe a irmã dele, que na época estava no auge, e ela foi muito contundente na fala dela. Foi interessante porque eu passei a admirá-la muito pela consistência da fala dela. E eu acho que ela convenceu bastante gente (KÜNZLI, 2013).

Algumas das várias frentes de divulgação foram panfletagem e fixação de faixas pela cidade, anúncios nas escolas (especialmente para os alunos em vias de concorrer a vagas no ensino superior) e informação pelos meios de comunicação, como jornais e rádios. A presença da atriz Aracy Balabanian já era comentada nestas oportunidades, como mais um elemento a aglutinar participantes. "Ela [a Aracy] veio em solidariedade ao irmão, o Armen" (FIGUEIREDO, 2014).

> Se foi na cidade inteirinha, na rádio, nas rádios da cidade, nas escolas de segundo grau, convidando as pessoas a lutar, a ir ao Ginásio de Esportes, porque o fechamento de cursos prejudicaria os alunos, que teriam menos vagas para o vestibular. [...] Então, com esse recurso, se entrava em todas as salas de segundo ano

> do colegial, que chamava segundo ano do colegial, ou terceiro ano do colegial para dizer 'Vão ao Ginásio de Esportes' e entregavam um folhetinho. E com essa vinda da Aracy Balabanian, que seria, vamos dizer, um chamariz também para as pessoas irem. Se organizou faixas, o Diretório Acadêmico pagou uma parte, os professores outra. Se mandou pintar as faixas e distribuiu em vários pontos da cidade. Aí, mais os meninos do que eu, os meninos do Diretório iam e amarravam as faixas durante a noite. Durante o dia a polícia tirava, depois punha de novo (SPÓSITO, M., 2013).

Entre os entrevistados, houve também que dissesse se lembrar de pouca coisa. Alguns são os professores Marcos Alegre e Lucia Ferri. O primeiro disse não ter muitas lembranças porque estava em viagem.

> Eu não estava aqui. Estava em São Paulo. Mas foi, a gente fica sabendo, uma manifestação pública. E quem atraiu o povo foi especialmente a irmã do Armen, porque ela era uma atriz de grande fama. Então, ela chegando, o pessoal não estava nem aí com a Faculdade (ALEGRE, 2013).

Já no caso da professora Lucia Ferri a justificativa é que ela teve licença-maternidade. "Então eu não estou recordada de estar presente. Tenho conhecimento de que houve, mas acho que não estive presente em função de que eu tive dois afastamentos de licença gestante no período [por volta de 1976]" (FERRI, 2014).

Somados aos relatos dos que pouco se lembram, há os depoimentos daqueles que participaram de fato do evento, como o professor Eliseu Spósito. Ele disse se lembrar tanto do evento, quanto da preparação e da dispersão.

> [...] teve uma repercussão, isso aí talvez você possa ver até pel'O Imparcial, teve uma repercussão local muito grande. Pelo estrelato da Aracy Balabanian e pela causa, porque naquele momento O Imparcial era muito simpático às causas da FCT, apesar de dizer que aqui era um antro de comunistas, porque um dos colunistas deles, o Barbosa da Silveira, tinha feito Sociologia aqui, o curso que fechou. Então ele também vestiu a camisa, ele também ficou ofendido com esse fechamento de curso (SPÓSITO, E., 2013).

E não foi apenas a imprensa local que divulgou o evento. Jornais nacionais, como a *Folha de S.Paulo*, também deram espaço à manifestação. Cabe lembrar que este periódico era sensível aos anseios dos professores e alunos organizadores do evento.

> [...] teve muita repercussão, a imprensa local foi, saiu noticiado. Isso também deixou o Luiz Ferreira Martins extremamente aborrecido porque, enfim, tornou público. Aquilo que era uma coisa interna acabou se tornando pública. A imprensa, no geral, noticiou. Eu não sei, eu não me lembro se saiu na imprensa de São Paulo, Folha e Estadão. Mas eu acho que saiu porque foi muito grande o movimento (SPÓSITO, M., 2013).

A respeito da quantidade de pessoas presentes, um ponto é importante destacar. A maioria dos entrevistados disse se lembrar de muitos participantes e do Ginásio de Esportes lotado ou quase isso. A única discrepância é a professora Helena Barros, que disse ter participado da manifestação mas também afirmou se lembrar de pouca participação popular. “Nós todos, os professores, falando para o público, que não foi muito, embora a gente tenha divulgado muito, falado pela cidade toda, pouca gente foi” (BARROS, 2013).

Ela ainda diz se recordar que a participação da população era pequena, mas os professores permaneciam ativos.

> [...] nessa grande assembleia do Ginásio de Esportes, a Aracy estava presente, porque o irmão dela era professor na Geografia. E ela veio para ajudar a divulgar o trabalho que a gente estava fazendo. Foi bom. Mas o povo mesmo não participou muito. Algumas pessoas compareceram e continuaram ajudando, mas a gente não conseguiu movimentar a cidade toda (BARROS, 2013).

Vale lembrar que, neste momento, nem a professora Helena Barros e nem os depoimentos a seguir, que se recordam de grande quantidade de pessoas presentes na manifestação, haviam visto as imagens utilizadas nesta pesquisa. Pelo menos os professores Maria Encarnação Spósito, Eliseu Spósito, Ruth Künzli e Leny Teixeira disseram se recordar que “lotou o Ginásio de Esportes” (TEIXEIRA, L., 2013).

> Mas enfim, o evento teve muita repercussão, porque houve muita gente, o Ginásio de Esportes era, naquela época, o maior espaço público da cidade, não tinha o Prudentão. Então, não sei o tamanho que ele tem, mas eu me lembro, assim, dele praticamente cheio. Se não foi cem porcento, noventa porcento lotado (SPÓSITO, M., 2013).

Antes de problematizar as memórias evocadas pelas imagens, outro ponto vale ser comentado. O professor Eliseu Spósito (2013) disse se recordar que, ao fim da manifestação, todos saíram “em grupos grandes, todos andando a pé”. E não é apenas ele que afirmou se lembrar deste fato:

> Houve a decisão dos professores e alunos que lideraram de saírem todos juntos, todo mundo tem que sair junto, ninguém pode pegar ônibus – naquele tempo, eu até tinha carro já – ninguém pode pegar o carro sozinho, todo mundo tem que ir em três, quatro... houve uma toda uma organização, com medo de que alguém, enfim, fosse preso, detido ou sofresse alguma represália. Naquele dia não aconteceu nada. Até porque estava a imprensa, porque era mais rádio aqui na cidade, as rádios no local, noticiando, levando ao ar as notícias, então acabou não acontecendo nada (SPÓSITO, M., 2013).

Cabe ressaltar que a bibliografia disponível sobre a instalação da UNESP destaca fortemente a atuação do professor Alvanir de Figueiredo, embora na entrevista esta faceta tenha se mostrado muito pouco. Corrêa (2006), por exemplo, o cita como a mais destacada das poucas vozes dissonantes no primeiro Conselho Universitário. Além disso, na mesma obra é citada a fala dele ao fim das discussões para a votação do anteprojeto de criação da UNESP. "O professor Alvanir de Figueiredo, da FFCL de Presidente Prudente, pediu a palavra para fazer 'um réquiem às FFCLs, por várias razões, pois deem-me uma faculdade de filosofia e eu faço uma universidade [...]'" (CORRÊA, 2006, p. 50).

Já com a apresentação das imagens, outras lembranças foram citadas pelos entrevistados, das mais variadas possíveis. Recordações estas que se transformaram em assunto para perguntas e respostas entrevista, entre a apresentação de uma imagem e outra. As discussões a seguir têm como base as imagens 3, 4, 5 e 6, que são semelhantes com relação ao assunto e foram mostradas de forma orgânica e sequencial nas entrevistas. Assim, um dos assuntos discutidos com base nas imagens foi as palavras da atriz Aracy Balabanian no evento.

> [...] ela usou o microfone e como artista ela sabe usar o microfone. Falando a favor da escola pública, gratuita, de qualidade. Que fechar cursos não é bom. Mais ou menos assim. E ela nem terminava de falar e a turma já aplaudia. Uma frase, aplaudia e tal. Porque o discurso dela não foi muito longo, mas foi o principal do dia. Foi tudo preparado para ela falar mesmo (SPÓSITO, E., 2013).

A professora Leny Teixeira, questionada após a apresentação da imagem, disse não se lembrar exatamente das palavras de Aracy, "[...] mas todos que vieram falaram a respeito da importância da universidade pública gratuita, falaram sobre isso" (TEIXEIRA, L., 2013). Ela comentou se lembrar também de um debate e de um show, ambos com o mesmo intuito da manifestação. Entretanto, não conseguiu precisar data ou local.

Além de lembranças sobre o conteúdo do discurso da atriz, ela tornou-se referência para as explicações de alguns entrevistados. Assim, partindo de Aracy, ou de sua atuação junto ao público, o professor Eliseu Spósito falou sobre sua localização e sua movimentação no Ginásio de Esportes naquela noite.

> Isso, eu me lembro de estar olhando para cá. Isso mesmo. Então, eu me lembro dela, porque a gente estava bem à frente. Não dá para ver se eu estava aqui, né. Mas a gente não parava... Não parava, ficava andando o tempo todo. Posso estar aqui em cima, aqui, em qualquer lugar. E ela de pé, a gente olhando de baixo, ela de branco, falando e tal, aquele entusiasmo. Eu devia estar aqui embaixo. Você vê: gente de pé aqui. [...] Para você ver: eu não lembrava mais... Para você ver como as imagens

> ficam na cabeça: eu, vendo ela falar aqui, e realmente... Se ela estava falando aqui, o Ginásio é um quadrado né, então ele tinha gente dos dois lados, isso mesmo. Dos dois lados. E a gente entrava por baixo, no piso direto. Tem uma entrada. Ou por cima, ou por baixo. Eu me lembro de estar lá embaixo (SPÓSITO, E., 2013).

Ao ver as imagens do público no Ginásio de Esportes, a professora Maria Encarnação Spósito contou outros detalhes a respeito da divulgação do evento, que teria sido trabalhosa pela pouca presença dos grandes meios de comunicação na cidade. Assim, a maior ênfase teria sido dada à campanha nas ruas, de casa em casa.

> É, estava muito lotado, na hora em que a gente começou a organizar e que as pessoas entraram e aquela satisfação de ver cheio. Porque também estávamos com muito medo de não encher. Isso também é bacana no Armen, porque ele era ousado. Uma parte dizia "Não, Ginásio de Esportes é muito grande, vamos fazer aqui, vamos fazer num lugar menor", "Não, nós vamos encher o Ginásio de Esportes". Para você ter uma ideia do que foi essa preparação, nós andamos com aqueles papeizinhos de porta em porta. Tocava a campainha da casa da pessoa, os alunos dividiram a cidade em bairros e "Olha, nós estamos convidando, é uma coisa, vocês têm filhos, é o futuro para os filhos de vocês, vocês têm que ir", quer dizer, foi feito um trabalho corpo a corpo. Porque, claro, não tinha internet, a televisão... não havia televisão regional. A televisão era repetição das televisões de São Paulo e do Rio. Não havia ainda TV Fronteira, TV Bandeirantes aqui. Então era muito importante esse trabalho de corpo a corpo. E realmente eu acredito que, olha, o Diretório Acadêmico deve ter organizado, então, devia ter 100 pessoas, dentre os alunos, trabalhando nesse troço. Um mapa da cidade, o Armen mesmo ajudando a fazer, a dividir "Você fica com isso aqui", cada um ficou, sei lá, com quatro, cinco quadras e foi de porta em porta. Quer dizer, a cidade inteira recebeu um papelzinho. A não ser quem ouviu tocar a campainha e "Ah, não quero atender". Mas no geral as pessoas atendiam (SPÓSITO, M., 2013)

É necessário destacar também que os textos de algumas imagens serviram de ponto para debate na entrevista. É o caso da professora Ruth Künzli, que sem as imagens disse que não havia representante do governo estadual na manifestação. No entanto, em rápida leitura da notícia em torno das fotografias, percebeu o contrário: "[...] aqui diz que tinha representante do governador. Eu achei que não tinha ninguém oficial, mas tem né. [...]. Você está me lembrando de coisas que eu não me lembrava. Inclusive deputados estaduais estavam aqui" (KÜNZLI, 2013).

E é interessante ressaltar também que, mesmo depois de observar as imagens e até mesmo de poder ler trechos das notícias sobre a manifestação, a professora Helena Barros, única voz destoante no discurso sobre a lotação do Ginásio de Esportes, manteve sua posição. "Mas não tem isso não [com relação ao que consta no texto, de 5 mil pessoas]. Foram alguns professores. Mais eram os professores que estavam aí" (BARROS, 2013).

Já com relação à Imagem 7, que retrata o professor Ulisses Telles Guariba Netto, os entrevistados disseram não se recordarem, de imediato, quem era o fotografado. No entanto,

após receberem a informação do nome do sujeito na fotografia, quase todos afirmaram ter lembrança a respeito dele. “O Ulisses tinha muita proximidade com o pessoal da Geografia. Ele vinha bastante sim aqui a Prudente, e conversava” (FERRI, 2014).

É possível que os entrevistados não tenham reconhecido o professor Ulisses porque a memória acerca de sujeitos vivos tende se modificar conforme se altera também a aparência de tal sujeito, diferentemente das lembranças de fatos. Estas, quando ficam na memória, permanecem ligadas às imagens vistas naquela ocasião, naquela data. Uma fala da professora Maria Encarnação Spósito, ao observar a Imagem 7, ilustra esta possibilidade: “Lembro bem dele. Eu já não lembrava, parece que eu guardei a memória dele mais velho, mais bochechudo. Mas enfim, era ele o presidente da ADUNESP” (SPÓSITO, M., 2013).

Mas novamente houve um entrevistado que discordou do que a maioria disse. Diferentemente dos demais, que se recordavam do professor Ulisses como presidente da ADUNESP, a professora Helena Barros disse que esta instituição ainda não existia por volta de 1976 e que ela só teria sido criada tempos depois.

> [...] eu acho que nessa época não tinha ADUNESP. Na época em que eu estava, nesse começo, nesse início, só se tivesse em Assis. Porque não lembro de se falar em ADUNESP na época. Mais tarde um pouco é que se falou em ADUNESP, mas nesse movimento, na hora do turbilhão, não se falava em ADUNESP. É uma coisa que foi depois (BARROS, 2013).

Independentemente das ações ocorridas em Presidente Prudente e pelo restante do Estado, a UNESP foi instalada conforme o anteprojeto existente, que trazia em seu bojo as marcas da política ainda rançosa pela Ditadura. Houve resistência que fomentou o debate e propiciou a criação de massa crítica pelo interior, mas isso não foi suficiente para estancar os problemas que começavam a ocorrer, conforme problematizaremos no tópico a seguir.

> A resistência local à extinção de cursos e à transferência de docentes das FFCL-IIES incorporadas à nova universidade, não se estendeu além da “comunidade acadêmica” e foi pouco eficaz. Se durante os anos que se seguiram não houve apenas uma acomodação nessas instituições, também não foram buscadas outras formas de legitimação e inserção na sociedade (VAIDERGORN, 2003, p. 232).

Em síntese, os depoimentos citaram a divulgação e a organização da manifestação no Ginásio de Esportes, com ênfase à figura central do professor Armen Mamigonian em todo esse processo. A divulgação teria sido feita de porta em porta e por meio dos veículos de comunicação com maior abertura aos interesses dos organizadores, como o jornal *O Imparcial* e algumas emissoras de rádio locais. A respeito da manifestação em si, houve quem apontasse

lotação do Ginásio e ainda a descrevesse com riqueza de detalhes, especialmente após ver as imagens trazidas na pesquisa, e quem apontasse não se lembrar de nada ou quase nada, seja por motivo de viagem ou de licença no período. A dispersão após o evento, por sua vez, teria ocorrido em grupos, para não haver riscos de problemas com a polícia, já que se tratava do período do Regime Militar. Voz discordante foi a da professora Helena Barros, que afirmou, mesmo após observar as imagens da pesquisa, ter sido uma manifestação com pequena participação popular. As imagens também evocaram memórias diversas, como as palavras da atriz Aracy Balabanian e outras informações sobre a organização e a divulgação do evento. A respeito da última imagem, que retrata o professor Ulisses Telles Guariba Netto, a maioria dos entrevistados disse se recordar dele e de sua atuação à frente da ADUNESP. Novamente, a exceção foi a professora Helena Barros, que afirmou não se recordar de qualquer presença da ADUNESP em Presidente Prudente.

Assim, pode-se depreender que, de fato, pessoas diferentes, dotadas de atenções variadas e em pontos de vista distintos não podem possuir, todas, uma memória idêntica, única, uníssona. Esta máxima vale também quando se trabalha com lembranças evocadas por imagens, conforme problematizado. Assim, para findar este capítulo do trabalho, o próximo tópico abordará algumas das consequências da instalação da UNESP que, por ser um tema mais "abstrato" não possui imagens a serem problematizadas.

4.3 Das Consequências

Apesar da repercussão ocorrida após a manifestação do Ginásio de Esportes de 1976, a UNESP foi implantada da maneira como previa o anteprojeto criticado. Algumas faculdades agora agregadas dentro da nova Universidade perderam cursos, outras ganharam. Houve também unidades que, embora tenham sofrido cortes em graduações, receberam outras, o que deixou a "balança" equilibrada. A FFCL, que passava a ser denominada de IPEA, enquadra-se no primeiro grupo, aquele que ficou no prejuízo com relação ao número de cursos.

Presidente Prudente perdeu, então, as licenciaturas em Ciências, em Ciências Sociais e em Pedagogia. O que a administração da UNESP podia fazer com os docentes dos cursos que acabaram? E com os professores das graduações que foram transferidas para outras cidades? E como ficaria a situação daqueles cujos departamentos haviam sido extintos, mas que permaneciam dando aulas nos cursos remanescentes?

Algumas situações foram mais recorrentes nas entrevistas realizadas. Entre as lembranças citadas, e que servirão de categorias para análise neste tópico, estão a demissão de

docentes em tempo parcial e do professor Armen Mamigonian, a transferência de diversos docentes para outros campi da UNESP e a consequente peregrinação destes e as atividades que professores, especialmente os da área de Educação, tiveram que criar para se manterem trabalhando em uma Unidade sem curso de Pedagogia.

Não se pode esquecer que as demissões ocorreram ainda durante o período da Ditadura Militar e foram, na maioria, dos cursos da área de Humanas, facilmente considerados "de esquerda". "Se a gente fosse ficar com medo desse tipo de coisa, teria trancado a porta e não conversado com mais ninguém. Mas ao contrário, isso acirrou mais os ânimos e aí participamos da ADUNESP [...]" (SPÓSITO, E., 2013).

Outros docentes falaram a respeito da questão política nas demissões citadas e do clima que ficou por causa de ações como estas.

> Nós fomos – porque o Eliseu e eu fomos admitidos no mesmo mês – fomos admitidos e meses depois, nem um semestre depois, menos de um semestre, talvez ainda em 80 ou começo de 81, dez pessoas foram demitidas. Todas demissões por problemas políticos. Então isso criava um clima extremamente desagradável (SPÓSITO, M., 2013).

Naquela época não havia ainda a agilidade informacional da internet, que começaria a partir de 1991. Além disso, a administração não quis ou não pôde comunicar os demitidos de imediato. Então, eles ficaram sabendo do ocorrido apenas pela imprensa oficial, que não chegava em Presidente Prudente no mesmo dia de sua publicação. "A direção, a chefia departamental, não falou "A" para eles. [...] Você mandava pelo Correio, daí uns dias chegava o Diário Oficial e quando eles vão tomar conhecimento eles já estão demitidos há alguns dias" (SPÓSITO, M., 2013).

O fato, entretanto, ficou gravado nas memórias com mais força do que os nomes dos demitidos. Estes sujeitos, que naquele momento perderam o vínculo com a UNESP, tiveram uma radical mudança de vida: alguns deixaram o ensino superior, outros mudaram de cidade e, evidentemente, tiveram que trabalhar em outro lugar. É o caso da professora Leny Teixeira, entrevistada para esta pesquisa, que teve que pegar mais aulas no ensino primário e, posteriormente, tornou-se coordenadora em uma escola.

> O Jair, por exemplo, era da Física, que também dava aula no curso de Ciências, que também era tempo parcial, então continuou trabalhando nas escolas particulares, nas escolas de ensino médio, né... escola pública, digo. De ensino fundamental e médio (TEIXEIRA, L., 2013).

O referido Jair é um dos poucos demitidos cujo nome foi lembrado durante as entrevistas. O outro é o da própria professor Leny, que anos depois voltou a trabalhar na UNESP e foi responsável, inclusive, pela reimplantação do curso de Pedagogia em Presidente Prudente. Para quem disse se recordar, a Leny foi um dos casos de demissão mais emblemáticos. Ela era esposa de Márcio Teixeira, um dos docentes mais combativos da FFCL ante o fechamento de cursos. “Mas a Leny, por exemplo, não tinha justificativa. Mas o diretor demitiu ela para atingir o Márcio Teixeira. Tranquilamente que foi este o objetivo. O Armen já tinha sido demitido, então faltava um recado para o Márcio” (SPÓSITO, E., 2013).

Além de Márcio Teixeira e Armen Mamigonian, outros personagens foram citados como parte da resistência ao anteprojeto imposto pela reitoria, que incluía o fechamento de cursos. Thereza Marini e Dióres Santos Abreu, por exemplo, também eram nomes recorrentes.

A respeito da demissão do professor Armen, não houve consenso nas entrevistas. Mesmo tendo informações oficiais de que ele foi demitido e posteriormente a Justiça o tenha dado o direito de voltar à UNESP, alguns docentes não confirmaram esta versão. A versão mais recorrente é que Armen teria se envolvido em uma briga com um aluno e, tendo esse ato como “gota d’água”, um processo administrativo teria sido aberto contra ele e culminado com a demissão. Segundo relatos, este processo foi responsável até mesmo por uma cisão no Departamento de Geografia.

> Porque no processo de demissão do professor Armen houve, praticamente, dois grupos – talvez tenha havido um terceiro que não se posicionou – mas pelo menos dois grupos bem claros: aquele que defendeu o professor Armen, que considerou autoritária a decisão do então reitor de demiti-lo num processo administrativo em que ele próprio não foi ouvido – imagina, várias pessoas depuseram, ele não foi ouvido e saiu publicada a demissão dele –, e um outro conjunto de professores que, digamos assim, tinham críticas à forma de ação política do professor Armen. Alguns depuseram a favor da demissão dele e outros, digamos assim, não depuseram mas enfim, se sentiram aliviados (SPÓSITO, M., 2013).

De fato, cinco dos nove entrevistados disseram se recordar da agressão física ocorrida. “Ele meteu a mão na cara de um aluno, da Engenharia Cartográfica. Foram para a polícia e tal, veio um inquérito contra ele. Ele foi demitido” (ALEGRE, 2013).

No entanto, este fato, aparentemente, não seria suficiente para a demissão. Há relatos de que foram convidados a depor os “desafetos” do professor Armen e até mesmo de documentos forjados.

> E ele realmente brigou fisicamente com um aluno aí, que era do Diretório Acadêmico. E aí, segundo eu soube na época, houve forjamento de atestado de corpo de delito três dias depois, por um médico aqui que também não gostava desse professor que era muito combativo porque nos anos 70, tinha o Cine Clube FAFI, que tinha toda sexta-feira à noite, no antigo Cine Fenix, onde hoje é Casas Bahia, às 10 da noite. E depois que terminava o filme tinha um debate. E ele era daqueles que debatia pesado, as pessoas não gostavam do jeito dele falar. E um médico daqui, que acho que era até cardiologista e que era até do velho Partido Comunista Brasileiro, fez um atestado a favor desse aluno, contra ele [Armen]. Então a coisa foi montada desse jeito, com depoimentos contra, nunca depoimentos a favor, percebe, de colegas nossos. [...] Porque, naquele momento foi, realmente, uma demissão com cara política. E ele, o Armen, não era de carteirinha do partido A, B ou C, ele era um ideólogo de esquerda mesmo, ele combatia porque ele não era a favor do fechamento de cursos aqui (SPÓSITO, E., 2013).

Outros elementos ainda contribuíram para o desfecho do processo. O próprio Armen não teria sido ouvido no processo de que culminou com sua demissão, conforme já citado neste trabalho. Além disso, o processo teria ocorrido em um período de pouco movimento na Universidade. "[...] ele foi demitido numa ação imposta, em janeiro, no apagar das férias, simplesmente foi demitido" (SPÓSITO, E., 2013).

Deve-se ressaltar, entretanto, que são memórias coletadas individualmente, em entrevistas. Como tal, devem ser tratadas como versões, e não como realidades. Esta ressalva é importante e ajuda a problematizar a fala do professor Marcos Alegre, que tem uma versão um pouco diferente. "Primeiro foi um processo administrativo, dentro da Reitoria. Então, ouviram o aluno e ele, na verdade, ele errou. Mas foi uma reação até normal. O cara xinga a mãe e ele meteu o murro na cara do sujeito" (ALEGRE, 2013).

Há quem cite, inclusive, que a agressão ao aluno foi apenas um motivo encontrado para uma demissão que já era desejada e planejada há tempos. Nesta versão, o professor Armen enfrentou o reitor Luiz Ferreira Martins publicamente em um evento em Presidente Prudente e este foi embora da cidade já com o intuito de demiti-lo.

> [...] com certeza o Luiz Ferreira saiu com o objetivo de demitir o Armen. Isso aí ele deve ter colocado como um plano de metas. Tanto que em 1980, o diretor que entrou aqui veio com esse objetivo e ele não escondeu. Quando ele terminou, ele falou "Não, eu vim aqui para demitir o Armen mesmo" (SPÓSITO, E., 2013).

A professora Ruth Künzli narrou uma versão que também possuía algumas diferenças do citado até agora. Além de dizer que a demissão do professor Armen teria sido "acidental" e de também contar sobre a agressão ao aluno, ela falou sobre outros problemas de relacionamento profissional do docente.

> E ao mesmo tempo ele teve um problema com algumas professoras, com alguns professores. Especificamente quatro professoras que ficavam neste prédio aqui e ele começou a hostilizá-las e na época o diretor era o Pannain e ele chegou, assim, a ofendê-las. E o Pannain abriu uma sindicância. E aí, sindicância vem, sindicância vai, uma delas que ele tinha falado algo sério, enfim. O fato é que, em função dessa sindicância, sugeriu-se que o Armen saísse. Se não me engano, inclusive, a sugestão foi a demissão dele. E aí ele foi demitido por conta disso. Mas então foram esses dois fatos, assim, mais, como eu digo, meio acidentais. A briga dele com as quatro professoras e a briga com um aluno, que deram margem para que as coisas se afunilassem e ele acabasse saindo (KÜNZLI, 2013).

Além desta versão, novamente a professora Helena Barros teve a fala mais discrepante das demais. Ela citou outros fatos da vida do professor Armen para justificar que ele teria pedido para sair da UNESP. Além dela, outros professores também citaram que Armen teve um filho atropelado e morto em Presidente Prudente e que a esposa dele ainda abortou outro filho devido a um acidente. No entanto, Helena Barros foi a única a fazer a ligação direta entre a vida pessoal de Mamigonian e a sua saída da UNESP.

> Eu não sei se ele foi mandado embora ou se ele quis sair, se ele quis ser removido. Porque ele teve um incidente muito sofrido. Tinha um professor da Pedagogia e esse professor e a mulher levaram o filho do Armen para casa, eles trocavam: de vez em quando os filhos deles iam para a casa do Armen e o filho do Armen ia para a casa deles. E aconteceu que o menininho foi atravessar a rua e o carro o pegou ali na Sete de Setembro. E esteve no hospital uns três dias e acabou morrendo. Então esse fato ajudou muito o Armen a sair daqui. Me parece que ele não foi mandado embora, ele quis sair em razão desse acidente que teve (BARROS, 2013).

Embora não haja consenso, tanto na maioria dos depoimentos quanto na história "oficial" consta que o professor Armen Mamigonian foi demitido da UNESP e depois, judicialmente, obteve o direito de retornar ao quadro da Universidade.

> Ele entrou na justiça e nós fomos testemunhar, claro, todos nós falamos favorável a ele. Ele ganhou na justiça. Ganhou todo o tempo que esteve fora e o direito de voltar se ele quisesse. Só que aí, como ele saiu, a USP já falou lá e pegou ele lá. Então ele não quis mais voltar (ALEGRE, 2013).

Entretanto, nem todos os docentes dos cursos fechados foram demitidos. Alguns deles permaneceram na UNESP e tiveram que se submeter a adequações como adequar pesquisas à nova área da faculdade, estar ligado formalmente a uma unidade mas dar aulas em outra e desenvolver projetos externos.

> Imagina, gente saindo, gente sendo mandada embora, gente sendo ameaçada de sair, gente fazendo um monte de projeto para tentar permanecer. [...] E aí eu tinha tempo parcial nessa época. Eu estava fazendo mestrado e estava pedindo passagem para o tempo integral. E a gente foi conversar com, na época, o Pannain, que era o diretor,

> saber... Olha – eu disse para ele – eu não vou me transferir para Marília porque meu marido era professor aqui também e eu falei que eu não tenho intenção de mudar para Marília. Até porque o Márcio era da Geografia e ele tinha que ficar aqui, né... então... enfim, fui expor e falei, até porque, para ficar aqui eu vou ter que fazer uma maquiagem no meu projeto de pesquisa que não tem nada a ver comigo, porque não tinha mais departamento de Educação, né... fechou o departamento de Educação. Tinha que começar a mexer com Planejamento, e algumas pessoas fizeram isso, e até foram fazendo umas maquiagens meio malucas para tentar permanecer. Falei: eu não vou fazer isso. Falei: eu mal entendo da minha área quem dirá se eu mudar de uma área para outra, né... (TEIXEIRA, L., 2013).

As transferências e mudanças existiram. Mas casos mais complexos também foram comuns, como o de algumas professoras da área da Educação que ficaram ligadas formalmente à unidade de Marília, mas trabalhavam em Presidente Prudente. Pelos relatos conseguidos, estas docentes seriam Thereza Marini, Josefa Grígoli, Yoshie Ussami Ferrari Leite e Lucia Ferri. A única professora da Pedagogia que teria ficado ligada à unidade de Presidente Prudente foi a professora Helena Barros. No entanto, apenas a própria docente citou este fato:

> Mas alguns que ficaram, ficaram ligados a Marília. Então, reunião pedagógica a gente tinha que ir para Marília. Quer dizer, eu não fui porque eu fui a primeira professora de Pedagogia contratada, eu era a mais antiga, por isso eles não mexeram. Agora, os outros todos, devia ter um quatro ou cinco que ficaram aí, eram ligados a Marília. Então reunião a cada quinze dias, tinha que ir para Marília, para ter a reunião lá. E a gente ia de carro, ia de ônibus, ia do jeito que desse para ir (BARROS, 2013).

Evidentemente, os nomes ditos são os mais citados nas entrevistas, mas outros casos também ocorreram. E também não foi apenas a Marília que os docentes ficaram ligados: há casos, embora não nomeados, de professores que ficaram em Assis.

> A Thereza Marini ficou. Ficou, mas ligada a Marília. A Josefa também ficou ligada a Marília. E a Yoshie também, ligada a Marília. Agora, tinha outros professores que foram convidados como tempo integral, mas ficaram ligados a Assis. Mas saíram logo, não ficaram muito tempo. Só ficaram numa época em que precisava deles. Mas principalmente eram esses quatro: eu, a Thereza, Josefa e a Yoshie (BARROS, 2013).

Aparentemente, o caso da professora Lucia Ferri foi o mais emblemático. Ela teria ficado ligada a Marília e ministrando disciplinas em duas cidades diferentes do seu vínculo: Presidente Prudente e Assis.

> Eu fiquei vinculada a Marília. Aí eu peregrinei, porque eu acabei, como Assis era mais perto, eu passei a trabalhar em Assis, dar aulas no curso de licenciatura em Assis. Aí instalou Engenharia Cartográfica. E a Engenharia Cartográfica tinha uma

> disciplina que chamava Teoria Geral da Administração. Então eu fiquei com esta disciplina [...] (FERRI, 2014).

No entanto, o caso destas professoras era extremamente delicado. A vida profissional delas, de fato, era em Presidente Prudente. Mas como estavam ligadas a Marília, não podiam participar de comissões, conselhos e comitês na unidade onde trabalhavam.

> E nós fomos mandado para Marília, porque Marília ficou com o curso de Pedagogia. Mas a nossa situação era uma situação de zumbis. Por que? Porque formalmente nós estávamos lá. Mas no correr dos fatos nós permanecemos aqui. Mas por permanecer aqui, nós perdemos a existência formal dentro da instituição. Nós não podíamos participar de Conselho Universitário, não podíamos formar comissão, etc. (MARINI, 2014).

A intenção inicial era que estes docentes, formalmente transferidos mas que efetivamente estavam em Presidente Prudente, permanecessem nesta situação apenas por um determinado período. Este tempo seria para findar as turmas já iniciadas, cujo término estava garantido pelo anteprojeto de criação da UNESP. “O pessoal da Pedagogia foi transferido todos para Marília. Ficavam aqui para acabar o curso, mas estavam vinculados a Marília” (ALEGRE, 2013).

Entretanto, a situação pelo menos das quatro docentes citadas (Josefa, Thereza, Yoshie e Lucia), bem como da professora Helena Barros (vinculada a Presidente Prudente), permaneceu assim mesmo após o fim das turmas iniciadas. O que elas poderiam fazer, então, com poucas aulas nos dois cursos de licenciatura restantes? Uma solução foi a criação de projetos de didática do ensino superior para outras faculdades e universidades.

Cabe ressaltar que a professora Lucia Ferri não participou destes projetos de didática do ensino superior. Como ela já tinha vínculo com o recém criado Departamento de Planejamento do IPEA, inicialmente apenas para ministrar uma disciplina e depois ela conseguiu a transferência de Marília para este departamento, Ferri executou outras ações, como cursos de especialização na área de Gestão Pública e confecção de Plano Diretor para cidades da região.

> No Planejamento trabalhava com a Engenharia Cartográfica, a disciplina que eu ministrava era na Engenharia Cartográfica e no Planejamento nós começamos a trabalhar nos Planos Diretores. Então, primeiro o Plano Diretor de Martinópolis, nós trabalhamos, elaboramos o primeiro Plano Diretor de Martinópolis, foi a primeira experiência. [...] E até Martinópolis acabou recebendo do Governo Federal uma verba para o saneamento básico, acabou sendo aquilo que chamava Cidade 2000 porque existia o Plano Diretor dela, as outras cidades não tinham. Então aquelas que apresentaram o planejamento... Acho que foi no governo Sarney... E foi muito interessante essa elaboração do Plano Diretor. Depois foi feito o de Venceslau, até o

> de Venceslau eu acompanhei, depois eu me aposentei. Aí nós instalamos o curso de especialização em Gestão Municipal. Planejamento e Gestão Municipal. Esse teve vários cursos... Foi destinado, então, às questões relativas ao planejamento municipal (FERRI, 2014).

Já a professora Yoshie Leite não foi citada nem nos projetos dos quais Lucia Ferri participou e nem no de didática do ensino superior. Como Leite não foi entrevistada nesta pesquisa, não será possível discutir sobre suas ações enquanto docente ligada a Marília e desempenhando suas funções em Presidente Prudente.

Então, Thereza Marini, Josefa Grígoli e Helena Barros, neste momento de pouca demanda de trabalho, desenvolveram um projeto com o intuito de discutir a didática no ensino superior, com base na prática dos docentes. Inicialmente, este trabalho foi realizado dentro da própria UNESP, com o curso de Odontologia de Araçatuba, e a problemática inicial era que os professores da instituição, especialmente os que não eram da área de Licenciatura, não possuíam técnicas para uma boa prática de ensino, o que transformava a aula em um momento "chato" para os alunos.

> Nós íamos lá para trabalhar didática com eles. Eles solicitaram e a gente ia a cada quinze dias para lá para trabalhar alguma coisa. Então nós fizemos o levantamento do que eles queriam, então tinha de tudo nesse pedido. Por exemplo, eles diziam que eles tinham professores que falavam o tempo todo e andavam de lá para cá, de cá para lá e que os alunos reclamavam muito, que eles saíam cansados da movimentação do professor. Esse era um pedido deles, o que a gente podia fazer. O outro pedido foi que era um curso depois do almoço, no teatro, apagavam as luzes e eles apresentavam *slides*. Mas assim, trinta e cinco, quarenta *slides*. Com a luz apagada. Então eles falavam que os alunos dormiam, o que podia ser feito. Agora, eles são exímios em lidar com a fotografia e faziam *slides*, todos eles, com uma facilidade muito grande para fazer. Então, o que eles deviam fazer. Aí a gente conversou um pouco, dizendo que tinha que não passar os *slides* de uma vez, mas ir aos poucos intermeando diálogo com alguns. Passar alguns, comentar, passar outros. E assim para cada dificuldade deles a gente foi trabalhando. Foi um trabalho muito bom para eles (BARROS, 2013).

Há divergências, entretanto, na comparação das memórias das envolvidas no projeto. Para Thereza Marini, o início da proposta teria sido em uma instituição de Campo Grande, e não em Araçatuba.

> Então, por exemplo, quando nós ficamos ao léu, nós começamos a aceitar convites de outras Unidades que queriam ouvir falar sobre educação. Então nós formamos um grupo, acho que éramos cinco, e nós desenvolvemos um projeto. Primeiro nós fomos a Campo Grande, fomos aqui, fomos ali. E aí tanto que quando foi instalada a pós-graduação em Campo Grande, numa Universidade que era um tipo de PUC, lá eles vieram pegar o pessoal daqui (MARINI, 2014).

Além da cidade de início do projeto, outro ponto que difere é a quantidade de professoras participantes. Enquanto Helena cita três (mais a Tereza Scheide, cuja presença era esporádica), Thereza disse achar que eram cinco. Além disso, este projeto recentemente foi lançado em forma de livro com autoria desta última docente. A obra (MARINI, 2013) cita os nomes de Grígoli, Barros e Marini como componentes do grupo de professoras de didática ligado à proposta da pedagogia universitária.

> Esse campo de interesse ganha contornos nítidos justamente na época em que se extinguia o curso de pedagogia no *campus* de Presidente prudente, e os professores remanescentes da área de educação tinham, como encargo de ensino, somente os cursos de licenciatura em geografia e matemática. A equipe pedagógica abre, então, para uma proposta de atuação no âmbito da pedagogia universitária (MARINI, 2013, p. 72).

Por fim, pode-se sintetizar as informações obtidas sobre as consequências em três categorias principais. A primeira refere-se às demissões de professores contratados em regime parcial e a do professor Armen Mamigonian em um processo pouco esclarecido, com motivações obscuras, ocorrido em meados de janeiro, mês de pouco movimento na universidade, e sem ouvir o processado. Tudo isso ainda é referente à tentativa de desestruturação dos cursos da área de Humanas, conforme problematizado por Cunha (1988). Mais uma vez a professora Helena Barros teve outra visão a respeito do fato e citou que provavelmente Mamigonian teria pedido para ser removido da UNESP. A segunda categoria analisada trata das transferências de docentes que, em geral, ainda lecionavam na unidade de origem, ao menos até o fim do curso. Casos narrados também informam que houve, inclusive, o caso da professora Lucia Ferri, que estava formalmente ligada a Marília, mas lecionava em Presidente Prudente e em Assis. No entanto, no caso das professoras da área de Educação de Presidente Prudente, este *status* de "zumbi" perdurou até a volta do curso de Pedagogia, em 1988. Neste período configura-se a terceira categoria de análise, a dos projetos criados por estas professoras para "justificar a estada" delas na instituição. Assim, ocorreram lembranças de um curso de especialização para gestores públicos, criação de Projetos Piloto para cidades da região e a criação de uma espécie de assessoria em didática para o ensino superior executada em diversas instituições, inclusive em outros *campi* da UNESP.

Evidentemente, diversas foram as consequências da implantação da UNESP, muitas difíceis de serem organizadas em falas durante as entrevistas e, desta forma, impossíveis de serem colocadas no papel. Entretanto, acredita-se que as consequências aqui citadas e

discutidas ilustram bem o ocorrido neste momento da UNESP. Assim, cabe partir para as considerações a respeito de tudo o que foi narrado e problematizado nesta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

"Lembrar é resistir" e "[...] é bom lembrar para não voltar a cometer esses mesmos erros" (SPÓSITO, E., 2013). São duas frases significativas para esta pesquisa.

A primeira é o título de uma peça de teatro de 1999 escrita por Analy Pinto e Izaias Almada que trata das torturas durante o período da Ditadura Militar. Já a segunda é do professor Eliseu Savério Spósito, entrevistado para a presente pesquisa. Ambas refletem um pouco do que esta dissertação, mesmo que ainda parcialmente, tem problematizado.

Reitera-se que o objetivo principal desta investigação foi a reconstrução histórica do processo de instalação da UNESP em Presidente Prudente, entre os anos de 1975 e 1980, com base na memória de docentes. Esta pesquisa partiu principalmente de duas obras (ALEGRE, 2006; LIMA, 2005). A primeira é um livro escrito por um docente aposentado, mas que se mudou para Presidente Prudente nos anos de 1960 para trabalhar na então FAFI, foi diretor e teve participação ativa na resistência durante processo de instalação da UNESP. A segunda é uma tese de doutorado, recentemente convertida em livro (LIMA; RIBEIRO, 2013), que trata da história da FAFI, parando no momento em que esta pesquisa enfoca.

Principalmente pela ótica do primeiro, a reestruturação do ensino superior público paulista foi "traumático". No entanto, pelo que se pode depreender pelas entrevistas, neste processo nem todos tiveram a mesma visão. Professores como Lucia Ferri (2014) viram aí um momento de aprendizado e crescimento, por exemplo.

Por meio da problematização da instalação, percebeu-se que não há consenso sobre alguns pontos desta história. Alguns docentes dizem que a notícia da instalação da UNESP veio pelo Diário Oficial, outros afirmam que vieram por comunicado da Direção, alguns ainda falam a respeito da visita do Reitor a Presidente Prudente com a finalidade de fazer a oficialização da proposta.

No entanto, outro ponto é recordado de maneira semelhante pelos envolvidos. O discurso combativo da professora Maria Encarnação Beltrão Spósito, por exemplo, na presença do reitor, foi lembrado e tornou-se marcante para os sujeitos desta ação.

Aos poucos também já se pode problematizar a respeito da metodologia da Imagem como Evocadora da Memória. Pelas reações às figuras apresentadas, já discutidas nesta pesquisa, percebe-se que elas fizeram novas lembranças serem citadas pelos entrevistados. É o caso da Imagem 2, que fez com que os docentes discorressem a respeito da evolução predial da UNESP. Evidentemente, não se pode controlar quais memórias virão a partir da

apresentação da imagem, o que pode levar à narração de fatos que não necessariamente interessem à pesquisa.

A respeito da manifestação, a maioria das memórias é semelhante: presença massiva da população, organização principal a cargo do professor Armen Mamigonian, discurso forte em defesa do ensino superior por parte da atriz Aracy Balabanian e saída do Ginásio de Esportes em grupos, por receio da ação policial naquele momento de Ditadura Militar. Parte destas memórias vieram após o fomento das imagens, o que continua a denotar que estas possuem eficácia enquanto evocadoras da memória.

Um caso particular que é interessante citar é o da professora Helena Barros, cuja memória a respeito da manifestação difere grandemente das demais. Segundo ela, a participação popular foi muito pequena, o Ginásio de Esportes não estava lotado e contava com a presença apenas dos professores e algumas poucas outras pessoas. Mesmo após ver as imagens da manifestação, divulgadas pela imprensa, ela manteve o discurso.

As consequências, conforme problematizado, foram muitas. Entretanto, para fins de análise neste trabalho, foram divididas em três grupos principais: as demissões, os casos de professores vinculados a um campus mas lecionando em outro e as ações criadas pelas professoras que não possuíam curso específico ou departamento para trabalharem. Sobre estes dois últimos pontos, há convergência: a maioria dos entrevistados disse recordar de professores ligados formalmente a Assis ou Marília e trabalhando em Presidente Prudente, bem como afirmaram se lembrar dos projetos de didática universitária.

Por outro lado, as demissões constituem um campo cuja conversa foi delicada, especialmente no caso do professor Armen Mamigonian. Os depoimentos convergem quando se fala de docentes em regime de tempo parcial demitidos por volta de 1980 que ficaram sabendo da ação apenas pelas páginas da imprensa oficial. Entretanto, quando o assunto é Mamigonian, há um grupo de entrevistados que disse se recordar da demissão dele, às escuras e em um processo administrativo mal formado, por causa de uma agressão a um aluno. Outros depoimentos, todavia, citam motivos secundários e particulares para o fato, uma demissão "acidental" ou até mesmo a inexistência da demissão: o que teria acontecido é que, depois de passar por vários problemas de ordem pessoal, ele teria pedido para ser desligado da instituição.

Acredita-se, assim, que tanto o objetivo geral quanto os específicos da pesquisa foram atingidos. Estes seriam a contribuição com os estudos da história das instituições

escolares de Presidente Prudente e a análise de relatos dos entrevistados antes e depois de apresentadas as imagens.

O mesmo se aplica a uma consequência desta pesquisa já citada: valorizar a história da UNESP e de seus sujeitos. Estes personagens, cuja atuação foi fundamental para construir a UNESP da forma como existe hoje, passaram “por maus bocados”. Inclusive, a maioria dos depoimentos reconhece que atualmente a UNESP é um projeto que deu certo, pela força de seus docentes, servidores e alunos, mas não foi implantado da maneira adequada. Independentemente disso, a “colcha de retalhos” formada por estes depoimentos nesta pesquisa denota a importância da história e da memória das instituições e de seus sujeitos. Afinal, lembrar é resistir e também pode servir para que não torne-se a repetir os mesmos erros do passado.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, Marcos. **Entrevista com o professor aposentado do Departamento de Geografia e ex-diretor da FCT/UNESP**. [dez. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (90 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

_____. (Org.). **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – ontem: uma trajetória (História Oral)** = Faculdade de Ciências e Tecnologia: hoje. Presidente Prudente-SP: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA. **UNESP**: um perfil. São Paulo: IBM/UNESP, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucited, 1990.

BARROS, Helena Faria de. **Entrevista com a professora aposentada do Departamento de Educação da FCT/UNESP**. [dez. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (37 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 45775, de 13 de abril de 1959**. Concede autorização para o funcionamento de Cursos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 abr. 1959. Disponível em: <http://www2.camara.lrg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-45775-13-abril-1959-384957-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 29 abr. 2014.

BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. Trad. Nilo Odalia. 4. reimpr. São Paulo: UNESP, 1997.

CELESTE FILHO, Macioniro. **A constituição da Universidade de São Paulo e a reforma universitária da década de 1960**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CIAVATTA, Maria. Educando o trabalhador da grande "família" da fábrica – a fotografia como fonte histórica. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação, educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 37-59.

CORRÊA, Anna Maria Martinez (org.). **Unesp 30 anos**: memória e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CUNHA, Luiz Antonio. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à era Vargas. São Paulo: Editora UNESP, 2013a.

_____. **A universidade crítica**: o ensino superior na República Populista. São Paulo: Editora UNESP, 2013b.

_____. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **A universidade reformanda**: o golpe de 64 e a modernização do ensino superior. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.

DMITRUK, Hilda Beatriz. **A História que fazemos**: ensino e pesquisa de História. Chapecó: Grifos, 1998.

FERRI, Lucia Maria Gomes Corrêa. **Entrevista com a professora aposentada do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT/UNESP**. [fev. 2014]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2014. 1 arquivo .m4a. (37 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

FIGUEIREDO, Alvanir. **Entrevista com o professor aposentada do Departamento de Geografia e ex-diretor da FCT/UNESP**. [jan. 2014]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2014. 1 arquivo .m4a. (74 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da educação brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, Antonio. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOMES, Eustáquio. **O mandarim**: uma história da infância da UNICAMP. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GUEDES-PINTO, Ana Lucia; SILVA, Leila Cristina Borges da; GOMES, Geisa Genaro. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

GUEDES-PINTO, Ana Lucia. Percursos e letramento de professores das séries iniciais do ensino fundamental: o papel da história oral no estudo da memória de leituras. **Nuances**: estudos sobre Educação. v. 13, n. 14, p. 45-59, jan./dez. 2006. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nuances/article/viewfile/369/404>. Acesso em: 8 abr. 2014.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOFFMANN, Maria Luiza. Fotografia, gatilho de memórias. In: BONI, Paulo César (org.). **Fotografia**: usos, repercussões e reflexões. Londrina: Midiograf, 2014. p. 67-96.

_____. Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 3., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina, 2011. p. 2030-2044. 1 CD.

_____. **Guardião de imagens**: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê, 2007.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/SENAC, 2005. p. 39-45.

KÜNZLI, Ruth. **Entrevista com a professora aposentada do Departamento de Planejamento, Ambiente e Urbanismo da FCT/UNESP**. [nov. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (32 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Eunice Ladeia Guimarães; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda Ribeiro. **A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (1959-1976)**: gênese da FCT - UNESP. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

LIMA, Eunice Ladeia Guimarães. **Instituto Isolado de Ensino Superior – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente – 1959-1976**: uma instituição além das fronteiras. 2005. 368 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARINI, Thereza. **Entrevista com a professora aposentada do Departamento de Educação da FCT/UNESP**. [jan. 2014]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2014. 1 arquivo .m4a. (39 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

MARINI, Thereza. **A função do ensino e a formação do professor universitário**. São Paulo: Paulus, 2013.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 19-36.

MINTO, Lalo Watanabe. **As reformas do ensino superior no Brasil**: o público e o privado em questão. Campinas: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda Ribeiro. Leitura semiótica e reconstrução histórica: análise de imagens da manifestação pela manutenção da UNESP. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 10, n. 16, p. 135-162, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/16508/14592>. Acesso em: 18 ago. 2014.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A criação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"-SP: resgate por meio das notícias da Imprensa do Estado de São Paulo (1975-1976). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá-MT. **Anais...** Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013a. CD-ROM.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Posicionamento Ideológico e fotografias da *Folha de S.Paulo* sobre a manifestação pela manutenção da UNESP em Presidente Prudente-SP. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 4., Londrina. 2013. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013b. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Edison%20Trombeta%20de%20Oliveira%20e%20Arlinda%20Inez%20M%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2013.

PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação**: De Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística:** intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S.Paulo. Maringá-PR: Eduem, 2000.

SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC/SENAC, 2005.

SÃO PAULO (Estado). **Lei nº 4131, de 17 de setembro de 1957**. Dispõe sôbre criação, como instituto isolado do sistema estadual de ensino superior, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, 19 set. 1957. Disponível em: <http://buscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19570919&Caderno=Poder%Executivo&NumeroPagina=3>. Acesso em: 29 abr. 2014.

SATO, Larissa Ayumi. **Imagens e memórias**: a fotografia como documento e fonte de pesquisa para a recuperação histórica da Colônia Esperança (1935-1963). 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Entrevista com o professor do Departamento de Geografia da FCT/UNESP**. [nov. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (97 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Entrevista com a professora do Departamento de Geografia da FCT/UNESP**. [nov. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (67 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. **A proposta metodológica da fotografia como disparadora do gatilho da memória**: aplicação à história da Telêmaco Borba – PR (1950-1969). 2013. 222f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins. **Entrevista com a professora aposentada do Departamento de Educação da FCT/UNESP**. [nov. 2013]. Entrevistador: Édison Trombeta de Oliveira. Presidente Prudente, 2013. 1 arquivo .m4a. (53 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

VAIDERGORN, José. **As seis irmãs**: as FFCL do interior paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/SENAC, 2005. p. 19-32.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista com Leny Rodrigues Martins Teixeira, em 20 de novembro de 2013

L – A minha turma... eu entrei em 65 e fiquei de 65 a 68. A primeira turma entrou em 59, né? 59, 60, 61, então a primeira turma saiu em 62. Eu saí em 68

E – Eu queria primeiro saber a respeito da sua formação e além dessa sua formação inicial, depois onde você se cruza com a UNESP de novo.

L – Ah tá... Então, é bom... Eu fiz magistério no IE Fernando Costa de... deixa eu ver... se em 65 eu entrei, então 4, 3, 2. Em 62 eu entrei no magistério aí depois eu vim pra cá em 65, né. Fiz pedagogia, meio que o caminho natural de quem fez o magistério. Na realidade eu queria fazer psicologia, mas foi o ano em que meu pai faleceu e daí não tinha condições de sair – porque tinha que ir pra São Paulo, na época não tinha em Assis e em nenhum lugar aqui perto. E eu não tinha condições econômicas para isso.

E – Daí depois você resgatou isso no mestrado e no doutorado...

L – É, exatamente, você dá uma voltinha assim e vai driblando as circunstâncias e aí eu fiz pedagogia aqui, mas como sempre gostei muito de psicologia eu fui fazer o mestrado em Psicologia Escolar na USP. Tentei quando eu terminei, então eu tentei em 69 e entrei mas aí casei e eu tinha uma classe – não foi nem por causa do casamento, foi por causa de uma classe de primário, né? Logo que eu saí eu não tinha aulas suficientes ainda para me sustentar. Então eu tinha uma classe de primário e isso era incompatível com fazer pós-graduação, né? Porque você tinha que se afastar e a gente só conseguia se afastar se você concentra as aulas e dá para ir... tinha que ficar dois dias em São Paulo. Então, deixei. Depois eu prestei de novo, aí eu estava grávida. Passei no exame escrito e fiquei na entrevista, porque eles acharam que uma grávida não ia viajar para São Paulo. Aí depois prestei definitivamente e fiz em 76. Fiz mestrado. Aí eu vim trabalhar aqui. Eu vim numa substituição.

E – Já em 76?

L – Em 76... Espera aí, quando que foi? Não falei para você que essas coisas... isso aí depois eu preciso pesquisar. Mas acho que foi em 76. Eu vim foi com a criação da UNESP, então 76. Aí eu vim substituir uma professora e acabei ficando. Na época essa coisa de concurso ainda... porque assim, era tão difícil ter gente que quando você achava alguém, era muito comum você pegar ex-aluno. E eu vim para uma substituição e fiquei. Fiquei até 80, porque com a criação da UNESP, os cursos foram realocados. A ideia da criação da UNESP era ter Centros de Excelência. Então essa ideia que a gente tem de Campus multivariados, ou seja, no mesmo campus você tem vários cursos, a criação da UNESP pretendia acabar com isso. Eles achavam que era economia de recursos e tinha que... cada campus tinha que ser uma área de excelência, né? Então, você faz a área de excelência com institutos de pesquisa. Não se faz área de excelência com licenciatura... licenciatura é curso básico, tem que ter em todos os lugares, porque você precisa de professor em todas as regiões então você não pode falar assim "aqui é o centro"... Aqui ficou um centro de excelência em geografia, tanto é que logo em seguida foi criada a Engenharia Cartográfica. Bom, então só ia ter professor de geografia aqui, na UNESP. Então, até mudar essa mentalidade, que eu não sei quem foi o brilhante... na época, o Reitor era o Luiz Martins, agora alguém devia estar assessorando ele porque eu não creio que tenha surgido da cabeça dele toda essa maravilha... deve ser alguém mais que pensou isso. E com isso os cursos foram transferidos. Pedagogia foi transferida, Ciências Sociais foi transferida, Curso de Ciências Biológicas foi transferido... então, a gente ficou praticamente à míngua aqui. Nós chegamos a ter duzentos e poucos alunos neste período. Aí eu, em 80, eu já

estava fazendo mestrado, estava terminando já, e veio um interventor de fora, porque não tinha nenhum doutor na casa para poder ser diretor, que era como mandava o estatuto. Aí importaram um diretor que era um dentista de Araçatuba que veio ser diretor aqui. E isso aqui era uma (coisa horrorosa/polvorosa)... Imagina, gente saindo, gente sendo mandada embora, gente sendo ameaçada de sair, gente fazendo um monte de projeto para tentar permanecer... isso aqui virou uma coisa muito confusa. Foi se descaracterizando... foi um período muito (duro/doido), muito louco. E aí eu tinha tempo parcial nessa época. Eu estava fazendo mestrado e estava pedindo passagem para o tempo integral. E a gente foi conversar com, na época, o Pannain, que era o diretor, saber... Olha – eu disse para ele – eu não vou me transferir para Marília porque meu marido era professor aqui também e eu falei que eu não tenho intenção de mudar para Marília. Até porque o Márcio era da Geografia e ele tinha que ficar aqui, né... então... enfim, fui expor e falei, até porque, para ficar aqui eu vou ter que fazer uma maquiagem no meu projeto de pesquisa que não tem nada a ver comigo, porque não tinha mais departamento de Educação, né... fechou o departamento de Educação. Tinha que começar a mexer com Planejamento, e algumas pessoas fizeram isso, e até foram fazendo umas maquiagens meio malucas para tentar permanecer. Falei: eu não vou fazer isso. Falei: eu mal entendo da minha área quem dirá se eu mudar de uma área para outra, né... Eles: não, pode ficar sossegado, tudo vai ser ajeitar... no dia seguinte saiu na Folha de S.Paulo nossa demissão. Oito professores que saíram na época, todos tinham tempo parcial. É, tudo bem... terminei o mestrado, foi um pouco difícil porque eu tinha que ter 40 aulas... na época eu dava aula no IE, mas terminei o mestrado. Bom, aí terminei o mestrado, fui trabalhar em uma outra escola como coordenadora – a Joaquim Murtinho – e aí em 84 começou a haver uma nova mudança na UNESP. Porque estava terminando 80, terminando a Ditadura, então novos ventos também dentro da Universidade, o Luiz Martins saiu, e governo Franco Montoro, se não me engano, precisa dar uma conferida, mas acho que era Franco Montoro que já estava com essa ideia de renovação e tal e começou a haver um movimento dentro da UNESP, que era um movimento democrático dentro da UNESP, que era um grupo que tentava tornar essa universidade mais democrática e aí o escolhido para Reitor foi o Jorge Nagle, que era pedagogo, que era da educação, que era da História da Educação. E aí com isso algumas mudanças foram feitas, os departamentos de Educação de todas as Unidades da UNESP, dos antigos departamentos, o povo que era dos antigos departamentos de Educação, começou a se reunir para pedir a volta dos departamentos. Porque você vê: o Curso de Geografia, continuava tendo licenciatura, então tinha que ter gente da Educação. Mas não tinha departamento de Educação. Nós ficávamos, nós pertencíamos ao Departamento de Planejamento, então era uma coisa toda atrapalhada. Aí com a possibilidade de criar o novo departamento, aí começou a se ampliar porque havia a possibilidade inclusive de pedir o curso de volta. A matemática, também, que era um curso que estava destinado a ser transferido, a gente brigou muito, fizemos greve... foi muita briga. Aí conseguimos segurar o curso de matemática. Então, quer dizer, tinha duas licenciaturas. Então conseguimos fazer os departamentos de educação serem reinstalados e nesse período, em 84, acho que precisava de mais professores, eu tornei a ser chamada. Sem concurso de novo. Também para substituir alguém... acho vim para substituir a professora Sumi, que na época era da Psicologia. A Sumi mudou-se para São Paulo e aí eu fui chamada para essa substituição e também nunca mais fizeram concurso e eu acabei ficando. Aí fiz concurso de efetivação, aí pedi tempo integral, fui contratada em tempo integral e aí fiz o concurso de efetivação. Mas não fiz concurso para entrar. O que é uma coisa um pouco esquisita, um pouco estranha. Mas é que na época era assim. Sabiam que eu tinha terminado o mestrado então...

E – Concurso é uma exigência mais atual, né...

L – É, porque tem muita gente, na realidade. Na época, as pessoas, enfim... selecionavam mais pela história. Se tinha sido uma história que tinha sido um aluno comprometido, se você tinha pós-graduação, então... e, de novo, eu fui chamada para substituir a Sumi e acabei ficando, depois fiz concurso para efetivação e fiquei. E fiquei aqui de 84 até 97, quando eu me aposentei. Aí eu fui fazer o doutorado em... que ano que eu comecei o doutorado, gente?! Terminei em 92... É, acho que em 85 eu comecei o doutorado. Aí o doutorado naquela época podia ser feito em sete anos, agora é quatro, né... O mestrado era cinco... mas eu praticamente parei, né... Eu fiz os créditos e parei porque nós fomos reinstalar o curso de Pedagogia. Mas para fazer essa reinstalação a gente fez (Curriculite), fizemos muitos seminários, chamando gente de fora, porque aí a gente queria instalar não mais a pedagogia antiga, a gente queria instalar um curso de pedagogia que fosse mais atual. E aí a gente fez uma série de seminários... Eu parei de mexer no trabalho dois anos para mexer com isso. Eu, a Josefa, a Thereza Marini bolamos o novo projeto. E com isso parei de mexer no doutorado. Mas continuei, fui orientanda do (Nilo de Macedo) no mestrado e também no doutorado e continuei então na USP na Psicologia Escolar.

E – Eu achei interessante esse negócio que você disse... das demissões saírem direto lá na Folha... quem mais foi junto?

L – Nessa época, quer ver... quem mais que saiu... o Jair, era professor de Física que também era tempo parcial, eu... nós éramos em oito. Se não me engano... acho que o João Carlos Grícoli, enfim... era todo mundo que tinha tempo parcial.

E – Mas foi de repente, assim?

L – Sim, mas todo mundo sabia que estava com a corda no pescoço. Porque ninguém sabia muito bem o que ia fazer. As pessoas começaram a se movimentar. Uns já viram que podiam ser mandados embora porque o curso de Pedagogia foi embora, o curso de Ciências... enfim. Tem gente que já se antecipou e foi embora. Eu não queria ir. A família inteira mudava e eu não dava para mudar. Então... nós fomos conversar com ele e ele falou: não, pode ficar sossegada que vai dar tudo certo; não tem problema não, ninguém vai ser demitido. No dia seguinte saiu na Folha... bom, mas na época era assim. A coisa era ditatorial e você não tinha muita possibilidade de mudar isso não. Ainda bem que a história não é eterna.

E – E essa notícia da “criação” da UNESP... Eu não gosto muito da palavra criação que parece meio que um passe de mágica, né. Uma reestruturação no ensino superior que culminou com a criação da UNESP. Como vocês ficaram...

L – É, não foi num passe de mágica, mas foi...

E – Foi quase!

L – Foi quase!

E – Imposto.

L – Não se pode chamar de passe de mágica uma medida ditatorial. Se resolveu criar porque... Antes, por exemplo, quando eu fiz faculdade aqui, nós éramos Instituto Isolado do Interior, que eram todos esse campus existentes, menos os mais recentes, como Ourinhos, Bauru, esses não existiam na época. Mas nós já éramos acho que 15 campus quando a UNESP foi criada. E eram todos institutos isolados. A gente era ligado à USP e ligado à Secretaria de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Então, as coisas eram assim na época da ditadura. As pessoas decidiam, criavam e a gente podia achar que estava tudo errado mas estava lá.

E – E como que chegou aqui essa notícia de que ia juntar tudo numa instituição só e...

L – Da criação da UNESP?

E – É, como que chegou aqui?

L – Isso não me lembro... não me lembro como chegou. Só sei que, assim, era meio dividido, entendeu? Porque era assim: gente achando bom, gente achando ruim. Porque, de certa forma, você tem uma vantagem que você vira uma universidade... uma universidade pública é sempre um peso muito grande. Então, tinha muitas coisas positivas. Mas a gente também sabia que ia perder a autonomia. Porque os institutos isolados tinham muita autonomia. E era uma marca também... porque também a instalação da Faculdade aqui foi com muita briga, muita luta... era uma conquista da cidade. A cidade era uma cidade pequena... Prudente já não é grande, mas, vamos dizer, era uma cidade relativamente nova, pequena, e a faculdade era um ganho muito grande. Não tinha nenhuma faculdade aqui. Foi a primeira. Porque a Unoeste foi criada em 71, acho, se não me engano... Eu lecionei lá... deixa eu ver: minha filha nasceu em 73, é. Eu lecionei lá em 72. Eu acho que em 71 foi criada a Unoeste. E a Toledo acho que também por aí. Então, quer dizer, um curso gratuito, né, uma faculdade pública. Então era uma coisa bastante importante. Então, assim, era um sentimento dúbio, entendeu, entre a certeza de uma coisa que você tinha, que era uma conquista local e que já tinha um nome, então, o receio de perder a autonomia, mas ao mesmo tempo a ideia de que ser uma universidade era uma coisa interessante. Tinha um pouco essa contradição.

E – Mas o Luiz Ferreira, eu sei que ele veio aqui e lotou um auditório, alguma coisa assim... para falar quando já estava praticamente consumado ele veio falar a respeito desse projeto.

L – Ah, sim... Ele veio depois para fazer a propaganda porque foi um decreto. O Maluf criou um decreto e disse que precisava fazer uma homenagem ao Julio de Mesquita Filho e...

E – Escolheu a UNESP.

L – É, vamos criar a UNESP.

E – E daí, essa vinda dele para cá, como é que foi, como é que estavam os ares aqui?

L – Só foi chamado de filha da puta, só...

E – Já tinha essa notícia de que aqui...

L – No anfiteatro foi chamado de filha da puta. Eu não sei se foi exatamente essa vez. Ele veio acho que uma primeira vez para falar da Universidade e acho que depois ele veio, eu não tenho certeza disso, tá... meu marido que sabia bem disso porque ele participou muito dessas brigas. Mas não sei se foi na segunda vez ou na primeira que o Armen que era um professor da Geografia, chamou ele de "vossa excelência é um grande filho a puta". Então, foram muitas brigas, greves, movimentos... nossa. Foi muita briga. E a nossa briga principal não era contra a UNESP, era contra o prejuízo. Nós fomos a Unidade que mais perdeu cursos. Perdemos Ciências Sociais, perdemos Ciências Físicas e Biológicas, Pedagogia e também estava destinado a perder Matemática. Então a gente fez muita briga para isso aqui continuar. A principal briga era contra essa ideia. A briga nossa aqui não era contra a UNESP, era contra o que ela representava de cancelamento, de prejuízo para nós. E você vê que simultaneamente, a UNESP é criada em 76, o Agripino já estava de vento em popa. Foi criada em 71 e aquilo foi crescendo e isso aqui minguando. Nós chegamos a ter duzentos e poucos alunos, como eu te falei. A gente estava vendo que isso aqui ia fechar. E ninguém sabia onde era a UNESP. Se você pegasse um táxi na rodoviária, né, porque não tinha aeroporto... tinha aeroporto, mas não tinha avião. Então, eles te levavam na Unoeste, ninguém sabia onde era a UNESP... ninguém sabia.

E – Nem se usasse o nome antigo as pessoas sabiam? FAFI ou...

L – FAFI talvez... Mas a FAFI também teve um período, vamos dizer assim, pequeno aqui, nesse campus. Eu me formei em 68, a FAFI veio para cá no segundo semestre de 68. Isso eu me lembro bem porque eu estava no último ano, no quarto ano da faculdade. Então, você vê. O Agripino criou em 71, então... A FAFI funcionava, depois de vários locais, depois de peregrinar por várias casas emprestadas, ela funcionava num prédio antigo de um supermercado, primeiro tipo de supermercado, uma loja de departamento que tinha aqui em Prudente que chamava Martins Fadiga que era onde é o Banespa ali no centro, onde hoje tem o Santander.

E – Ali no Calçadão...

L – É, no calçadão ali... tinha um prédio, tinha uma boate em cima que chamava Ambassador e nós funcionávamos na parte de baixo. Daí a gente brincava, qualquer coisa, quando não ia muito bem, a turma falava: seu lugar é no andar de cima. Para quem não estudava muito, dava pra boate. Mas também eu acho que quando nós começamos a funcionar, acho que a boate parou de funcionar, isso eu não lembro mais também... mas era conhecido o prédio porque a boate era em cima. E a gente, quando veio para cá, praticamente nós ficamos um ano e no ano seguinte a Unoeste se instalou. Também não era lá, né... Funcionou também um tempo no Cristo Rei, o primeiro ano eles funcionaram num prédio alugado no Cristo Rei. Mas logo, viu, no ano seguinte, já naquela primeira parte onde é a administração, só que só tinha aquele pedacinho, mas já funcionou lá. Acho que ele funcionou um ano só no Cristo Rei. No ano seguinte, aquele primeiro bloquinho ali já funcionou lá.

E – Eles foram bem mais ágeis do que...

L – Nossa, como sempre, né... a desvantagem do poder público é essa.

E – Ainda neste ano de 76... 75, 76, 77... teve uma manifestação para não perder os cursos e tudo mais... e que foi um negócio bem grande. Você lembra alguma coisa disso? Eu lembro que... eu lembro não, fiquei sabendo que veio a Aracy Balabanian.

L – Exato. Nós fizemos uma manifestação no Ginásio de Esportes.

E – Isso, essa...

L – É, lotou. Lotou o Ginásio de Esportes. Nós fizemos um movimento que era exatamente chamando a população para ajudar a gente né, contra... e foi graças a disso que a Matemática não foi embora. Porque os outros não deu tempo, porque foi tão rápido. Já veio UNESP, já veio a transferência dos cursos. Até, né, você reagir, se organizar... E por conta dessas ações que a Matemática não foi embora.

E – E teve representante do governo nessa manifestação?

L – Ai, isso eu não lembro, Édison... isso eu não lembro.

E – E a Aracy, falou alguma coisa? Teve alguma participação assim também ou foi só para...

L – Eu não lembro... Eu lembro da coisa, eu lembro do movimento. Mas eu me lembro exatamente, assim, o que ele cantou, o que ela... Aliás, quem cantou foi um outro que veio também para cantar... Ai gente, quem mais que estava nisso? Eu sei que a gente estava tão nas coisas da organização, corre para lá, corre para cá, que eu acabei não... sabe aquela coisa de você sentar e assisti? Eu não lembro o que ela falou, mas todos que vieram falaram a respeito da importância da universidade pública gratuita, falaram sobre isso. Mas exatamente o que eu não lembro.

E – Ela era irmã do Armen?

L – Ela era irmã do Armen. Era não, ela é. Estão vivos ainda.

E – Era na época e também agora. E... essa história do Armen, o que você lembra disso? É uma história que foi meio...

L – O Armen sempre foi muito briguento. Aliás, o povo também era briguento. O Márcio que era meu marido também era muito briguento, o Dióres... era uma turma de brigadores. Acho que foram os mais brigadores. Assim, não estou dizendo que lutaram mais, porque todo mundo lutou. Cada um no seu estilo, mas digamos assim, os mais bocudos, vamos dizer assim, os que falavam mais, eram o Armen em primeiro lugar, o Márcio, o Dióres, que foram assim, neste período, os mais... quem mais? Então, o Armen era um cara... É, né. Mas hoje já deve estar mais calmo. Mas ele sempre foi, sabe, não tinha papas na língua. Falava, e já chutava o pau da barraca e obviamente que o Reitor não perdoou ele pela agressão né. Então, depois ele teve um entrevero com um aluno e parece que deu um tapa no aluno uma coisa assim e num outro momento, isso é o que eu acredito, num outro momento isso poderia dar uma advertência, entendeu? Mas como ele era persona non grata, isso culminou num processo contra ele e ele foi mandado embora. Quer dizer, a gente sabia disso. Agora, isso no meio ainda... a ditadura ainda não tinha terminado e obviamente aí tudo se enxergava, muita gente foi chamada na polícia federal para dar depoimento, para dizer que tinha comunista infiltrado aqui, aquelas coisas... você não podia pensar livremente que você era comunista nesse período. Se tivesse qualquer ideia contra o regime, se destoasse, né... Então tinha toda essa coisa. Então teve um processo, né, contra ele, e com essa conotação, né. Muita gente foi chamada para depor... Mesmo no último ano da faculdade, em 68, nós fizemos, ainda estava aqui, estava no quarto ano. E nos fizemos o que a gente chamou de curso piloto, que era um curso tentando... porque o objetivo da gente era, ao mesmo tempo de satisfazer as exigências de formação para universidade, mas também de ser um curso que unisse os alunos e que os alunos discutissem essas questões da Universidade até para ter um pouco mais de consciência de se engajarem nesse movimento para não fechar isso aqui. Isso foi em 68. E isso também deu pano para a manga, porque também isso foi objeto de discussão... quem sabe te contar essa história muito bem é a Thereza Marini. Então, a Thereza foi a coordenadora desse projeto e que a gente envolveu todos os alunos da faculdade e tinha uma parte inicial desse curso piloto que era uma coisa meio de formação política, entendeu. O que é a Universidade, o papel da Universidade, e a gente discutia essas questões sociais e isso, obviamente, olhando esses conteúdos a ditadura achava que era altamente subversivo. A Thereza foi chamada, inclusive. E isso estava tudo no bolo do processo do Armen. Uma investigação aqui a respeito do que nós fazíamos aqui, né...

E – Essa agressão, ou suposta agressão, alguém presenciou? Alguém, assim, que possa falar, presenciou isso?

L – Essa agressão do Armen? A do aluno?

E – É.

L – Isso eu não sei... isso eu não sei. O Márcio saberia bem disso, mas infelizmente não está mais aqui... Mas o Dióres sabe bem disso, a Carminha... Carminha também deve saber. Sabe a Encarnação? Que é uma professora aqui? A Carminha já era, já tinha saído... Não. Acho que estava começando, era aluna. Então Carminha sabe bem dessa história, porque ela sempre foi muito próxima ao Armen. Outro que sabia bem dessa história era o Olympio, que também já faleceu. Mar a Carminha deve... porque a Carminha, como era aluna nessa época, deve ter a visão dos alunos, né... Como os alunos viam isso, quem era esse aluno com o qual o Armen se indispôs. Ela deve ter mais clareza sobre isso. Teve o Mauro Bragatto, que também era aluno na época, ele deve lembrar bem dessa história.

E – Depois de efetivada essa reforma, digamos assim, os anos seguintes, que o curso foi minguando, o campus foi minguando, os professores foram sendo transferidos, você não vivenciou aqui dentro isso? Porque você já, você foi demitida logo no começo?

L – Fui demitida em 80 e voltei em 84. Então, não fiquei tanto tempo assim fora.

E – Esse período dos professores saindo... mas o Márcio estava aqui. Você se lembra como foi – ou ele contava alguma coisa a respeito disso – de como era o clima aqui, os professores foram embora? Um ano estava aqui, no outro não estava...

L – Um salve-se quem puder. Era esse o clima. As pessoas começaram a brigar entre si. A gente comentava, porque assim, na realidade era a luta pela sobrevivência. E os professores, muitos, começaram a fazer algumas tentativas, algumas manobras para ficar. E isso, obviamente, ao invés do pessoal, como sempre acontece, você sabe, que a melhor arma quando você quer alguma coisa é dividir um grupo de amigos. Se você olhar até mesmo a colonização foi assim, não chegou nunca um estrangeiro que um grupo não se aliasse a ele para ajudar. Então, é a mesma coisa. Aqui tinha gente que era a favor do Luiz Martins, era a favor das coisas que ele fazia. Então, na realidade, houve uma divisão aqui. Tanto é que como o pessoal da Geografia estava no poder ficou meio que uma guerra contra a Geografia, porque em vez de entender que a briga era contra o reitor, formaram uma briga entre os cursos aqui dentro. O pessoal da matemática contra o pessoal da geografia e contra a pedagogia, entendeu? Porque alguns pedagogos ficaram, então virou realmente um campo minado. Um clima muito ruim.

E – Teve gente que foi, assim, por vontade própria. Disseram “Ah, não... eu posso ir”...

L – Teve, da pedagogia foram.

E – E foram para Marília?

L – Foram para Marília. Um casal – não sei se até hoje estão casados – que era o... esqueci o nome deles. Mais para frente quem sabe eu lembro. Eles foram um dos primeiros a ir. A Iolanda, que dava aula aqui também que foi para lá. Quem mais que foi...

E – E foi só da educação? Por que acho que Ciências Sociais...

L – Não, o pessoal de Ciências Físicas e Biológicas, aí, foi transferido para... Assis ou Araraquara? Esse pessoal, por exemplo... tinha uma professora que era a Roselux que foi embora, eu acho que ela está... Ela continuou na UNESP, mas não sei se ela está em Araraquara.

E – É, Araraquara tem essa área.

L – Assis ela não está. Acho que ela está em Araraquara. Mas também já deve estar aposentada. Mas, não me lembro mais... O João Carlos estava aqui, que foi para a Unoeste. É, porque alguns não quiseram mudar, saíram da UNESP. O Jair, por exemplo, era da Física, que também dava aula no curso de Ciências, que também era tempo parcial, então continuou trabalhando nas escolas particulares, nas escolas de ensino médio, né... escola pública, digo. De ensino fundamental e médio.

E – E depois sabe se ele voltou ainda ao ensino superior?

L – O Jair... sabe que eu não sei? Eu sei que ele foi professor do Anglo muitos anos, foi lá no Joaquim Murtinho, inclusive quando eu era coordenadora. Então, acho que não voltou para faculdade não. Ficou mais no ensino médio, se não me engano.

E – E assim, muito do que a gente lê de memória, o pessoal diz que foi um momento bem traumatizante. Você acha que teve algum tipo de...

L – Foi, para quem ficou aqui brigando foi. Alguns logo se ajeitaram, foram embora ou não se envolveram. Mas para as pessoas que brigaram foi traumatizante. Foi um período bem difícil, isso aqui era um clima que não dava para entrar. Era muito ruim. As pessoas brigando entre si, nossa. Sabe, é mais ou menos aquela coisa: tem pão para poucos, né? E aí a coisa pegou... logicamente, ninguém queria... algumas pessoas que vieram de fora, já fizeram questão de ir embora, tipo: ah, não deu aqui vamos embora para outro lugar. Ela chamava, Anália, meu Deus do céu... como é que chamava? Eu vou lembrar. Que eles não eram do Departamento de Educação, então me lembro bem da Iolanda, que foi embora, deste casal, e tinha outros, mas também eles nem moravam aqui, eles vinham de São Paulo dar aula, então também não foi assim, entendeu.. para eles foi...

E – Para eles foi tranquilo...

L – É, não sei se foi tranquilo, porque nunca conversei, mas é assim, era uma coisa que eles estavam meio já com uma, como é que a gente diz, não estavam estáveis, não tinham mudado para cá, entendeu? Que era o caso deles, não tinham comprado casa, né. A Iolanda era, foi, minha colega de faculdade. Ela morava em Martinópolis, então não era também tão traumático. Ela foi para Marília, não fez muita diferença. Mas a briga foi maior entre os que ficaram. Porque, assim, o povo da Pedagogia, Neusa Sumi, a Thereza, criaram alguns cursos que... é... porque aqui ficou como Instituto de Planejamento. Então, meio que essa área começou a ganhar uma força e o pessoal também achava que isso era um jeito de fazer com que as pessoas adaptassem seus projetos de pesquisa para trabalhar com planejamento, entendeu? E alguns foram fazendo isso. Trabalharam muito no curso de gerente urbano... Quem tem uma memória fotográfica disso é a Ruth. A Ruth tem uma memória que é impressionante. Ela lembra detalhes, nomes, de tudo. Eu sou péssima, porque eu lembro de fatos mas lembro vagamente, né... eu não sou detalhista. Mas a Ruth tem isso parecendo uma fotografia. E aí o pessoal começou a dar curso nas prefeituras, de gerente urbano, entendeu. E aí entravam... tinha um pessoal também que trabalhava na Pedagogia Universitária, que também continuou trabalhando, né. Que era a Josefa e a Thereza e acho que a Lucia, a Neusa. Enfim, alguns, né, que eram, por exemplo a Lucia a Neusa, que eram do Departamento de Educação, elas foram para o Planejamento mas porque tinham uma possibilidade. Elas eram da área de administração escolar. Então isso era um pulo fácil para Planejamento porque elas podiam trabalhar um pouco com essa questão. Mas eu, por exemplo, que era da área de Psicologia Escolar... O que que eu ia fazer lá no Planejamento, entendeu? Como outros, né... de Didática, entendeu? Então... e também isso era uma discussão, entendeu. Algumas pessoas que começaram a fazer essas adaptações não passaram a ser bem vistas, né, para os mais, vamos chamar assim, fundamentalistas – eu era uma delas – então a gente achava que isso era um ajeito para ficar, que isso não era honesto, entendeu? Então tudo isso começou a dar uma celeuma aqui dentro. A Geografia, como estava com a, como diz o outro, com o burro na sombra, porque era o curso que a UNESP destinou, também era mal vista pelos outros, entendeu? Todo mundo achava que eles eram inimigos, mas não foram eles que escolheram ficar, entendeu. E pelo contrário, eles brigaram muito, foram os que mais brigaram. O pessoal da Geografia brigou mais para a Matemática ficar aqui do que os matemáticos. Porque sempre foram muito briguentos. São muito briguentos no sentido de que todos eles tinham uma visão mais política da questão, né? Tinham muito mais essa consciência da importância da vaga pública, do papel da Universidade no interior. Então, era um pessoal que mexia com História, com política, né. Então, eram os mais briguentos. Dióres, Armen, o Márcio, eles foram muito briguentos.

E – E defenderam os outros...

L – É que na verdade eles defenderam a Unidade, mas isso no momento foi visto como, assim, entendeu... "eles são os donos do poder", entendeu... porque, né, tradicionalmente sempre eles eram os diretores e foram ficando. Então... E tinham muitos vínculos, muitas ligações... por exemplo, o Márcio fazia parte do grupo democrático da UNESP, que foi um grupo que se instalou a partir dessas brigas tentando fazer com que a Universidade fosse uma universidade mais aberta, mas democrática, tirasse o ranço daquele estatuto que regia a UNESP quanto ela foi criada. Então, era um povo que estava sempre articulado também com os outros campus, com a Reitoria, entendeu? Com a Reitoria nova, né... então eles tinham uma outra cabeça. Mas eles foram vistos inicialmente como, sabe, querendo ficar com todo o poder e isso criou uma rivalidade entre os pedagogos, os matemáticos e os geógrafos. Depois de um certo tempo essa coisa se diluiu. Não sei se completamente, mas, né... Mas depois também a Unidade foi crescendo e isso foi se remodelando... apareceram novos cursos e, enfim... essa estrutura de poder vai se modificando. Mas na época era muito ruim, o clima aqui era muito ruim. Eu, por exemplo, não tinha a menor vontade de vir aqui. Até porque eu era da Pedagogia e o povo da Pedagogia eram contra a Geografia e meu marido era geógrafo, e um dos mais briguentos.

E – Olha a ironia...

L – E isso era meio complicado para eu trabalhar. Então eu, às vezes, até me envolvi menos do que deveria porque era um pouco difícil a convivência. Isso depois foi, gradativamente, mudando. Isso no primeiro período que eu estive aqui. Agora, a partir de 84 não. Quando eu voltei, a gente, é... esse clima já estava bem melhor e também a gente se envolveu muito, os pedagogos que estavam aqui, a gente se envolveu muito para criar novamente a Pedagogia, entendeu? Então isso uniu um pouco e isso era uma coisa que o pessoal antigo da Geografia também brigava a favor, entendeu. Porque era aumento de vagas. Então a gente também foi... aí foi interessante porque, a partir daí, a partir desse movimento democrático e com a queda do Luiz Martins e o início do Nagle, também esse espírito de fazer isso aqui crescer aí foi diferente, porque aí as pessoas começaram a se unir. Aí ficou uma coisa comum. Então aí era pedagogo, matemático, geógrafo que era tudo mundo brigando, então aquele clima ruim passou e aí todo mundo se envolveu nessa questão de ampliação da Universidade.

E – Nessa época, tinha o jornalzinho Carcará que era muito forte. Ele era da Geografia? Era feio pelo pessoal da Geografia?

L – Era. Isso a Carminha sabe muito bem dessa história

E – E daí então, começando agora, a gente vai entrar nas imagens aqui. Tinha essa capa do Carcará (IMAGEM 1) que eu achei ela super interessante e que falava a respeito deste período. Você lembra alguma coisa de quando ela saiu, do autor dela, alguma coisa?

L – Olha, a cara do Nagle...

E – Esse aqui já era o Nagle?

L – Nesse período... que ano que foi isso... 76. Não, não... aqui era o Luiz Martins. É só que eu estou dizendo "parece o Nagle". Mas o Nagle ainda não existia, acho que o Nagle entrou... deve ter entrado... gente, quando foi? Você precisa pesquisar isso aí...

E – É, eu tenho um...

L – Mas nessa época não, isso aqui é a criação da UNESP

E – Em 76 era o Luiz.

L – Era, o Luiz Martins... Deixa eu ver. Eu não lembro mais nada disso. Eu lembro de todos os comentários e tal, mas as capas mesmo eu não lembro mais... "importância das eleições"...

(Lê alguns trechos da capa do Carcará)... Quer dizer, na realidade, o Carcará fez notícia mesmo quando ele começou a falar mal dos professores. Porque até então, entendeu, circulava mas não tinha tanto ibope. Mas na hora em que ele começou a falar mal, mas um mal pesado, inclusive de coisas particulares dos professores, aí ficou, entendeu... ficou famoso, né. Porque até então não era tão... isso sob o meu ponto de vista, pode ser que para a geografia tenha outra visão.

E – Aqui tem outra capa também que é dessa época de fechamento dos cursos.

L – Exatamente. Então, vê, os alunos obviamente brigavam... era assim: os alunos e o pessoal da Geografia brigando para não ocorrer a, como fala, o cancelamento dos cursos e tal e pela ampliação de vagas, certo?

E – Esse tipo de desenho você não

L – Aqui, olha... De 240 vagas caíram para 80. É o que eu falei para você: nós quase fechamos isso aqui. Você andava aqui, estava às moscas, não tinha ninguém.

E – Eu vi em algum lugar que especialmente à noite ficava praticamente deserto isso aqui.

L – Exato.

E – E, agora quem desenha ou desenhou isso aqui você não...

L – Não, não sei... não sei não.

E – Teve também, em uma matéria que saiu no jornal... essa aqui, você não... você participou dela. Aqui é a Aracy. Essa sentadinha aí. Que foi na manifestação.

L – Esse aqui, quem que é esse... Você consegue ver quem é? Será que esse é o Armen? Não, o Armen é esse. Esse aqui está parecendo o Márcio. Está vendo, olha... Esse aqui é o Armen, que está do lado dela.

E – Na realidade, aqui, eu descobri que era ela porque estava escrito na legenda. Agora, desse pessoal que está aí, é difícil reconhecer...

L – É, porque teve um debate, né. Teve a coisa lá no Ginásio de Esportes, mas teve um debate aqui também.

E – Ah, teve um debate? Esse debate foi aqui, esse debate?

L – É, não... Isso aqui foi aqui.

E – E como foi esse debate?

L – Ai, gente. Eu não lembro mais...

E – Mas foi um debate com todos estes que iriam para o evento lá no Ginásio depois?

L – Não lembro... não lembro não.

E – E deste aqui, então.

L – É que eu preciso olhar... eu não sei se eu já estava aqui... acho que eu não estava aqui ainda. Em 76... é, porque, eu fui chamada... eu não me lembro. Eu preciso olhar as datas lá, porque... não sei se eu já estava aqui. Pode ser, porque eu era ex-aluna e tal, né, fui lá no Ginásio de Esportes, mas assim... eu não sei se eu já... *(Lê)* Boieng 737 em Prudente: até agora só esperança.

E – Se você estava entre os organizadores, digamos.

L – Deixa eu ver... Essa aqui acho que já foi no Ginásio de Esportes. *(Começa a ler a notícia)*... É esse aqui foi no Ginásio. Porque teve debate aqui também, sabe.

E – Ah, mas o debate foi no mesmo dia ou foi...

L – Não lembro... Não sei te dizer. Porque teve isso e depois teve um show. Agora, foi no mesmo dia? Eu não lembro mais... *(continua lendo a notícia)*

E – É que aqui também não está o texto completo... está aqui mas não sei se dá para ler direito. Aqui já é outra.

L – Enfim, a gente acabou mobilizando...

E – Esse aqui já dá para ver que é lá no Ginásio mesmo.

L – É. Então, mas depois teve um show. Quem foi que cantou mesmo? Luiz Gonzaga? Ai, não lembro mais... Mas falaria, né. Será que foi um outro dia? Já não lembro mais, hein, Édison... Sou ruim para essas coisas, sou muito ruim.

E – Essa aqui também, acho que é outra foto dessa mesma manifestação. Esta aqui saiu na Folha.

L – Certo.

E – Essa aqui é local.

L – Isso aqui é bem na criação da UNESP, em 76.

E – É, foi criada no finzinho de janeiro e aí durante esse ano teve essa manifestação bem lá no fim do ano. Aí já é novembro.

L – Então, mas é interessante porque teve também um show, viu... mas aqui não fala.

E – É, então... desse show eu não sabia até agora não.

L – Será que foi posterior? Foi uma outra vez? Eu não lembro, Édison, eu não lembro. Porque teve a concentração... Para mim, o show foi depois disso aqui. Mas acho que estou enganada, porque você vê que a notícia não fala do show. Falaria, né.

E – Então, mas nas minhas pesquisas depois eu não achei mais nada falando a respeito de concentração por conta da UNESP. Então deve ter sido neste mesmo dia mesmo, mas é estranho que não fale. É porque aqui também não está o texto inteiro, viu? Ele continua para cá...

L – Dá uma olhadinha. Mas eu sei que depois teve... não sei se foi nesse dia ou foi um outro, uma outra campanha. Agora não consigo lembrar.

E – E, tem uma última que eu queria te mostrar, é se você se lembra deste homem. Essa foto é da Folha também.

L – Não. Quem que é?

E – Ele era o presidente da Adunesp na época

L – Como é que ele chama?

E – Ulisses Telles Guariba

L – Ah, o Ulisses... Então, mas o Ulisses eu realmente conhecia só de nome, eu não o conhecia pessoalmente...

E – Ele não veio para cá em nenhum momento dessa reestruturação?

L – Não me lembro...

E – Porque... ele era um defensor de que não tivesse a reestruturação dessa forma e tudo mais...

L – É, porque muita gente, quando viu que a UNESP estava sendo criada, primeiro, ditatorialmente e com um estatuto que era extremamente retrógrado, foi contra. Por isso que eu disse para você que a coisa ficava contraditória, porque ao mesmo tempo em que todo mundo achava que era uma boa ser uma universidade, mas não esta universidade, não criada deste jeito. E isso também dividiu muito as pessoas, porque, daquela forma, era um atraso não querer uma universidade. Não, nós queremos, mas não esta. Então, essa... era uma coisa assim. Mas eu não lembro se ele veio aqui não.

E – Porque depois nós fomos pesquisar um pouco da história dele e a gente descobriu...

L – É, porque eu não vinha aqui muito, né... porque eu era tempo parcial. Então eu dava aula. Tinha trinta e tantas aulas no ginásio, né. Então, nem tudo eu participava aqui dentro, porque para mim era impossível. Eu tinha oito aulas e ia embora, porque... e depois também fazia o mestrado. Então, assim, eu vinha muito pouco aqui. Vinha só no dia da minha aula. Então muita coisa também aconteceu que eu não participei. Talvez fosse interessante você pegar alguém que já fosse tempo integral nesse período.

E – Quem que era tempo integral nessa época, você lembra?

L – Você quer dizer, da Pedagogia?

E – Não, assim, no geral...

L – No geral? Josefa era tempo integral, Josefa Grígoli... Thereza Marini, estou pensando no meu departamento. A Yoshie... Isso da Educação, né? Agora, da Matemática... aí era; o Terto – Tertuliano –, Ana Leão... A Ana Maria. Luiz Galante. A Cristina Amêndola. Bom, nesse período... Alguns que já morreram. É, tinha o Assiz, que já morreu, tinha uma outra professora que chamava Carmen de Nazaré, a Ruth.

E – A Ruth já era?

L – A Ruth já... Agora, da Geografia, era o Armen que já foi embora, o Dióres, o Márcio, que já faleceu, o Olympio que já faleceu, o Ferrari já faleceu, o Alvanir... O Alvanir também tem memória de elefante, o Alvanir é uma ótima pessoa para você entrevistar, porque ele lembra dos detalhes. Você precisa entrevistar esse povo tudo logo, porque já está tudo perto de morrer. Mas é, meu filho... O Alvanir já deve estar nos 75 anos. Marcos Alegre, que é outro que sabe dos detalhes todos. O Marcos Alegre morava aqui dentro. Foi diretor, então... Bom, da Geografia, quem mais... Eu acho que a Carminha... bom, na época da criação da UNESP... eu não me lembro... 71 ela era aluna. 72, 73 ela era aluna ainda. Então, quando a UNESP foi criada acho que ela já tinha saído. Eu não sei em que ano que ela voltou como professora. O Eliseu... E tinha um povo que era tão mudo, tão mudo, meu filho... sabe aquele tipo de gente que nunca participa de nada? Então... estou lembrando de alguns aqui mas eu acho que também participaram muito pouco e você precisa de gente que viveu o ofício.

E – Estava engajado nisso... E, bom, acho que do que eu tinha para perguntar é isso. Se tiver alguma coisa para acrescentar...

L – Não, acho que não Édison. Só não dou as datas aí porque eu não... agora, dá uma cutucada nesse negócio, porque... para mim, na minha lembrança, teve um show também, não foi só o debate. Agora, não sei se foi nesse mesmo dia ou se foi depois.

E – Então, teve o debate antes, o evento lá, e o show?

L – Eu não lembro se foi junto ou se foi depois.

E – Ah, está ok...

L – E eu acho que foi o Luiz Gonzaga que veio aí. E agora, não consigo lembra...

E – É, dessa parte eu não estava sabendo até agora não.

L – Eu estou precisando mexer lá nas coisas, eu não tive coragem ainda, tempo... mas o Márcio tem muita coisa disso guardada, sabe? Mas eu não mexi... tenho que organizar o escritório e eu preciso de uns dois meses para organizar. Então, lá tem muita documentação. Mas eu tenho uma vaga lembrança de que teve um debate e teve um show também.

APÊNDICE B

Entrevista com Eliseu Savério Spósito, em 27 de novembro de 2013

Ed – O meu ponto principal é o momento da criação da UNESP mas eu queria começar um pouco antes. Queria saber da sua formação e onde a sua história se cruza com a da UNESP.

El – Ela se cruza com a UNESP em 1970. Eu fiz o vestibular aqui, fui aprovado na Geografia. Mas eu tive que trancar por um ano, porque naquele tempo a Geografia era de manhã e à tarde, de manhã e à tarde. E nesse dia, de manhã... nesse ano, de manhã coincidiu que eu peguei aulas no ensino primário em Pirapozinho de manhã. Então tive que trancar um ano a matrícula, para ficar trabalho, e em 71 eu entrei. Então eu fiz o curso de Geografia de 71 a 74. Trabalhando aqui – eu era funcionário aqui, desenhista – de manhã e à noite e fazia o curso à tarde. Então eu vivi toda essa experiência de 71 até... não só a criação da UNESP, mas até um pouco depois, viu. Fui funcionário aqui até final de 77. Aí casamos e fomos para São Paulo. Mas de 71 a 77 eu realmente vivi todo esse momento.

Ed – Depois mestrado e doutorado foram fora?

El – Foi todo na USP. Eu entrei em 77 na USP, comecei a viajar, consegui horário especial aqui para viajar uma vez por semana. Fiz uma ou duas disciplinas, depois fiz outra em 78, mas aí já morava em São Paulo. Terminei em 82 mas só fui defender em 83, porque meu orientador teve um problema de saúde. E depois entrei no doutorado em 85 e terminei em 90. Mas aí já dentro da UNESP como funcionário, porque eu entrei aqui... como professor. Entrei como professor aqui em julho de 80. Então de 77, final de 77, acho que outubro que eu pedi a demissão, até julho de 80, portanto praticamente três anos, eu fiquei fora. Aí eu antes era desenhista, funcionário... fui aluno, funcionário, depois professor. Então fiz os três segmentos aqui. Então, quando a gente estudava, aqui era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era um Instituto Isolado. Ele, inicialmente, quando foi criado, ele era, entre aspas, monitorado pela USP, que nunca, de uma forma geral, os catedráticos nunca foram muito simpáticos a essa ideia da interiorização do ensino público. Mas, depois foi criada a CESESP, que era a Coordenadoria de Ensino Superior do Estado de São Paulo, que congregou, eu acho que, doze faculdades do Estado, que eram Prudente, Assis, Marília, Araraquara, Franca, etc., como se fosse uma reitoria, mas não era. E foi exatamente isso aí que deu a semente para a UNESP, que um professor, que foi o primeiro reitor, Luiz Ferreira Martins, com inspiração também política, partidária do governo do Estado, resolveram montar a UNESP com esse modelo original – é um modelo original, né – para, inclusive, aproveitar as instalações de Ilha Solteira que estava sendo deixada pela CESP. Então, no estatuto, a Reitoria da UNESP é em Ilha Solteira, só que nunca foi para lá. Sempre foi em São Paulo. Então, com esses arranjos, criou-se a UNESP com, acho que, doze cidades, se não me engano, inicialmente. Muito bem, e quando a UNESP foi criada, eu acho que a Unidade mais prejudicada foi Prudente. Nós ficamos com dois cursos. E com dois cursos, ainda graças a luta de pessoas daqui, e digo mais, sem puxar o holofote: da Geografia, que queriam que ficasse tudo. No entanto, perdemos Ciências Físicas e Biológicas, Pedagogia e Sociologia, que foram esquartejadas, esses cursos foram esquartejados. Foram para Marília, Araraquara, eu acho que Assis – professor de História daqui que teve que dar aulas por seis, sete anos em Assis e tal... depois a coisa foi se acomodando. Mas isso provocou uma divisão interna muito grande, porque todos os professores que lutaram pela permanência do curso aqui, mais os de Geografia, foram marcados e um deles foi demitido em 80, porque ele foi *persona non grata* para as direções da UNESP. Porque os dois primeiros reitores foram nomeados pelo governador e tinham aquilo que os historiadores antigos falam, da "*mano militare*", não é, eles tratavam a UNESP com a mão militar mesmo. E era hierarquia, tinha que ser obedecido, e não adiantava querer reagir.

Quando eu entrei aqui em 80, o diretor aqui que morreu no poder ainda, em 82, o Roberto Pannain, ele ainda mandava recados para a gente, que a gente era da ADUNESP – tinha realmente uma militância mínima, porque era o hábito desde estudante – mandava recado para os professores, fechar a porta e falar, dar conselhos "Olha, não mexe com isso não... esse negócio de Sindicato, isso não vale a pena... vão estudar... fala para a sua mulher não se meter com a ADUNESP não... vocês estão aqui para estudar...". Recados, à luz do dia, com porta fechada, e se a gente realmente, digamos assim, não tivesse nenhum respaldo ideológico forte, teria ficado com medo. Então, eu tive até situações complicadas aqui. Eu quase fui demitido e eu não sabia. Fiquei sabendo disso muitos anos depois...

Ed – Isso enquanto professor?

El – Não, enquanto funcionário. Enquanto funcionário. Porque a Congregação tinha três participantes externos, da cidade, representantes de setores que eles chamavam de setores vivos da cidade, e professores daqui. Mas era tudo, assim... Eram os professores titulares, eram os professores efetivos, tinha uma nata que comandava tudo. E porque eu participava, por volta de 74, 75, do Carcará, o jornalzinho nosso, e eu usava minha sala de desenho à noite. Então eles achavam que isso era ilegal, eu usar o recinto público para subverter a ordem. Mas eu não estava subvertendo nada, a gente era... eu costumo dizer que a gente era os "jovens metecos que achavam que estavam fazendo alguma coisa"... Meteco significa um sonhador jovem, novo, que está querendo fazer alguma coisa. E a gente, claro, naquele entusiasmo, fazia críticas muito mais ao sistema, muito mais ao regime militar, do que a aqui. Aqui, a gente estava até... tinha até orgulho de estudar aqui, de trabalhar aqui, gostava daqui mesmo. Então, essa... veio um dia uma votação, segundo um professor me contou depois, que eu continuei com o emprego por um voto. A coisa foi pendente mesmo. Mas por quê? Porque esse momento de criação da UNESP foi num momento ainda de regime de exceção no Brasil. Então foi imposto um modelo que hoje deu certo, eu acho, na minha opinião, mas deu certo graças às pessoas que vieram depois, não necessariamente ao projeto original, porque se mudou o estatuto, as pessoas mudaram, aqueles originalmente que eram os professores e reitores já não estão mais. Então eu acho que deu certo o projeto, que hoje é modelo para muitas outras universidades. Mas o início foi muito doloroso, porque colocou-se a UNESP como se fosse uma cunha no ensino superior do Estado de São Paulo, de qualquer jeito, para, digamos assim, dentro de um modelo imaginado, com verniz ideológico militar. E a UNESP era governada com princípios militares mesmo. Foi por isso que, na criação da UNESP, Prudente perdeu, porque era uma Unidade combativa. Era uma Unidade combativa. Porque o Departamento de Geografia, dos professores daquele tempo não está nenhum mais aqui, mas cada um do seu jeito tinha um combate muito forte contra as imposições, não contra a criação da UNESP em si, mas contra a retirada de cursos. Verdade ou não, segundo depoimentos que já vão desaparecendo no tempo, o primeiro reitor da UNESP falou aqui em Prudente que o sonho dele era transformar esse campus aqui num quartel militar. E quando isso falado para aqueles professores mais combativos daqui, aí que eles combateram mais mesmo, aí que a reação se tornou mais forte. Mas isso aí tudo leva a um símbolo, ou ações simbólicas, vamos dizer assim – melhor falar em ações simbólicas. Em 1980, o professor mais combativo, que foi Armen Mamigonian, que dividiu aqui a FCT, que naquele tempo era IPEA, em duas, ele foi demitido numa ação imposta, em janeiro, no apagar das férias, simplesmente foi demitido. Foi tão ilegal a coisa que ele conseguiu recuperar todos os direitos que ele tinha. Reintegração de salário, indenização, reintegração de posse, tudo isso aí. Mas ele não quis porque ele já estava em Santa Catarina, na USC, depois na USP. Mas isso aí, praticamente, do ponto de vista pecuniário, resolveu a vida dele, né. Você recebe uma bolada que não estava esperando. Mas para isso, foram lá dez, doze anos de labuta, demorou bastante.

Ed – A respeito desta demissão dele, você sabe exatamente o que embasou?

El – Sim. Como ele era muito combativo, ele tinha muita inserção junto aos alunos. Mas ele também era muito emotivo. E ele realmente brigou fisicamente com um aluno aí, que era do Diretório Acadêmico. E aí, segundo eu soube na época, houve forjamento de atestado de corpo de delito três dias depois, por um médico aqui que também não gostava desse professor que era muito combativo porque nos anos 70, tinha o Cine Clube FAFI, que tinha toda sexta-feira à noite, no antigo Cine Fenix, onde hoje é Casas Bahia, às 10 da noite. E depois que terminava o filme tinha um debate. E ele era daqueles que debatia pesado, as pessoas não gostavam do jeito dele falar. E um médico daqui, que acho que era até cardiologista e que era até do velho Partido Comunista Brasileiro, fez um atestado a favor desse aluno, contra ele [Armen]. Então a coisa foi montada desse jeito, com depoimentos contra, nunca depoimentos a favor, percebe, de colegas nossos. Então, essa é uma chaga que eu acho que a gente não deve alimentar na UNESP, do ponto de vista, vamos dizer assim, da mágoa pura e simples. Mas nós não podemos esquecer, para que isso não ocorra novamente com A, B ou C. Quando a coisa é por justa causa, no sentido de malversação de dinheiro público, quando é realmente improbidade, tudo bem. Mas não do ponto de vista político. Porque, naquele momento foi, realmente, uma demissão com cara política. E ele, o Armen, não era de carteirinha do partido A, B ou C, ele era um ideólogo de esquerda mesmo, ele combatia porque ele não era a favor do fechamento de cursos aqui. Até professores do curso de Sociologia aceitaram mais passivamente esta mudança do que ele. Alguns foram para Marília, Araraquara, e aceitaram as mudanças. Mas essas demissões vinham sistematicamente. Em 77, logo depois da criação da UNESP, três professores ou quatro do curso de Ciências Sociais foram demitidos, aí com justificativa política mesmo, por perseguição porque tinham fichamento no DOI-CODI e tal. Em 80, dez professores foram demitidos também.

Ed – Já quando você estava aqui?

El – Quando eu estava aqui. Você imagina, eu entro em julho e em agosto vem uma lista de dez demissões. Se a gente fosse ficar com medo desse tipo de coisa, teria trancado a porta e não conversado com mais ninguém. Mas ao contrário, isso acirrou mais os ânimos e aí participamos da ADUNESP, que o ápice foi em 89, contra o Quércia, uma greve... depois eu conto mais. Mas para resumir essa história da criação, eu era funcionário quando ela foi criada, eu apoiei essa reação para que não perdêssemos cursos, mas acabamos perdendo três. E a gente fala até que era mais porque era Licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas, ou seja, o pessoal saía daqui com diploma com especialização para dar aula de Química, Física e Biologia.

Ed – Acho que Pedagogia tinha essas habilitações também, não é?

El – Porque tinha o "ensino de", não é? Então tinha essas coisas e no fundo era um curso que valia por três. E mais os três outros, eram seis cursos. Nós perdemos praticamente uma... 60 a 70 porcento do que a gente tinha. Então a faculdade não fechou porque foi uma ação muito bem forte por parte da Geografia, e dos colegas, naquele tempo os professores, da Matemática que aceitaram, que se engajaram nesse grupo que quis manter o IPEA forte. E depois em 78 foi criado o curso de Engenharia Cartográfica, cujos primeiros professores foram coronéis aposentados que vieram para cá e até deram um bom perfil ao curso apesar de militares – havia uma certa restrição a eles, não vou esconder, tinha mesmo. A gente como funcionário, os alunos, os próprios colegas que estavam aqui tinham muitas restrições aos que vieram, mas eles acabaram formando alunos que depois assumiram. A maioria dos que estão aí foram formados aqui. E acabaram formando um corpo bom, que alavancou o curso, que hoje é um dos melhores do Brasil na área. E aqui na FCT também é um dos melhores, um dos mais produtivos no sentido de engajamento, de projetos, de internacionalização. Então a luta era contra o fechamento de cursos. E se queria também, para terminar esse ato, um estatuto mais

democrático, um estatuto que não tinha esse ranço do catedratismo da USP e nem da ideologia militar, de escolhas por obra e graça do reitor. Então esse foi o momento de criação da UNESP.

Ed – E como que esta notícia chegou aqui? De que ia se juntar as instituições e criar a UNESP de fato?

El – Pelo que eu me lembro foi o próprio diretor, na época, que era o professor Marcos Alegre, que veio com a proposta de "Olha, agora nós vamos ser uma universidade; isso é muito bom porque vai fortalecer, não seremos isolados"... Porque até o nome era esse: Instituto Isolado. Então ele veio entusiasmado com a notícia. E daquele tempo ele contaminou positivamente a maioria das pessoas "Olha, então se é bom, vamos achar que é bom também, não é?". Mas junto veio essa proposta de fechamento de cursos. Aí já não foi bom, porque a proposta era, segundo a geopolítica que a primeira reitoria traçou, fazer uma regionalização por áreas, como se os territórios, dentro do Estado de São Paulo, tivessem, entre aspas, alguma vocação. Quer dizer, aqui em Presidente Prudente, era Geografia. Não podia ter História, não podia ter Química, não podia ter Física, nada. Em Marília tinha que ser tal curso, em Assis tal curso. Isso não existe, isso só se resolve, realmente, a partir de um projeto imposto. Porque não houve uma pesquisa de base, de aspiração, de vontade, "O que se precisa aqui?". Aqui a gente estava no Oeste, com o gado tomando conta da área que foi do café, então talvez fosse melhor um curso de Agronomia, mas isso não passava por eles. Simplesmente houve uma definição: fica-se aqui, fica-se ali. Como se colocasse o mapa do Estado de São Paulo na mesa e fizesse um joguinho de damas: "Põe aqui, ali e tal, e não se fala mais nisso". Então, a notícia que veio, inicialmente, ela foi bem vinda, foi bem aceita, mas no momento em que houve a proposta de fechamento de cursos, a reação aqui foi muito grande. Porque eu acredito que só Prudente perdeu. Você pode ter tido algum fechamento de departamentos em outras Unidades, mas elas ganharam outros nesse rearranjo. Nessa dança das cadeiras, Prudente perdeu muitas cadeiras e não vieram outras para cá.

Ed – Então, primeiramente veio essa euforia, digamos, e depois como se ficou sabendo dessa proposta de fechamento dos cursos mesmo? O reitor veio aqui, o futuro reitor veio aqui para falar a respeito disso?

El – Não, ele veio, por exemplo, em 1977, quando isso já estava praticamente definido, ele veio numa formatura aqui. Inclusive a oradora da turma de Geografia foi a Maria Encarnação, minha mulher. Ele ouviu o discurso dela de costas. Ele não se virou porque ela estava falando, estava assim de lado, a mesa era aqui, geralmente é assim, falando para o público e olhando de viés para a banca. Ele virou meio de costas assim, e ela falando. Ele ficou olhando para lá, para cá, não respeitou o discurso. E foi um discurso crítico contra o fechamento de cursos também, por uma universidade, realmente, do conhecimento, uma universidade mais livre. Porque havia uma luta, não era contra o reitor nesse caso também, havia uma luta contra um regime militar instaurado desde 64. Em 1977 ainda a coisa estava muito tensa, porque, por exemplo, a anistia só chega em 79, a tal da abertura lenta, gradual e irrestrita, do Ernesto Geisel, estava em pleno funcionamento. Então o momento era um momento tenso. Então, praticamente o discurso foi voltado, dando o recado para o regime de exceção de um lado, e para o fechamento de cursos do outro. E as notícias vinham, assim, o diretor é que trazia. Não vinha nada oficial. Ele vinha... o diretor ia para São Paulo, a cada quinze dias ou um mês tinha que estar lá mesmo, e ele trazia as notícias. E quando ele trouxe a notícia de que tinha que fechar cursos, aí a coisa ferveu no sentido de ferver mesmo. Usou-se, inclusive, dos mais diferentes expedientes. Como o Armen é irmão da Aracy Balabanian, ele trouxe ela para cá numa reunião no Ginásio de Esportes, todo mundo foi lá, ouviu os discursos, um monte de alunos lá. Trouxe até o Luiz Gonzaga para fazer um show aqui e "Opa, vamos aproveitar o

show dele para dar um recado, para arrecadar dinheiro também para manter o movimento". Foi um movimento bonito, vamos dizer assim.

Ed – Foi tudo no mesmo dia, esse show?

El – Não não... Um dia aqui, outro dia ali. As coisas eram concatenadas muito lentamente, era muito devagar. Devagar, que eu digo, assim: aqui, daqui dois meses outra coisa, três meses outra. Esse do Luiz Gonzaga foi, acho que em 78. Acho que eu já tinha até saído daqui.

Ed – É, porque no fim de 76 teve a vinda da Aracy, que eu até vou chegar nesse ponto com você, foi em novembro de 76. Você participou da organização disso ou você foi lá para ver?

El – Não, como eu era funcionário, eu estava junto com o pessoal, estava no Ginásio de Esportes, mas eu não fui um dos da comissão organizadora. Porque foram os professores que fizeram isso. E eu acredito até, agora fazendo a ligação, eu estava até sendo poupado. Porque já quase tinham me demitido... se eu estivesse nessa era até pior. Então eu fui, realmente... mas estava lá, estava lá na claque também, porque eu tinha acabado de ser aluno, é eu tinha me formado em 74. Mas eu tinha me rematriculado para fazer Estudos Sociais. Eu fiz uma ou outra disciplina, mais para continuar vivendo a universidade, porque como funcionário eu tinha um distanciamento dos alunos porque eu tinha meu serviço. E como aluno eu ainda tinha uma... fazia à noite, uma disciplina. Mas foi só um ano, não tinha nenhuma pretensão de ter outro diploma não.

Ed – Desse dia, da manifestação, veio algum representante da reitoria, do governo? Nada?

El – Não, eu acho que não. Mas teve uma repercussão, isso aí talvez você possa ver até pel'O Imparcial, teve uma repercussão local muito grande. Pelo estrelato da Aracy Balabanian e pela causa, porque naquele momento O Imparcial era muito simpático às causas da FCT, apesar de dizer que aqui era um antro de comunistas, porque um dos colunistas deles, o Barbosa da Silveira, tinha feito Sociologia aqui, o curso que fechou. Então ele também vestiu a camisa, ele também ficou ofendido com esse fechamento de curso. Então ele era praticamente o elo de ligação entre o IPEA, naquele tempo, e o jornal O Imparcial. Então eles cobriam bem essas notícias. A repercussão foi positiva neste sentido.

Ed – Eu sei que um pouco ainda antes dessa manifestação, o reitor, o Luiz Ferreira, veio aqui, lotou um Anfiteatro. Acho que foi a primeira grande briga que teve entre ele e o Armen. Você participou deste dia? Você se lembra de alguma coisa?

El – Eu não participei o tempo todo... não participei o tempo todo não porque eu tinha que ficar desenhando, então eu não podia. Mas eu lembro deste dia, de ir lá, e tem... deixa eu ver se eu lembro... de mais evento... não, de mais detalhes... Não, eu lembro de entrar no Anfiteatro, ele estar lá, o Armen falar... Mas como eu entrava e saía, também não vou... tudo o que eu te disser é muito parcial. Mas aí começou quase que uma peleja pessoal entre eles. Esse é o problema. A coisa que tinha um tom reivindicatório, de mantença de cursos aqui, virou uma briga pessoal dos dois.

Ed – Segundo o que já me passaram, teve até um pouco de xingamento, algo assim...

El – Eu não vi. Mas eu acredito que tenha tido porque os dois lados não eram muito calmos.

Ed – Entendo...

El – Os dois, inclusive, eu acho que tinham feito CPOR, que é aquele curso de oficiais de reserva. Então todos os dois tinham um espírito mais militar, digamos assim. Então, a coisa foi tensa, nisso você tem razão, mas eu não estou me lembrando de ter presenciado esse entrevero. Apenas as repercussões posteriores. E aí não teve mais volta. Porque quando ele saiu daqui, com certeza o Luiz Ferreira saiu com o objetivo de demitir o Armen. Isso aí ele

deve ter colocado como um plano de metas. Tanto que em 1980, o diretor que entrou aqui veio com esse objetivo e ele não escondeu. Quando ele terminou, ele falou "Não, eu vim aqui para demitir o Armen mesmo". Quer dizer, uma universidade que também se baseou em birras pessoais. Mas faz parte desse jogo todo. Não vamos também dizer que a vida é só política, só economia e tal. Então as coisas se misturam, não é? E tem o ânimo das pessoas também. Não é a ideologia só, é também a emotividade de cada um.

Ed – E depois de colocada em prática essa reestruturação, digamos assim, quando mudou cursos e tudo o mais, você vivenciou o clima aqui? Os professores com medo, às vezes, de serem demitidos ou de terem que ir para outro Campus, alguma coisa neste sentido?

El – Olha, depois de 81 para cá, e depois da morte desse diretor, o Roberto Pannain, não. Porque, a partir daí, os diretores passaram a ser, mesmo que não fossem aqueles dos sonhos que o pessoal tinha aqui, eles eram da Unidade, eles eram indicados em listas sêxtuplas. Claro que o Reitor... por exemplo, tinha um diretor aqui que foi o sexto colocado da lista e foi o escolhido. Tudo bem, mas era daqui. Então as tensões com a Reitoria diminuíram. Mas ao mesmo tempo, começou a crescer a força da Associação de Docentes da UNESP, que nasceu junto com um grupo chamado "Grupo Democrático" – desse eu participei de algumas reuniões também, em Araraquara... teve reunião principalmente em Araraquara, mas também Marília e Prudente – que queria a mudança do estatuto da UNESP. E isso aconteceu anos depois, mas foi uma luta muito bem organizada, por um grupo pequeno, mas que tinha voz que participava do Conselho Universitário, mas ao mesmo tempo tinha o respaldo da Associação dos Docentes da UNESP. Essa ADUNESP que foi uma associação muito importante. Não como hoje, uma associação pelega. Hoje a ADUNESP é pelego, pelego com as propostas mais... as piores propostas corporativas que você pode ter. Então, junto com o conjunto de diretores da Unidade, portanto, digamos assim, o embate se tornou mais local, cresceu a força da ADUNESP. E isso foi um aspecto positivo, porque a ADUNESP não era mais contra a UNESP, não foi mais contra a criação da UNESP. E também porque a partir de 78 veio o curso de Engenharia Cartográfica, alguns anos depois começa a ter outros cursos, a volta de Pedagogia, e outros são criados também. Ah, em 88 isso também começa a melhorar até do ponto de vista do orgulho de quem está aqui em Prudente. Com a incorporação da IMESPP, que era o Instituto Municipal de Ensino Superior, veio o curso de Fisioterapia e de Educação Física. Então todo mundo aqui se engajou. Eu fui orientador – a gente chamava de tutor – porque eles não tinham mestrado e tinha que ter alguém que acompanhasse os relatórios deles e tal. Todo mundo da Geografia, da Educação, entraram de corpo e alma para ajudar os colegas. Tanto que hoje, você trabalha na Fisioterapia e você vê que é um curso de ponta, um curso exemplar para o Brasil todo. A Educação Física ainda tem altos e baixos, ela não decolou como a Fisioterapia. Mas eles foram muito bem vindos e incentivados por nós. E depois isso vai fazendo com que a Unidade cresça e vá tendo outros elementos no debate. Isso ajudou demais em duas greves: em 88 e 89 durante o governo Quércia, pelo creatino salarial, pela URP... Unidade... eu não lembro mais o significado de URP. URP, é isso mesmo. Até nas passeatas lá em São Paulo o pessoal cantava "Eu quero URP, seu Quércia, ou você paga ou você vai ver", pegando aquela música, "Ilariê" da Xuxa. Era uma coisa interessante mesmo. E a gente ia toda semana lá, foram greves que duraram oitenta ou noventa dias. Foi uma coisa, assim, impressionante. E gente nas ruas. E os cavalos da polícia correndo atrás de nós lá, a gente se escondendo na Igreja da Consolação, eu me lembro. Quando tem a razão ao seu lado, o medo acaba ficando dos dois lados. Se você tem razão, você tem medo, mas o outro também tem. Então eu me lembro, assim, da gente indo, e a gente da ADUNESP tinha que ir na frente, um pouquinho e tal. E aquele paredão de escudos dos militares. E eu me lembro, da gente perto ali, cinco, dez metros deles, de olhar nos olhos dos militares. Eles estavam morrendo de medo, porque eles também têm família, têm lar, estão querendo ir

embora. E nós, do lado de cá, também. Mas ninguém queria o confronto. Tanto que as conversas eram demoradas, ia alguém, o comandante vinha e falava. Às vezes, a gente ficava naquela coisa parada uma hora, uma hora e meia. Eles lá com medo de atacar, e a gente com medo também de ir pra lá. Mas tinha que manter aquela tensão de forças. Então nós chegamos a duzentos metros do portão do Palácio dos Bandeirantes e não fomos além. Aí foi uma comitiva recebida e a gente tinha que esperar sentado no chão, e os caras também lá, em pé com aqueles escudos. A gente podia sentar, eles não podiam sentar. Mas eu me lembro de ter visto nos olhos deles, realmente, o olho arregalado e aquele olho brilhando. Você vê que há uma preocupação do lado de lá também, porque eles não querem se machucar e nem machucar ninguém. É normal isso aí no ser humano. O importante é evitar. No entanto eles sabiam que a gente também tinha uma certa razão. Aí, no caso, era por salário, era por salário mesmo. Mas foi uma vitória sensacional a que aconteceu aí. Foi o Orestes Quércia – foi no governo dele, não vamos dizer que é ele – foi no governo dele que foi assinada a autonomia universitária, autonomia financeira. De lá para cá, há uma porcentagem da arrecadação que vem para as universidades e as universidades que gerenciam. Isso foi, digamos assim, um alívio para nós muito grande. Hoje a gente tem problemas aí de porcentagem de pagamentos, as aposentadorias pesam na folha, mas está se tentando sempre equacionar isso aí. Mas a autonomia financeira foi um ganho violento, coisa que não tem, por exemplo, nas federais. Mas as estaduais... alguém pode falar contra; eu acho que foi uma vitória de ADUNESP, de movimento dos professores, com apoio brutal dos alunos. Os funcionários, sempre muito cuidadosos, eles nunca apareciam. Um ou outro, claro, estava sempre na frente. Mas, de uma forma geral, os funcionários formam um segmento mais... a palavra não é medroso, mas mais cuidadoso, eles nunca estão na frente. Mas nos bastidores, eles apoiavam a gente cem porcento. Tanto que, quando veio a autonomia universitária, a coisa se acalmou. Como se fosse um pico de movimentos, um vale, e depois a coisa começa a esquentar, entre aspas, novamente com o movimento estudantil reivindicando moradia, por exemplo. Nos anos 90, eu não vou lembrar exatamente o ano, mas os primeiros alunos ocupando três salas de aula no Discente I. E naquele tempo toda a ADUNESP, todo o corpo docente, apoiou porque aqueles alunos eram carentes mesmo e naquele momento era necessário isso. Fazendo um parênteses, eu acho que hoje a universidade está mais assistencialista do que acadêmica. Então, houve uma abertura para o lado errado e não há uma cobrança no sentido de que o acadêmico seja maior do que o assistencialismo. Acho que o assistencialismo está muito mais forte do que o acadêmico. É uma crítica que eu faço hoje. Mas tudo é resultado, realmente, de uma luta anterior muito consistente. Então eu acho que nós soubemos entrar na briga como a gente brigou na Ditadura, mas nós não soubemos sair. Ao sair, a coisa ficou muito solta, então houve muitas distorções. Neste sentido que eu digo. Mas foi resultado, realmente... E eu falo "lutar" não é Prudente, é o Brasil todo. Desde os cantores, com suas músicas... Por exemplo, no Diretório Acadêmico, quando eu era estudante, de 71 a 74, até a música era engajada. Só tocava música que tinha algum protesto por trás no Diretório Acadêmico. A gente ia jogar pingue-pongue, pebolim lá, ou comer coxinha, tomar tubaína, que era o que havia naquele tempo, com aquelas músicas. O Cine Clube era com debate. Os jornais, todos, eram bem engajados. Por exemplo: o Cine Clube trouxe aqui Raimundo Pereira, jornalista do jornal O Movimento. A gente pagava do bolso dos alunos do Diretório Acadêmico que tinha, para eles virem. E eles vinham, como militantes, de ônibus, almoçavam nas casas dos estudantes ou aqui no Diretório, que tinha uma cantina aí, muito ruim mas tinha, e à noite voltavam e ônibus da Andorinha. O Jean Claude Bernardet, o maior nome que eu acho de críticos de cinema dos anos 80, veio aqui também. Esteve aqui fazendo palestra. O Diretório trouxe o Plínio Marcos para falar aqui no Anfiteatro I, das peças dele, para fazer uma palestra para os alunos. Depois todo mundo perguntando o que ele era. Então o pessoal vinha pela ideologia mesmo, ninguém ganhava nada. A gente juntava aí, dava um jeito de pagar o ônibus e a comida. Às vezes eles

nem dormiam aqui. E, se dormiram, acredito que não foi nem em hotel, foi em alguma república aí. Depois no dia seguinte iam embora. Hoje, realmente, a gente tem um meio técnico muito mais disseminado... hoje você pode pagar avião e hotel quase que no preço de um ônibus leito. Hoje é muito mais fácil trazer uma personalidade do que no momento, que eram oito horas, ou nove, de ônibus, a noite inteira. O dia inteiro falando, às vezes falava à noite, já saía direto e ia meia noite pegar o ônibus embora.

Ed – E passavam outra noite no ônibus ainda...

El – Outra noite no ônibus. Era assim mesmo. Então, não estou com saudosismo e nem dizendo que é melhor ou pior. Naquele momento, o engajamento era muito grande do movimento estudantil. Por exemplo: o Centro Acadêmico de Geografia, que hoje eu vejo e não acontece nada. Tem eleições mas não acontece nada. Se pegar meu currículo, está no Lattes aí, não precisa ir longe, está no Lattes, quantos cursos de extensão universitária que nós fizemos pelo Centro Acadêmico? E ele chama Pierre de Fontaine, que foi um dos primeiros geógrafos franceses que veio para o Brasil. Num dado momento, em 73, 74, recebemos um livro do Pierre de Fontaine, autografado, para o Diretório Acadêmico. Eu fui do Diretório, desculpe, do Centro Acadêmico, não sei onde foi parar esse livro. Depois você vai deixando para o outro, para o outro... eu saí, me formei, os outros alunos vieram, e o livro desapareceu. O que é uma pena. Com autógrafo, homenagem, agradecimento pelo nome dele no Centro Acadêmico. Do Pierre de Fontaine. Um dos criadores do curso de Geografia na USP. Ele já era velhinho, 73, 74. Por exemplo, com a ajuda do Armen Mamigonian, recebemos aqui Jean Coquerry, um francês. Trouxemos aqui Armando Correia da Silva, que tinha defendido a tese naquele momento. Vieram Amália Inês, Gilson Antero, Antonio Seabra... não, Manuel Seabra. Quantos não vieram para cá nesse esquema de pagar o ônibus, eles vinham, falavam. Quando ainda era um jovem pesquisador, Antonio Carlos Robert Moraes, o Tonico, tinha acabado de publicar aquele livro "Pequena história crítica de Geografia", veio aqui, falou nas salas de aula para nós. O movimento era, acho que no sentido acadêmico, havia uma preocupação de aprender. Não havia esse impacto de tantas informações da internet mas havia uma vontade de aprender. Não estou dizendo que cem porcento acabavam vivendo a universidade toda, mas aqueles que viviam realmente ficavam o tempo todo aqui. Eu, por exemplo, chegava às sete e meia, oito horas da manhã, e ia embora onze da noite. Ficava direto aqui.

Ed – Só não dormia aqui.

El – Só não dormia. Não, eu não dormia mesmo. Às vezes fazia jornalzinho até a madrugada. Naquele tempo não tinha nem asfalto aqui. E a gente escalava às duas da manhã, três da manhã, jovens de vinte e poucos anos, todo mundo com fome. Um era escalado para ir até a Padaria São Paulo buscar sanduíche de mortadela e tubaína. Porque lá ficava aberto a noite inteira. Ia a pé e voltava. Se estivesse chovendo ele ia no barro mesmo. E era tudo muito escuro, não tinha muita iluminação não, mas era assim que se fazia. O sorteado tinha que ir. Então a gente ficava, às vezes, uma ou duas noites fazendo jornal, no dia seguinte passava no mimeógrafo a tinta e tal e distribuía por aí.

Ed – Uma parte da mina pesquisa trata também das imagens. Por isso que eu peguei emprestados aqueles Carcarás. Então eu trouxe aqui algumas imagens, não só dos Carcarás, para a gente discutir a respeito do que você lembra desse momento, dessa produção. Esse primeiro é de 76, é bem da época da criação mesmo. É seu ainda?

El – É, é meu. Eu que fiz esse desenho. A intenção é que, estavam fechando cursos. Quer dizer, filosofias da UNESP, cursos fechados. E quem fazia o vestibular era a FUVEST. Então a intenção era mostrar que "Olha, você quer fazer vestibular de filosofias, está fechado".

Ed – E esses aqui representam pessoas em específico?

El – Não, não. Aqui o barbudo, que era o exemplo da Filosofia. Quem quer fazer Sociologia, Geografia, História, tinha que ter barba, óculos e cabelo comprido. E aqui um com cara de militar, né. Com bigode, meio careca. Olha "Em defesa da Geografia". Eu não lembro mais porque "Jogos Universitários", Aqui era uma indireta na sua faculdade, na UNOESTE. Porque havia uma rivalidade muito grande, que naquele tempo não era UNOESTE, era APEC. Então a rivalidade era muito grande porque como lá já era ensino particular e a gente defendia o ensino público, a gente era contra toda faculdade que abrisse e cobrasse. Então, fazia parte da agenda. Abriu curso para pagar, somos contra. Então havia uma rivalidade muito grande.

Ed – Até porque naquela época a UNOESTE estava começando a crescer e aqui estava começando a diminuir.

El – É isso mesmo. Era o momento, inclusive, que cresce o ensino particular dentro dessa política de privatização mesmo. Antes do Collor. E aqui fechando, realmente, a nossa faculdade.

Ed – Tem uma outra capa aqui também, que acho que também é sua. Essa é de 77, março de 77.

El – Olha aqui, 240 por apenas 80 vagas. Aqui é aquela Diretoria, né. "Aproveite, liquidação". Essa era a ideia mesmo.

Ed – O editorial é seu também?

El – Foi. É meu mas tinha participação também do Mauro Bragatto, ele estava junto. Então um escrevia, outro dava palpite, e aí a gente ia montando. Mas quem fazia mais esse jornal era eu porque eu desenhava. E como eu estava na minha sala, eu pegava da administração uma máquina de datilografar elétrica, que tinha umas esferas. Então as esferas, se você olhar em alguns outros jornais, vai ter alguma outra letra na frente, lá na frente. Essa aqui era a Courier, eu acho, tipo Courier. E tinha que... eu sempre datilografei bem também... Então você vê, tinha que olhar para por sempre no final, olha aqui. Tinha que dar três espaços para por o "A". Aqui o "I" com traço. Aqui, dois traços. Aqui, embaixo. Para tentar fazer a coisa... Aqui tem o espaço e o "ável". Então eu tinha essa habilidade e os meus colegas não tinham. Então eu desenhava, datilografava, mas eles também ficavam lendo o jornal O Movimento, que eu já citei, e o jornal Opinião. E O Pasquim. Esses três jornais, praticamente, eram semanais... Não, o Opinião e O Movimento eram mensais, O Pasquim era semanal. Eles eram nossa inspiração. Então a gente comprava e ia lendo. Esse aqui é muito parecido com os desenhos d'O Pasquim, lá do Jaguar. Tem muito esse tipo de coisa aqui. E essa letra aqui é minha mesmo... É, a volta às Alfinetadas. Isso aqui eu que criei também. Alfinetadas era um alfinete falando com outro e dando recados, entende? É, uma conversa entre dois alfinetes, chamada de Alfinetadas. Olha, "A importância das eleições". Hoje é outra a importância das eleições.

Ed – Mas é um debate que continua.

El – Continua.

Ed – E esse momento de pouquíssimas vagas oferecidas, você vivenciou aqui dentro isso? Porque, por exemplo, outros professores falaram que estava muito deserto, principalmente à noite.

El – Sim, quando acabou Ciências Físicas e Biológicas, não tinha mais nada à noite. E antes, como Ciências era só à noite, o que a gente chamava da cantina, que era onde está lá o Diretório Acadêmico, era um movimento tremendo. Tanto que tinha música, jogo e o pessoal

esperava o intervalo para ir para lá. O intervalo era o momento de congraçamento entre as pessoas. Todo mundo estava lá. Eu não era aluno do curso, mas eu vinha à noite também, eu tinha horário à noite para trabalhar, saía também para ir lá jogar pingue-pongue, tomar um café, conversar com os colegas. Porque eu já fui também do Centro Acadêmico de Geografia e fui de uma diretoria do D.A. Não fui diretor, nunca fui diretor do D.A. Só da diretoria, mas bem assim, como segundo secretário e tal. Porque também, eu procurava evitar, no caso do Diretório, alguma coisa muito evidente, para não provocar os tigrões aí. Então havia um certo cuidado também. E eu não sabia que quase tinham me demitido, dessa votação. Mas assim, você sabe, né? Você não sabe exatamente o fato que está acontecendo, mas você sente que alguma coisa não está legal. Pelas pessoas, o jeito que elas te olham, te cumprimentam, como cruzam no corredor.

Ed – Mas só depois que você fica sabendo é que você percebe o motivo?

El – Exatamente. Alguma coisa está acontecendo mas você assim, está levando. Tudo bem, entre aspas, mas está levando. Mas quando você sabe, você fala "Mas é exatamente aquele momento, com aquela atitude... está explicado". Às vezes a pessoa era cordial com você, mas fazia alguma coisa que não estava legal. Mas a explicação só vem depois.

Ed – Essa foto aqui é exatamente d'O Imparcial e é daquela manifestação. Em alguma lugar aqui tem a Aracy.

El – Luiz Gonzaga.

Ed – Esse é o Luiz Gonzaga? Porque essa aqui é da vinda da Aracy.

El – Cadê ela, hein?

Ed – Essa aqui é a Aracy, olha.

El – Essa aqui, com a bolsinha na mão. Esse aqui é o Dióres. Esse aqui é o Pepe. Mas parece que o Luiz Gonzaga tinha bigode, óculos. Será que era ele? Precisava ver mais. Esse aqui acho que era o Bonilha.

Ed – Mas acho, então, que esse não era o Luiz Gonzaga.

El – Não, não era não. É, aqui é o Dióres, aqui o Pepe. O Armen está aqui no meio. Se essa foto fosse mais nítida...

Ed – É, a foto do jornal mesmo já é meio apagada. Esse aqui é da biblioteca mesmo, daqueles que ficam lá no Morumbi.

El – Olha, 28 de novembro de 76, é isso mesmo. Foi no final de 76. Porque a UNESP foi criada no meio do ano, não lembro exatamente se foi maio, abril. Foi por aí mesmo. E aí, quando ela foi criada, já tinha essa história de eliminar cursos. Então esse movimento foi para manter cursos.

Ed – Na plateia desse movimento, você lembra de alguma coisa importante que tenha sido dita? A Aracy, por exemplo, fez algum apoio especial, falou algo especial?

El – Sim, ela usou o microfone e como artista ela sabe usar o microfone. Falando a favor da escola pública, gratuita, de qualidade. Que fechar cursos não é bom. Mas ou menos assim. E ela nem terminava de falar e a turma já aplaudia. Uma frase, aplaudia e tal. Porque o discurso dela não foi muito longo, mas foi o principal do dia. Foi tudo preparado para ela falar mesmo. Esse aqui acho que é o Ginásio de Esportes, né? É sim, o Ginásio de Esportes. Lá no fundo, onde tinha um palco. Isso mesmo. Será que foi o Ginásio de Esportes aqui ou não? Ela falou no Ginásio de Esportes. Mas aqui não, aqui não é o Ginásio não.

Ed – Será que é a UNESP?

El – Não, não... eu não sei onde foi isso. Eu não me lembro desse negócio. Eu lembro da gente aqui, ela falando no alto. Acho que é lá mesmo então. Ela e branco. De branco com o microfone, entusiasmada. Nossa, ela falava duas ou três frases e a turma aplaudia. E no final todo mundo saiu gritando. Não saímos em passeata, mas saímos do Ginásio de Esportes em blocos. Será que fomos para algum lugar? Depois nós dispersamos, mas saímos assim, em grupos grandes, todos andando a pé. Eu lembro de estar descendo a rua Sete de Setembro. Eu morava até lá perto, talvez tenha ido para casa. O pessoal foi chegando em blocos também. E depois saía em blocos também, mas não teve passeata nesse dia. Para você ver como a memória é tão...

Ed – Essa foto aqui é a contrária dessa aí. Essa é a foto do palco, essa é da plateia.

El – Ah, então era o Ginásio mesmo. Isso, eu me lembro de estar olhando para cá. Isso mesmo. Então, eu me lembro dela, porque a gente estava bem à frente. Não dá para ver se eu estava aqui, né. Mas a gente não parava... Não parava, ficava andando o tempo todo. Posso estar aqui em cima, aqui, em qualquer lugar. E ela de pé, a gente olhando de baixo, ela de branco, falando e tal, aquele entusiasmo. Eu devia estar aqui embaixo. Você vê: gente de pé aqui.

Ed – Caixas de som aqui.

El – É, caixas de som. É o Ginásio de Esportes mesmo, perfeito. Agora, olhando essa, dá para ver como é que a gente estava.

Ed – Essa aqui já é outro ângulo dessa do povo. Essa estava bem pequena na *Folha*.

El – Olha quanta gente aqui. Tem gente até atrás de gente que você não consegue ver.

Ed – Lotou o Ginásio?

El – Lotou. Lotou porque, praticamente, todos os alunos foram. Todos foram. E tinha gente da cidade também. Aí, quase cinco mil pessoas. Para você ver: eu não lembrava mais... Para você ver como as imagens ficam na cabeça: eu, vendo ela falar aqui, e realmente... Se ela estava falando aqui, o Ginásio é um quadrado né, então ele tinha gente dos dois lados, isso mesmo. Dos dois lados. E a gente entrava por baixo, no piso direto. Tem uma entrada. Ou por cima, ou por baixo. Eu me lembro de estar lá embaixo. Essas quatro moças aqui ficaram bem aparentes. Mas mesmo assim eu não lembro mais quem pode ter sido.

Ed – E tem uma última foto aqui, que eu quero saber se você lembra quem é. Nessa época da criação da UNESP, ele teve uma participação também. Essa foto é anterior a estas aqui.

El – Quem será que é, rapaz? Com cigarro na mão.

Ed – É, com cigarro na mão e cabelão... É o Ulisses Telles.

El – Ah, Ulisses. Ele era de Assis, isso mesmo. Agora estou lembrando. Ele foi muito amigo do Bragatto. Quem poderá falar melhor dele é o Bragatto.

Ed – Nessa época ele era presidente da então criada ADUNESP.

El – Isso mesmo... foi o primeiro, então. Eu tive pouca proximidade com ele. Ele era de Assis. Ah, o Ulisses... o bigode, agora estou lembrando. Naquele tempo podia fumar onde quisesse. Isso mesmo.

Ed – Você acha que era ele aqui [fotos anteriores]?

El – Olha, pode ser sim.

Ed – Você não se lembra especificamente...?

El – Pode ser, viu... é que esta pessoa está olhando para algum papel aqui, de cabeça baixa

Ed – Você não se lembra especificamente de tê-lo visto neste dia? Da manifestação?

El – Eu? Ah, não… tanta gente, não. O que fixa, que a gente fixa, é a Aracy falando mesmo, né, porque foi o motivo. Realmente, não lembro de mais nada... aquele movimento, gente andando para cá, para lá. Não ficava sentado olhando, ficava sempre circulando. Dessa turma que está aqui na foto também está aqui, daqui a pouco já está aqui. O pessoal sentado sim, mas quem está embaixo não parava. Ficava em pé. Ainda tinha umas cadeiras aqui também, mas eu realmente não lembro.

Ed – Mas parece ele aqui...

El – Parece ele sim.

Ed – Mas nós fomos pesquisar a vida dele. Ele foi presidente da ADUNESP, lutando contra, digamos, o regime que estava na época, mas cinco anos antes, a ex-esposa dele, que era atriz de teatro, havia sido presa, morta pela Ditadura e tudo mais. A gente achou a história dele muito interessante, porque mesmo tendo isso tão próximo dele, ele lutou contra o que estava colocado.

El – É, porque, na realidade, isso até deu mais ânimo para ele.

Ed – Nessa época fomentava...

El – Porque Assis também... Aqui nós tivemos, em 69, 70, problemas com... Teve aluno daqui que desapareceu na guerrilha. Até, recentemente, ele foi redimido pelo Regime Militar, foi para Cuba, tal. Tem o artista plástico Cirton Genaro, que também foi preso. Ele vai restaurar aquele painel ali. O Nivaldo está arrumando dinheiro. Aquilo lá é uma coisa espetacular. Conseguimos guardar a memória. Porque se fosse por muita gente aí, isso tinha desaparecido.

Ed – Estava escondido atrás de um armário.

El – Estava escondido. Mas felizmente estava bem protegido. Felizmente. Mas você vê, que coisa. Quando isso foi sendo feito... e não foi falta de falar, viu. Para outros diretores, que nunca deram bola. Felizmente, o Nivaldo foi sensível e essa reforma também ajudou. Então aquilo ali vai ficar agora bem legal. E é por ali que a gente entrava.

Ed – Ali era a entrada do Discente I?

El – Ali era a entrada principal. Exatamente. A primeira matrícula que eu fiz foi entrando por ali. Porque também quando eu entrei, em 70, eu fui troteado. Fomos andando para o centro, jogando farinha, tinta, gritando lá na praça central, a pé para o centro. E foi dali, realmente, que a gente saiu. Mais do prédio do Diretório ali, passando pela frente e tal. Olha só que coisa... E quem foi comigo, é um rapaz hoje do PSP, o Cláudio Weber, que daqui da cidade. Por acaso fomos conversando até lá. Ele sempre lembra disso, eu também sempre lembro. Se junta com alguém, vai conversando e tal. Fomos juntos para a passeata. Todos sujos, cabelo cortado. Na volta, parei na primeira esquina tinha lá um barbeiro, mandei raspar, aí descobri que estava com caspa. Justo nesta ocasião. Aí começou a cair a caspa, aquelas escaminhas, coisa feia, não... Mas tudo bem. Então eu fiquei careca durante um mês. Depois o cabelo começou a crescer e tal, voltou. Mas, realmente, você falou do Ulisses. Uma boa lembrança. Mas eu não tive muita convivência com ele não, realmente não posso dizer nada. Mas o Bragatto esteve mais... Porque ele também era da Sociologia, então tem muito disso também. Eu tinha mais proximidade com o pessoal da Geografia aqui. Que era daqui. E tinha Rio Claro, que era exatamente o oposto. E tinha em Franca, que fechou também. O curso de

Geografia em Franca fechou. E uma professora veio para Prudente e os outros foram espalhados por outras unidades.

Ed – Quem que veio aqui para Prudente, você lembra?

El – Chamava Márcia Biazon.

Ed – Mas ela ficou aqui muito tempo?

El – Ficou até morrer. Acho que ela estava próxima da aposentadoria e teve um câncer violento. Câncer de mama, teve algumas operações. A última vez que eu vi ela eu já tinha voltado para ser professor aqui, e ela estava muito encurvada por causa das operações. Meses depois ela faleceu.

Ed – Isso foi em...?

El – Oitenta e pouco... oitenta e um, dois, não mais. Não além disso. Estou calculando. Mas isso aí dá para identificar no prontuário lá na seção de Recursos Humanos. É Márcia Biazon, com Z. Ela era professora de Cartografia em Franca e veio ministrar cartografia e tanto estava associada à Cartografia que ela não teve sala aqui na Geografia, mas teve lá na Engenharia Cartográfica. Então puseram ela lá. Porque também houve uma certa hostilidade velada a quem vinha de fora, sabe? Porque ela foi um ícone dos fechamentos de cursos. Ela não tinha culpa. Ela simplesmente aceitou a coisa e veio para onde deu. Mas ela virou um ícone, né. Então, não põe na Geografia, põe lá. Mas ela dava aula na Geografia.

Ed – Você se lembra de ter vindo mais professores assim, nesta situação?

El – Não, acho que só ela mesmo.

Ed – Aqui mais foram do que vieram?

El – É. Depois houve contratos posteriores. Em 76, 77, 78 houve contratos. Mas muitos também em 80, nessa crise com o Armen, foram para Rio Claro, foram embora. Porque ficaram do outro lado em relação a ele. Então o pessoal preferiu ir embora porque ajudaram a depor contra ele e o clima ficou tão ruim que foram embora. Inclusive eu entrei, a Encarnação entrou e outros colegas aí por causa dessa debandada. Com a demissão do Armen mais a ida deles embora, abriram-se cinco vagas na Geografia. E como eu estava no mestrado... naquele tempo, não era concurso. O concurso se tornou obrigatório com a Constituição de 88. Era seleção de currículo. Eu fiquei em primeiro lugar, porque você vê, só por estar no Mestrado, ter tido dois artigos publicados até então, eu já estava na frente de muita gente. Eu já tinha entrado no mestrado em 77, portanto eu já estava há três anos na pós-graduação. Então quem estava há seis meses também já estava na frente. Tinha pouca gente naquele tempo. Então foi uma seleção. Eu vim aqui, fiz a entrevista, fui selecionado. Isso foi em abril, mais ou menos. Março, abril. Acho que foi março. E demorou um pouco. Em julho nós entramos. Demorou porque a Encarnação também tinha sido selecionada e eles demoraram. Porque como ela tinha sido da diretoria do D.A., do Diretório Acadêmico, ela tinha ficha no DOI-CODI, tinha sido fichada. Então ela não tinha... em 80... já tinha tido a anistia sim, ela já tinha direito a emprego público. Mas na memória do pessoal aqui ela ainda era militante. E aí usaram que ela era muito nova, que não tinha atestado... naquele tempo, como é que chamada? Atestado de antecedentes políticos e criminais, uma coisa assim.

[interrupção]

El – Mas sabe esses temas assim? “Muito nova”, “Não, mas ela foi do Diretório”. Então, a gente tinha que ter, naquele tempo, durante muito tempo, mesmo depois da anistia, um atestado de antecedentes políticos e criminais. Portanto eles juntavam o criminoso e o ativista político. Então, eu nunca fui fichado. Apesar desses problemas aqui, nunca fui fichado,

porque eu nunca estive na frente. Mas ela foi. Teve que prestar depoimentos, ficar sentada lá na delegacia quase o dia inteiro, com o apoio desses professores todos que foram militantes. Eles estavam junto com ela lá. Eu ia, ficava, tinha que trabalhar aqui. Mas eles iam, a gente revezava. Mas eles não conversavam com ela. A gente ficava de plantão lá fora. Mas depois que saiu, tudo bem, ela ficou assim... tomou um chá de cadeira para prestar depoimento. Com aquela tática, né, "É, mas o seu colega não falou isso", "Não, mas eu não sei o que ele falou", "Mas ele falou aquilo", eles mentiam para ver se a pessoa caía em contradição. Era uma tática terrível, viu? Enfim, entrei por causa dessa crise na UNESP de Prudente. Uma crise que é lamentável. Pelo menos, a gente em dúvida, vamos ou não vamos, vamos ou não vamos... bom, vamos. Vamos seguir o que os professores nosso fizeram. Ficamos em dúvida mesmo, porque a gente lá em São Paulo trabalhava num colégio particular agostiniano, e ganhava mais do que viemos ganhar aqui. Trabalhando vinte horas por semana. Só trabalhava de manhã. E fazia mestrado. Ela fazia em Rio Claro. Então, realmente, do ponto de vista financeiro, naquele momento, hoje talvez eu ganhe mais aqui do que lá, mas acredito que lá também se ganhe muito bem. Mas naquele momento foi vantagem porque estava ligado à pós-graduação e a carreira universitária que a gente fazia. Mas do ponto de vista do contracheque, ali do dinheiro mesmo, viemos ganhar menos, certeza. Eu lembro dessa conta "Ah, mas vamos logo os dois, vai". Inclusive eu tive que blefar. Eu já tinha sido aprovado, já tinha recebido o convite para vir assinar o contrato, e o dela não saía. Eu lembro de ter blefado "Olha, mas se ela não vai, vocês não estão contratando, foi aprovada e não contrata por quê? Então não vou também não". Como se eu fosse o melhor e se eles fossem morrer de amores por mim. Mas foi uma tática que deu certo. Depois de três meses, um dos professores chegou para o diretor e falou "Olha, você resolve: ou você dá contra ou a favor". Ele entregou o processo e esse professor fez o parecer pela contratação. Quando chegamos os dois aqui no dia 21 de julho de 80, para assinar o contrato, ele não recebeu a gente, o diretor. Quem recebeu a gente, deu todas as informações, foi a chefe, naquele tempo a gente chamava, da Seção de Pessoal, dona Ângela. Você nem deve ter conhecido, talvez tenha ouvido falar. Ela que recebeu a gente.

Ed – Quem era o diretor nessa época?

El – José Ferrari Leite. O Ferrari. E depois, o tempo foi passando, tudo foi mudando e nas últimas festas que ele fazia de aniversário na casa dele, antes de morrer, ele chamava a gente. O mundo vai mudando e um dos grandes inimigos dele, políticos, que eram o Márcio Teixeira, também era convidado. E eles eram opositores figadais nos anos 70, de um não esconder a antipatia pelo outro. O tempo vai passando e você vê, quem realmente apoiava ele, quem conversava com ele, foram os que ele perseguiu quando era diretor. Cadê os amigos? É que ele não tinha amigos, na minha opinião. Ele tinha parceiros de ação, que na hora "H", o cara fica doente, vai envelhecendo, acabou a amizade. Mas assim, essa blefada foi boa porque deu certo, se tivesse dado errado... E isso tem, por depoimentos de colegas da USP. Em 76 eu também fiz uma seleção aqui, para Cartografia, que entrou outro professor chamado Adalberto Leister. Segundo um dos membros da banca, ele falou "Olha, aposta no Eliseu, porque ele é daqui, ele está começando; o outro, embora seja mais velho, tem mais prática de ensino na vida, está em São Paulo, não está muito a fim". E esse professor diz que o membro da banca daqui mudou o que ele e o professor Petrônio tinham indicado. Mudou o resultado. Porque naquele tempo era voto, "Eu voto nele e tal". E esse professor mudou a decisão da maioria da banca e contratou esse outro professor. Para você ver como eram os amigos da gente. E tinha sido com quem eu fiz o Trabalho Final de Graduação. É assim, né... o mundo dá muitas voltas, para o bem e para o mal. Mas eu falo isso, Édison, não é... não tem mais mágoa, não. A gente então pode esquecer do passado para não cair nas mesmas armadilhas e também não cometer as mesmas besteiras. Todo mundo faz besteiras. Mas eu não falo isso

nem para por no currículo e nem com aquela mágoa “Ah, um dia eu me vingo”. Ao contrário, você não pode, na minha opinião, valorizar ou desvalorizar o passado a partir do presente. Você tem que contextualizar. Naquele contexto, você tem que lembrar, e não pode fazer as mesmas coisas. Mas também não pode esquecer. A gente tem que ter memória. Eu tenho memória muito fraca, não tenho uma memória fotográfica. Tenho colegas com memórias boas, melhores do que a minha. Mas o que eu lembro, pelo menos, eu tento avaliar e contextualizar de acordo com aqueles acontecimentos. Para não ficar com dor no fígado, ficar “criando cuervos”, como valou Carlos Saura. Ao contrário. Mas não podemos esquecer. Como os judeus, por exemplo, você pode comparar: todo ano tem um filme falando do Holocausto. Eles não querem perder essa memória. Tem museu do Holocausto. Nós, eu que vivi, te digo tranquilamente: não podemos voltar, como tem muitas vontades aí, ao Regime de 64 a 80. Não podemos voltar. Porque, embora a maioria tenha sobrevivido, é um regime ruim para todos. Para aqueles que reprimem e para os que são reprimidos. Porque os que reprimem também fazem isso com um misto de prazer, de medo e de obediência. Então não é bom para ninguém. Porque eles mesmos, como o Fleury, que foi um grande repressor, um delegado, morreu misteriosamente no mar, no seu iate. O que que é isso? Porque as coisas estavam desmanchando no ar. Porque a Ditadura já estava se autoperseguindo. E com isso não sobra nada. Então é bom lembrar para não voltar a cometer esses mesmos erros. Poderemos cometer outros, que nós não temos comparação, mas estes erros... e é um perigo. Esses movimentos de junho aí, que foram excelentes, ótimos, mas tem gente – teve gente, agora não – teve gente querendo aproveitar para voltar a “mano militare” e não podemos voltar a isso. Ao contrário, isso tem que esquecer. A América Latina viveu, nos anos 60 e 70, um regime ruim para todo mundo. Você vê a Argentina agora ainda estão cavando o passado, através de filmes, de livros, e o que eles trazem é coisa triste. Até, por exemplo, adoção de filhos de militantes assassinados, adotados pelos militares. Dezenas, dezenas. E foram descobrir agora. Então imagina a vida dessa criança. Bebê de dois, três meses adotados e... Quer dizer, estragou a vida do pai, que morreu, estragou a vida do que adotou, porque teve que mostrar a verdade, e daquele que viveu uma mentira a vida toda.

Ed – E o pior é que essa verdade não vem como “Ah, eu vou te contar...”

El – É, não vem dentro de uma proposta amistosa. Vem por denúncias, realmente. Olha, rapaz, e você imagina uma pessoa descobrir que a vida dela foi uma mentira.

Ed – Durante quarenta, quarenta e tantos anos...

El – Exatamente. É triste, viu. Realmente não vale a pena. Aliás, ontem em São Paulo eu vi um filme lá, antes de vir para cá. Entre a Fapesp e o avião, que é só 10 da noite, tem um período ali, né. Um filme que conta a história de umas crianças abandonadas pelos pais. Quando o Hitler é assassinado, eles são presos, logicamente são executados também. E as crianças têm que sobreviver sozinhas. E a convivência com os judeus, com os estadunidenses que vão tomar conta, vão dividir a Alemanha em três: lado francês, lado estadunidense e lado russo. E as crianças sobrevivendo. Só ouvindo mentiras. E a moral é essa.

Ed – Que filme é esse?

El – É novo. Chama “Lore”, que é o nome da menina, da filha mais velha que vai defendendo os irmãos. É uma coisa impressionante. Então não queiramos viver esse momento de guerra. E nem voltar ao momento de exceção que nós vivemos aqui. Vamos deixar para lá. Eu acho que não vale a pena. E aqui no interior mesmo, a gente estava numa situação periférica, de fronteira, mas já ouvia bastante coisa. Mas uma coisa interessante que eu costumo contar muito é a seguinte: em toda sala de aula de Geografia e de Sociologia tinha um militar. Esse militar entrava sem fazer vestibular. Na minha classe tinha três. Mas o que aconteceu? Uma

coisa muito interessante. Como eles conviviam com a gente, jogavam futebol, tomavam cerveja, tinha aulas com a gente, faziam trabalho junto, eles acabaram se tornando parceiros nossos. Em que sentido? Por exemplo, quando fazia esse jornalzinho, eles sabiam. Porque no quartel as coisas vinham, as notícias, as ondas. Eles avisavam a gente "Olha, a coisa está complicada, hein; está chegando gente aí, e a gente não sabe quem é, mas fica um mês aí sem fazer nada, fica quieto". E vinha gente aqui sim, no Diretório Acadêmico. Vinha. O que que acontecia? Geralmente o diretor recebia o Coronel, eles vinham fazer quase que vistorias. Enquanto isso, um funcionário vinha e dava um toque "Olha, os homens estão aí, maneira". Aí a gente pegava papel, mimeógrafo, jogava tudo fora. Já estava limpo. Mas o funcionário avisava naquele momento para não ter nenhuma besteira. Teve até um que era muito amigo do Bragatto, e um dia o cidadão não esquece no mimeógrafo a matriz de um jornal? Bom, claro, foi preso, foi para a delegacia... Não era preso, foi para a delegacia prestar depoimento. Esse acho que ficou uma noite preso ainda. Foi levado mesmo, foi fichado. E a gente falando "Mas por que você faz isso, rapaz?", "Ah, eu esqueci e tal". Acho que ele não esqueceu não... ele quis testar. Então como eram todos amigos da gente, estava um ano, dois, três juntos, eles ficam realmente muito próximos. Então eles acabavam virando parceiros da gente. E quando, por exemplo, a Carminha prestou depoimentos, um dos alunos da Pedagogia era um delegado. E, quer queria, quer não, isso acaba ajudando. Ele vê a pessoa lá, ele via aqui no dia a dia. Claro que, ele com outras pessoas de outros cursos, não tinha muita intimidade, muita conversa. Mas ele estava no dia a dia com colegas da turma de Pedagogia. Então, quando o curso foi fechado, o curso dele foi fechado também, então ele viu o que a gente estava fazendo. Então isso ajuda. Ajudou, no caso. Mitigou um pouco aquela tensão. Então, sinceramente, a gente sabia disso, fazia jornal, e eu não vivia com medo. Meus colegas não viviam com medo. E a gente falava com os colegas mesmo "Olha, vocês são milicos, o que vocês estão pensando na situação hoje? Como é a coisa aí?", "Ah, não... está tranquilo, pode ficar à vontade". Então o que veio para ser um conjunto de olheiros, dedos-duros, não acontecia. Mas isso não era com todos. Eu sei que um chamado Luiz, que era da classe da Encarnação, não era muito amigo de ninguém e a gente nunca confiou nele. Ele era um péssimo aluno, teve concurso no Estado para professor e ele passou. Ninguém entendeu. Eu, por exemplo, não passei nesse concurso e ele passou. Eu digo sem nenhuma modéstia que eu era um aluno dez vezes melhor do que ele. Minhas notas eram. Eu nunca tive reprova, e ele tinha reprovas. E ele passou. Então algo estranho sempre acontecia com eles. Mas era exceção o caso dele, os demais eram todos muito próximos. A gente jogava bola, brincava junto, tomava cerveja, era uma coisa até interessante. Hoje, por exemplo, o que foi da classe da Carminha, o Francisco, foi até, acho que, Comandante do Batalhão, até se aposentar. Foi crescendo na carreira... não, Osvaldo, Osvaldo. Foi crescendo na carreira e foi um bom parceiro, neste sentido. Até hoje é muito amistoso com a gente, aposentado já. Mas vez ou outra você encontra a pessoa. E ele é muito simpático, até lembra desses momentos, ele próprio comenta "Tempos duros". Mas ele fala "Vocês viveram mais o outro lado, eu não podia fazer nada". Mas ele dava dicas também. Eu estou falando isso numa boa, para a gente ver que aquilo que os militares queriam colocar como um conjunto de espiões foi o contrário. Foram parceiros.

Ed – Eles eram quase que espiões de vocês, porque quando vinha alguém de lá eles avisavam vocês.

El – É, avisavam. E a gente não podia falar nada. Eles falavam "Não vai me entregar, hein". Claro que ninguém ia entregar. Era que nem coração: sístole, diástole; a tensão e a descontração. E se jogava futebol, tinha muito esporte, isso jogava a tensão fora. A gente jogava toda a adrenalina lá, brigava lá na quadra, naquela quadra perto da biblioteca. Ali era o nosso circo.

Ed – Ali era o divã.

El – Ali era o divã mesmo. E foi ali, em agosto de 80, num término de um dos "rachas" que a gente falava, que um colega chegou lá e falou "Gente, vamos parar o jogo porque saiu a lista de 10 demitidos. Um deles estava jogando no gol.

Ed – Quem era?

El – O Jair Romano, que era músico e tinha tocado n'Os Temperamentais, um conjunto da Jovem Guarda que a gente acompanhou. Tocava nos bailinhos, no Tênis, a APEA. Ele era o nosso goleiro. Ele saiu arrasado.

Ed – Foi nessa mesma lista que saiu a Leny?

El – A Leny. Foi nessa. A Leny, o Jair, o outro, um japonesinho, eu não lembro mais de todos. Mas a Leny, por exemplo, não tinha justificativa. Mas o diretor demitiu ela para atingir o Márcio Teixeira. Tranquilamente que foi este o objetivo. O Armen já tinha sido demitido, então faltava um recado para o Márcio.

Ed – O Márcio já tinha sido diretor nesta época?

El – Não, ele foi diretor de 90 a 94. Foi bem depois.

Ed – Mas ele já tinha uma atuação de frente?

El – Tinha, tinha. Ele, o Armen, o Dióres Abreu, eram os da ponta aqui. Bonilha. Eles eram os que comandavam isso aí tudo, tranquilo. E foi por incentivo deles, do Fernando Salgado também, que nós prestamos esse concurso aqui. A gente não queria, porque a gente estava prestando um concurso nas vagas abertas num processo que não foi agradável para nós, que foi a demissão do Armen. E eles falavam "Não, vem para cá, se vocês não quiserem, outros pegarão". Pensamos "Não, então vamos homenagear o nosso colega, vamos lá".

Ed – E vocês não estavam aqui na época em que o Armen foi demitido? Ficaram sabendo disso lá?

El – Não. Nós ficamos sabendo disso em São Paulo. Olha, rapaz, é uma coisa muito pessoal que se eu fosse mais emotivo até ia chorar falando isso para você, que foi o seguinte: em meados de fevereiro, recebemos um telefonema na minha casa em São Paulo, no meu apartamento, era o Armen. E ele, com aquele jeito dele de falar, do Sul "Olha, tchê, tu sabe que eu já fui demitido em Prudente, né", "O Armen, olha, ficamos sabendo faz dois, três dias", "Pois é, rapaz, estou sem emprego. Vê aí com os teus amigos se tem algumas aulas aí para eu ministrar, estou precisando de emprego". A gente tinha um amigo que também tinha tocado n'Os Sombras, o Hernani, que trabalhava no Objetivo. Falamos com o Hernani. O Hernani falou "Ô, rapaz, mas agora, assim, em cima, é difícil" e aí eu lembro de não ter falado mais com o Armen, mas dado o recado para os colegas "Olha, está difícil aqui arrumar. A gente está falando com as pessoas, mas não tem onde, assim, em cima da hora". Mas aí ele descobriu, não demorou muito, que ele não tinha perdido o cargo em Santa Catarina. Então imediatamente ele vai para lá. Mas você imagina o desespero dele no primeiro mês, com a família toda aqui, sem saber para onde ir. E naquele tempo não havia esse esquema de poupança, não tinha muito ainda. Ele, principalmente, porque viajava muito, gastava muito. Rapaz, esse telefonema foi complicado, viu. Nós ficamos quase que mobilizados um dois dias "Mas, o que fazer, o que fazer?". Fomos falar com quem a gente podia. Mas o cara vai abrir as portas para você como? E a gente não tinha influência com dono de escolas, sabia quem era, trabalhava no agostiniano, mas lá também não tinha lugar para chegar uma pessoa lá "Olha, eu preciso de um emprego". Não tinha, sabe? E a gente não pôde ajudar, simplesmente não pôde ajudar. Felizmente ele descobriu isso, acho que, procurando todas as possibilidades,

descobriu isso e foi pouco tempo. Eu acredito que ele deve ter ficado dois meses só sem emprego e já foi para Santa Catarina. E mudou com a família toda para lá. Então, foi melhor. Para ele, melhor. Mas foi um telefonema, assim, de impacto. Inesperado. Porque a gente ficou sabendo, assim, alguém telefonou "Olha, vocês viram...". Porque era janeiro, todo mundo estava de férias, e a gente tinha viajado até para Prudente, voltamos para lá porque logo no comecinho de fevereiro começavam as aulas. Então as aulas estavam começando. Começavam, geralmente, na semana do Carnaval, era aquela semana de planejamento e as aulas começavam logo depois. As aulas estavam praticamente começando quando ele telefonou.

Ed – E arranjar aula neste momento era quase impossível...

El – Não tinha como. E a gente também não tinha influência naquela metrópole, São Paulo, daquele tamanho, dando aula numa escola aqui, em outra ali. Não tinha condições, nenhuma possibilidade de arranjar emprego. Mas foi uma coisa de deixar a gente uma noite arrasados e mobilizados, sem saber o que fazer. E a gente ainda não tinha feito a inscrição aqui para o concurso, foi lá no final de março que os colegas... aliás, um colega daqui, o Fernando Salgado, isso a gente também deve a ele. Ele saiu daqui, foi a São Paulo, foi ao nosso apartamento, quase que convocar para a gente se inscrever. Quase convocar. "Mas, Fernando, a gente está dando aula aqui agora, como é que a gente faz?", "Não, inscrevam-se". Eu tinha uma maquininha e lá "tec tec tec", fazendo o currículo, porque naquele tempo, currículo a gente fazia do modelo que queria, que achava que era. "Tec tec tec" batendo lá, a noite inteira, já saía impresso – não tem aquilo de imprimir, você bate e já sai impresso, imediato. Aí mandamos para cá, porque naquele tempo os pais da Carminha moravam aqui... Ah, não, ou viemos para cá? Já nem me lembro mais se nós viemos fazer a inscrição pessoalmente, trazer os documentos. Isso foi realmente em março. E eu acho que não teve, eu falei mas não teve não, não teve nem entrevista. Não, acho que não teve nem entrevista, foi uma análise de currículo. Aí fizeram a classificação de um a cinco e depois teve esse evento que eu contei, foi demorado, tive que blefar. Mas foi um começo bom. Se eu tivesse memória melhor, eu lembraria de mais detalhes para você. Mas pelo menos isso aí já ajuda bastante.

Ed – Está ótimo.

El – A Encarnação, acho que você deve também entrevistar ela.

Ed – Sexta-feira Está marcado para sexta.

El – Ela vai se lembrar de outros detalhes que eu não me lembro. Porque, por exemplo, ela estava falando quando o Luiz Ferreira Martins virou as costas. A impressão que ela teve é outra. Eu estava na plateia. Então a gente está aqui, olhando com raiva. Ela está com a voz tremendo, a emoção é maior. É que nem você estar apresentando um trabalho em um evento e alguém da mesa virar as costas para você. Dá vontade de voar na goela dele

Ed – E ainda mais naquela época...

El – Claro, porque a guerra estava declarada. Não era uma coisa irônica, nada. Era com ódio mesmo. O cara destilava o ódio.

Ed – Bom, acho que da minha parte é isso. Não sei se você tem mais alguma coisa para acrescentar...

El – Não, não tenho não. Só se lembrar de alguma coisa. Se você depois transcrever e quiser mandar para ver se eu lembro para acrescentar alguma coisa, pode mandar.

APÊNDICE C

Entrevista com Maria Encarnação Beltrão Spósito, em 29 de novembro de 2013

E – Eu queria começar um pouquinho antes, da sua formação, da sua história, e onde a sua história se cruza com a da UNESP.

M – Certo. Bom, eu nasci e cresci em São Paulo e mudei para Presidente Prudente em 1972, ainda estava no último ano do ensino médio, que naquele tempo se chamava colegial. Em 1974 eu entrei na UNESP, que não se chamava UNESP porque a universidade não existia. Se chamava Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, a FAFI. Eu fiz Geografia aqui de 1974 a 1977, e foi justamente o período de criação da UNESP. Estive bastante envolvida, acompanhei muitíssimo esse processo por dois motivos principais: primeiro porque o Departamento de Geografia, então que era o departamento responsável pelo curso de Geografia – porque havia uma coincidência entre departamento e curso, estrutura hoje que está modificada – foi o departamento que mais se posicionou, que liderou, vamos dizer assim, uma crítica ao processo de criação da UNESP, quer dizer, principalmente do modo como ela foi criada; e em segundo lugar porque eu participava do movimento estudantil. Tinha sido em 1975 para 76, presidente do Centro de Estudos Geográficos e de 76 para 77, vice-presidente do Diretório Acadêmico, quer dizer, no auge da criação da UNESP eu, praticamente, digamos assim, ajudava a coordenar esse movimento, não de oposição... Claro, era um movimento de oposição à criação da universidade mas era muito mais em função do modo como aquilo estava sendo feito, com destaque para o fechamento de cursos.

E – E daí, depois disso, você volta aqui como professora quando?

M – Ah, sim. Depois eu me formo em 1977, dezembro de 77, é a última formatura completa, dos cursos que existiam na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eu fui a oradora da turma, falei protestando quanto ao fato de que era a última turma, o então, já criada a UNESP, reitor se levantou, deu as costas a mim no discurso. E, bom, eu fui embora daqui para trabalhar em São Paulo, enfim, fui trabalhar no ensino fundamental, hoje ensino fundamental e médio, naquele tempo primeiro e segundo graus. E voltei em 1980 como professora, através de um processo seletivo que houve, para ingresso de professores no Departamento, em que foram abertas cinco vagas. Eu entrei em uma destas vagas, em terceiro lugar no processo seletivo. Voltei, então, como professora em 1980. Então agora, em 2013, eu fiz 33 anos que eu sou professora na UNESP

E – Bastante, hein...

M – Bastante, bastante...

E – E quando você voltou em 80, ainda tinha os resquícios dessa criação?

M – Ah, totalmente. Foi um processo extremamente traumático para esta Unidade especialmente, porque houve aqui a liderança, um líder, chamado Armen Mamigonian, professor do Departamento de Geografia que, digamos assim, não foi a única pessoa, outras pessoas como a Thereza Marini, como Dióres Santos Abreu, como Márcio Antonio Teixeira, para citar alguns, entre muitos nomes, se posicionaram frontalmente contra o Luiz Ferreira Martins que é, realmente, quem coordenou a criação da UNESP e foi seu primeiro reitor. E esta oposição forte após a criação da UNESP teve repercussões políticas, entre as quais a mais grave de todas foi a demissão do professor Armen. Esta demissão, a meu ver, ela ocorre assim que eu me formo e eu volto dois anos e meio depois e o que eu encontro – aliás, eu acompanhei, porque sempre tive muita amizade aqui com os professores – foi o Departamento dividido, estraçalhado, digamos assim, estou usando um termo um pouco pesado, por quê?

Porque no processo de demissão do professor Armen houve, praticamente, dois grupos – talvez tenha havido um terceiro que não sei posicionou – mas pelo menos dois grupos bem claros: aquele que defendeu o professor Armen, que considerou autoritária a decisão do então reitor, de demiti-lo num processo administrativo em que ele próprio não foi ouvido – imagina, várias pessoas depuseram, ele não foi ouvido e saiu publicada a demissão dele –, e um outro conjunto de professores que, digamos assim, tinham críticas à forma de ação política do professor Armen, alguns depuseram a favor da demissão dele e outros, digamos assim, não depuseram mas enfim, se sentiram aliviados. Quando a gente dá uma entrevista assim a gente usa muitas metáforas, às vezes não é do mesmo modo como eu escreveria, mas eu acho sim que eles se sentiram aliviados. E então o Departamento estava completamente dividido, com aquela sensação profunda, do que foi a perda do Armen. Por quê? Porque o Armen era a principal figura, digamos assim, política do Departamento e eram também intelectualmente uma pessoa muito arrojada. Nos anos de 1970, ele era o único professor nesta faculdade que pedia bolsas de iniciação científica. Era uma coisa muito rara, estava começando no Brasil esse programa. Ele já tinha esta atitude. Ele ajudou a fundar e a levar o Clube de Cinema. Ele trazia constantemente professores estrangeiros para dar aulas aqui. Sempre auxiliou muito os alunos que quiseram fazer a pós-graduação em um período que era muito difícil. Só havia pós-graduação no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Rio Claro. Os processos de seleção passavam pela indicação. Então ele era simplesmente uma pessoa – ele é, porque ele está vivo – uma pessoa sensacional, deste ponto de vista de que a gente tinha que ir para a frente. Ele também, nos anos de 1970, montou o primeiro processo de pós-graduação em Geografia. Que acabou não dando certo porque houve um parecer negativo de Rio Claro, mas enfim. Para que você tenha uma ideia do quanto ele era arrojado. Quando a pós-graduação só se tinha nas metrópoles, quando no interior se recebia muito pouco professores estrangeiros, não havia iniciação científica – porque ainda não tinha UNESP, não tinha PIBIC, não tinha o que é hoje o tamanho da iniciação científica e da pós-graduação, com muitos recursos, não era nada disso, era uma coisa muito difícil. Ele era, já então também, pesquisador do CNPQ, que era raríssimo, ele era o único não apenas da Geografia como de toda a Faculdade. Então, esta pessoa foi demitida. Então você imagina o que significou para o Departamento a perda dele, a perda da liderança dele, e também a – claro, havia muitas outras pessoas interessantes, que fizeram trabalhos muito bons – mas, vamos dizer assim, o ressentimento político de todo mundo que assistiu isso, que poderia se posicionar como pessoas progressistas ou críticas em relação ao que estava sendo feito, alguns de esquerda outros não, mas enfim, pessoas críticas, o quanto elas se sentiram atingidas e ressentidas com essa decisão o Luiz Ferreira Martins. Os anos deram vitória de causa a esse grupo na medida em que, na justiça comum e na justiça do trabalho, o professor Armen ganhou. E a UNESP – lamentavelmente a UNESP e não o senhor reitor – foi obrigada a pagar todos os salários dele e ele teve o direito – ele não usufruiu deste direito, mas ele teria o direito – de se reintegrar ao Departamento. Mas nisso ele, bom, já tinha voltado para Santa Catarina, já tinha prestado concurso e já era professor da USP. Então tudo isso deixa um Departamento muito dilacerado, muito, enfim, dividido em opiniões políticas. Não bastasse isso, com a criação da UNESP e o fechamento de vários cursos, quando eu volto para cá, para ser professora, a Faculdade não tem congregação. Ela estava sob intervenção porque, enfim, não tinha o número de doutores que se julgou mínimo para ter uma congregação. O seu diretor era uma pessoa da área de odontologia e aqui não havia curso de Odontologia, era portanto um interventor.

E – E nem da saúde, não é...

M – É, não tinha nenhum curso da saúde. Ele era um interventor, então os tempos não foram nada fáceis. Nós fomos – porque o Eliseu e eu fomos admitidos no mesmo mês – fomos admitidos e meses depois, nem um semestre depois, menos de um semestre, talvez ainda em

80 ou começo de 81, dez pessoas foram demitidas. Todas demissões por problemas políticos. Então isso criava um clima extremamente desagradável. Primeiro de insegurança e segundo de divisão interna, porque, claro, os que silenciavam, aqueles que foram os que fizeram a lista dos que iam ser demitidos, não eram nada bem vistos por aqueles que, enfim, tinham uma leitura de que não se podia fazer um papel desses, quer dizer, servir aos interesses da direita, pronto, porque é isso que acabou ocorrendo. Quando eu voltei para ser professora, eu participei da diretoria da Adunesp local, e também este foi um período difícil. Aliás, no momento em que há estas demissões eu sou da diretoria da Adunesp, que era, na ocasião, presidida pelo professor Adalberto Leister, que já se aposentou há muito tempo. Eu era secretária. Foi também um período muito difícil. O diretor queria que a Adunesp fechasse, queria que a gente calasse a boca, e foram semestres, enfim, que se enfrentava uma tensão cotidiana com a direção da Faculdade. E como não haviam os órgãos colegiados constituídos aqui na Unidade, você ficava sem ter com quem falar. Porque na Unidade não havia congregação, o diretor era na verdade um escolhido do reitor, o reitor era uma pessoa, além de conservadora, autoritária. Porque alguém pode ser conservador mas não ser autoritário. Ele reunia estas duas características. E havia prometido – verbalmente, não foi um pensamento, foi uma promessa verbal – que iria realmente, eu não me lembro se o termo foi esse, é provável que o termo não foi esse, mas o sentido é, se vingar de Prudente pela oposição que Prudente fez ao modo como se fechou cursos sem consultar as pessoas. Porque fechar cursos não é uma coisa simples: houve transferência de professores, houve professores que tinham contratos em CLT e os contratos foram interrompidos, houve alunos que tiveram dificuldade para concluir os cursos. Então foi tudo um processo muito traumático, muito traumático. E aí, você imagina o que também é isso: vários colegas do Departamento de Ciências Sociais, que era um departamento muito próximo da Geografia, ocupava o mesmo prédio, que era o Docente I, o lado, a primeira parte do prédio, ali perto do Discente I era das Ciências Sociais, o outro lado, da Geografia. Eram os dois departamentos de Humanidades. Então havia uma relação muito grande. Não apenas havia o curso de Ciências Sociais, como os professores de Ciências Sociais também davam aula na Geografia: Sociologia, Antropologia, Economia, que eram do Departamento de Ciências Sociais. Então você imagina, a gente perdeu também o departamento parceiro, de vida, de currículo, de vida curricular, de vida política, de vida intelectual na faculdade.

E – Entre esses que você disse que foram mandados embora logo que você veio para cá, você se lembra de nomes?

M – Lembro. Lembro vários nomes. Um deles é o professor José Tartaglia, economista, que tempos depois foi trabalhar na UFSCAR. Ele tem um outro sobrenome, eu não sei se é antes o Tartália ou depois. Enfim, na Seção de Recursos Humanos você vai recuperar.

E – A Leny?

M – Leny Rodrigues, esse caso foi gravíssimo porque na verdade se esperava atingir o Márcio, mas o Márcio era efetivo e a Leny não. O professor de física, que foi até meu professor no cursinho... a memória está péssima. O Eliseu deve ter lembrado bem mais nomes do que eu.

E – Era o Jair?

M – Jair, que era tempo parcial aqui mas era um professor também muito dedicado, muito importante. O professor Teotônio, que era da área de filosofia, inclusive depois se tornou uma pessoa muito famosa na área dele, eu nem sei se ele se tornou professor da USP ou de onde foi.

[interrupção]

M – Enfim, a lista não é difícil de se recuperar no Recursos Humanos e é uma lista que saiu toda... A bem da verdade, acho que isso aconteceu em agosto de 1980. Então, você procurando lá vai sair a publicação do Diário Oficial essas demissões. Foram todas no mesmo dia. E o que foi terrível: esses professores tiveram a notícia da demissão pelo Diário Oficial. A direção, a chefia departamental, não falou "A" para eles. Mandou a demissão para... e não era hoje, com a internet. Você mandava pelo Correio, daí uns dias chegava o Diário Oficial e quando eles vão tomar conhecimento eles já estão demitidos há alguns dias. Foi uma coisa terrível, terrível.

E – A respeito da demissão do Armen, quais foram as justificativas que foram usadas?

M – Bom, as justificativas oficiais, né? Você quer dizer as justificativas oficiais... As justificativas oficiais foram de que o... o processo administrativo – acho que foi esse o nome, seria esse o nome hoje, eu não sei se naquele tempo tinha esse nome – foi aberto em função de uma briga entre ele e um aluno do Diretório Acadêmico. Briga esta que havia ocorrido dez ou doze dias antes de se abrir, enfim, a reclamação etc. Briga esta que, depois se tem notícias de muitas informações, inclusive o laudo dado por um médico da cidade atestando que o aluno teria sido machucado pelo Armen foi feito muitos dias, também, depois do ocorrido. Então se percebeu, de fato a briga ocorreu. Não nego que essa briga ocorreu. Todo mundo no dia ficou sabendo que essa briga ocorreu. Mas ela se tornar um fato, foi muito mais, na interpretação de muitos, algo construído depois, quer dizer, a briga ocorreu mas vamos transformar a briga numa razão para cumprir aquela promessa que havia sido dita de que quando a UNESP fosse criada ele não ficaria na UNESP. Bom, mas claro, cria-se uma comissão, essa comissão eu não tenho ideia de quem a compunha, mas havia professores de fora daqui da Faculdade, ela vem num momento em que o professor Armen Mamigonian está num trabalho de campo com os alunos da Geografia, fora da cidade, de ônibus. Não havia internet, não havia celular, então imagina... Os colegas de departamento ficam sabendo que está instaurada a comissão e não têm nem num primeiro momento como avisá-lo. Ele está lá, dez, quinze dias. Finalmente, quando conseguem avisá-lo, foi tudo muito rápido, as pessoas foram ouvidas e o que as pessoas disseram? Quem depôs? As pessoas disseram que, bom, enfim, que ele era agressivo, que ele havia, em outras circunstâncias também agredido verbalmente outras pessoas, enfim. Como se tivesse aberto uma caixinha de mágoas do passado e todas as pessoas que, no embate político, tinham sido atingidas por ele... Porque era um momento de embates constantes, era muito diferente do que é hoje. Hoje a gente tem diferenças, as diferenças são faladas. Naquele tempo se falava: as diferenças tinham a ver com a universidade, mas haviam também diferenças entre os partidos, não é? Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil, PMDB, porque nem o PT tinha sido criado. Então também haviam posições na luta contra a ditadura que eram visões políticas diferentes, e isso aflorava mesmo entre aqueles supostamente de esquerda. E o Armen, como sempre uma pessoa franca, uma pessoa de dizer, de falar, digamos que muitas pessoas se sentiram magoadas com a ação dele no decorrer dos anos. O que é a ação dele? Numa plenária da Adunesp – que nem chamava Adunesp, se chamava ADIPEA – ele dizia "Essa proposta é uma proposta retrógrada, vamos votar contra ela". Isso tudo deixava as pessoas sensíveis e isso foi aflorar no momento dessa comissão e que, enfim, algumas pessoas foram para lá e deram depoimento destas coisas. Montaram uma imagem dele de que, enfim, ele não era bem visto na universidade, ele poderia ser realmente um perigo, enfim, era uma pessoa agressiva. Houve coisas terríveis, porque o professor Armen havia anos, antes, muitos anos antes, não se aí no final dos anos 60 ou de 1970, perdido uma filha, uma menina, atropelada, e até isso se falou. Que ele era agressivo porque perdeu uma filha, então ele tinha uma agressividade, enfim... algo extremamente exagerado, porque, bom, uma pessoa agressiva é uma pessoa que está todo o tempo batendo, brigando, e não era isso. Ele não era uma pessoa violenta. Ele não

era e não é uma pessoa violenta. Ele era uma pessoa de opiniões firmes e de coragem para falar as suas opiniões a quem quer que fosse, inclusive a um candidato a reitor. Levantar a mão numa plenária e falar "O que você está fazendo é autoritário" e tal. Imagina, uma pessoa tão ciosa de si como era o Luiz Ferreira Martins ouvir isso, não é? Alguém levantar a mão e dizer uma coisa desse tipo. Então, foi tudo muito injusto, foi tudo muito... foi tudo muito triste porque acabou acontecendo que, contra ele, depuseram pessoas mais conservadoras, mas também pessoas que, supostamente, se reconhecia como pessoas de esquerda, etc. Quer dizer, nesta hora, na mágoa, no ressentimento dos confrontos, todo mundo falou alguma coisa. Eu acho que alguns que falaram não supunham que aquilo ia terminar em demissão. Talvez não supusessem, não posso responder por eles. Alguns estão vivos, outros já não estão vivos, quer dizer, eu não sei, eu não sei se assustaram com o tamanho do remédio. Mas o fato é que os depoimentos serviram à finalidade que o reitor queria, que era colocá-lo para fora. Por isso a rapidez, por isso não teve o direito de contraditório e por isso a comissão da um resultado e o reitor assina e sai publicado no Diário Oficial. Em muito pouco tempo, eu não saberia te precisar isso, mas outros colegas talvez se lembrem ou haja mesmo um processo aí, você pode consultar. Esse processo tem que estar aí, ele não pode ter desaparecido. Ele é um processo de demissão. Quer dizer, indo lá nas Comunicações, naquelas caixas fechadas, deve ter a caixa "Armen Mamigonian", o processo de demissão. Então ali tem as pessoas que depuseram, que falaram, etc. Algumas fora, inclusive, embora daqui de Prudente, se transferiram daqui para Rio Claro, porque ficou também um clima muito difícil. Porque os professores que ficaram, pessoas como Marcos Salgado, como Márcio Antonio Teixeira, como Dióres Santos Abreu, como Thereza Marini da Educação, eles não ficaram calados. Eles realmente esbravejaram, criticaram, procuraram mover algum tipo de ação... Havia Conselho Universitário, e procuraram mover pessoas para que falassem no Conselho Universitário. Na ocasião, o professor Trindade, que veio muitos anos depois a ser o reitor da UNESP, falou em favor do Armen. Mas a maioria ficou quieta, porque também era um momento de mudanças, de supressão, de transferências, parecia que cada um queria se acomodar no seu lugar e qualquer atitude mais crítica poderia prejudicar, porque as pessoas estavam se reposicionando. Os departamento tinham sido fechados, outros departamentos criados, entendeu? Alguns foram transferidos para Marília e Araraquara, na área de Sociologia e Educação. Do curso de Ciências Físicas e Biológicas, talvez um ou outro tenha se transferido para Araraquara, para o Instituto de Química, outros foram demitidos. Havia muita gente também que não era tempo integral, a proporção de tempo integral não era tão grande. Esses eram tempo parcial. Eles ficaram aqui na cidade porque eles trabalhavam aqui por 24 horas ou por 12, dependia do contrato e, bom, eram professores em cursinhos. Foi o caso do Jair Romano e o caso de outros. Quer dizer, eles tinham outros trabalhos aqui na cidade, tinham família aqui, ficaram. Os outros que eram tempo integral procuraram, digamos assim, uma transferência. O que também é traumático, porque uma pessoa mora aqui e tem que ir embora com a família para uma outra cidade. Alguns se posicionaram bem, foi o caso da professora Maria Conceição D'Incao, ela foi uma das transferidas para Araraquara e se tornou uma socióloga muito importante. Aliás, o livro dela principal, que é o "Boia-fria" já tinha sido publicado quando ela estava aqui, mas enfim, ela continuou uma carreira. A professora Mariângela D'Incao, que era irmã da Conceição, que foi para Marília. A professora Dulce Withaker também foi para Araraquara, quer dizer, muita gente continuou sua carreira, mas aquilo não foi uma coisa simples. Você imagina sair de um lugar onde você, em alguns casos, como o da Dulce Withaker, cuja família é uma família tradicional aqui na cidade, o caso das duas irmãs D'Incao, cuja família é de Presidente Venceslau, essas pessoas tiveram suas vidas mudadas. Não seria um problema, porque eles eram funcionários da Universidade e isso pode acontecer. Você pode ser transferido numa empresa ou numa instituição. O grave foi o modo como ela foi feita, não havia uma razão propriamente de natureza científica, era uma razão de ordem

política. Então foi tudo muito difícil. Eu acho que, no caso do Departamento de Geografia, que é o departamento no qual eu ingressei e do qual faço parte até hoje, foi preciso dez, doze, quinze anos para isso perder importância. Quer dizer, e porque que perde importância? Primeiro que, com o passar o tempo, tudo vai amenizando. E segundo porque os que estiveram diretamente ligados a esse confronto foram se aposentando. A posição minha e do Eliseu sempre foi uma posição muito particular, porque nós éramos alunos, nós vimos tudo aquilo como alunos e entramos e vivemos esse período como professores. Então, de certo modo, a gente foi enxergando essa mudança que, claro, foi uma mudança para melhor, porque você tem que reconstruir o departamento, não pode ficar a vida inteira se lamentando, mas para nós que éramos jovens isso era um pouco mais fácil do que para os professores mais velhos, que, enfim, tinham sido amigos, companheiros de luta política do Armen por muitos e muitos anos.

E – O Eliseu me contou que o Armen ligou para vocês em São Paulo...

M – Ligou, porque exatamente no dia em que ele é demitido nós já tínhamos nos formado, quer dizer, o Eliseu é formado antes de mim, mas eu já tinha também me formado e nós já tínhamos nos casado e ido para São Paulo. E ele liga no telefone do nosso apartamento e fala isso. Aliás, foi por meio dele que eu soube da demissão. Ele falou "Olha, eu fui demitido". Nós ficamos assim, boquiabertos. "E eu preciso, então, arrumar trabalho em São Paulo e vocês..." – naquele tempo, o Eliseu já trabalhava em escolas particulares e eu não me lembro se eu já estava trabalhando em escola, porque teve um tempo em que eu também trabalhei em colégio de padres, não lembro se, naquele ano, eu já estava, mas enfim. A gente estava por dentro do mercado de trabalho nessas escolas que pagavam melhor. Na ocasião, o Colégio Objetivo ainda era um colégio, não era uma universidade, mas a gente tinha amigos lá, o Hernani, essas pessoas. Então a gente começou a ligar para as pessoas. Claro, num primeiro momento, em desespero, porque ele tinha uma família. Em pouco tempo, no decorrer de um mês, as coisas se acomodaram, porque ele foi acionar um conjunto de possibilidades e entre elas estava o fato de que quando ele veio trabalhar aqui, ele era professor concursado na Federal de Santa Catarina e ele não chegou a se demitir, fez uma espécie de suspensão de contrato, e ele teve direito de se reintegrar. Então, ele continuou sendo professor universitário. Mas imagina, num primeiro momento ele aventou a hipótese de trabalhar no ensino fundamental. Um cara doutor, com doutorado em Estrasburgo, um intelectual, assim, incrível, um cara... A gente não imagina ele que nem a gente, ele era nosso professor, foi meu orientador de iniciação. Imaginar ela dar aula, para a gente, para nós era verdadeiramente chocante essa hipótese. Por sorte, ela não foi necessária. E a vida foi comigo bastante, como é que eu poderia dizer, ela não foi cruel, acho que não é cruel, ela me fez enfrentar um desafio que foi o seguinte: quando a gente entrava na Universidade, hoje não é mais assim... A Universidade, quando ela foi criada, ela tinha "X" cargos e esses cargos eram no nome das pessoas que estavam naquelas faculdades e institutos que criaram a Universidade. Então, quando começou a haver novos concursos, a partir de aposentadorias ou demissões, sempre se nomeava "alguém no cargo de fulano". Quando saiu a nossa nomeação, a minha e a do Eliseu, as duas saíram no mesmo dia, dia 21 de julho de 1980, a do Eliseu saiu em nome do Eduardo, que era um professor do Departamento de Ciências, que era professor de química e também dava aula aqui no Colégio Objetivo, e a minha, por mera coincidência, saiu em nome de Armen Mamigonian. E quando eu vi, no Diário Oficial, na rua da Mooca, porque conforme eu já falei não tinha internet, tinha que ir lá olhar o jornal, eu, bom... primeiro chorei muitíssimo, achei que eu nem teria coragem de assumir. Aí eu acabei telefonando para ele e foi ele que fez o estímulo "Não, eu estou honrado que seja você, que foi minha aluna... alguém vai ocupar esse cargo e eu estou honrado que seja você, estou feliz... Não, Encarnação, vai, tu tem que ir"... ele tem esse estilo "Catarina" de falar, ele fala muito na segunda pessoa do singular. "Tu

tem que ir, tu tem que ir, não não vai falhar". Bom, e aí, na verdade, a nomeação saiu no dia 10 de julho e aí, no dia 21, nós viemos tomar posse porque houve esses primeiros três, quatro dias de hesitação, eu achava, assim, uma enorme traição eu ocupar o cargo do meu orientador e um cargo que foi injustamente tirado dele. Mas enfim, isso já havia se passado também, talvez, dois anos da demissão. Não havia condições de reversão. O Luiz Ferreira Martins ainda era o reitor, ele elegeu o reitor seguinte, que era o seu vice-reitor, o professor Armando. Não havia condição de reversão. A vitória na justiça foi muitos anos depois e, eu não me lembro bem se em 1987 ou 88. Demorou quase oito anos, pelo menos, mas talvez nove, para o processo ter sua finalização.

E – A gente foi avançando no assunto do Armen, mas voltando um pouquinho nessa história da criação da UNESP. Como que ela chegou aqui? Como que vocês ficaram sabendo disso aqui no Campus, que não era Campus?

M – Eu não me recordo bem, mas é provável que tenha sido o diretor de então. Uma das pessoas que eu mais associo a este período, de trazer as notícias, era o professor Alvanir de Figueiredo. Eu não me recordo se exatamente no momento ele era o vice-diretor, o diretor era o professor Augusto Litholdo se não me engano, ou se ele já era mesmo diretor, porque ele ocupou várias vezes a direção e a vice-direção. Mas ele era uma pessoa que estava indo muito para São Paulo, ele trazia as informações, principalmente, não apenas avisava a todo mundo do Campus, às vezes fazendo reuniões e às vezes também chamando os alunos para essa reunião, às vezes os alunos que eram do Diretório Acadêmico. Como o presidente do Diretório era o Nivaldo Luchetti, que trabalhava no Banco do Brasil, normalmente era eu que ia representar, eu era vice-presidente. E no mandato anterior ao meu, o presidente era o Mauro Bragatto, que hoje é deputado. Então, normalmente, nós éramos chamados para participar ou, quando não éramos, depois o próprio Armen, a própria Thereza Marini, o próprio Dióres vinham e falavam para os alunos "Olha, aconteceu isso". E as notícias eram de que a universidade ia ser mesmo criada e que se estava fazendo um estudo para não haver o que eles chamavam de duplicação de esforços. Esse termo era muito usado no período, "Não se pode duplicar esforços, então pode fechar os cursos". Sei lá, tem "N" cursos de Pedagogia, nós vamos ficar com um número menor. Por exemplo, no caso de Geografia havia três cursos: Franca, Rio Claro e Prudente. Era certeza que Rio Claro ficaria. Logo depois anuncia-se que Prudente também vai ficar e se toma a definição de fechamento de Franca. Os professores de Franca foram, na maioria, para Rio Claro, que era mais perto, mas também nós recebemos aqui professores do Departamento, do curso de Geografia. Ciências Sociais, havia em Araraquara, Marília e Prudente, fecha o de Prudente. Bom, e assim por diante... Essa ideia de não haver duplicação ou de haver um menor número de cursos do que o que havia foi tomando corpo cada vez maior. E o que é lamentável é que os critérios nem sempre foram técnicos, os critérios eram também políticos, ou seja, as unidades da Universidade, da futura Universidade, as faculdades que viriam a ser os Campus da futura Universidade... é... houve um relação direta entre os que foram menos críticos tiveram menos cursos fechados, os que foram mais críticos tiveram mais cursos fechados. Isso foi notório. Eu acho que se fala tanto do Armen, eu acho que a beleza da ação dele é o fato de que ele era de um curso que não foi fechado e ele liderou a luta para que os seus colegas da Matemática, da Ciências Sociais, do curso de Licenciatura em Ciências não fossem penalizados. O curso de Pedagogia, que foi outro curso fechado. Pedagogia depois foi reaberta, por luta. Aquele grupo que viu a Pedagogia ser fechada prometeu a si mesmo que reabriria um dia. E depois, quando houve a chamada "democratização da universidade", com o professor Jorge Nagle, esse grupo foi lá e pediu a abertura do curso e conseguiu. Isso foi final dos anos 80. Professora Thereza Marini, professora Josefa Grígoli, professora Leny Teixeira, que depois volta concursada e, enfim, já eram outros tempos também. Elas tiveram um papel muito importante, porque elas não

esqueceram a ideia de retomar o curso e retomara, o curso está aí, tem pós-graduação, você deve isso a elas. Então, quem trazia estas notícias, eu me lembro bem num primeiro momento, era o professor Alvanir. Uma outra pessoa que eu não me lembro se era o diretor ou vice, depois você confere, porque a gente perde um pouco a sequência, era o professor Marcos Alegre. E, claro, eles tinham uma posição muito difícil, porque eles exerciam um cargo de direção, portanto um cargo que naquela época era um cargo escolhido pelo reitor, entre os professores titulares – só podia ser diretor os titulares, e o número era muito pequeno de titulares. Quando eles eram indicados, também não podiam deixar de aceitar, porque, um pouco, havia sempre a preocupação sempre de uma intervenção, como veio a acontecer em 1980. E, ao mesmo tempo, eles também estavam sentindo todo o problema aqui e, enfim, estavam também preocupados com o não fechamento de curso. Esses professores, eu não sei te dizer em que proporção participavam dessas reuniões que eram feitas, reuniões que eram feitas numa sala que era a antiga Congregação que fica no Prédio I, aqui neste prédio do Discente I. Eu me lembro bem dessas reuniões, em que fechavam as portas, se tinha muito medo, era uma reunião muito seletiva, eles tinham muita preocupação de que alguém fosse contar para o reitor. Não faltava também um leva-e-traz, um comentário, então eram reuniões muito fechadas, nas quais se pensava nas estratégias, etc. Então é assim que nós soubemos. Os alunos fizeram vários movimentos, inclusive uma greve que saiu na primeira página, na capa da revista Veja, porque ninguém fazia greve na Ditadura e se fez uma greve contra o fechamento de cursos, o que trouxe muitos problemas políticos para vários líderes, que ficaram, enfim, fichados no DOPS por causa dessa greve.

E – Então, para os alunos, desde o começo, a recepção dessa notícia não foi boa, não foi amigável?

M – Não, não foi boa... não foi boa. Embora, vamos dizer, havia assembleias gerais dos alunos e eu me recordo bem disso. Bom, as assembleias em geral eram no Diretório Acadêmico, nesse mesmo prédio que está aí. Se tirava todas as mesas de ping-pong e ali era a assembleia. Mas depois elas foram ficando tão grandes que elas eram no Anfiteatro I e houve mesmo assembleias em que não coube todo mundo no Anfiteatro e a grama ficou cheia de gente, alguém falava no microfone e outro repetia pelo megafone do lado de fora. Eu acredito que houve assembleias que deviam ter, não sei, 800 alunos, 1000 alunos. Primeiro porque havia preocupação, quer dizer, "E se meu curso fecha, se eu tiver que ir embora, será que vão garantir...". Alunos que estavam regulares, a reitoria garantia a conclusão do curso, ela não fechava no meio. Mas se você reprovava em uma disciplina isso já não era garantido, a pessoa tinha que procurar completar, enfim. Foi tudo muito traumático. E até também que saísse publicado no Diário Oficial, porque entre dizer que vai criar a Universidade e ela sair publicada, isso deve ter transcorrido um ano, um ano e meio. Então, assim, um ano e meio que a cada hora chega uma notícia nova, que a cada hora informam uma coisa nova, então as assembleias ficavam extremamente lotadas. Eu mesmo, as que eu presidia, ficava muito preocupada, a tarde eu recolhia informação, geralmente era por interurbano, não tinha outro jeito... se fazia uma ligação interurbana para um colega do Diretório de Assis, que também foi uma Unidade muito crítica, ou de Araraquara, uma outro Unidade crítica. "Olha, que informação tem? Não, fulano chegou de São Paulo ontem e o Luiz Ferreira Martins falou tal". E com isso procurava passar as informações. Em alguns casos houve, inclusive, assembleias conjuntas, professores e alunos. Nessas assembleias, sempre o Armen tinha muita voz, mas também a Thereza Marini, também o Márcio Teixeira, também o Dióres Santos Abreu. Era um, assim, vamos dizer, quarteto muito forte, todos os quatro falavam muito bem, eram muito bons professores, então gozavam de um respeito muito grande de todos os alunos e representavam, também a Pedagogia, a Ciências Sociais, a Geografia, os cursos que eram... Não é que os cursos de Ciências e Matemática também não tivessem liderança. Claro que

também tinha. Mas pela natureza destas ciências, sempre há menos proximidade com a discussão política. Mas eles participavam, muitos professores da Matemática lutaram para que, enfim, o curso não fosse fechado. Na primeira lista divulgada, o curso de Matemática daqui seria fechado.

E – Ficaria só Geografia?

M – Só. Ficaria um curso "solteiro", entendeu? E solteiro, por quê? Por que eles gostavam da Geografia daqui? Não. Porque naquela época o número de doutores na Universidade era muito pequeno e a Geografia tinha o maior número de doutores. Não tinha como justificar fechar este curso, entende? Quer dizer, era o curso que, eu não me lembro, mas congregaria naquela época meia dúzia, oito doutores, o que era uma enormidade de doutores para a época. Não havia esse número no curso de Licenciatura em Ciências, não havia esse número no curso de Matemática, não havia esse... talvez no curso de Pedagogia fossem doutores a professora Thereza Marini, a professora Sumi, a professora... era um número menor. Enfim, a Geografia era o maior número de doutores. Era o curso que abriu a faculdade, era o curso mais forte. Não tinha como justificar o fechamento da Geografia. E a Geografia de Franca era muito mais fraca, menos doutores, não poderia... quer dizer, a gente acha que não tinha critérios técnicos adequados, principalmente porque a gente não concorda com os critérios, não concorda com a ideia de fechar cursos, mas também não se podia fazer de qualquer maneira. Havia sempre uma aparência de que "Bom, houve um estudo e aqui fecha, aqui se mantém". E desde o começo foi anunciado que em Prudente, Geografia não seria fechada. Depois, não dava para voltar atrás também. Eu imagino que deve ter passado pela cabeça dele voltar atrás, mas não dava para voltar atrás.

E – Eu sei que o Luiz Ferreira Martins veio aqui algumas vezes, não sei se foi anunciar esse projeto, discutir esse projeto... Como foram essas vindas?

M – Foram todas as vezes trágicas, terríveis. Primeiro, ele era uma pessoa de um estilo muito autoritário mesmo, um modo de comportamento pouco polido. Não posso dizer que ele não tivesse educação, mas ele não era gentil, ele elevava a voz, ele dizia "Vai ser assim" e desta maneira, toda forma de conduta já causava muita tensão. Normalmente eram reuniões convocadas para o Anfiteatro I, iam todos os professores, iam alunos também, eu me lembro de ter estado em todas essas reuniões. Eu não me lembro se foram duas, três ou quatro. Várias vezes ele veio aqui. Ele veio antes de criar a Universidade, veio logo em seguida à criação da Universidade. Em todas essas havia documentos que eram lidos. Por exemplo: o Diretório Acadêmico em todas leu um documento.

[interrupção]

M – Enfim, eram momentos de tensão, de muita tensão. Ele, não raramente, interrompia os oradores. Interrompia, ele não deixava você acabar de falar e dizia "Não, isso não, não vai ser assim". Então era sempre tudo muito tenso, muito tenso. Numa dessas reuniões é que ele acaba publicamente, não no microfone mas num tom em que várias pessoas ouviram, prometendo demitir o Armen. Porque o Armen, quando ele interrompia, o Armen falava "O senhor não pode me interromper, eu estou falando, estou com a palavra, eu te ouvi e o senhor vai me ouvir". Ele prometeu, realmente, a demissão. Ele volta na formatura de 77, já como reitor, naquela época o reitor vinha às formaturas, e é essa a formatura em que eu acabei sendo a oradora e que ele levanta e dá as costas para mim. Primeiro porque realmente se lembrou de mim como aluna e, claro, sobretudo por causa do conteúdo do discurso. E nesse dia também, foi muito bom porque estavam na primeira fila de professores – foi uma formatura na APEA, no salão da APEA – o professor Márcio Antonio Teixeira, o professor Armen Mamigonian, a professora Thereza Marini, todos eles se levantam, batem palma para

mim, em protesto a ele. Eu paro o discurso, fiquei muito... muito... muito chateada, você está fazendo um discurso e alguém se levanta, dá as costas, é o reitor. Eu não sabia se eu devia continuar. Eu lembro que a Thereza Marini subiu três degraus, ficou em pé ao meu lado – ela tinha sido minha professora – e falou "você vai falar o discurso até o fim, eu fico em pé aqui ao seu lado". Acabei falando o discurso até o fim, desci a escada com a perna tremendo. Uma parte grande dos alunos me aplaudiu, mas também houve quem vaiou, havia também quem desgostasse dessas manifestações política, enfim. "Agora a universidade já foi criada mesmo, não adianta...", havia também isso, "É o dia da formatura...". Eu lembro, inclusive, que para eu falar o discurso teve uma reunião no Diretório Acadêmico que eu tive que ler o discurso antes...

E – Foi aprovado e lido?

M – Foi, foi. A maioria ali achou que deveria ler, mas outros "Olha, é melhor só agradecer aos pais", quer dizer... Havia uma posição entre os alunos, minoritária, ela não era maioria, mas houve uma posição de que deveria fazer algo mais ameno, mais leve. Mas, enfim, ganhou a ideia de que deveria se fazer mesmo o protesto. E aí, eu já tinha escrito o discurso e fiz o protesto. Um discurso lembrando que era a última vez que tinha a formatura de Pedagogia, a última vez que tinha Ciências Sociais, a última vez que tinha Pedagogia, enfim. E também Geografia, na verdade, não ficou imune, porque eles fecham o vestibular para Geografia e criam Estudos Sociais, que nesse momento, na escala federal, estava querendo substituir História e Geografia. Aqui, por dois anos, funcionou o curso de Estudos Sociais. Então, também era a última, claro, no curso de Estudos Sociais tinha a habilitação em Geografia, mas o vestibular para Geografia também não houve em 75 e 76. Então eu, que entrei em 74, fui a última que entrei. Depois, em 77 para 78, volta o vestibular de Geografia. Então, por dois ou três anos não houve vestibular para Geografia. Houve vestibular para Estudos Sociais. Então também eu estava protestando contra o fim da chamada Licenciatura Plena em Geografia.

E – Mas antes da sua formatura, ainda no fim de 76, teve uma manifestação que foi lá no Ginásio de Esportes, que teve a Aracy. Você participou? Como foi essa manifestação?

M – Participei. Nessa época eu era vice-presidente do Diretório então não apenas participei como ajudei na organização. O professor Armen era o líder, eu era, inclusive, orientanda dele, mas eu estava ali porque eu era vice-presidente do Diretório. Se foi na cidade inteirinha, na rádio, nas rádios da cidade, nas escolas de segundo grau, convidando as pessoas a lutar, a ir ao Ginásio de Esportes, porque o fechamento de cursos prejudicaria os alunos, que teriam menos vagas para o vestibular. Naquele tempo tudo era muito difícil, estudar em São Paulo era uma coisa, assim, só para as famílias de elite. Então, com esse recurso, se entrava em todas as salas de segundo ano do colegial, que chamava segundo ano do colegial, ou terceiro ano do colegial para dizer "Vão ao Ginásio de Esportes" e entregavam um folhetinho. E com essa vinda da Aracy Balabanian, que seria, vamos dizer, um chamariz também para as pessoas irem. Se organizou faixas, o Diretório Acadêmico pagou uma parte, os professores outra. Se mandou pintar as faixas e distribuiu em vários pontos da cidade. Aí, mais os meninos do que eu, os meninos do Diretório iam e amarravam as faixas durante a noite. Durante o dia a polícia tirava, depois punha de novo. Mas enfim, o evento teve muita repercussão, porque houve muita gente, o Ginásio de Esportes era, naquela época, o maior espaço público da cidade, não tinha o Prudentão. Então, não sei o tamanho que ele tem, mas eu me lembro, assim, dele praticamente cheio. Se não foi cem porcento, noventa porcento lotado. E aí, o que aconteceu lá? Várias pessoas fizeram discursos políticos, do antigo MDB, que depois se tornou PMDB, professores aqui da Universidade, e aí, alguns artistas, com maior destaque para Aracy Balabanian. Então, teve muita repercussão, a imprensa local foi, saiu noticiado. Isso também deixou o Luiz Ferreira Martins extremamente aborrecido porque, enfim, tornou

público. Aquilo que era uma coisa interna acabou se tornando pública. A imprensa, no geral, noticiou. Eu não sei, eu não me lembro se saiu na imprensa de São Paulo, Folha e Estadão. Mas eu acho que saiu porque foi muito grande o movimento. Sei lá, essa reunião começou oito da noite e terminou muito tarde. Quando nós saímos de lá, eu vi vários carros da polícia. Houve a decisão dos professores e alunos que lideraram de saírem todos juntos, todo mundo tem que sair junto, ninguém pode pegar ônibus – naquele tempo, eu até tinha carro já – ninguém pode pegar o carro sozinho, todo mundo tem que ir em três, quatro... houve uma toda uma organização, com medo de que alguém, enfim, fosse preso, detido ou sofresse alguma represália. Naquele dia não aconteceu nada. Até porque estava a imprensa, porque era mais rádio aqui na cidade, as rádios no local, noticiando, levando ao ar as notícias, então acabou não acontecendo nada. Mas na frente do Ginásio de Esportes era a rua Prudente de Morais, é porque nos fundos é a Coronel Albino, havia muitos carros da polícia. Eu me lembro bem, quando eu saí preocupada, muito muito muito, e enfim, não aconteceu nada nesse dia. Aconteceu, depois, em outras ocasiões, a polícia acabou detendo, convidando para depoimentos, vários de nós, em outros momentos. Naquele dia, não aconteceu nada. Mas no ano subsequente sim. Também depois que criou a UNESP continuou, porque continuaram as lutas, continuaram os protestos, as idas para São Paulo, a criação do Conselho Universitário – não havia Conselho Universitário porque não havia universidade. Então o Conselho foi criado, era um conselho não de eleição direta, era tudo escolhido pelo reitor. Então, muitas vezes se viajou daqui para São Paulo, de ônibus, daí, de Assis, de Araraquara, Marília e se ficava, enfim, na frente da sede da UNESP, que logo no comecinho era o prédio onde hoje está a FUNDUNESP, na Avenida Rio Branco. Só depois que ele foi para a Praça da Sé. Então, os anos de 1975, 76 e 77 foram anos muito, muito difíceis. E eu falo tudo isso porque eu acho que a UNESP é uma coisa que deu certo. Mas isso não quer dizer que ela começou adequadamente. Ela é uma coisa boa, nós somos melhores hoje do que nós seríamos se tivéssemos ficado como Unidades. Mas o fato é que, no momento, tendo em vista o modo como as coisas eram feitas, o que o movimento estudantil defendia era continuar como faculdade isolada. Primeiro, talvez, por uma falta de visão do que que a universidade podia trazer. Mas eu acho que a razão principal era discordar do modo como estava sendo feito, entende? Então, criou uma resistência enorme, que também, a meu ver, dificultou criar a ideia de UNESP. Ela foi criada muitos anos depois, já com o professor Landin, que é um reitor que a gente teve no final dos anos 80 e ele que começa a dizer "Olha, não é para por no texto que você é professor da Faculdade de Medicina, que você é professor do Instituto de Química, é para dizer que é da UNESP". Ele começa numa campanha de documentos que tenham o nome da Universidade, criar o logo da Universidade, obrigar tudo a ter o nome da Universidade. Porque o que havia era um agregado todo descosturado. E inclusive, um agregado que era marcado por divisões, por brigas e por mágoas. Mágoas entre as Unidades que se beneficiaram e as que perderam. Nós perdemos, outros se beneficiaram. Ganharam professores titulados. Você imagina o que era naquele tempo, um professor se afastar para fazer um doutorado no país ou fora, ficava afastado, voltava, começou a trabalhar e daqui a pouco vai transferido embora, entende? A outro unidade ganhou um doutor pronto, e aqui perdeu aquele doutor. Isso aconteceu aqui na área de Ciências. Quer dizer, havia gente com titulação, como a professora Samia, como o professor Arana, eles foram embora, se perdeu. Então você imagina: começa tudo do zero. Com auxiliar de ensino, porque naquele tempo, fazer o mestrado já era uma coisa muito importante

E – Teve também, não sei mais ou menos em qual período, um show com Luiz Gonzaga? Não consegui precisar a data...

M – Também não consigo te dizer... Realmente quando o Armen vier aqui – o Ricardo está querendo trazer ele aqui – você tem que entrevistá-lo. Ele vai lembrar melhor. Eu não sei se

você sabe que tem no Centro de... no CEDEM, depoimentos desses professores. Também é bom você procurar ter acesso porque lá tem informações mais precisas. Eu era muito jovem, aluna ainda, e algumas dessas coisas eu participei, digamos, outras não, porque também havia grande distância entre professores e alunos, apesar da luta política conjunta, havia, vamos dizer assim... Era uma relação mais respeitosa, os professores, para nós, eram senhores. Então também não se convivia assim, cotidianamente. Embora, no caso de alguns professores como era o Armen, era o Márcio Antonio Teixeira, essa convivência com os alunos era... Eles sempre diziam "Tem que chamar os alunos, tem que fazer coisas juntas". E nós, da Geografia, tínhamos uma vantagem frente aos outros cursos, que eram os trabalhos de campo. Você saía de ônibus com os professores, então, você fica uma semana, convive, está no mesmo alojamento, fica no ônibus. Eu, como era do centro de estudos, sempre estava ajudando a organizar cursos de extensão, então eu tive – o Eliseu também, e outros três ou quatro alunos que já nem estão mais aqui – essa proximidade maior por fazer parte desses processos de organização, digamos assim, que a gente gostava muito da vida política, mas também era muito bom aluno, que nem sempre acontecia com todos que gostavam da vida política. Aliás, também era uma característica do Mauro Bragatto, ele foi bom aluno e gostava. Então a gente se aproximava muito dos professores. Outros casos não, os colegas envolvidos com a vida política reprovavam em disciplinas, não eram bem vistos, então, claro, aí eles eram menos próximos dos professores. No nosso caso, não. Eu era muito boa aluna, muito estudiosa, e me saía, no geral, muito bem, os professores gostavam de mim como aluna, e alguns, até, ficavam preocupados que eu tivesse envolvida, que eu pudesse vir a ser presa, coisa que eu nunca fui. Eu fui detida para depoimentos, nunca eu fui presa, nunca fui algemada e presa atrás das grades. Mas havia quem fosse.

E – Bom, então, uma parte mais oral foi agora. Mas eu trouxe aqui algumas imagens para a gente discutir, porque são imagens desta época também. A primeira, quero começar com essa aqui, que é de 76. Você se lembra da conjuntura de criação dela?

M – Claro. O autor é meu atual marido. Não apenas lembro perfeitamente, como a gente, antes de divulgar, viu esse jornal – novembro de 76 eu era vice-presidente do Diretório Acadêmico. Isso era feito, geralmente, à noite. Imagina que não tinha xerox.

E – Mimeógrafo?

M – Isso era mimeógrafo. Então você tinha que rodar esses mimeógrafos. Esse deve ter sido um dos primeiros, está aqui número cinco. Bem me lembro... então você vê o que está escrito aqui: inscrições para o vestibular aí do lado, FUVEST, daí aparece UNESP, filosofias eram só as faculdades de filosofia, e as plaquinhas passando a ideia de fechado. Mas também tinha essas coisas por trás que eram muito interessantes. Críticas a movimentos, que eram movimentos da sociedade, a situação da igreja no Brasil, as alfinetadas, que era um pouco, assim, era uma coisa de brincadeira, de fofoca, enfim. O jornal tinha muitas características

E – Essa aqui é uma outra capa, já do ano seguinte, 77.

M – Pois é. Essa aqui é exatamente do ano logo seguinte à criação da UNESP, em que, então, já havia esse prédio da Diretoria. Porque, no começo, não existia esse anexo aqui. O prédio era só o que está aqui atrás. Então foi construído isso, era bem recente. E aí, então, se fez esse número de jornal. E o legal é que você vê que aqui já está datilografado e aparecem aqui umas linhas, que isso aqui era tudo datilografado, recortado e colado.

E – Esse momento, de 80 vagas apenas, que disseram que ficara bem deserto aqui, você presenciou?

M – Presenciei, porque é justamente nesse ano de 77. Quer dizer, eu presenciei mais depois porque eu me formei, mas estava toda hora vindo aqui. Meus pais tinham mudado para Prudente e eu vinha visitá-los e todas as vezes vinha na faculdade, ver os professores e tal. Então, a gente via, cada vez mais vazio. 80 vagas, não é, 40 de Geografia e 40 de Matemática. Então foram suprimidas as vagas de Pedagogia, de Ciências Sociais e de Licenciatura em Ciências, que eram duas turmas – diurno e noturno – então eram 80 vagas.

E – Esta aqui, é uma foto exatamente daquela manifestação de 76.

M – Aqui, olha, o número de pessoas. Cinco mil pessoas na concentração da FAFI. Então, aqui dá até para conhecer algumas pessoas

E – Aqui, eu só percebi pelas fotos, essa aqui é a Aracy.

M – É... Esse aqui, se não me engano, é o Dióres Santos Abreu, esse aqui que está falando com ele é o Armen, que eu vejo pela barba, estava sentado do lado dela, que é irmã dele. As outras pessoas eu não estou reconhecendo. Também é um xerox que não... e a foto já não é muito boa.

E – Esse aí foi lá no Ginásio mesmo? Porque parece que teve um debate anterior a isso, não sei se foi no mesmo dia...

M – Na verdade, quando ela veio, houve mais... Houve reuniões preparatórias e como ela era irmã dele ela ficou aqui, na casa de amigos dele, porque ele já não morava... Não, ele morava aqui ainda, claro, foi antes da demissão. Na casa dele.

E – Essa aqui é uma foto que mostra o público.

M – Então, você, vê. Olha, o que eu acabei de falar e você está aqui com a prova, não é. Então praticamente lotado, essa aqui é uma das fotos. Tinha muita gente

E – Essa imagem aqui, é outro ângulo dessa imagem aí.

M – É, estava muito lotado, na hora em que a gente começou a organizar e que as pessoas entraram e aquela satisfação de ver cheio. Porque também estávamos com muito medo de não encher. Isso também é bacana no Armen, porque ele era ousado. Uma parte dizia "Não, Ginásio de Esportes é muito grande, vamos fazer aqui, vamos fazer num lugar menor", "Não, nós vamos encher o Ginásio de Esportes". Para você ter uma ideia do que foi essa preparação, nós andamos com aqueles papeizinhos de porta em porta. Tocava a campainha da casa da pessoa, os alunos dividiram a cidade em bairros e "Olha, nós estamos convidando, é uma coisa, vocês têm filhos, é o futuro para os filhos de vocês, vocês têm que ir", quer dizer, foi feito um trabalho corpo a corpo. Porque, claro, não tinha internet, a televisão... não havia televisão regional. A televisão era repetição das televisões de São Paulo e do Rio. Não havia ainda TV Fronteira, TV Bandeirantes aqui. Então era muito importante esse trabalho de corpo a corpo. E realmente eu acredito que, olha, o Diretório Acadêmico deve ter organizado, então, devia ter 100 pessoas, dentre os alunos, trabalhando nesse troço. Um mapa da cidade, o Armen mesmo ajudando a fazer, a dividir "Você fica com isso aqui", cada um ficou, sei lá, com quatro, cinco quadras e foi de porta em porta. Quer dizer, a cidade inteira recebeu um papelzinho. A não ser quem ouviu tocar a campainha e "Ah, não quero atender". Mas no geral as pessoas atendiam. Engraçado, as pessoas tinham mais tempo, mais disponibilidade e atendiam, ouviam. E principalmente para esse público, em geral, o discurso elaborado era esse discurso "Olha, vamos fechar vagas, vai ter menos oportunidade na faculdade, no ensino superior para os seus filhos". Quer dizer, é bom lembrar, não havia UNOESTE, não havia essa enormidade de vagas no ensino particular. Única opção, praticamente, já havia a Toledo. Mas gratuita, a única era a nossa. Fechar isso aqui tinha um significado muito forte para todo mundo que queria que os filhos estudassem.

E – E tem essa última aqui, que eu não sei se você vai se lembrar dele, que nessa época ele era o presidente da Adunesp, na época de 75, 76, 77. O Ulisses Telles.

M – Lembro. Lembro bem dele. Eu já não lembrava, parece que eu guardei a memória dele mais velho, mais bochechudo. Mas enfim, era ele o presidente da Adunesp.

E – Ele veio para cá nesse dia?

M – Eu não me recordo se ele veio. Ele veio várias vezes, eu não me recordo se nesse dia... Nesse dia era muita gente. Eu guardo na memória, assim, o Ginásio de Esportes lotado, a Aracy falando, os políticos falando, mas dele eu não me lembro. Não chego a me lembrar quem estava lá. Assim, se ele estava.

E – Bom, da minha parte era isso. Se você tiver alguma coisa a mais a acrescentar.

M – Não, acho que... Primeiro, parabéns pela pesquisa. É uma pesquisa muito importante e é interessante que ela venha, até, de pessoas como você e sua orientadora – a Arilda que é sua orientadora, não é? – porque não estiveram, diretamente, envolvidos. Porque, no nosso caso, eu acho que todos nós teríamos muita dificuldade de conduzir ou de fazer uma pesquisa desse jeito. Agora, o tempo passou e a gente... Enfim, é um outro momento, é um momento muito bom, que a gente tem muita liberdade, que a gente pode fazer muitas coisas. Mas esse período não era nada agradável, foi um período muito difícil, com muitas marcas. Eu mesma, quando me tornei, ingressei no concurso de professor de ensino fundamental, não pude assumir, porque eu tinha ficha no DOI-CODI por causa disso tudo e depois, quando eu entrei aqui na UNESP, fui selecionada, uma parte da Congregação ficou contra minha contratação, já não era mais... já tinha vindo a anistia, porque quando eu entrei era 80, a anistia é de 79. Já não podia mais pedir o atestado de antecedentes políticos, já não era um documento exigido para ingresso no serviço público, mas na Congregação de então, as falas, muitas falas foram contrárias a minha contratação, porque eu havia sido vice-presidente, porque eu era orientanda do Armen. Tanto assim que foram cinco selecionados nesse processo seletivo e eles chamaram o primeiro e o segundo, que eram o Eliseu e uma professora chamada Alice Assari, que hoje não é mais professor aqui, é professora em Londrina, e não me chamaram. Porque a Congregação não aprovava, não aprovava. Até o professor José Ferrari Leite havia retirado o processo de pauta, até que o professor Fernando falou "Você não pode segurar o processo, o processo tem que ir a votação". E aí há a votação e, enfim, a Congregação se divide mas passa o meu nome. Claro que as pessoas não foram todas dizer "Olha ela é perigosa". Mas havia desde argumentos como assim "Ela é muito nova, é melhor ela esperar", "Olha, essa moça gosta de política, não vai dar certo tal". Algumas dessas pessoas que ficaram contra mim foram depois meus colegas de Departamento, porque eu entrei no Departamento em que eles eram professores. Um ou outro, eu acho que com o tempo, entre aspas, se arrependeu, enfim. Um deles me disse "Ah, que bom... você foi um bom contrato". Você imagina, você entrar em um departamento em que uma parte não quer que você entre. Meus primeiros dias aqui foram muito difíceis, muito... Claro, tinha todo o ânimo dos professore que queriam, não é. Aquele ânimo "Ah, que bom, Encarnação... você, tão estudiosa, vai ser ótimo, nós vamos fazer isso...". também eu gostava já de Urbana, de Geografia Urbana e era a área que tinha ficado sem professor, porque o Armen era professor de Geografia Econômica e Urbana, então "Ah, você vai liderar essa área de Urbana", que eu já estava começando o mestrado, meu mestrado era na parte urbana. Então eu fui muito bem recebida por alguns, mas houve um clima horrível. O chefe do nosso departamento, por exemplo, se negou a nos acompanhar à Seção de Recursos Humanos, falou claramente "Eu não quero vocês aqui". Então nós já entramos com o chefe contra a gente. Enfim, depois o tempo passa e as pessoas veem as coisas de outro ponto de vista. Até porque, de fato de fato, e eu não vou agora fazer uma – seria desonesto da minha parte – fazer uma visão para trás

idealizada. E eu nunca fui revolucionária, eu nunca peguei em armas, nunca fui de nenhuma facção organizada da esquerda brasileira. Eu era, eu tinha uma visão crítica contra o que estavam fazendo, enfim... eu nunca representei ou participei dos grupos que, sim, esses sofreram muito mais represálias, foram presos, perseguidos. Eu não era assim tão perigosa, mas mesmo assim havia quem achasse que eu era e, imagine, para que você tenha uma ideia, o processo de seleção foi feito em fevereiro, isso saiu publicado no dia 10 de julho. Foram quatro meses que eu, nas escolas em que eu trabalhava, inclusive uma particular, eu avisei que eu iria sair e não saía a publicação. E o Eliseu falando, sendo chamado por telefone pela Seção de, chamava Seção de Pessoal, atual Recursos Humanos. A diretora da Seção de Pessoal, a senhora Ângela, ligava "Eliseu, você tem que vir assinar seu contrato" e ele falava "Eu não vou enquanto não aprovar...". Até porque nós trabalhávamos em São Paulo, nós tínhamos emprego bom, mas também por uma posição política. Como é que ele ia ser contratado e eu que fui aprovada no concurso, no mesmo – não eram concursos públicos, porque concurso público vem em 1988 – eram processos seletivos para o serviço público. Eu me inscrevi, eu apresentei os documentos, eu fui aprovada, quer dizer, eu tirei terceiro lugar. Não, e já estavam chamando o quarto e o quinto e não passava o terceiro, que era o meu. Aí, finalmente, na Congregação de junho, eu acredito, quatro meses depois da seleção, passa nessa votação terrível, que eu nunca desejei saber todo mundo que foi contra. Mas alguns eu sei, porque eles mesmos falaram depois que votaram contra. E eu lembro que quando acaba a Congregação, o professor Fernando Salgado, que acho que era o Chefe do Departamento... Não, não era. O Chefe era o Ferrari. Mas era um professor que estava defendendo que a gente entrasse, liga no nossa casa interurbano e avisa que você foi aprovada, passou na Congregação hoje. Ah, aquela sensação boa. Eu queria vir trabalhar aqui. Tanto queria que escolhemos, nós dois, ganhar menos. A gente ganhava muito mais em São Paulo do que veio ganhar aqui. Mas, nossa, a gente fez muito bem. Foi ótimo.

APÊNDICE D

Entrevista com Ruth Künzli, em 29 de novembro de 2013

E – Bom, então, eu queria começar um pouquinho antes: a sua formação e onde exatamente a sua história se cruza, ou quais os pontos – eu sei que não é uma vez só – que a sua história se cruza com a da UNESP.

R – É tudo direto. Eu comecei... fiz o curso de Geografia na primeira turma, então comecei em 1959, me formei em 1962 em Geografia e aí fiquei um ano na faculdade como instrutora voluntária, depois eu passei quatro meses no Rio de Janeiro fazendo um estágio, que prosseguiu na Suíça por um ano. Voltei, dei aulas, em 66 nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba e de Santo André e em 67 eu fim para cá, como professora. Então, a partir de 67 eu mantive Sorocaba – eu estava em tempo parcial – então mantive Sorocaba ainda durante cinco anos, até 1972, quando eu entrei em tempo integral aqui na faculdade. Então, quer dizer, daí é um contínuo. De lá para cá, atualmente estou aposentada compulsoriamente e continuo como voluntária.

E – E depois mestrado e doutorado você fez com afastamento ou foi sempre lá e cá?

R – Sempre viajando. No tempo em que eu fiz – aquela história "no meu tempo", aquela coisa de tempo... – não havia praticamente afastamentos, não se conhecia essa figura ainda. Tanto que, por exemplo, eu dei aula em Sorocaba ainda durante cinco anos justamente para poder manter as viagens para São Paulo. Então eu dava aula em Sorocaba, de Sorocaba ia para São Paulo, fazia pós-graduação e voltava. Eu fiz em 81 o mestrado – quer dizer, demorou um bom tempo, não é? – em Antropologia Social e depois, em 91, eu defendi o doutorado em Arqueologia, também na USP.

E – Os dois na USP?

R – Os dois na USP.

E – Nesse momento de criação da UNESP, então, em 76, você já estava aqui...

R – Estava.

E – ... com o tempo integral.

R – Isso, com o tempo integral como professor assistente.

E – E como foi recebida essa notícia de criação da UNESP? Como vocês ficaram sabendo e como foram os ânimos depois de ficar sabendo?

R – Olha, num primeiro momento, os ânimos foram muito... é... muito tumultuados. A gente obtinha várias notícias contraditórias, na época não tinha televisão ainda, não tinha... quer dizer, eram contraditórias e o que se sabia era que iam ser fechados vários cursos, havia, inclusive, assim, falas de que a faculdade seria fechada, que professores seriam remanejados, e aí a gente... então, criou-se um clima bastante alarmista, num primeiro momento. A gente se mobilizou, a gente fez bastante movimentos aqui na faculdade e, inclusive, eu lembro que uma... a gente fez um movimento, por exemplo, lá no Ginásio de Esportes, reuniu as pessoas, etc. e até um dos chamarizes foi a Aracy Balabanian, que era irmã do professor Armen, que era professor da casa. E depois, num outro momento, a gente fez uma... o reitor esteve aqui, o primeiro reitor, Luiz Ferreira Martins, o prefeito também estava, e a gente ponderou a necessidade de manter os cursos aqui em Prudente, neste Oeste Paulista, com acesso ao Paraná e ao Mato Grosso, e tal, mas o reitor ficou irredutível. Ele pretendia fechar cursos, ele não queria duplicar cursos. E alegou isso para fechar os cursos de Pedagogia e Ciências

Sociais, principalmente, e, aproveitando o ensejo, fechou também a Licenciatura em Ciências e Estudos Sociais, que era um curso novo na faculdade. E não adiantou, quer dizer, a gente brigou e é interessante porque apesar de ele alegar que não queria duplicidade, o curso de Ciências Sociais ficou duplicado, porque ficou um curso em Marília e um em Araraquara. Então, não era questão só de duplicação. De alguma forma, realmente a gente percebeu, pelas insinuações etc., que a ideia era fechar a faculdade. E aí, entre fechar alguns cursos, o professor Alvanir, que era diretor na época, e o professor Marcos Alegre, que era vice-diretor, engendraram um curso de Engenharia Cartográfica. E conseguiram criar esse curso de Engenharia Cartográfica. Então, a Engenharia Cartográfica foi, assim digamos, um pilar em um certo momento para manter a faculdade. Até, não sei se politicamente ou não, o fato é que os primeiros professores todos foram militares porque Engenharia Cartográfica era realmente os militares que faziam, não é? E isso, de alguma forma, dentro daquele 76 – nós estamos na época da Revolução, não é? – então, quer dizer, com militares de alguma forma isso também foi um fato para manter o curso aqui. Então, foi isso. Quer dizer, num primeiro momento, como eu disse, foi assim, um pânico total. E realmente vários professores dos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia foram remanejados, alguns foram para Marília, outros para Assis, outros para Araraquara, alguns se demitiram, alguns foram para São José do Rio Preto. Então houve uma debandada dos professores. Alguns ficaram na casa até por função da área, por exemplo, Antropologia acabou ficando por conta de existir o curso de Geografia. E como Geografia ficou, então Antropologia ficou aqui. Como História também. E aí, nisso, eu acabei ficando também, éramos o professor Boudin, a professora Claude e eu, acabamos ficando aqui na casa também por conta da manutenção da Antropologia. Mas a gente teve vários colegas, por exemplo, de Sociologia, a professora Angela D'Incao que foi para Marília, a professora Conceição D'Incao de Metodologia da Pesquisa que foi para Araraquara, a professora Dulce Withaker de Sociologia foi para Araraquara também. Então a gente teve aí uma boa debandada.

E – Mas essa notícia veio como? Pela direção? A direção veio de São Paulo?

R – Não, veio assim... ah...

E – "Veio vindo".

R – Exatamente, é, "veio vindo". Veio chegando. Alguém tinha uma informação aqui, outro tinha uma informação ali, até o momento em que realmente a coisa veio cristalizada no Diário Oficial.

E – O Luiz Ferreira Martins veio aqui antes da concretização desse projeto...

R – Sim, ele veio antes... não, ele veio antes de fechar os cursos. Já era universidade, já havia sido criada a Universidade, já havia toda essa boataria em torno disso, e aí ele veio para cá, que foi quando nós tentamos convencê-lo a não fechar os cursos. Apesar disso, ele acabou fechando.

E – E como eram essas reuniões com ele? Tinha discussão mesmo, ou...

R – Não, houve uma reunião só. Numa das vezes que ele veio, até foi uma situação muito interessante, porque o prefeito estava presente. E a gente começou a mostrar, através de gráficos, de dados, etc., a importância da faculdade. E ele não queria ouvir e o prefeito falou "não, o senhor vai ouvir porque os docentes vão falar". E, há umas tantas, ele falou "olha, eu tenho que ir embora porque meu avião vai sair e tal" e ele falou "não, o senhor está aqui nesta casa, eu sou a autoridade máxima da cidade e eu peço que o senhor permaneça; o senhor vai ficar aqui e vai ouvir tudo". E ele ficou e ouviu. Então, quer dizer, isso também não o predispôs a manter os cursos, porque nessa altura ele devia estar tinindo de raiva de Prudente,

né... De Prudente conseguir enfrenta-lo. Porque até então todo mundo tinha baixado a cabeça, e Prudente enfrentou. Então, as consequências foram essas, quer dizer, ele realmente fechou os cursos, fechou quatro cursos e manteve os outros, mas assim, de má vontade. A gente percebia.

E – Eu não sei se foi nesse mesmo dia, desta discussão, com o Luiz Ferreira Martins, que ele teve uma discussão também, meio acalorada, com o Armen. Foi neste dia? Com o professor Armen Mamigonian...

R – Não me lembro se houve, porque a discussão foi tão grande que eu não sei se ele teve... dessa discussão eu não estou a par não. Assim, de uma discussão pessoal dele com o professor Armen eu não estou sabendo.

E – Essa manifestação que teve, em 76, que foi lá no Ginásio de Esportes. Você participou da organização dela, você estava lá?

R – Eu participei da manifestação, eu não participei da organização. Mas participei da manifestação. Realmente, a gente conseguiu um público muito bom, que a gente conseguiu através de "N" divulgações e tal. E como eu disse, quer dizer, o grande chamariz foi a Aracy Balabanian. Quer dizer, aí o Armen deu um golpe de mestre, não é? Porque ele trouxe a irmã dele, que na época estava no auge, e ela foi muito contundente na fala dela. Foi interessante porque eu passei a admirá-la muito pela consistência da fala dela. E eu acho que ela convenceu bastante gente.

E – Você se lembra, mais ou menos, o que ela falou?

R – Não, ela discutiu muito essa questão da importância do ensino superior, da necessidade de mais vagas, de mais cursos, da necessidade de manter as escolas que existem, quer dizer, foi dentro desta linha: defendendo a manutenção da escola em Prudente.

E – Tinha representante do governo, da Reitoria nessa manifestação?

R – Olha, a gente supõe que tinha olheiros. Por que a reitoria não ia deixar...

E – Mas oficialmente, não?

R – Oficialmente não. Quer dizer, a reitoria não ia deixar passar batido. Então a gente tem, assim, aquela noção de que havia gente observando mas não oficialmente.

E – Acho que tempos depois teve até um show com Luiz Gonzaga, não foi? Já me contaram isso...

R – Disso também não me lembro...

E – Mas eu não consegui precisar a data. Algumas pessoas falam, outras não...

R – Luiz Gonzaga? Isso eu não estou me lembrando... mas como foi uma época em que eu viajei bastante, então talvez foi numa dessas viagens, alguma coisa do tipo. Mas eu não me lembro do Luiz Gonzaga não.

E – E depois de criada a UNESP, como era o clima aqui? Os professores que hoje sabiam que estavam aqui e para o ano seguinte já não sabiam se estariam aqui ou se iriam para outro Campus...

R – Pois é, era um clima de muita tensão, era um clima muito tenso. Assim, foi um clima de muita depressão, tinha as pessoas deprimidas, as pessoas tensas. Tanto das que tinham as condições pressupostas de permanecerem aqui quanto sabendo que os outros iam embora. Então teve, por exemplo, a professora do curso de Biologia que já antes do curso fechar ela se transferiu para São José do Rio Preto, ela estava muito amargurada com as coisas. Então

houve situações deste tipo. Houve pessoas que se demitiram da UNESP, houve gente que ficou meio "um pé aqui um pé lá", quer dizer, viajando. Gente que já se mudou de vez para outra cidade. Então, quer dizer, o pessoal da Pedagogia alguns foram para Marília. Então, foi um clima muito ruim. Quer dizer, aqui em Prudente, pelo menos, a criação da UNESP foi sob um signo muito ruim.

E – Prudente foi a cidade que mais perdeu cursos, né? Você acha se era mesmo esse tipo de perseguição daqui depois que Prudente decidiu enfrenta-lo ou tinha alguma coisa anterior a isso?

R – Olha, eu acho que Prudente sempre foi considerado um campus combativo. Começou com o fato de que Prudente foi um dos poucos diretores que não era da USP. Ele veio da PUC. E a gente tinha problemas desde o começo porque esse diretor fez uma gestão tipo, por exemplo, de economia máxima. Então ele economizava e achava ótimo, no final do ano, poder devolver dinheiro para o Estado. Quer dizer que ele fez uma administração boa, não é? Com isso, ele contratava geralmente um professor para dar duas disciplinas. Aí, a partir de um certo momento, a verbas começaram a ser atribuídas em função de percentuais sobre as verbas do ano anterior. Como nós devolvíamos dinheiro, nós sempre tínhamos verbas menores. E como nós tínhamos sempre um professor para duas disciplinas, nós tínhamos sempre um corpo docente menor. Isso acabou, de uma certa forma, se perpetuando. Mas também gerou situações de conflito. Então, por exemplo, no segundo... no terceiro ano de faculdade, nós fizemos uma greve de 40 dias para tirar o diretor, por conta desse tipo de gestão. Então a gente queria mais professores, a gente queria mais verbas, a gente queria, enfim... e nessa época a gente vinha perambulando aí pela cidade. Então fica num prédio ali, fica num prédio para lá, fica num prédio acolá, quer dizer... Porque, exatamente, o diretor não se empenhava em conseguir o terreno próprio, em conseguir um prédio próprio. Ele queria mais era devolver dinheiro para o Estado e bancar o bonzinho. Então, essa greve foi por conta de tudo isso, dessas queixas todas, e a gente querendo tirar o diretor. Aí houve um episódio, que deu margem a essa greve, que foi o fato de que ele vinha sempre às sextas-feiras à noite, o diretor, ele dava aula no sábado e ele vinha na sexta à noite de São Paulo. E numa sexta à noite, ele chegou... a gente tinha o chamado *footing* ali no calçadão... e aí ele chegou e localizou um aluno lá dizendo que no dia seguinte viria uma turma da PUC de São Paulo para visitar a faculdade e que ele... aliás, ele sempre avisava na sexta durante o dia que ele viria no sábado. Nesta sexta ele não avisou. Então, a gente não estava sabendo então em princípio a gente não iria para a faculdade no sábado. E ele reuniu alguns alunos e pediu para eles que eles organizassem uma recepção para esses alunos da PUC. E não tinha condições de você fazer uma coisa bem feita de dez e meia da noite tipo para o dia seguinte de manhã, não tinha como fazer nada... Então, realmente, a gente fez uma atividade de sabotagem entre aspas, quer dizer, não se vai à faculdade. Tinha um ônibus, nessa época, para a faculdade, então a gente parou o ônibus, todo mundo desceu e tal. O pessoal da PUC chegou não tinha ninguém, só tinha o presidente do Centro Acadêmico, do Centro de Estudos Geográficos. E nem ele compareceu, quer dizer, ele foi até lá e ficou. E aí o diretor considerou isso uma afronta e suspendeu a classe. Deu uma coisa de suspensão. Aí, a Geografia, em cima disso, entrou em greve e alguns dias depois a Pedagogia entrou em greve em solidariedade. Então nós ficamos aí os 40 dias em greve. Quer dizer, o estopim foi essa desarticulação do diretor e em seguida acumulou tudo e a gente entrou nessa greve. A gente mobilizou a cidade inteira nessa greve, tanto que no final do ano o diretor saiu e entrou o professor Bonilha. O professor Bonilha assumiu a... aliás, em função da gente não ter ido para recepcionar os alunos, o diretor fez uma sindicância e em seguida uma suspensão e daí a gente fez a greve. Então, Prudente era considerado combativo, porque a gente fez greve, enfrentou diretor, a gente não era de ficar muito quieto. E o Armen era uma pessoa extremamente combativa também e todo o corpo docente da

Geografia na época, a Pedagogia também tinha um pessoal que enfrentava as autoridades. A gente brigava pela faculdade. Então, talvez isso tenha sido uma coisa que tenha chamado a atenção para Prudente e criado um ambiente não tão favorável à faculdade, né? "Aquele lá é um pessoal briguento". Então, talvez isso tenha influenciado um pouco também o Luiz Ferreira Martins quando ele criou a universidade, assim, tipo, cuidado com Prudente. Então, vamos dar um jeito naquele Prudente porque, né... tanto que fechou os dois cursos mais combativos, que era Ciências Sociais e Pedagogia, que eram dois cursos que tinham a massa crítica maior. Matemática, não digo que não tenha massa crítica, mas geralmente, não tem disciplinas como Sociologia, que são de lideranças, que são de combatividade. E mesmo durante a época da revolução eram mais os alunos de Pedagogia e de Ciências Sociais que brigavam e de Geografia um pouco menos, mas Ciências Sociais eram os que brigavam com relação ao regime que existiu. Então a gente tinha um pouco isso também. Então Prudente era considerado um campus combativo e, enquanto tal, um campus que tinha que se tomar cuidado. E esse "tomar cuidado" era "vamos fechar os cursos mais briguentos e vamos manter a calma". E foi isso.

E – A respeito da demissão do professor Armen, você lembra de alguma coisa?

R – Olha, a demissão do professor Armen foi uma coisa bem acidental. Quer dizer, acidental no sentido de que ele sempre foi combativo, brigou pelos ideais dele, e ele... aliás, houve dois episódios. Houve um episódio com um aluno, eu não me lembro exatamente como é que se deu a coisa, mas sei que ele acabou brigando com um aluno, acho que deu um tapa no aluno, o aluno deu queixa dele e tal. E ao mesmo tempo ele teve um problema com algumas professoras, com alguns professores. Especificamente quatro professoras que ficavam neste prédio aqui e ele começou a hostilizá-las e na época o diretor era o Pannain e ele chegou assim a ofendê-las. E o Pannain abriu uma sindicância. E aí, sindicância vem, sindicância vai, uma delas que ele tinha falado algo sério, enfim. O fato é que, em função dessa sindicância, sugeriu-se que o Armen saísse. Se não me engano, inclusive, a sugestão foi a demissão dele. E aí ele foi demitido por conta disso. Mas então foram esses dois fatos, assim, mais, como eu digo, meio acidentais. A briga dele com as quatro professoras e a briga com um aluno, que deram margem para que as coisas se afunilassem e ele acabasse saindo. E é uma coisa muito marcante e nesses dias eu estava lembrando, pesarosa, porque a Geografia tinha encaminhado o nome do professor Armen como professor emérito e ele não pode receber o título porque ele foi demitido da escola. Então, é uma coisa... porque ele foi muito significativo, quer dizer, o Armen bem ou mal foi uma pessoa muito significativa dentro da casa. Ele foi o primeiro professor, por exemplo, da Geografia, que teve bolsistas. Bolsistas por órgãos, por exemplo, Fapesp, desse tipo. Quer dizer, de encaminhar, realmente, alunos para terem bolsas, não é? Então, ele era... é, ainda hoje na USP, não é? Ele é uma pessoa muito ativa, então é uma pena que ele esteja pagando um ônus pela combatividade dele. E por de repente perder as estribeiras em algum momento.

E – Parte da minha pesquisa envolve a questão imagética também. Então eu trouxe aqui algumas imagens para a gente discutir se você se lembra de quando elas foram publicadas. Essa aqui é a capa do Carcará de 76. Você se lembra o contexto em que essa capa foi publicada, quem participava, quem fez isso?

R – É, do Carcará eu me lembro. Eu me lembro que ela saiu várias vezes, vários números, e como diz aí, foi do Diretório Acadêmico e aí também tinha um pouco a mão de uns professores, claro. Mas aí alguns viram no Carcará às vezes matérias ofensivas, mas de qualquer forma a gente via que era um órgão combativo também. Era um elemento para contestar as coisas que estavam acontecendo. Quer dizer: 76 foi exatamente a criação da UNESP e época da revolução, não é?

E – Os alunos eu sei mais ou menos que participava... A Carminha participou da publicação, o Eliseu... agora, professor eu não sei quem estava envolvido com o Carcará. Você sabe?

R – Olha, se bem me lembro o Armen devia estar também, né. Na época, eu não me lembro... eu tenho impressão, não lembro. Eu não sei. Vou chutar então prefiro não chutar. Mas é, havia professores envolvidos.

E – Bom, essa aqui é a capa de outro, que é do ano seguinte, exatamente quando reduz drasticamente o número de vagas.

R – Ah, pois é. De 240 para 80. É, você sabe que, inclusive, assim, foi uma coisa, até eu me lembro que eu dava aula à noite e eu tinha uma colega que dava aula também, ela era da Pedagogia e ela acabou ficando aqui porque ela dava aula de Prática de Didática de Geografia e, um dia, a gente estava vendo. A gente dava aula à noite, como eu disse, e era sempre movimentado, porque tinha o curso de Geografia, de Estudos Sociais, Pedagogia à noite, né? E aí, depois dessa "fechação" de cursos aí tal, a gente estava conversando à noite e aqui tudo vazio, só tinha uma ou duas classes iluminadas, não tinha gente circulando quase, então a gente estava assim comentando a tristeza que dava de você ver aquela faculdade que fervilhava, que borbulhava, e de repente aquela pasmaceira, aquela coisa... sabe, assim, quase que abandonada. Então, é, fez um mal muito grande para a gente esse fato, esse fechamento dos cursos, foi uma coisa muito chocante.

E – A respeito da manifestação, tem essa foto aqui que é justamente daí. Não sei se era no Ginásio aí ou se era aqui ainda. Sei que tem a Aracy aqui no meio...

R – É, isso, essa da frente. É, é lá no Ginásio de Esportes.

E – Dá para reconhecer mais alguém daí? Essa foto está com a qualidade meio baixa...

R – Ah, não estou reconhecendo ninguém não. É realmente não está dando para...

E – Não ajuda muito a qualidade. Isso aí é d'O Imparcial, da época, e lá na biblioteca já não está muito conservado, infelizmente.

R – Gozado, aqui diz que tinha representante do governador. Eu achei que não tinha ninguém oficial, mas tem né. Porque diz aqui que representando o Governador Paulo Egydio Martins, né. Ah, não, ele só disse... É, ele foi na coisa...

E – Mas é interessante que ninguém se lembra dele.

R – Deve ser um destes sentados aqui. Eu sei que tinha olheiros da reitoria... Cadê o Ferrari, hein? O Ferrari dava para a gente reconhecer. O Cervantes também. É mas, não está dando para... E o Costa Neto? O Costa Neto eu conheci muito. É, veja, então, a cidade estava representada.

E – Tem aqui fotos da plateia...

R – Inclusive, olha, está vendo? Coisa que você está me lembrando de coisas que eu não me lembrava. Inclusive deputados estaduais estavam aqui. O Pescarin e o Otacílio Almeida, né?

E – Eles tiveram alguma representatividade um pouco maior na questão de permanência dos cursos aqui ou eles só estavam presentes aí?

R – Não, só estavam presentes aqui na movimentação mas eu sei se depois eles agiram. Quer dizer, na cidade a gente vê: teve aqui a contribuição da imprensa, tal, não é? Mas de qualquer forma a gente percebe que eles se manifestaram, que eles estavam... nossa, até gente da Universidade de Pernambuco aqui, hein.

E – Essa aqui é da plateia, dá para ver que tinha bastante gente.

R – É, cinco mil pessoas lá realmente... é, inclusive falando em nome do governador, né? Mas não adiantou. Na realidade, apesar de tudo, não se aí por conta de autonomia da universidade ou o que, por conta disso tudo o Luiz Ferreira Martins conseguiu fechar.

E – Essa aqui é a última, que eu não sei se você se lembra dele, ele era presidente da Adunesp na época, o Ulisses.

R – Ulisses. Ulisses era de...

E – Assis.

R – Assis!

E – Ele veio para cá algum dia, ele teve alguma participação um pouco mais próxima daqui da cidade ou só era presidente mesmo e agia à distância?

R – Não me lembro... eu me lembro muito do nome dele, me lembro da coisa, mas não me lembro assim, do papel dele nesse... quer dizer, certamente defendeu a manutenção dos cursos, certamente, como presidente da Adunesp, ele estava com os professores...

E – Ele pessoalmente aqui não?

R – Eu não me lembro. Disso realmente eu não me lembro...

E – Da minha parte, era isso. Ah, uma coisa que eu achei muito interessante foi que no dia do lançamento da Arilda, você falou a respeito de um hino que se cantava quando da instalação...

R – Ah, sim. Pois é. Esse hino, foi o Hino à Faculdade, que foi criado por um aluno do Científico, na época, que era o Moacyr Rabelo de Arruda. E a gente cantava esse hino nas manifestações de pedir a faculdade de filosofia aqui para Prudente. Porque ela foi criada, mas não foi instalada. Ela demorou dois anos para ser instalada. Então havia a cobrança de que ela fosse instalada. Então foram feitos vários comícios na praça 9 de Julho e tal, inclusive com a presença de autoridades também. E a gente cantava esse hino da Faculdade. Eu não consigo recuperar esse hino da faculdade, será que n'O Imparcial eles não têm?

E – É possível... eu dei uma conversada com o pessoal d'O Imparcial mas eles estão com o arquivo um pouco bagunçado lá e como eu não tive muita abertura eu também não insisti muito. Mas eu creio que eles devam ter então. Às vezes, até mesmo, no arquivo lá da biblioteca. De quando é isso? 59, 58?

R – Uma pessoa que talvez valha a pena perguntar, quem sabe você tenha o contato, Luiz Gonzaga dos Santos?

E – Não... ele era?

R – Luiz Gonzaga dos Santos foi o grande organizador, o grande regente, de todo esse movimento em prol da faculdade de Prudente. Ele que organizava as passeatas, ele organizava os alunos, ele era um professor do científico, ele era professor de português e literatura, e ele que mobilizou as pessoas. Ele e esse Moacyr Rabelo de Arruda que eram os dois líderes da coisa. Então talvez o professor Luiz Gonzaga saiba alguma coisa desse hino.

E – Isso foi em 59?

R – Foi em 58-59.

E – Pode ser que n'O Imparcial tenha. Eu vou olhar lá no arquivo...

R – Eu até gostaria, se você conseguir eu também gostaria.

E – Beleza. Então eu acho que era isso. Se você tem mais alguma coisa para acrescentar, suas considerações finais...

R – Não, apenas assim... é só lamentar porque assim, inclusive quando foi falado, no primeiro momento, da criação da UNESP, a gente – eu, pelo menos, e algumas pessoas com quem eu conversava e tal – tinha assim uma expectativa de uma universidade nova, inovadora, moderna. A gente tinha na mente a ideia da Universidade de Brasília, criada pelo Darci Ribeiro... Então, tinha aquela expectativa de universidade. E quando a gente se deu conta, ela era mais rançosa do que a própria UNICAMP e a USP. Então, quer dizer, foi uma decepção muito grande. Quer dizer, a gente imaginava que a UNESP seria uma universidade bem inovadora, uma coisa bem... para a gente poder por a cabeça para funcionar e criar coisas novas, não é? E de repente a gente percebeu coisa assim: que era tradicional e até por conta de que na realidade os diretores de quase todas era da USP, então traziam o espírito, digamos, da USP e tolheu essa criatividade, essa inovação. Então, a gente... eu, pelo menos, fiquei muito decepcionada com a UNESP por conta disso, né? Quer dizer, eu esperava realmente uma coisa muito mais ágil, uma estrutura mais ágil. Até hoje, de vez em quando, eu fico irritada, quando a gente vai para São Paulo para fazer uma reunião de duas horas e penso "gente, nós estamos na era da informática, como é que uma universidade como a UNESP não consegue fazer videoconferências? Não faz reunião por videoconferência...". Não, tem que ir para São Paulo, desgasta a pessoa, desgasta veículo, gasta dinheiro, etc... corre risco de vida, para uma reunião de, às vezes, duas ou três horas em São Paulo. Então, até hoje ela não perdeu muito... não perdeu, digamos, aquele aspecto meio rançoso e não está inovando o quanto a gente queria que inovasse. A gente realmente esperava assim: UNESP, uma universidade nova, todo mundo "ah, que coisa boa"... que nada.

E – O que eu tenho ouvido é que não se era contra a criação da UNESP, era contra a criação da UNESP da forma como se deu.

R – Exatamente. Da forma como foi feita. Inclusive, assim, dizem as más línguas – aí teria que buscar um pouco mais de informações – que, na realidade, a UNESP apareceu de uma briga do Luiz Ferreira Martins com os professores da USP, porque o Luiz Ferreira Martins queria ser reitor da USP e o pessoal da USP não queria o Luiz Ferreira Martins como reitor. Então criaram uma universidade, a UNESP, em que o colocaram como reitor para se livrar dele. Então assim, na realidade, uma idealização que veio da USP para se desfazer do Luiz Ferreira Martins. Então você veja qual foi, assim, o motivo, a motivação para a UNESP. Então não foi uma coisa de, realmente, você criar, inovar, uma coisa nova e tal. Não. E aí existiam os Institutos Isolados, então reuniram-se os Institutos Isolados, criou-se uma universidade, dá ao Luiz Ferreira Martins e deixe a USP em paz.

E – Obrigado!

R – De nada.

APÊNDICE E

Entrevista com Helena Faria de Barros, em 10 de dezembro de 2013

E – Então eu queria começar sabendo da sua formação e onde que a UNESP entra na sua vida.

H – Eu comecei a fazer Escola Normal aqui em Prudente, era uma Escola Normal municipal. Mas o último ano de escola normal eu fiz em Cafelândia, Estado de São Paulo. E quando eu saí a escola normal passou a ser estadual. Aí acabei o Normal e fui para São Paulo, para fazer Pedagogia. Fiz no Instituto Sedes Sapientiae, que hoje é PUC. Terminei em 52. Chegando, eu comecei a trabalhar no Instituto de Educação, substituindo alguns professores, de Sociologia e de História da Educação. Aí prestei o concurso para professor, passei na primeira vez mas não tinha vaga, não pude escolher. Na segunda vez, a aprovação do concurso que eu tinha ajudou na classificação e aí eu escolhi Presidente Venceslau, a escola lá. Mas fiquei dois anos em Venceslau e depois, por união de cônjuge, eu vim para o IE trabalhar como professo de Educação no IE Fernando Costa. No IE eu trabalhava com a parte de Educação mesmo, quer dizer, às vezes eu ficava com Prática de Ensino, às vezes ficava com Metodologia das Disciplinas do Curso Primário, e a maior parte do tempo eu fiquei com Metodologia do Ensino Primário. Então era de Ciências, Matemática, Geografia, História, Língua Portuguesa. E todo professor – éramos três professores de Educação na época, porque o curso Normal era muito procurado, tinha várias classes, então tinha três professores de Educação. E um dos professores de Educação tinha que responder pelo curso primário anexo, então eu fui para o curso primário anexo ajudar os professores. Aí eu lembro de um trabalho grande que eu fiz, com alfabetização, tentando mudar as cartilhas, de uma cartilha mais global, que indicasse mais a significação das coisas e não ficasse na decoração de sílabas, depois junção de sílabas, do mecanismo de leitura, enfim. Tentando evitar isso. E assim, fiquei trabalhando muito tempo no curso primário anexo, quer dizer, tinha aulas no Curso Normal e respondia pela orientação do curso primário anexo. Aí foi criada a universidade, me parece que em 50 e qualquer coisa, 57, por aí, não lembro a data. Aí eles me pediram para fazer a inscrição, o pessoal da UNESP me pediu para fazer a inscrição por causa do trabalho que eu fazia com o curso primário anexo. Acabei fazendo a inscrição e fiquei em segundo lugar na classificação. E a pessoa que passou em primeiro lugar não veio. Era de São Paulo, não veio. Aí eu acabei sendo chamada e em 64 eu comecei a trabalhar na UNESP. Trabalhava numa disciplina que eles criaram, Metodologia do Ensino Primário. Era a mesma que eu trabalhava lá. E eu falo que quando eu fui recebida na UNESP, tinha um professor de Filosofia que me recebeu e ele falou "Só que aqui nós vamos trabalhar com fundamentação em Piaget". Eu tinha visto Piaget na faculdade, mas não era nada aprofundado, passamos por cima de algumas coisas do Piaget. E aí comecei a estudar Piaget para poder trabalhar melhor e foi uma época em que os livros de Piaget começaram a ser traduzidos, mas ainda havia alguns livros que não tinham tradução, mas a biblioteca da UNESP tinha. Então precisamos ler. Eu e depois foi contratada uma outra professora também. Nós sentávamos para estudar, em francês, o Piaget. Quer dizer, além de ser Piaget ainda era em francês. Mas deu. Essa outra professora foi fazer mestrado na USP e ela conseguiu orientação em Piaget. Então, as tarefas que ela fazia, os livros que tinha que ler, eu lia também. E a gente começou a trabalhar junto, eu em Prática de Ensino, esta outra professora da Didática e uma professora de Psicologia que dava também fundamentos para que a Didática entrasse e depois eu entrasse com a Prática de Ensino. Deu para a gente realizar um trabalho conjunto muito bom. Eu sempre com a prática, fazendo na sala de aula aquilo que eles conversavam em Didática e Psicologia. Foi uma experiência boa que nós tivemos lá. Então eu comecei na UNESP em 64 deste jeito.

E – E daí foi até quando na UNESP? Até que ano ficou na UNESP?

H – Eu fiquei até 84. Aí eu aposentei, porque eu já tinha um tempo de ensino primário e juntou. Em 84 eu aposentei na UNESP.

E – Em 76 foi criada a UNESP mesmo, porque antes era FAFI. Como que chegou essa notícia da criação da UNESP aqui em Prudente? A senhora lembra?

H – A notícia foi com entusiasmo. Porque era um Instituto Isolado e no Estado de São Paulo tinha vários, mas o atendimento, a organização, era muito distante, muito longe, difícil de entrosar, vamos dizer, nos Institutos Isolados. Então o recebimento da notícia foi com alegria, de transformar em universidade e ainda a Reitoria seria em Ilha Solteira, porque a represa tinha sido terminada e o Governo do Estado não tinha mesmo uma função para aquela cidade. Aí botou a Reitoria da UNESP lá, que nunca foi para lá.

E – Mas essa notícia.... o futuro reitor veio falar dela ou chegou pelos diretores?

H – Diário Oficial. Mas o diretor também tinha ido para São Paulo e ele veio com a notícia, de uma reunião dos Institutos, ele veio com a notícia de que se tinha sido criada, transformada. O Instituto Isolado tinha sido transformado em Universidade.

E – Mas foi direto? Ninguém perguntou a opinião de vocês para fazer isso? Nada?

H – Não, nós não fomos ouvidos, ninguém foi ouvido, foi mesmo uma jogada política.

E – Era o Luiz Ferreira Martins o primeiro reitor. Ele veio aqui para Presidente Prudente uma vez?

H – Era o Luiz Ferreira... mas depois foi um abalo enorme na UNESP, porque eles resolveram ter um curso só em cada lugar do Estado. Então no Leste teria que ter uma, no Oeste uma, e assim. Em cada região do Estado teria que ter uma Faculdade apenas. Então, no nosso caso aqui, no caso de Pedagogia, tinha Marília e tinha aqui. Marília tinha mais doutor e acabou extinguindo o curso de Pedagogia aqui. E extinguiu outros. Foi extinto também Ciências, Ciências Sociais, que era um grande perigo na época. Ficou só Geografia. Agora, com o esforço dos professores a Matemática foi deixada. Mas a Pedagogia foi extinta e os outros também. E na época, com esta extinção, os professores que tinham tempo parcial foram mandados embora, todos. E os que tinham tempo integral, alguns foram para São José do Rio Preto, outros foram para Marília, outros foram para Assis. Mas alguns que ficaram, ficaram ligados a Marília. Então, reunião pedagógica a gente tinha que ir para Marília. Quer dizer, eu não fui porque eu fui a primeira professora de Pedagogia contratada, eu era a mais antiga, por isso eles não mexeram. Agora, os outros todos, devia ter um quatro ou cinco que ficaram aí, eram ligados a Marília. Então reunião a cada quinze dias, tinha que ir para Marília, para ter a reunião lá. E a gente ia de carro, ia de ônibus, ia do jeito que desse para ir. Então, por isso que eu falo, foi um desarranjo total. A gente vivia a demissão de colegas e também sem ter no que trabalhar, porque o curso de Pedagogia foi extinto. Com essa extinção, eu fiquei ajudando na Matemática, trabalhando com a professora de Prática de Ensino da Matemática, eu e ela trabalhávamos na Didática e na Prática de Ensino da Matemática. E os outros professores foram para Marília, iam para Marília, voltavam. Era uma época muito instável. E a gente trabalhava muito para transformar em Instituto de Tecnologia, trabalhou muito para ter o curso de Engenharia Cartográfica, para mais alguma coisa na cidade, porque a gente tinha medo de extinção da universidade. E assim ficou durante muito tempo. Só em oitenta e pouco é que começou algum trabalho para a volta do curso de Pedagogia na UNESP toda, porque Rio Claro também perdeu, outras cidades também. E aí houve um trabalho conjunto para fazer voltar o curso de Pedagogia. E em 80, parece que foi em 80 que começou a ser estudado e em 90 que voltou novamente o curso de Pedagogia, agora mudando, com o objetivo de formar o professor de ensino fundamental e o professor de educação infantil, já um pouco

mais definido. Porque antes o curso de Pedagogia não tinha um objetivo claro, era para formar especialista, não era para formar professor. Não havia a preocupação com a formação de professor. Era para formar especialistas: o diretor, o supervisor, o orientador pedagógico, o orientador educacional, não havia preocupação para formar o professor. Agora, quando voltou depois dessa mudança toda, voltou já bem definido para formar o professor de educação fundamental dos anos iniciais e educação infantil. Mas foi uma época de trabalho mesmo para conseguir. Às vezes a gente passava a noite redigindo coisas, tinha um avião às sete horas da manhã, para alguém sair daqui e levar para a Reitoria para ver se aprovava. E nisso nós fizemos a indicação de muitos cursos, mas a Reitoria não aprovava. Ficou do jeito que estava, sem a Pedagogia e só depois, bem mais tarde, dez anos depois, que voltou o curso de Pedagogia e foram criados outros cursos. Daí para a frente funcionou melhor. A saída do reitor já ajudou um pouco.

E – Quem era esse grupo que fazia estas propostas dos cursos?

H – Era o grupo todo. O pessoal da Geografia, que ficou, o pessoal da Matemática, que com grande dificuldade ficou, era o grupo todo. E quem tinha ficado de Ciências Sociais, de Pedagogia, a gente trabalhava para conseguir a volta dos cursos e a criação de outros. A Engenharia Cartográfica mesmo veio por causa disso, veio desse esforço do grupo, que era mais próximo da Geografia e eles aprovaram.

E – Dos cursos que foram embora, a senhora lembra quem ficou aqui, de professor?

H – Olha, eu fiquei, que era a mais antiga. A Thereza Marini ficou. Ficou, mas ligada a Marília. A Josefa também ficou ligada a Marília. E a Yoshie também, ligada a Marília. Agora, tinha outros professores que foram convidados como tempo integral, mas ficaram ligados a Assis. Mas saíram logo, não ficaram muito tempo. Só ficaram numa época em que precisava deles. Mas principalmente eram esses quatro: eu, a Thereza, Josefa e a Yoshie. Agora, tinha uns professores que vinham de São Paulo, como o João Cardoso Palma Filho, ele trabalhava com Ciências e saiu. Quer dizer, extinguiram o curso de Ciências e ele também foi. E aí o João Cardoso, depois, foi trabalhar no Ministério da Educação, depois na Secretaria da Educação e hoje ainda está aí pela Secretaria de Educação. É uma pessoa muito boa, que trabalhava. Mas ele saiu. Na extinção de Ciências ele saiu. E assim outros professores.

E – Entre estes anos de 75 e 76, eu sei que o Reitor veio para cá para falar a respeito desse projeto de criação da UNESP. A senhora lembra dessa vinda dele?

H – O reitor?

E – É, o Luiz Ferreira.

H – Ah, de vez em quando ele ia em uma Unidade. E ele veio aqui. Eu lembro que houve uma reunião, até a biblioteca estava sendo acabada, a reunião foi lá. E todo mundo insistindo para que voltasse, os professores todos falando alguma coisa, justificando a volta de cursos, a criação de novos cursos, mas ele foi intransigente. Tem até uma parte engraçada que o Wilson, que era o motorista que ia pegar e levar a gente lá, "Ô Wilson, dá uma rasteira nesse carro, dá uma rasteira no carro", a gente brincava com ele, para ver se sumia com o reitor. Mas não, ele ficou até terminar os quatro anos, ele ficou. E depois foi trabalhar em Marília, na UNIMAR. Foi professor, ele não aparecia para trabalhar, mas recebia da UNIMAR.

E – Depois, em 76 também, teve uma manifestação no Ginásio de Esportes, que veio a Aracy. Como foi?

H – Houve. Nessa época muitas atividades foram feitas. Uma das atividades foi essa do Ginásio de Esportes. Nós todos, os professores, falando para o público, que não foi muito, embora a gente tenha divulgado muito, falado pela cidade toda, pouca gente foi. Mas a gente

explicava porque a gente estava ali, qual era o grande objetivo, como é que se estava pretendendo trabalhar e, quer dizer, a gente trabalhou muito nessa época para tentar ou criar cursos novos ou trazer os outros que foram extintos de volta.

E – Da presença da Aracy Balabaian a senhora não se lembra?

H – Pois é. Ela, nessa grande assembleia do Ginásio de Esportes, a Aracy estava presente, porque o irmão dela era professor na Geografia. E ela veio para ajudar a divulgar o trabalho que a gente estava fazendo. Foi bom. Mas o povo mesmo não participou muito. Algumas pessoas compareceram e continuaram ajudando, mas a gente não conseguiu movimentar a cidade toda.

E – Você acha que esse corte de cursos aqui foi tipo uma perseguição com Prudente, por conta da área dos cursos e tudo mais?

H – O argumento que ele usava é que tinha poucos doutores. Ele dizia que tinha conservado os cursos que tivessem o maior número de doutores. Quer dizer, eu não tinha doutorado e a Thereza não tinha, a Yoshie também não tinha nem a Josefa. Ainda. Nesse movimento todo, que eu acho que durou bem uns quinze anos ou um pouco mais, a Thereza foi a primeira que saiu para fazer mestrado e o doutorado em seguida. Eu fui para Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e o meu caso foi diferente porque eu não fiz curso, eu fiz concurso para livre-docente em Santa Maria. E porque eu fiz esse concurso de livre-docente, eu recebi o diploma de doutor também, quer dizer, tanto o de livre-docente como o de doutor. Agora, eu pude fazer esse concurso em Santa Maria porque eu tinha dez anos de prática, de lecionar. Então pude fazer esse concurso lá. E o concurso tinha uma prova escrita, tinha uma aula para dar e tinha a defesa de um trabalho, de uma tese, e títulos. E eu passei. E a lei que permitia esse tipo de concurso foi extinta. Então eu fui a última a fazer esse tipo de concurso. Outros professores depois quiseram, mas não puderam mais porque a lei venceu, tinha prazo para existir.

E – A respeito do professor Armen, a senhora lembra como ele era e como foi a demissão dele depois?

H – Ele era o irmão da Aracy. Ele era um professor muito dinâmico, tinha uma relação muito boa com os alunos, ele movimentava os alunos, movimentava a escola. Era ele e o Dióres. E a Thereza. Do lado da Educação, era a Thereza que era muito falante e era a cabeça das coisas, do movimento. Eram os três grandes cabeças. Os outros cooperavam, mas a cabeça mesmo, de pensar, de sugerir atividades, eram principalmente eles, os três.

E – De quando ele foi demitido a senhora não lembra?

H – Não lembro... Não lembro como é que foi. Eu não sei se ele foi mandado embora ou se ele quis sair, se ele quis ser removido. Porque ele teve um incidente muito sofrido. Tinha um professor da Pedagogia e esse professor e a mulher levaram o filho do Armen para casa, eles trocavam: de vez em quando os filhos deles iam para a casa do Armen e o filho do Armen ia para a casa deles. E aconteceu que o menininho foi atravessar a rua e o carro o pegou ali na Sete de Setembro. E esteve no hospital uns três dias e acabou morrendo. Então esse fato ajudou muito o Armen a sair daqui. Me parece que ele não foi mandado embora, ele quis sair em razão desse acidente que teve.

E – Bom, então agora vamos começar com as fotos, ver o que a senhora lembra. Essa aqui é uma capa do Carcará de 76, que é bem do ano em que foram fechados os cursos. A senhora lembra como era quando saiu, quem fez essa capa?

H – Ah, não lembro não.

E – Essa aqui é do ano seguinte, de 77.

H – Também não. Foi na época pior, né. Aqui, a "liquidação".

E – É, de 240 para 80 vagas. Me disseram que nessa época o Campus ficava muito deserto...

H – É, ficava... Diminuíram as vagas, diminuíram os cursos, não tinha ninguém. E o prédio era só... sabe onde está a Administração, ali na frente? Era só do lado esquerdo. Ou não? Ali era da administração, e o segundo prédio, né, o prédio dos professores ali. Então só tinha ali onde fica a Geografia, nem a Administração não tinha no começo, só ali. Então as salas eram ali, a administração era ali, era só o primeiro lance. Quer dizer, hoje tem a entrada ali, para o lado daquele prédio que tem os professores, era o prédio I, que era. Ali era um café. Então só tinha ali uma entrada grande, que hoje já fecharam para fazer sala de dissertação e tal. Então só tinha esse pedaço para administração e três salas ou quatro para as aulas. Depois acho que construíram o prédio da frente e aí quando saiu a Engenharia Cartográfica que criou o lado de lá das aulas. Hoje eu vou lá, aquela imensidão de construção para todo lado, lá embaixo, não tinha nada... Tem seis teatros, anfiteatros. Seis, são seis ou sete, antes não tinha nada disso. Prudente não tinha dinheiro pra nada. Assis tinha prédio bem construído. Marília tinha. Não era suficiente, mas o que tinha era bem construído. Mas aqui não construíam nada. Aqui começou lá no que a gente chamava de Martins Fadiga, um prédio que nem Casas Bahia, que tinha embaixo assim e em cima era a universidade. E o elevador parava, de vez em quando tinha que subir a pé. Depois é que passou para lá, onde está hoje, mas não tinha asfalto, não tinha ônibus, com chuva tinha que subir andando num barro danado até lá. Demorou bem, acho que levou quase um ano para ter o asfalto ali em frente e o ônibus com os estudantes subir até lá. E começou no Martins Fadiga, mas o Martins Fadiga já foi o segundo porque o primeiro local foi lá naquela escola vizinha do Tiro de Guerra. Começou ali e depois foi para o Martins Fadiga e depois foi para lá. A prefeitura fez apenas um lado e juntou tudo lá e hoje está no que está. Mas esses desenhos foi a época que coincidiu também que foi a época da Revolução, da perseguição dos estudantes. Então houve um momento em que o próprio governo indicava que houvesse assembleia dos alunos, mas nessas assembleias, depois eles andavam perseguindo professor... Daqui eles não prenderam ninguém, mas de Marília prenderam vários professores na época. Mas havia esses encontros e esses desenhos deve ser todos dessa época, porque circulava pelos alunos certos textos que depois houve um inquérito policial que os professores tiveram que explicar porque circulava aqueles textos lá. Eu não lembro, mas deve ser nessa época também. É essa época...

E – Aqui na frente é a Aracy, dá para reconhecer mais alguém aí nesta foto?

H – Não. Mas não tem isso não [com relação ao que o texto fala, de 5 mil pessoas]. Foram alguns professores. Mas eram os professores que estavam aí.

E – Essa aqui é outra foto, agora do público.

H – É, do povo que estava lá. Era bem no final do Ginásio de Esportes o ângulo deles. Eles pegaram a gente aqui e as pessoas lá.

E – A senhora estava aqui [com a plateia] ou estava na mesa?

H – Estava aí também, mas não me lembro onde é. Deve ser aqui, ó [na mesa].

E – A senhora estava em cima também. E esse aqui eu não sei se a senhora vai lembrar, ele era o presidente da ADUNESP nessa época. O Ulisses. Ele era de Assis.

H – Não lembro. Não lembro não. ADUNESP...

E – É, logo que foi criada, né. Era 76...

H – É, porque eu acho que nessa época não tinha ADUNESP. Na época em que eu estava, nesse começo, nesse início, só se tivesse em Assis. Porque não lembro de se falar em

ADUNESP na época. Mais tarde um pouco é que se falou em ADUNESP, mas nesse movimento, na hora do turbilhão, não se falava em ADUNESP. É uma coisa que foi depois.

E – Será que era mais restrito de Assis?

H – Isso eu não lembro.

E – Assim, da minha parte era isso. Se a senhora quiser acrescentar alguma coisa, umas considerações, fique à vontade.

H – O que eu tenho é sobre o curso de Pedagogia. Nessa época, eu ajudava na Matemática, a Thereza tinha que ir para Marília, a Josefa também, a Yoshie também iam para Marília para trabalhar. Mas nós fizemos um convênio com Araçatuba, com a UNESP de Araçatuba. A UNESP de Araçatuba formava os dentistas, era o curso de Odontologia. Nós fizemos um convênio com eles e fizemos um trabalho muito bom, a Josefa, a Thereza, eu... tinha a Tereza Scheide, mas a Tereza participava algumas vezes, mais nós três. Nós íamos lá para trabalhar didática com eles. Eles solicitaram e a gente ia a cada quinze dias para lá para trabalhar alguma coisa. Então nós fizemos o levantamento do que eles queriam, então tinha de tudo nesse pedido. Por exemplo, eles diziam que eles tinham professores que falavam o tempo todo e andavam de lá para cá, de cá para lá e que os alunos reclamavam muito, que eles saíam cansados da movimentação do professor. Esse era um pedido deles, o que a gente podia fazer. O outro pedido foi que era um curso depois do almoço, no teatro, apagavam as luzes e eles apresentavam slides. Mas assim, trinta e cinco, quarenta slides. Com a luz apagada. Então eles falavam que os alunos dormiam, o que podia ser feito. Agora, eles são exímios em lidar com a fotografia e faziam slides, todos eles, com uma facilidade muito grande para fazer. Então, o que eles deviam fazer. Aí a gente conversou um pouco, dizendo que tinha que não passar os slides de uma vez, mas ir aos poucos intermeando diálogo com alguns. Passar alguns, comentar, passar outros. E assim para cada dificuldade deles a gente foi trabalhando. Foi um trabalho muito bom para eles. Há pouco tempo a Thereza apresentou um livro que ela fez e vieram esses professores de lá na época, que agora também estão aposentados, vieram e a gente lembrando o que foi feito, como foi feito, e eles comentando que era muito bom, que deu certo, conseguiu melhorar o trabalho deles lá.

E – Teve mais desses convênios assim?

H – Nós fizemos um com Ilha Solteira também, mas Ilha Solteira nós fomos algumas vezes e depois, não lembro porque, foi interrompido esse convênio. Por causa disso nós tivemos também em Guaratinguetá, fazendo umas três reuniões com eles. E também em Piracicaba, fazendo lá um trabalho com eles. Mas foi um ou dois que nós fizemos. O trabalho forte mesmo foi com Araçatuba, que a gente ia a cada quinze dias, durante o ano inteiro. E por causa disso fomos nos outros. Mas foi um trabalho que foi bom para nós, que estávamos mostrando serviço porque não tinha onde trabalhar aqui, e lá para eles, que até hoje eles falam com satisfação do trabalho que foi possível fazer.

APÊNDICE F

Entrevista com Marcos Alegre, em 10 de dezembro de 2013

M – [Encontra um livro]. Aqui já é sobre os 25 anos. O problema maior é no começo.

E – É. É bem sobre ele que eu quero falar.

M – Rapaz, eu nunca vi um homem ocupar um posto tão elevado e ser tão falso. Mas ao mesmo tempo ser extremamente hábil, eu conto isso aqui. Ele começou a reforma – porque chamava reforma – aqui em Prudente. Foi aqui que começou. Ele veio, acho que no dia 16, 17 de novembro, um dia depois de eleição. O anfiteatro, aquele embaixo da Diretoria, que era o único que tinha na época, estava lotado. Prefeito, vereadores, o povo. E ele anunciou que iria fechar alguns cursos, mas que o povo não precisaria se preocupar porque ele ia por outros melhores no lugar. A gente esperava uma vaia, mas... a criação da FAFI quase foi por acaso. O povo queria Engenharias, não queria Filosofias. Nem sabiam o que era uma Filosofia. Para que que serve isso? O que vai fazer um filósofo aqui? Foi preciso todo um trabalho para explicar o que era Filosofia, eu tento, até no livrinho, dizer. Ele foi trabalhoso. Agora, entre formar – porque era só licenciaturas na época – entre formar professores e formar engenheiros, a diferença... professor o pessoal conhecia as normalistas, então, não. Agora, médicos, engenheiros, é diferente. Então o povo aplaudiu, que queria faculdade e tal, mas não era o que eles queriam. Agora, chega o reitor, diz que fecha esses cursos e coloca no lugar cursos... porque a gente tinha estudado para por Agronomia, Zootecnia, Administração, Ecologia, e ele prometeu. Então tudo bem, foi uma beleza. O pessoal não aplaudiu ainda, mas não apoiou a nossa briga. Ele não falou para o público, e também nós não temos documento, ele foi muito esperto, não escreveu nada. Ele disse assim "Que tal fechar a Faculdade? Porque vocês estão numa cidade que não tem futuro. Então vocês vão para Marília, vão para Assis, vão para Rio Preto. Prudente... Assim como Franca também, não tem futuro". Bom, nessa altura nós tínhamos aqui o professor Armen, o professor Alvanir. Ele era o diretor, eu era o vice. Nós três tínhamos convite para a USP, mas nós não aceitamos. Eu falei "Olha, Alvanir... como é, Alvanir? Eles querem", e aí discutimos "Olha, se nós sairmos agora, é uma covardia nossa... Depois que tudo isso passar, aí nós estudamos e se a USP ainda estiver interessada, a gente...". Porque Prudente foi, antes de tudo, uma espécie de degrau para o pessoal entrar e o primeiro aceno de Rio Claro, de Rio Preto, o pessoal se mandava. Édison, uma viagem de trem que tinha na época, daqui a São Paulo era vinte horas. O ônibus era 12, tinha trecho de terra, então se tem um grupo grande, que hoje acho que está aposentado em Rio Claro, esses se mandaram. E nós ficamos ali, naquela discussão. Bom, o reitor – isso foi em novembro – "O primeiro curso que eu vou dar para vocês é Ecologia".

E – Isso foi em novembro de 75?

M – 77, não é?

E – Porque em 76 teve aquela manifestação no Ginásio...

M – É?

E – É, então acho que isso deve ter sido em 75.

M – A Faculdade foi criada em 76... não, a Universidade, em 76. Mas ficou naquele vai e vem. Diz o Dióres, e vale a pena conversar com ele, havia um reitor, mas não tinha universidade. Precisava criar a universidade para dar ao reitor. A história parece piada

E – Mas essa vinda do reitor para cá, ele veio já para falar a respeito disso ou ele tinha outro motivo para vir.

M – Ele veio, ele mais um ou dois assessores que a gente não conhecia. Ele levou a gente até... tem uma cidadezinha depois de Pirapó, eu não me lembro... que ele queria criar um extensão. Se não fechasse, ia criar uma extensão lá. Conversa, né. Ele não queria nada disso... Bom, quando ele foi embora nós, muito ingenuamente, montamos uma comissão, eu e vários professores, inclusive da USP, para montar um currículo de Ecologia. Montamos um senhor currículo de Ecologia, aí chegou as férias, dezembro, e ele foi viajar. Foi até Israel. Quando ele voltou, nós entregamos o currículo para ele. Ele viu o currículo e falou "Está muito bom e tal, mas não serve para vocês, vou mandar para Rio Claro". O currículo prontinho, mandar para Rio Claro. A gente sentou, a Thereza Marini, que escreveu um livro agora, sentou lá, chorou, chorou, chorou, falou "O que?". E nós preparamos onze cursos: Administração de Empresas, foi para acho que Araraquara, preparamos sobre Administração Urbana, que nós tínhamos feito era um bom curso e não me lembro para onde foi também, por fim ele deixou aqui, falou "Vai ficar só Geografia". Bom, a gente não tinha ideia muito clara, mas a gente percebia que ele estava mais voltado para a criação de cursos de tecnologia. Eles tinha a intenção - era a época da Ditadura, não? – de reunir todos os cursos de Humanas em um lugar só. E aí nós vamos montar um grande laboratório, um grande... por baixo estava a ideia de "todo mundo aqui é mais fácil de vigiar". Por isso que eu estou dizendo: o homem é esperto. E a gente, muito bobo, muito jovem, a gente ia na conversa. Agora, quem – e eu não consegui isso da UNESP – quem liderou o movimento que não deixou, porque houve um momento em que o Alvanir falou "Eu vou desistir, vou embora" e falou "Você fica?". Bom, já tinha trazido família, porque eu sou de São Paulo. Tinha trazido a família de São Paulo. Ao mesmo tempo dava um certo... porque, quando eu vim, a história se entrecruza, eu deixei de dar aula em Sorocaba, na PUC de Campinas e na PUC de São Paulo para pegar aqui. Vim ganhando tempo parcial, menos de um terço do que eu ganhava. O meu sogro "Você é um irresponsável, um louco, eu não vou deixar a minha filha ir com você". Enfim, "Se ela não quiser ir, eu vou e ela fica aqui". Mas ela... tinha criança, e tal. Eu vim em 63, eles vieram em 66. Bom, não saiu esse curso. O pessoal da Pedagogia foi transferido todos para Marília. Ficavam aqui para acabar o curso, mas estavam vinculados a Marília. Foi uma outra luta depois para trazer de volta a Pedagogia. Então a gente, com a Geografia, a Matemática era para fechar, aí deu aquela ideia também de se criar o curso de Engenharia Cartográfica e aí foi malandragem minha, não tem nada do... eu montei o curso de Engenharia Cartográfica como habilitação da Geografia. Aí o "Ah, esse vocês podem montar". Habilitação em Geografia, Geografia ia ficar. Por que a Geografia ficou? Das razões: uma pessoal, o reitor fez aquele curso de Oficiais da Reserva e o Alvanir fez, fizeram juntos, então ele tinha um bom relacionamento com o Alvanir. O Alvanir ficava meio sem graça... E isso pesou. Mas pesou mais, eu acho, o curso de Geografia tinha Cartografia, que era o que eu dava, e Topografia, que eram áreas técnicas, da tecnologia. Então nós estávamos mais ou menos dentro do espírito da Reitoria. Nada de Ciências Humanas. Mais para a frente, o pessoal da Geografia, muito burros, eu falei isso na reunião e estou falando agora, eles eliminaram Topografia. Então, nós temos dez ou doze geógrafos que tem registro no CREA como topógrafos. Puderam ganhar o dinheirinho deles aí fazendo... Por que? Porque eu dei mais de 200 aulas de Topografia. Naquela época, os cursos tinham que ter 2200 horas. A nossa não chegava a 1600. Então completava com Topografia, excursão... Eu falo, eu dei durante vários anos, aos domingos, não sei se você leu, porque era aluno que trabalhava no comércio, o comércio funcionava até meio dia, então não podiam ter aula nos sábados, só tinha o domingo, então ia no domingo. Quer dizer, dividia a turma e andava pelo mato, aí, teodolito e tal. A turma levava lanche, porque era de manhã e de tarde. Parava um pouquinho na hora do almoço, a gente deitava um pouquinho debaixo das árvores. Olha, é uma epopeia. Ficou a Geografia, depois o Assiz, o velho Assiz, também andou mexendo os pauzinhos. Mas foi o trabalho que, sobretudo, uma carta que o Dióres preparou, nós assinamos, mandamos para o Governador, época de eleição, governador não

quer perder votos. Então, o governador mandou chefe de gabinete para vir para cá, para ver o que podia fazer, o que não podia fazer... Com isso, segurou as pontas e nessa época, a reitoria, que funcionava na Praça da Sé, tinha um coronel que mandava. Nada que se fizesse passava, sem passar pelo coronel. Era a Ditadura, né. Então a gente viu muita coisa que o Reitor fazia, ele fazia porque recebia orientação ou para não ferir a Ditadura. A gente andava pisando em ovos aqui. Aquele curso... tem um curso chamado Curso Piloto, houve uma movimentação muito grande, eu dei aulas no curso depois. E a gente também, às vezes, fala demais. O secretário... na época, tinha um interventor, um juiz de direito. Mas ele... está a fotografia dele lá, mas ele... era bom, não era... mas não aparecia. Era o secretário dele que mandava na escola. A gente não conseguia grande coisa, porque o homem tinha a mente pequena e baseado no primeiro diretor, nós sofremos até recentemente. O primeiro diretor que nós tivemos foi da PUC. Todos os diretores eram da USP, catedráticos e tal. Esse era da PUC. A orientação dele era não gastar. Fim do ano, devolvia dinheiro. Então, viam lá em São Paulo que nós não precisávamos do dinheiro. Para contratar um, "para que?", então para contratar era difícil... Mas foi, aos poucos, foi indo. Veio um interventor, você veja como as coisas funcionam, Pannain. Não era também mal, ele foi diretor, ele era odontólogo, ele era diretor em Araçatuba. Então ele veio para por ordem na casa. Nós estávamos uma desordem, então ele veio por ordem na casa. Mas ele fez uma exigência: ele queria verba para colocar, e ele gostou do curso de Engenharia. Então nós conseguimos todo um instrumental, daquela época, da Alemanha Oriental. Está tudo encostado aí porque não usa mais, não se já foi embora. Eu tinha umas fotografias aí que eu... está escondida por aí, mostrando como é que a coisa funcionava. Nesse meio tempo, criaram uma, não sabiam o que fazer com o Armen. Porque onde o reitor ia para falar da... o Armen ia também.

E – Nas outras cidades?

M – Todas as Unidades ele foi. E aquilo levantava o pessoal. "Vocês não acreditem no que este homem está falando", mas falava na frente dele, "Ele é mentiroso". O reitor olhava, ficava... até que arrumaram, aqui, um... o homem era... ele não gosta que chama de turco, porque ele é armênio. E os armênios, você sabe, sofreram muito com os turcos. Teve um genocídio lá, em 1915. Se se falava "Turco", "Turco é a..." já dizia um lá uns palavrões dele. Brigou. Ah, xingaram a mãe dele e tal. Ele meteu a mão na cara de um aluno, da Engenharia Cartográfica. Foram para a polícia e tal, veio um inquérito contra ele. Ele foi demitido. Só que ele foi demitido, então ele foi considerado culpado. Ele entrou na justiça e nós fomos testemunhar, claro, todos nós falamos favorável a ele. Ele ganhou na justiça. Ganhou todo o tempo que esteve fora e o direito de voltar se ele quisesse. Só que aí, como ele saiu, a USP já falou lá e pegou ele lá. Então ele não quis mais voltar. Conversando com o Nivaldo, faz três anos que eu venho batendo que precisa fazer uma homenagem a esse homem. Nós fizemos homenagem para o Gonzaga, que ajudou a criar a FAFI. Porque não este, que ajudou a não fechar? Pelo fato de ter sido demitido por justa causa, não havia a possibilidade. O Nivaldo foi muito – você conhece o Nivaldo, né – foi muito medroso. Fica com medo de fazer as coisas e tal. A história vai se embrulhando... você sabe que eu sou emérito, lá. Você sabe quando foi que eu ganhei o título de emérito? 1883. Só me deram o título em 2010.

E – Por que essa demora?

M – Passou. Eu vim como diretor não me lembrava mais daquilo. Podia ter tocado, mas também se lembrasse eu não ia fazer porque era feio, eu era o diretor. Agora, por que que eu lembrei? Quando foi do cinquentenário, então eles fizeram o professor Fernando, que foi o primeiro professor, que veio junto com o diretor, e eu vi na agenda "O primeiro emérito da...". Aí que eu falei para o Nivaldo, "Nivaldo, você não pode falar 'o primeiro'", "Por que que não?", "Tem um outro primeiro", "Quem?", "Eu". Chega a ser cômico... Eu mostrei a carta

que o diretor da época mandou, aí foram ver nas atas e estava lá. São coisas que no fim são mais ou menos engraçadas...

E – Mas o senhor veio para cá em 63. E veio a convite, como foi sua vinda para cá?

M – Eu vim para cá por indicação do colega Titarelli, que dava aula comigo lá em Sorocaba. E por insistência do professor Aziz, que foi diretor em Rio Preto. O Aziz disse "Olha, você está na PUC, você está em Sorocaba, você está na PUC de Campinas e são entidades privadas; você não vai conseguir fazer nada descente nessas instituições; você precisa de um lugar público; Prudente é um bom lugar para você". Nessa época, vagou o cargo de Cartografia na USP, e lá o negócio era mais ou menos assim: o professor Socupe, que estava no lugar, não era licenciado, era um... nem era oficial, dizia que era oficial do Exército austríaco, mas não era também. E a partir daquele ano, sessenta e qualquer coisa, todos os professores teriam que ter título. Só poderiam ficar aqueles que os Departamentos achassem conveniente. E o Departamento achou não conveniente ficar esse professor. Então ele saiu, foi dar aula em Santos, morreu lá. O nome cogitado para substitui-lo era o meu. Aí o Aziz disse "Você vai para Prudente, fica um pouco de tempo lá, faz uma boa, e depois você volta e vem...". Eu falei "Mas, se eu volto, eu vou tomar o lugar de alguém que vai ser colocado". Então falei "Não, não podemos...". Vim para Prudente e esqueci a USP. Quando o professor Libô, que fez parte da minha banca, esteve aqui, esteve em Prudente, deu um curso e tal, ele ficou quatro anos em São Paulo e ele dizia assim "Tem dois professores lá" – e falava com cachimbo, mas ele já falava razoavelmente bem o português – "Nenhum dos dois serve, porque a USP é semelhante lá à minha universidade em Paris; tem as suas panelinhas, então um é de uma panela, outro é de outra panela e eles se chocam, em vez de se unirem para produzir mais, não, se chocam". Aí eu pensei "Lá vou eu entrar nesse choque, chega já o que passamos por aqui". Então não quis ir. Quando eu me aposentei, já tinha até construído casa, eu vendi a casa, o Pasquale Petrone, ele nos ajudou muito, até foi uma pena, eles aqui não lembram dele. Ele ajudou muito a FAFI. Ele falou "Você vem para São Paulo e vai trabalhar conosco na pós-graduação; só tem um detalhe", eu falei "Qual?", "Não vai ganhar nada". Bom, eu fiquei 20 anos dando aula na pós-graduação também não ganhei nada, voluntário. Mas é bom para você não parar. O Alvanir foi mais esperto, pegou a VUNESP. O Márcio, que morreu neste ano, no começo, pegou Marília. Foram ganhar dinheiro, eu fiquei escrevendo para o jornal e não ganha nada também não. A não ser de vez em quando um "Professor, muito obrigado". Bom, está aí, meu caro, nós conseguimos, depois de muita briga, que você pode pegar tudo nesse livrinho que você tem, comparar inclusive algumas, e você tem a história da UNESP. Até aqui, olha, tem até um começo. Acrescentar alguma ou outra coisa, né. Porque você vai falar em termos de foto. Algumas dessas pessoas já morreram também. Mas é o início e o início sempre é difícil. Depois, vai indo, você... e tem, além das entrevistas, tem as anotações iniciais, a carta ao governador, tudo o que se fez, e tem também a outra... a incorporação do IMESPP, foi outra luta. E um pouco de demagogia também.

E – As minhas imagens, para a gente discutir um pouco, não sei se o senhor lembra, mas eu tenho duas capas do Carcará, desse período de 76.

M – Eu tenho uma... bom, melhor não dizer nada porque eu não sei onde está. Do encontro que nós fizemos em 72, da AGB.

E – Agora, dessa capa, o senhor lembra quem fez?

M – Você prefere fazer...

E – Não, é só para o senhor falar o que o senhor lembra dessa capa, quem fez, como que estava o período quando foi feita essa capa...

M – Aquela tem... foi específico, quatro páginas do encontro. Aparece eu lá. Sei lá quem foi que escreveu "O Marcos Alegre ficou triste com tanto trabalho". Porque foi uma... tudo acontece, né. No encontro, foi 72, ainda era FAFI, vieram pessoas do exterior. Terminado o encontro, vieram três pessoas do DOPS, de São Paulo, eu fiquei cinco horas na diretoria junto com o Diretor, sob um interrogatório "Quem eram, por que vieram...". Ao mesmo tempo, eu, muito ingênuo, fui nomeado pelo presidente da associação para organizar, um ano antes. Eu organizei. Fiz mais de 500 ofícios, mandei para todos os governadores do Brasil inteiro, prefeitos das principais cidades, e mando para o Serviço Geográfico do Exército. Na época, eu não sei atualmente, o Serviço Geográfico do Exército construía estrada, ponte, fazia um trabalho muito bonito. E eu convidava o Serviço Geográfico a participar. Veio o... acho que vieram três, quatro caminhões trazendo material e, naquele pavilhão que fica o pessoal da Matemática, que estava em fase de conclusão, ali foi mantada a exposição. Eles montaram a exposição, desde a foto aérea até que saiu o mapa. Aquilo foi uma atração imensa. Centenas e centenas de pessoas. Bom, veio um capitão, capitão Guimarães, no meio dos estudantes, lá numa hora qualquer, disse "Professor, você tem um tempinho? Eu gostaria de conversar...". Marcamos um almoço na cidade. Então ele "Eu estou aqui, não devia estar, uma organização como esta não é para um capitão, é para um tenente, mas eu vim para verificar até que ponto os senhores são subversivos ou não". Eu falei "Mas como, subversivos?". Ele mostrou uma cópia do ofício, eu devo ter no arquivo, eu escrevo que o exercício fazia maravilhas, fiz um puta de um elogio, mas no fim eu "O povo tem direito de saber onde se gasta o dinheiro". Quando se criou Cartografia, eu quis mostrar o Serviço Geográfico do Exército, como era, e esse capitão que aí já era major, ele me levou lá para mostrar o processo, dessa grossura, tudo marcado de reunião para cá, reunião para lá, reunião para cá, reunião para lá. No final estava lá assim, sabe, tudo funciona em termos de comissões disso, comissão daquilo, duas alternativas: o Exército se apresenta ou prende esse cidadão. Bom, o Exército se apresentou então eu não fui preso. Mas vieram esses caras de São Paulo para ver. Como a Sociedade Brasileira de Cartografia também veio, e ela era presidida por um coronel, ele testemunhou a meu favor. Aquilo amainou, acabou. Mas cada vez que tocada o telefone eu já saltava. A gente estava sempre, nunca contei isso aí para mulher e tal, então foram as coisas assim, coisa para lá, coisa para cá. Para incorporar o IMESPP, a própria UNESP foi enganada pelo, na época era o Quércia. Incorporação de Bauru, 88. Todo mundo contra, as verbas eram pequenas, mais uma... aí o reitor, Jorge Nagle, tira um papelzinho "Olha, estou aqui com um ofício do governador, ele vai mandar 500 milhões" – acho que era cruzeiro na época – "que vai dar nós prepararmos todos os nossos laboratórios", então aprovamos. O Conselho em peso aprovou. E como havia toda essa, aí eu falei com o Nagle "Olha, vamos encaixar a incorporação de Prudente". Bauru, havia uma proposta, se a UNESP não aceitasse o governo ia criar uma universidade lá. Então aceitou. Encaixamos. E Prudente entrou, como diz, no rastro. E aqui? Foi uma briga. A Câmara Municipal queria mandar o curso de Educação Física e Fisioterapia mas não queria dispor do prédio, disse que o prédio era da prefeitura. Aí fomos, eu fiz uma reunião com o diretor de lá, interessado, "Eu vou até a prefeitura na próxima reunião, vocês me ponham todos os alunos que vocês puderem". Acho que tinha uns duzentos alunos lá. Lá vou eu, peço a palavra e falo as vantagens para a cidade, sobretudo para a prefeitura que deixaria de gastar com as duas escolas, era atribuição do Governo do Estado e não da Prefeitura. E lá um vereador "Muito bem, senhor, já aprovamos, mas nós não podemos aprovar os bens materiais, esses são da prefeitura". Aí lá digo "Não são da Prefeitura", "Como não são?", "Não são da Prefeitura, são do povo!". A meninada "Aaahhh!". Aí depois ele viu e disse "Você nem ficou vermelho". Para você ver que precisa, às vezes, ser um pouco palhaço, um pouco falso também. E depois? O Conselho aceitou, recebemos o pessoal todo, mas não queriam aceitar os professores, porque eram muito fracos, e nem os funcionários. Foi outra briga. Aí vem um fato externo. Era 88. Em 87, setembro, aquela fotografia que tem ali, é meu

filho, ele morreu. Morreu nos Estados Unidos, com 23 anos, então foi um... Eu fiquei sabendo num Conselho Universitário. Então eu estava assim... o pessoal olhava para mim com muito carinho. Então, até o Reitor dizia assim "Você não pode falar, você não aguenta falar". Realmente, eu sofri muito. "Qualquer coisa, você escreve, passa para mim, eu falo por você". Nessa conversa toda, tinha uma professora de Araraquara que era uma espécie, que chamavam de falcão, ela era contra a incorporação do pessoal. Calhou de me encontrar com ela fora, ela estava no mesmo hotel que eu, e combinamos... tinha refeição no hotel. E ela começou a falar que também ela havia perdido um filho aí começou a chorar, eu chorei também... Bom, ela acabou votando a favor, com uma cláusula: em 180 dias fazer concurso. Bom, eu fiquei "Vamos esperar". Até hoje estamos esperando concurso. Então está aí, filho, a gente tem essas... Por isso que eu digo, eu acho que, no livrinho, fica mais fácil de você pegar as coisas. Pode usar o que achar conveniente. É só não xingar minha mãe porque a coitada não tem culpa.

E – Dessa aqui, o senhor lembra quem fez? Quem fazia essas capas?

M – É, bom. FUVEST é da USP.

E – Essa aqui, que fala que de 240 ficaram 80 vagas. Que é quando criou a UNESP, que perdeu os cursos, né?

M – Ah, é bom essas imagens. Agora, precisa ver, Édison, de tentar, para publicar o trabalho. Mostrar muita coisa que tem. Agora, eu não entendo uma coisa. Você vê, neste livro, tanto a Arilda como esta outra Eunice, elas foram até o CEDEM, que é o Centro de Memória, pegaram lá. Porque, depois que terminou as entrevistas, eu mandei de volta. O que quer era para ser feito? A professora queria fazer um livro para cada Unidade. Então as entrevistas não foram só de Prudente. Eles escolheram meia dúzia de caras. E neste livro [ALEGRE, 2005] você tem as mesmas, e acrescentamos umas daqui. E elas foram direto lá na Reitoria, quer dizer, não usaram este livro. Eu não sei porquê. Nem citaram. Quer dizer, tudo que eles põem aqui [LIMA; RIBEIRO, 2013], está aqui [ALEGRE, 2005].

E – Eu acho que é porque a tese da Eunice é de 2005, mas só agora que eles publicaram o livro. Então acho que quando ela defendeu a tese ainda não tinha o livro [ALEGRE, 2005].

M – Não tinha saído esse livro [ALEGRE, 2005]?

E – Eu acho que não, porque a tese mesmo é de 2005. E esse [ALEGRE, 2005] é de 2006, não é?

M – 2006.

E – É, então, a Eunice defendeu em 2005. Demorou bastante até sair publicado o livro mesmo.

M – Não, mas... tem uma edição 2005.

E – Ah, tem? Eu só tenho a de 2006.

M – Não, mas eu queria. Não é errado, mas eu acho que eles perderam tempo, gastaram dinheiro e tal. E também deram uma atenção um pouco exagerada em alguns aspectos, para algumas pessoas, que não estão inteiradas perfeitamente. Exemplo: o motorista. Ele ouve aqui, ouve ali, mas ele não sabe exatamente. E num caso como este, realmente, você não tem, não há como, você fazer uma história, uma pessoa. Porque você tem vários enfoques. Então, o historiador põe o enfoque dele, aquilo que ele imagina e tal. Pode dar certo. É isso que acontece com quase todos os livros de historiadores. Depois você pega um outro que mostra que não é aquilo que ele está dizendo, é outra coisa. Então, tem essas... Agora, no meu caso, eles pegaram... essa fotos, nós temos também as fotos que estavam lá. O que eu gostei... eu

não sei onde está. O primeiro diretor. O juiz. O Litholdo. Ele era o diretor na época daquele Encontro. Não abriu a boca para falar nada. O Alvanir é um grande cara. Eu já falei isso para ele, é o homem das ideias, mas não é o homem de fazer. Para ele fazer a tese dele, eu pus duas alunas em cima. Às vezes as alunas, uma delas, amiga da gente, eu falei "Como é que está?", "Professor, está difícil, o senhor falou que a gente deve começar a chegar na casa dele as sete horas, às vezes eu chego lá às sete horas e ele não chegou ainda, passou a noite inteira não se sabe onde". A do Budin. Foi a maior figura que a UNESP teve. Ele falava 19 idiomas. Impressionante. Ele era nosso tradutor para tudo. Vinha gente do Japão, ele conversava; gente da Alemanha, ele conversava. Impressionante. O Assiz. Olha eu aqui. O Márcio foi um grande cara. Morreu agora, no Carnaval. O Márcio fez um trabalho muito bom de ajudar a democratização da UNESP. Você sabe que, por exemplo, aquele interventor, acho que não consta porque ele veio já UNESP, ele veio já da UNESP... O que é que eu ia dizer? Ah, passou. De vez em quando dá o chamado branco. O meu não dá branco, dá amarelo.

E – É normal... Só então, uma última coisinha que eu queria saber: em 76 teve uma manifestação no Ginásio de Esportes. O que o senhor lembra dela? Como foi?

M – Eu não estava aqui. Estava em São Paulo. Mas foi, a gente fica sabendo, uma manifestação pública. E quem atraiu o povo foi especialmente a irmã do Armen, porque ela era uma atriz de grande fama. Então, ela chegando, o pessoal não estava nem aí com a Faculdade. O pessoal queria... Então, ela falou em prol da faculdade e tal. E ela já tinha estado aqui um pouco antes, outra história: o Armen teve, aqui em Prudente, uma menina que morreu atropelada. Quando a menina estava no hospital, essa Aracy veio e então ficou aquele monte – lá no Hospital São Luiz – aquele mundaréu de gente em volta, até o hospital pedir o policiamento. E foi aquela festa lá no Ginásio de Esportes. Superlotado. Tem, eu não sei onde está, tem a fotografia dela lá. Não sei se você tem a fotografia

E – Tenho. É porque a imagem não está muito boa, mas essa aqui é a plateia. Aqui tem ela sentada aqui na frente. Aqui é ela, a imagem não está muito boa...

M – Aproveita isso. Dá para melhorar?

E – Eu preciso pegar esse jornal de novo lá na biblioteca, porque esse jornal é da UNESP.

M – Talvez, poder-se-ia pensar numa coisa, não sei se você pensou. A UNESP tem o jornal, você digitalizar que sai fotografia muito melhor.

E – É porque eles não deixam tirar da biblioteca.

M – Mas depois que estiver pronto, porque seria interessante se pudesse dar uma lida. Eu tenho, acho que tenho, esta aqui. 27 de novembro. É, pouco depois que o reitor foi embora. Mas o pessoal não estava ligando muito para esse negócio de fechar... o reitor prometeu criar outros cursos. O pessoal veio por causa da Aracy. Olha, eu me lembro de uma imagem que marca muito a gente: então, morreu essa menina e a família, a ex-mulher do Armen, levaram a menina de avião para ser sepultada lá em Santa Catarina. A – é Maria Helena o nome dessa cidadã – é curioso... Você não chegou a conhecer o Armen?

E – Não.

M – Tem uma foto, por aí, que aparece ele como paraninfo da turma de Geografia. Ele usava umas camisas assim, todas rasgadas, e não estava nem aí. Usava sandália, nunca teve uma pasta, sempre usava essas sacolinhas. Relaxado para burro. Aquela barba. A mulher dele, numa noite, houve uma palestra e ela foi, ela estava de nove meses, procurar o Armen. Porque ele recebia um telefone não sei da onde e ele saía, com a roupa do corpo, nem avisava a mulher. Ele pedia para a gente avisar. Então ela chegava "O Armen não está". Ela ficava meio... E nesse dia, tinha uma cerquinha naquele tempo, ela tropeçou e caiu. Então, ela gritou,

eu estava do lado de fora da palestra e estava com o professor Fernando. O Fernando tinha carro, eu não tinha. Então pegamos ela e levamos para a Santa Casa. Não adiantou, a criança morreu. Você vê, no dia seguinte, o Armen carregando um caixãozinho desse tamanhinho. Rapaz, uma imagem impressionante... As lágrimas correndo. Um homem que nunca chorou na vida. Então, fica muito marcado isso. Ele gosta daqui, vem sempre. Toda vez que ele vem, vem aqui em casa, telefona, eu gosto dele, ele é muito bom. Não conseguimos fazer homenagem para ele. Reunimos dez doutores "Se vocês não fizerem, nós vamos fazer". Depois ficou por isso mesmo... Não tem muito sentido. A Congregação foi contra. E eles não explicam porque... Quer dizer, transparência...

E – Sobre a demissão dele, o senhor lembra como foi? O senhor lembra como foi o professo de demissão dele, para mandar ele embora?

M – Ah, foi um processo criminal, que a Reitoria... Primeiro foi um processo administrativo, dentro da Reitoria. Então, ouviram o aluno e ele, na verdade, ele errou. Mas foi uma reação até normal. O cara xinga a mãe e ele meteu o murro na cara do sujeito. Aí caiu e tal. Aí o pessoal interessado, foi ao lado do aluno. Bom, alguns... Ele já estava na USP. Alguns colegas da USP insistiram com ele, um deles é o Conte, amigo meu também, que ele entrasse na justiça porque no currículo dele ficaria sempre aquela demissão por justa causa. Aquilo pesa. Então ele concordou e entrou na justiça, foi feito um novo debate, novo... E aí várias pessoas testemunharam a favor dele, ninguém negou que ele tivesse errado. Mas o problema emocional. Até, eu me lembro, o juiz falou "Eu sou juiz, tenho pós em... Mas se xingarem minha mãe eu parto para a briga". Só que o juiz também era meio, já... Não dava para partir para a briga, como eu. Não vou partir para a briga, então. E ele ganhou a questão. Então, se ele ganhou a questão e ganhou o direito de voltar, acaba a justa causa. Ele conseguiu isso. Então, acho que aí, talvez não saibam.

APÊNDICE G

Entrevista com Thereza Marini, em 27 de janeiro de 2014

E – Eu sempre começo perguntando da sua formação, a formação inicial, e onde a sua história começa a se cruzar com a da UNESP e até onde vai.

T – Então é o seguinte. Eu comecei a fazer a universidade, eu comecei a fazer aqui em Presidente Prudente e, naquela ocasião, era uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eu cursei a Pedagogia durante dois anos aqui. Depois, por razões particulares, eu fui para São Paulo e lá eu dei continuidade ao curso na USP. Lá eu me formei e de lá eu já fiz uma especialização em Orientação Educacional. E aí nesta ocasião então, eu estava em São Paulo e, quando me formei, eu voltei para cá e nesta ocasião eu trabalhava no Instituto de Pesquisas Educacionais, que é o tal do INEPE. Eu trabalhava como pesquisadora. Quer dizer, naquela ocasião era uma aluna então eu fazia levantamento de dados a respeito da educação aqui no Estado de São Paulo e no Brasil, porque o INEPE é federal. Aí eu vim aqui para Presidente Prudente e até dei aulas um ano ou dois no ensino médio e aí eu fui convidada para ficar no lugar de uma professora, que é a dona Helena Faria de Barros, que estava em licença maternidade. E aí eu entrei como professora de Didática. E é interessante agora, como eu vou passar para o momento da passagem da Faculdade de Filosofia para a UNESP, essa Universidade que estava se formando, eu gostaria de dizer, a título de mostrar como a história se repete. Na época da abertura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nós tínhamos – eu era aluna – e aí eu, como aluna e como os outros alunos, nós éramos muito participativos daquela faculdade que era uma conquista muito grande e que tinha contado com a colaboração da sociedade para trazer para cá essa faculdade de filosofia. Então ali eu comecei uma militância universitária. E foi muito interessante porque depois, eu já professora, entrei para substituir a dona Helena Faria de Barros e fiquei depois na Universidade até minha aposentadoria em 1993. Fui bastante um dos sujeitos da fundação, da criação, e depois deste momento de junção. Eu vou falar "junção" porque, quando foi fundada e foi instalada a Universidade UNESP foi uma coisa muito tocante para nós, porque como faculdade de filosofia nós já tínhamos vivido uma série de experiências, de trabalhos comuns, de pesquisas feitas, dos doutorados feitos, e a Universidade não foi pensada incluindo aqueles que já faziam pesquisa, docência, era como se nós fôssemos uma unidade autônoma, cada uma era autônoma, porque nós não tínhamos aquela temática universidade "Agora o campus aqui tem o seu superior ali, o outro também tem, o outro também tem" e disso tudo deve resultar uma Universidade que pudesse aproveitar aquilo que já existia. É claro que foi aproveitado. Mas muitas cabeças foram cortadas. E quando falo em cabeças aqui não estou falando da cabeça minha nem do meu colega. Eu estou falando desta cabeça que pensa junto, que coloca propósitos, que define uma filosofia para aquela instituição, entende? É de pensar junto com os professores como é que se pode formar novos centros de trabalhos. Não. De repente isso aconteceu. Então, nesta ocasião eu já era professora aqui em 1976, inclusive tinha passado um ano fora para fazer – já tinha doutorado – pós-doutorado. E eu fiquei sabendo lá que estava acontecendo isso. E aí aqui nesta nossa faculdade, novamente nós nos sentimos dentro de uma situação de luta, como foi na fundação e agora no despojo que estava acontecendo. Então, por exemplo, eu era do Departamento de Educação, vou tomar a Educação como exemplo, e eles botaram lá na cabeça deles que dois ou um departamento de educação na universidade seria suficiente. Mas a universidade é uma universidade multicampus. Então, uma possível universidade multicampus tinha que partir de um trabalho conjunto de todos, entende, para juntos criar esta terceira universidade do Estado de São Paulo, obedecendo tudo aquilo que faz esta instituição uma instituição universal. Olha, porque Universidade. E, no entanto, acabaram com o Departamento de Educação, acabaram com o curso de Humanas. Nós

tínhamos um excelente curso de Ciências Sociais aqui, foi banido. E a Educação foi banida também. E nós fomos mandado para Marília, porque Marília ficou com o curso de Pedagogia. Mas a nossa situação era uma situação de zumbis. Por que? Porque formalmente nós estávamos lá. Mas no correr dos fatos nos permanecemos aqui. Mas por permanecer aqui, nós perdemos a existência formal dentro da instituição. Nós não podíamos participar de Conselho Universitário, não podíamos formar comissão, etc. E a mesma coisa aconteceu com outros cursos. Então aí, a Universidade era ainda uma proposta. Mas era uma proposta mas quem fez a primeira organização não fez de uma forma democrática. Então aí começaram as lutas, por conta disso. Nós queríamos o curso de Educação e não era só por esse curso de Educação, era tudo aquilo que compreende a construção de uma Universidade. Então a gente formava muitos grupos de reflexão, aqui mesmo na Universidade, e toda vez que tinha uma reunião de Conselho, esse grupo, que estava coordenando estas discussões aqui dentro, ia para São Paulo – eu me lembro que nós nos hospedávamos em um hotelzinho perto da Reitoria, que naquele tempo era na Barra Funda – e a gente lutava com toda a força para as coisas acontecerem. Agora, dizendo, mais ou menos, porque o estrago tinha sido tão grande que a gente tinha que aceitar alguma coisa e pedir outra no lugar. Era muito interessante porque uma vez nós propusemos um curso aqui e os colegas, não sei se foi de Rio Claro, pegaram a nossa proposta e apresentaram para eles. Então foi uma situação sofrida mas que ao mesmo tempo contribuiu para que as pessoas que estavam lá em cima – o Reitor, o Vice-reitor e todos os outros órgãos da Universidade – ressentiram-se deste movimento que não aconteceu só aqui. Aconteceu em todos os Campus. Então foi uma luta que se espraiou por todos os campus e a gente conseguiu outros cursos, ganhamos outro nome, mas nós ainda continuamos naquela situação. Nós, o Departamento de Educação. Pertencemos a Marília, mas vamos trabalhar aqui, só que aqui você não vai ter vez nenhuma. E assim é que foi. E nós ficamos, agora não me lembro quantos anos, que nós ficamos nesta situação, mas aí – eu vou dizer do Departamento de Educação – no momento mesmo daquela guerra aberta, foi um tipo de guerra civil – não, não foi não – porque havia assim um querer conjunto e nós íamos então fazer força nas reuniões do Conselho Universitário que estava se formando naquela época. E depois, quando nós ficamos aqui, nós começamos a fazer um trabalho, naquela situação ainda, de criação do lugar da Educação nesta Universidade. Isso era feito pelo grupo aqui, que nós sentíamos necessidade disso, que se vai ficar Educação aqui, Educação lá e Educação lá, como é que vai ser? Cada um vai se fechar sobre si mesmo? Ou nós vamos nos reunir para discutir o que vai ser a Educação nesta Universidade? Nós começamos já a trabalhar dentro do espírito de uma Universidade. E aí foi muito interessante porque nós nos reuníamos em São Paulo e a gente colocava os problemas comuns que nós tínhamos e colocávamos propostas. Este tempo ficou assim, parado. E aí houve esta proposta, isso daqui eu não tenho dados para falar porque o meu universo era o universo da Educação, mas a gente acompanhava o que os outros estavam querendo. Aí você já deve ter ouvido com os outros professores que eles nos deram alguns cursos, ficou a Matemática, a Sociologia acabou. Mas não estou dizendo que bom. Eles colocaram no lugar um curso de Ciências Físicas e Biológicas, para formar professores, então era um curso de três anos, e aí surgiu uma outra realidade. Mas nós, Educação, não. Nós trabalhávamos nas graduações, então como é que pessoas que estão formando professores aqui, ali e lá e que estão dentro de uma instituição, não se formaliza a situação destes professores. Aí nós começamos a trabalhar, depois de algum tempo, na proposta da volta do Departamento de Educação para cá. E aí nós fizemos um trabalho com o nosso departamento inteiro e foi uma coisa muito interessante porque nós trabalhávamos para ter um Centro de Educação. Nós trabalhávamos para ter uma Pedagogia para os tempos em que nós estávamos vivendo então. E assim nós fizemos um projeto e nós tínhamos um Reitor naquela ocasião que pôs numa gaveta, porque acho que ele não concordou com o que estava sendo proposto, e isso ficou, ficou, ficou... Até este Reitor veio aqui, porque ele era um professor de Pedagogia, ou

Filosofia, em Araraquara, ele veio para uma banca ou um trabalho aqui e mandou me chamar. E aí eu falei porque é que nós tínhamos feito aquela proposta, ele falou que aquilo não passava porque nós não queríamos um curso de Pedagogia repartido: Administrador Escolar, Coordenador, etc. Nós achávamos que estas especialidades tinham que ficar para a pós-graduação, mas nós queríamos formar um Pedagogo que tenha visão global de Educação, que tenha um conjunto de trabalhos conjuntos, nós queríamos que a Pedagogia formasse o educador. Porque desde a minha formação em Pedagogia, mesmo na USP, a gente não tinha essa preocupação com o todo. E nós, aqui no Departamento, nós achávamos que o pedagogo devia ser aquele teórico-prático da Educação, que é capaz de trabalhar educação com cada curso de licenciatura. Bom, com o passar do tempo isso foi conseguido. Nosso curso foi aprovado, depois que eu me aposentei, esse currículo que a gente formou, muita coisa foi trazida, tiraram outras, eu não acompanhei isso. Mas eu quero crer que as coisas tenham caminhado, para os que estão agora, e o tempo muda, problemas novos surgem, etc. Então, muita coisa mudou. Agora, o que eu quero reforçar aqui foi que a primeira mostra de um trabalho conjunto de uma Universidade começou com aqueles professores dos Institutos Isolados, porque ali começou a haver cada um em seu lugar, mas uma troca, e fazer as mudanças necessárias. E então quando nós estávamos assim, em pleno conflito, a gente fazia encontros ora num campus, ora no outro, e eu me lembro que aqui em Prudente houve uma convenção de todas as faculdades, foi muito interessante porque nós fizemos no Ginásio Municipal aqui. Estavam todos. E naquela ocasião nós tínhamos os olheiros, porque nós estávamos em franca Ditadura na década de 60. Então o professor sentia isso na sua sala de aula. Eu tive olheiro na minha sala de aula. Foi uma fase também muito difícil, de muita luta, mas eu acho que isso deu força para cada um dos campus. Uns mais, outros menos. Porque alguns não precisaram mudar nada. Mas eu destaco isso: que aqui em Presidente Prudente houve sempre muito trabalho coletivo no tempo em que a Faculdade era menor. Não sei como que é agora, mas havia a contribuição dos alunos, dos professores... Os professores que fizeram uma participação político-universitária era um grupo que recebia as coisas dos demais departamentos e dos demais campus. E um dia desses me convidaram, quando a outra orientanda da Arilda apresentou o livro dela sobre a Faculdade de Filosofia, eu levantei este ponto, que é o espírito de corpo, que manda. E nós conseguimos formar isso, naquela ocasião. Eu não sei como é agora, porque esta geração já passou. Então, o que é que fica para a gente? Fica para a gente um conhecimento que foi alargado e foi aprofundado. E que este novo sentimento é o resultado de todos aqueles que trabalharam por esta Universidade. E eu acho, assim, muito interessante porque o campus daqui era o mais distante, eles não queriam. Porque, na realidade, o Reitor, o Vice-reitor, a cúpula... Eles queriam acabar com isso aqui. Porque era muito longe, quando contratavam professor, o professor tinha que morar aqui e não dava. Então, havia uma interação e havia muito conflito também. Mas eu digo assim, que a tônica maior era a consciência que as pessoas tinham do valor desta instituição educacional e que, graças – vou falar – graças a Deus hoje nós temos uma Universidade florescente. E ainda neste dia que eu fui à banca da Arilda, nós fomos no Campus, eu e a minha irmã, e nós ficamos admiradas como é que o campus alargou, em construções, etc. E eu quero acreditar que todos estejam tendo um espaço para trabalhar, que todos também saibam impetrar atividades diárias diferentes, em projeto amplos, mais globalizados, pesquisas que vão estudar uma particularidade, um tipo de sujeito, mas que isto tudo esteja realmente contribuindo para a Universidade, a UNESP, crescer mais. Não só neste sentido horizontal – e eu falo isso tanto para o professor como para o pesquisador – que a gente não fique na mesmice do cotidiano, mas que o cotidiano que está dentro deste tempo, faça com que os professores universitários, com os alunos, trabalhem para fazer com que a Universidade, agora, seja uma fonte de respostas para todas as mudanças que estão ocorrendo no mundo hoje, e que têm que passar por lá, não é assim? Então, é isso que eu tenho para falar para você.

E – Então, eu só queria que a gente falasse das imagens que eu trouxe aqui, se a senhora lembra de alguma coisa. Esta aqui é de novembro de 76.

T – Eu estava voltando da França. Ah não, eu voltei antes. Deixa eu ver.

E – Novembro foi bem aquele momento da manifestação no Ginásio. Não sei se a senhora lembra das edições do Carcará...

T – Eu acho que, aqui por exemplo quando se fala em inscrições para vestibulares, eu já não vejo que... Porque, nesta figura aqui, sabe de quem eu me lembro? De um secretário que nós tivemos aqui e que... houve uma época em que foi aberta, pelo governo estadual, uns fóruns de debates dentro das universidades. E nós, nesta ocasião, nós fizemos, como a USP fazia, pararam as aulas e nós fizemos um grande fórum de discussão em favor da universidade livre, autônoma, etc., e aí tinha um secretário que era um dos olheiros que promoveu uma abertura de uma sindicância aqui na UNESP e que eu coordenava o trabalho. E aí nós fomos chamados por esta investigação, veio uma comissão aqui, e eles queriam pegar algumas cabeças. Naquela ocasião, o Cirton era nosso aluno, este que fez aquele mural representativo da história da época, ele estava lá na cidadezinha... olha eu não me lembro o nome da cidade. Houve um grande encontro dos Centros Acadêmicos. Ibiúna! E o Cirton foi um dos que foi pego e então foi uma coisa muito triste, porque ele acabou sua formação em Ciências Sociais e nunca pôde lecionar nesta matéria. Esse aqui eu vejo a UNESP, e Prudente está acima de todos, porque eu acho que ela é o maior campus que existe, mas agora fica meio difícil de eu ver. Ah, aqui tem Assis, enfim, todos.

E – Esse aqui também é desta época que praticamente cortaram de 240 para 80 vagas.

T – Ah, isso isso... Olha aí, é interessante. Este editorial, quem fez?

E – O Eliseu me disse que foi ele em conjunto com o Bragatto.

T – Ah é?

E – Foram os alunos...

T – E depois você tem outras cópias disso?

E – Eu posso mandar no seu email, professora? Porque eu tenho digitalizado.

T – Ah, ótimo. Pode, pode.

E – Eu te mando.

T – E era verdade... tem mais alguma?

E – Essa aqui é bem da manifestação que teve no Ginásio;

T – Ah, olha aqui. É isso mesmo. Mas estava inteiro, sabe? O centro lá estava repleto.

E – A senhora lembra: aqui é a Aracy, que veio neste dia. A Aracy Balabanian, atriz.

T – Ah, é verdade! A irmã do Armen. Então, o Armen foi um grande lutador. Era o Armen, o Dióres, eu, outros professores, que íamos. Nós fomos até falar com o governador, eu que falei. Então, naquela ocasião era o Maluf. E a gente foi marcado por estes dois acontecimentos: o de criação da faculdade e num primeiro momento, um agrupamento de faculdades, que eu colocaria hoje, talvez, como é que se apresentam todas as áreas, se existem redes de pesquisa que agrupam várias Unidades.

E – A senhora falou do Armen, mas se lembra como foi o processo de demissão dele?

T – Não, não me lembro. Estou sempre com o Armen e ele liga para cá, e ele continua com orientandos, mas não sei como foi isso.

E – Esse era o lado da plateia, lotado. Diz que eram mais de cinco mil.

T – Olha, são essas as coisas que eu posso falar para você sabe? Agora, eu publiquei um livro agora, você viu? Você tem?

E – Eu ainda não consegui comprar...

T – Ah, eu vou te dar um. Então, olha, neste livro é que comparece, embora a gente não tenha falado nesses dados históricos, mas comparece agora trabalhos que outras unidades podem contribuir. Então, por exemplo, quando nós ficamos ao léu, nós começamos a aceitar convites de outras Unidades que queriam ouvir falar sobre educação. Então nós formamos um grupo, acho que éramos cinco, e nós desenvolvemos um projeto. Primeiro nós fomos a Campo Grande, fomos aqui, fomos ali. E aí tanto que quando foi instalada a pós-graduação em Campo Grande, numa Universidade que era um tipo de PUC, lá eles vieram pegar o pessoal daqui.

E – Só uma última coisinha: a professora Carminha tem uma lembrança muito forte da senhora no dia do discurso da formatura dela. A senhora lembra disso?

T – Ah, sim. Lembro-me sim. Acho que eu não me lembro assim, coisa por coisa, mas eu me lembro que ela preparou um discurso muito interessante, um discurso muito pensado a respeito do ensino superior, e enfim. Do ensino universitário. E aí, acho que o Reitor estava, eles levantaram-se para sair, e a Carminha diz e foi mesmo, que eu falei "Você não pare! Fique aí, não pare!". Porque nós sempre tivemos esse pensamento de Universidade. Quem estava ali eram aqueles que tinham criado aquela confusão. E a Carminha foi uma aluna exemplar, junto de outros que foram também, mas eu acho muito importante que são alunos que vêm para a Universidade e se engajam na melhoria, não só material, não adianta fazer 20 prédios a mais ou a menos se o trabalho mesmo está aqui embaixo. É isso que eu me lembro. E eu comungava muito a minha vida com os alunos. Sou até hoje muito próxima, não dos alunos e ficava ouvindo isso, isso e aquilo, mas no próprio trabalho, no relacionamento professor e aluno. É isso aí, Édison.

E – Então beleza.

T – Será que eu trouxe alguma contribuição?

E – Claro, com certeza. Eu sei que a senhor tem compromisso agora, mas qualquer coisa a gente marca para conversar outro dia.

T – Então, porque infelizmente eu vou ter que sair agora. Mas eu vou pegar lá um exemplar do meu livro e eu te convido a ler. Você lê para ver o espírito da coisa. Com que espírito se trabalhava. Porque este trabalho, como eu dizia para você, a gente aceitava todos os convites. Até que um professor de uma Unidade da UNESP nos convidou para irmos lá que ele era um professor de cirurgia da cabeça, mas ele tinha uma veia da Educação e da formação do professor. E aí nós fomos para e eu comecei esta pesquisa que publiquei agora. Mas aí nós vivemos esta experiência com cinco campus, um era da área da Saúde, mas tinha também Prudente que tinha Ciências Humanas, e fizemos um trabalho sobre a UNESP, que aparece aqui o meu trabalho e este trabalho tinha dupla face, porque eu trabalhava com os professores e a professora Josefa trabalhava com os alunos. Então nós fizemos um trabalho conjunto, como é que eles enxergavam a Educação que estava sendo dada na UNESP.

APÊNDICE H

Entrevista com Alvanir de Figueiredo, em 27 de janeiro de 2014

E – Eu começo então perguntando qual é a sua formação e onde a sua história se cruza com a da UNESP. Não exatamente da UNESP, porque você começou antes.

A – Eu vim para Prudente em função da faculdade. A antiga FAFI, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Instituto Isolado de Presidente Prudente. Mas na verdade eu morava em São Paulo e sou caiçara, calunga, quem nasce em São Vicente é calunga, então sou calunga, nasci em São Vicente, colado a Santos, e vim para cá em função da universidade. Mas antes disso eu estava trabalhando já, dei aula em cursos de Natureza, depois eu comecei aula na Católica de Campinas, que hoje é Pontíficia Universidade Católica, e depois comecei a fazer também algumas preparações, como por exemplo, cursos de complementação. Fiz, nem lembro mais, sete ou oito cursos de formação independente, como curso complementar. Eu então fiz História do Descobrimento. Eu fiz Biogeografia. Aliás, Biogeografia eu acho que eu fiz uns três cursos do quarto ano. Eu fui aluno do Sérgio Buarque de Holanda, o pai do Chico, que era um cara interessantíssimo, é uma boa lembrança. Então eu fiz também cursos outros de Tupi, com o professor que se chamava Carlos Drumond, que não era de Andrade. E História do Descobrimento. Fiz Geografia Física. Fiz Petrografia. Fiz Mineralogia. Fui fazendo tudo que eu tinha, as duas partes: a Geografia Física e a Geografia Humana. Quando eu estava terminando o curso, foi dividido e eu fiz os dois porque eu falei "Depois de ter feito uma boa parte com os dois, eu não quero me ausentar dos dois". Então eu fiz os dois cursos. Por isso eu fiquei com essa ligação lá e cá. Então eu acabei estudando História Natural, com o professor Rui Ribeiro Franco na parte de Petrografia, Botânica com o Mário Ferri, que foi um dos grandes da USP. Mas daí eu de repente comecei a dar aulas no Colégio de Aplicação e eu tinha um colega chamado Reynaldo Waldomiro Gabriel, que foi o primeiro professor aqui de Geografia Humana. Morreu de leucemia. Morreu razoavelmente cedo. Então ele perguntou se eu não estava interessado. Nessa altura, eu comecei a dar aulas na Católica substituindo Aziz Ab'Saber, da Geografia na Geomorfologia. Então eu aceitei vir pra cá e eu vim comecei, assim, era uma loucura porque não era nada fixo, não era nada, como se diz assim, definitivo, mas eu dava aula na PUC, comecei a dar aula na USP em Prática de Ensino em Geografia, quer dizer, Pedagogia de Geografia... Prática de Ensino mas tinha outro nome. Era Prática de Ensino de Geografia. Aqui ficou como sendo Pedagogia Prática da Geografia. Aí eu, lá, comecei a trabalhar e trabalhei com dona Amélia Americano Franco Domingues de Castro, que era espetacular, professora emérita da USP, professora emérita da UNICAMP, um tipo interessante. Além disso eu comecei então a dar aula na Católica de Campinas, porque o Aziz me levou para lá, e quando ele foi para o Rio Grande do Sul ele falou assim: "Você ocupe as minhas vagas, quando eu voltar a gente negocia". Mas ele nunca voltou mais. Então, eu dei aulas também na Católica de São Paulo e em Sorocaba. Em Sorocaba eu trabalhei também e inclusive eu dei aulas de História. Eu era da Geografia, mas como eu tinha essa variação, eu dei aulas de História Moderna. Era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba que depois virou a UNISO. Nesse meio tempo, o Reinaldo disse "Olha, o diretor do departamento está procurando gente para Prudente. Ele foi designado diretor de Presidente Prudente". Por coincidência, ele era tio do professor Fernando Carlos Fonseca Salgado, que hoje está lá no Paraná, em Londrina, e ele veio para cá. Nós então fomos colegas e eu comecei a vir para cá assim. Você vinha em tempo parcial e eu fui pegando e mesmo sem ganhar isso me valeu. O Haroldo Azevedo, inclusive, ficou indignado porque disse que eu estava querendo ganhar dinheiro só. Na verdade, eu nem ganhava com isso. Eu dei aula de Geografia Física. Eu dei aula de Geografia do Brasil com uma professora que depois fez Fisioterapia na UNESP e está por aí. Eu dei aula de Geologia, porque na verdade eu fiz estágio no Instituto Agronômico de

Campinas e depois também trabalhei com a parte de Geologia com Rui Ribeiro Franco e outros. Então, daí eu vim para cá, mas em tempo parcial. Eu tenho um colega chamado, talvez você não conheça, do alto dos seus 80 anos, Bernardo. Ele trabalhou numa porção de lugares... Bernardo Issler, professor. Foi, durante mais de 20 anos, diretor dos cursos da Armando Álvares Penteado. Ele também lecionou em Marília, onde eu fui diretor também. Fui diretor aqui e fui diretor lá. Fui vice aqui e fui vice lá. Ele então foi para Paraíba. Foi lecionar na Paraíba. E como ele foi para Paraíba, quando a dona Amélia, que era diretora, surgiu a vaga, ela me chamou e disse "Alvanir, o negócio é o seguinte:" – ela chamou eu e o Bernardo – "Eu tenho uma vaga e eu não gostaria de escolher. Acho que vocês deveriam decidir o que ficaria mais acertado para um e para o outro". Aí eu disse "Não, tudo bem. Dê para o Bernardo porque eu já estou entrando em Presidente Prudente". Aí o Bernardo foi para a Paraíba, e ele ia ficar lá algum tempo, mas se ele quisesse voltar, eu assumiria o tempo integral em Prudente e ele ficaria no curso de Pedagogia especial, isso é, prática de ensino de Geografia. E assim foi. Só que quando ele voltou, e eu quis assumir o tempo integral, naquela época não me deixaram mais, porque queriam que fosse doutor para poder assumir o tempo integral. Então defendia a tese de doutoramento e o Haroldo Azevedo começou a ser, talvez, um orientador mas ele era descendente do Barão de Santa Eulália, tinha uma postura antiga, foi um camarada que fez um dos mais famosos livros de Geografia do grau médio. Então, quem assumiu a minha orientação foi o professor Pasquale Petrone, que já está morto também, casado com uma historiadora. E aí eu continuei trabalhando lá e cá e fiz o doutoramento, doutorado. Aí eu vim para cá e fiquei aqui, e o Bernardo voltou para lá e acabou se aposentando nesse cargo também, além de ser professor de outros lugares. Eu fiz o doutorado, depois comecei a trabalhar numa série de coisas. Fui muito mal em pesquisas, sempre fui um camarada que tinha uma espécie de ojeriza de ficar publicando essas coisinhas pequenas. Eu achava que era pequena, mas não devia ter feito isso. Mas aí eu fiquei aqui, assumi o tempo integral, e eu sempre fui o que eles chamavam de catedrático. Não era mais catedrático porque isso não existia. Eu era titular de uma cadeira. Até que eu acabei sendo, todos os antigos, e eu sempre fui, titular. E, por isso, a constituição me garantiu de cara que ficasse como titular. Eu participei de pesquisas em outro lugar, aqui, em Rio Claro e, depois, eu fui dirigir departamento e acabei sendo vice diretor, depois diretor, depois fui para Marília como vice diretor, depois virei diretor, e quando eu estava terminando o mandato de vice diretor, o professor de Geografia Humana da Sorbonne me ofereceu uma carta, graças inclusive ao Olímpio que foi colega nosso aqui que intermediou, e falou "Não, o Alvanir pode vir para cá". Eu fui para lá para, vamos dizer assim, fazer pós-doutorado na Sorbonne. E fiquei lá. Fiquei, terminei, iria continuar mais. O professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro ficou indignado "É um absurdo você trocar uma Sorbonne por um carguinho de diretor no Oeste Paulista". Mas é aquela história, eu fui, já tinha ido para Marília, já estava no segundo mandato, já estava no mandato de diretor lá também, mas acabei voltando. Tinha ido no Canadá em outra oportunidade. Na realidade, eu esbanjei, desperdicei boas oportunidades. Aí vim para cá, depois disso aqui eu acabei me aposentando aqui e fui indicado também presidente da VUNESP, que faz os vestibulares. Até que saí disso. Antes disso, eu criei um curso de mestrado numa faculdade de Campo Grande, aquela faculdade para o Estado e para o Pantanal, privada. Mas depois eu vim para cá e fui lá para São Paulo. Terminada essa coisa, aí eu parei e poderia ter continuado mais ainda, mas eu achei que... sabe o que acontece? Quando você atinge o estágio de titular e depois entra em aposentadoria, você fica ocupando o lugar. Essa história de você ficar dando aula de graça... A Ruth está fazendo isso. É ela, opção dela, ela gosta disso, ela morre se não tiver a faculdade, sempre fez isso, sempre se dedicou. Mas eu acho que não é razoável. Se você, seu serviço serve, então tem que ter um valor. Se você quiser pagar menos, se quiser fazer outras exigências ou não dar tempo integral, tudo bem. Mas você trabalhar de graça, eu acho que não valia a pena, enquanto eu poderia ter...

tanto que eu fui para o Mato Grosso trabalhar já estava aposentado, não tinha nada que ver com o Estado. E quando eu fui para a VUNESP, foi também como professor já aposentado. Para terminar, essa história, eu parei por aqui, mas eu trabalhei numa série de pesquisas, mas todas muito rasas, para ser bem honesto. Por exemplo, em história, nossa, eu trabalhei com um monte de gente de história. Professores ainda da USP, que a gente já conhecia, e que tinha uma certa ligação. Mas eu estava lhe dizendo que tinha o professor Eduardo de Oliveira França, que foi professor de História Moderna da USP, um tipo assim bem especial, aquele intelectual com uma postura bastante, não sei se polêmica, mas disputante. Aqui, eu cheguei, acabei ficando como titular da Geografia Física, da Geomorfologia. A minha tese de doutorado foi sobre a erva mate, mas na verdade, não foi só sobre o sudoeste, o sul do Mato Grosso, que era "Mato Grosso", não era "do Sul" ainda, e aqui eu trabalhei com muita gente que veio, participou, depois nós fizemos algumas pesquisas no Pantanal, no Paraguai, parte da Bolívia, mas coisas que eu acho que foram rasas, viu? Eu acho que poderiam ter sido melhores. E eu tenho que assumir esse "mea culpa". Mas eu trabalhei bastante, inclusive, nessa parte da nascente, não Biogeografia, porque ela já vinha se implantando, mas do Ambientalismo. Eu, depois, criei cursos também daqui de Prudente, cursos de curta duração em Humaitá, no Amazonas, levando gente daqui. O professor Márcio que estava aqui. Depois eu assumi também uma tentativa de criação de uma universidade nossa em Angola. Levei o Armando Garms, fui levando professores de outros lugares. Foi uma experiência, mas acho que a universidade não quis continuar. Talvez haja razão, mas é difícil você investir dinheiro e, você queira ou não, não há uma ligação. O Brasil, se você pegar por aí na televisão, você vê cinco, seis canais falando de evangelismo ou então de futebol. Mas você não vê ninguém falando da política internacional, da África e de gente sendo massacrada por aí. De História, então, eu trabalhei na parte de História Moderna, de História do Brasil. Tentei uma coisa que eu achei interessante que era a História da África, mas que o Brasil não tem. Aliás, a turma queria um artigo meu, uma bobagenzinha, desse jornalzinho aí do Zelmo Denari. Jornalzinho não, o jornal do Zelmo Denari. Conhece, né? O Pio Pardo. Ele falou "Ah eu quero que você faça". E o título do artigo ia ser esse "De costas para o nascente". Porque o Brasil está de costas para o nascente, porque, qual é a ligação que você tem, por exemplo, com a África? Se você pegar aqui, no canal 101, Portugal, você vai ver toda hora a turma falando da África. Aqui você não fala nada, não tem nada. Você não tem sensibilidade alguma. Pelo contrário, você tem às vezes preconceito, que, aliás, não tem nem argumentar que ele deva existir. Voltamos agora para a nossa região. Você com isso vê que a interiorização do Brasil e para trazer esses valores também foi difícil. E talvez, a experiência dos Institutos Isolados de Ensino Superior que criaram as faculdades como Marília, Assis, Botucatu, Bauru mais tardiamente, São José do Rio Preto, e foi uma maneira de você puxar para dentro o ensino universitário e custou, custou bastante. Tanto que a universidade mesmo, a UNESP, só começou aqui em 76. Nesta altura, foi com o Luiz Ferreira Martins. Então... e outra coisa: você não tem um canal da Argentina, um canal do Peru, um canal da América Latina aqui. Mas você tem "trocentos" canais de novela... Eu não tenho nada contra isso, mas eu acho que não é só isso. Bom, eu também trabalhei nessa época da Amazônia, e eu gostei de fazer, foi essa penetração para poder levar a universidade até lá. E criamos esses cursos de curta duração, quer dizer a UNESP. Eu fui convidado por um agrônomo que estava entusiasmado nesse bandeirantismo aí que, na verdade, ele era um agrônomo de Botucatu e estava no projeto Rondon. Aí, com dona Amélia e outros, nós começamos a fazer três cursos: de Ciências Sociais, de Ciências Físicas e Biológicas e Geografia e História. Trabalharam professores de Botucatu, de Rio Claro, de Assis, de vários lugares. Aqui, como é que começou então? Começou em 59, na verdade seria um pouco antes, depois de movimentos de gente batendo tambor aí, querendo que viesse universidade. Ela veio, eu acho, talvez as pessoas não gostem que eu fale isso, mas talvez ficou dessa maneira meio conflituosa porque

ela veio com a gente brigando daí de repente ela chegou e traz um pacotinho de docentes, inclusive eu, e os professores da cidade, que lutaram por isso, poucos chegaram à Universidade. Hoje não, hoje eles chegam com maior número. Mas naquela época não chegaram. E muitos que vieram... eu vim de mala e cuia, acabei tendo filho aqui, mas muita gente veio, ficou um certo tempo e caiu fora. Porque, na verdade, você sair do centro do bolo, São Paulo, USP, para quem estava nestes, e vir para cá, é como ir daqui, agora, para o Pontal também. Esse curso do Pontal fomos nós que criamos, recentemente. Nós que eu falo é a Universidade. Então, ficaria difícil. Eu tive colegas de Geografia espetaculares que vieram aqui, foram embora e depois voltaram e acabaram sendo professores da USP. O professor Augusto Humberto Vairo Titarelli, um exemplo. Um professor de sociologia que passou por aqui, o Hiroshi Saito. Professores que saíram daqui, por exemplo, e foram trabalhar em Física em São José dos Campos. E por aí afora. Então, o que acontece. Essa primeira introdução veio com os minguados cursos Pedagogia, porque era obrigatório toda Faculdade de Filosofia começar com Pedagogia, Geografia, em seguida Matemática, foram quatro cursos... Geografia, Ciências Sociais, Matemática e Pedagogia. Hoje tem 12 cursos. Mas custou. Foi uma dificuldade implantar cursos. Muita gente achava que isso – e eu sei disso – muita gente achava que isso era uma degradação do ensino superior. Depois, quando eu estava como Diretor, eu tentei criar Arquitetura aqui. Houve uma reação de muita gente, embora o próprio camarada que era o bam-bam-bam da arquitetura em São Paulo, chamava Senedy, disse "Olha, é o seguinte, você não vai encontrar respaldo lá, então não é o lugar. Porque não tem cidade, não tem prédio, não tem nada... mas você poderia ter outra coisa, que seria Urbanismo, que seria um tipo de Arquitetura diferente". No final, acabou saindo aqui, não por mim, mas em seguida com colegas. Então, o que acontece, voltando aqui para a Unidade... Com Ciências Sociais, pegou uma beiradinha de História, porque História mesmo ficou com Assis. Como a Pedagogia ficou com Assis. Depois, nessa lambança de tira daqui e tinha professores que não queriam ser deslocados e muita gente que não queria que tivesse repetição de gastos com os mesmo fins, então não queria que tivesse Matemática em vários lugares, Geografia em vários lugares. Fecharam Geografia de Franca, daquela época. Rio Claro ficou. E mais ainda, tem lugares em que... Por exemplo, as Agronomias o pessoal não teve peito para fechar. Então elas continuaram em Ilha Solteira, em Botucatu, em Rio Claro. Bom, para encurtar essa história, isso se encontra escrito por aí, eu acho. A história seria razoável nesta altura quando se pensou... quando eu estava na Direção e fechou a Faculdade de Filosofia, fui eu que propus, não sei se foi certo ou errado, mas até foi bom que não tivesse ido para a frente. Eu propus o seguinte: alguma coisa que aproveitasse o Ambiente para não botar na rua o pessoal da Biogeografia, aquele pessoal da Botânica e tal. Então eu criei o IPEA, Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais de Presidente Prudente. IPEAPP ou IPEA, porque já tem um homônimo IPEA lá na Economia de Brasília. Então, eu tentei fazer isso. Por que? Porque o Reitor, o Luiz Ferreira Martins, que era veterinário e dava aula da parte de Biologia na Faculdade de Odontologia de Bauru, ele era contra essas Filosofias. Era contra. Ele queria era institutos de pesquisa. Então ele criou e aqui ficou o Instituto de Pesquisa, de Planejamento e Estudos Ambientais. Foram vários institutos. E depois o reverso, hoje estão acabando com os institutos e colocando as faculdades. Para encurtar a história, com isso, digamos assim, conseguiu-se interiorizar um pouco, algumas Unidades. Aqui mesmo custou muito para sair e, de repente, o pessoal resolveu abrir essa boca para a Universidade. Como mais recentemente, eu fui até membro do conselho, eles fizeram bastante a abertura para os institutos de tecnologia, as FATECs. A FATEC também, eu vou te contar, você pode fazer as críticas que quiser, mas eles têm aquele preconceito de que tecnologia não é ciência. Embora o instituto número um, acho, da América, seja o MIT, Instituto de Massachusetts de Tecnologia. Aí começou. Isso foi na época do Messias, do Neri, já começaram a aparecer vários cursos. Aí também, o seguinte: foi incorporado o Instituto Municipal de Educação

Física, que mais tarde conseguiu receber a Fisioterapia. Mas custou para ser colocado, para ser juntado. E outra coisa: quando nós ajudamos Rio Claro a conseguir o instituto deles e imaginávamos que fosse uma amálgama nisso tudo. Eu acho que não é bem uma amálgama. Quando você começa a defender o seu instituto, a sua Unidade, é aquele ditado: Mateus, primeiros os teus. Então, você começa a lutar pelo seu. Quando se fechou o curso de Biologia aqui, o pessoal de Rio Claro veio e carregou, o que seria até razoável para não ficarem jogados, carregou todo aquele material e levou para Rio Claro. Depois, também, cortaram a Botânica aqui, mas puseram em Assis. Me pareceu ilógico naquela época, porque lá você tinha Psicologia, você tinha Letras, Botânica seria muito mais lógica num instituto de meio ambiente... Bom, mas tudo bem. Isso é apenas ponto de vista. Mas de qualquer maneira esta interiorização começou a puxar algumas pessoas que vieram para cá e de uma certa maneira começou-se a aproveitar o pessoal da região. É verdade que o pessoal se queixava que você chegava na região de Assis, tinha História mas não tinha Matemática, Física, essas coisas. Como aqui também não tinha. Agora, a história. Como é que ela começou? O que é que ela tinha aqui? Alguns desgarrados como eu, que fez História na USP, o Augusto, colegas nossos aqui que tinham uma certa formação e a História e a Geografia entrou com Estudos Sociais para ter umas aulinhas no Segundo Grau, porque senão você não tinha aulas no Segundo Grau. Mas você tinha colegas nossos que vieram para cá e ficaram, assim, como agregados à Geografia. Você nunca teve um Centro de Pesquisas em História, para valer. Assis teve. E se tem, até hoje, colegas nossos que têm uma presença muito boa em História. Daqui teve o Manoel Lelo Bellotto, pai do Bellottinho, o Tony Bellotto dos Titãs. Foi colega nosso. Eu fui vice dele quando ele foi Diretor em Marília. E ele era USP, mas ele já era de História. Ele foi posterior a minha entrada na universidade, quando ele entrou já não tinha mais História e Geografia, ele foi para História. O Dióres Santos Abreu, professor de História que está aí. Esse valeria a pena bater um papo com ele

E – Já me falaram dele.

A – Ele é interessante, a mulher dele é mais na área de Letras. Ele foi de muita presença mas ele sempre foi mais fechado. Ele ficou como desgarrado. É como você pegar um professor de História dentro de uma área, num colégio militar. Tudo bom, só que você não é daquilo, você é de História. Você se sente, às vezes, com dificuldade de discutir aqueles valores. Eu entrei no Exército, num concurso. E me ofereceram o Colégio Militar de Salvador. Eu estava entrando na universidade e caí na besteira de perguntar se não podia ficar em Campinas. Eles não deram nem resposta. Não existe bipolaridade. Mas desse pessoal de História, teve alguns colegas daqui que acabaram trabalhando, depois, em pesquisa. Você teve gente... quem é que esteve aqui mais? Teve gente daqui que trabalhou em Rio Claro. Eu queria me lembrar alguém mais. Bom, quando fecharam aqui Ciências Sociais aqui, esse pessoal foi deslocado. Teve gente que foi embora, inclusive uns professores de Geografia nossos foram embora de verdade, foram para Rio Claro e depois de Rio Claro foram para... a Beatriz, colega nossa, foi para o Rio Grande do Norte. Mas ela era nordestina e já tinha um pé na formação lá. Agora, o que acontece, esses aqui, a História daqui, acabou ficando como agregada à Geografia. Então ajudava a Geografia a cumprir, compreende? Porque também em o seguinte: você tem de um lado uma Geografia empedernida que não aceita, não consegue trabalhar com a parte Humana; mas em compensação você tem, desculpe a não presença do Eliseu, mas para o Eliseu por exemplo a Geografia Física não existe, existe só a Humana. Ele é da Geografia Humana. Agora, você tinha alguns colegas nossos, como o Pepe, que já está morto, pai da Encarnita, o Pepe teve uma formação muito mais Física, muito mais Geológica. Trabalhou com Paleontologia. E ele também... a parte Humana, não é que não tinha importância, é que não era a sensibilidade dele trabalhar com isso. E isso aconteceu também em Campinas. Em Campinas quiseram fazer assim: tentaram entrar outra vez na Geografia Total, então fizeram

um curso de Geografia, que não tinha em Campinas, é bem recente, e esse curso de Geografia começaria assim: você entraria e você faria a formação básica, depois você se dedicaria para Geologia ou para Geografia, dentro da Geografia você ia ou para Humana ou para Física. Na Geologia você teria aí uma série de variações. No final, rompeu. Hoje a Geografia de lá não é mais com a Geologia. Quem quiser Geologia faz Geologia, quem quiser Geografia, Geografia. Essa diferença existe muito ainda. E você tem o seguinte: o Ab'Saber, eu fui assistente dele, eu me lembro que o pessoal da História Natural ficava sempre assim, com... não sei se tinha objeção, eu sentia que não era um Geólogo, entende? Que veio do Victor Lainz, da Geologia, fui aluno dele. Ele era Geógrafo. E ele tinha uma visão também que não era só Física, ele tratava, muito antes dessa época de ambientalismo ele já mexia com isso. Então já estava uma certa picuinha, uma certa "pinimba", entre um e outro. Mas de qualquer maneira, ele fez uma carreira brilhante e chegou a ser diretor de Rio Preto também, quase que acidental. E vários professores que você tem por aí, pelo menos da Geografia Física, vários professores tiveram intercâmbio e saíram daquela Biogreografia mesmo para um Ambientalismo mesmo. Por exemplo, o ambiente, se dizia Ecologia. Ecologia é a relação ser vivo com o ambiente. O Ambientalismo não precisa ser Ecologia em si. Ele pode ser um estudo do ambiente, climático, físico, enfim, e assim por diante. Você vê que de qualquer maneira a História encontrou um pouco de apoio na Pedagogia, eu acho, e ela acaba participando de várias atividades, atividades de pesquisa. Houve a participação aqui da gente – da gente que eu falo é do grupo prudentino – nos estudos do Pantanal, do Oriente, daqui desta beirada, dos conflitos étnicos. Você teve aqui alguns professores de Letras mesmo. O Boudin, Max Henry Boudin que esteve aqui. O Boudin era um etnógrafo. Mas na realidade ele fez estudos de língua tupi, ele foi da França, teve uma vida muito movimentada. Como a Ruth também. A Ruth era da Geografia Humana, para a... o que ela fez bastante...

E – Arqueologia?

A – Arqueologia foi onde ela se jogou depois. Mas antes disso, ela e o João Batista Borges Pereira, que depois acabou sendo titular da etnografia lá em São Paulo. Ela começou pela etnografia, mas depois ela se desencantou com este aspecto. E outra coisa; Antropologia também tem a Antropologia Física, Histórica, Biológica... Então, foi isso que deu condições de você ter uma Unidade com doze cursos diferentes. Coisa que, você vê, Assis não conseguiu, coisa que as Veterinárias não conseguiram, coisa que as Odontologias não conseguiram, porque não havia essa visão de mundo.

E – Em 76, o senhor era vice-diretor, quando da instalação da UNESP?

A – Não, eu era diretor. Eu fui vice-diretor do professor Augusto Litholdo, que era da Pedagogia. O Litholdo, doente, teve uma série de problemas físicos, a turma até achava que ele tinha uma convicção de que ele tinha câncer e, na verdade, o pessoal de Botucatu disse que ele não tinha nada. Chegou a fazer uma espécie de, não digo encenação, mas um tipo de atenção... só sei que ele morreu de câncer, muito tempo depois. Ele era de uma formação religiosa, embora ele tivesse uma formação bem interessante e bem mais junto da Filosofia, sabe? Então ele assumiu a Direção e depois fez uma viagem longa pela Europa, depois... e conclusão: em 76 o Luiz Ferreira Martins foi o reitor que resolveu criar. Então, quer dizer, eu entrei para cá na saída do Litholdo, então, 76, 77, 78 e 79. Na verdade, daí então, eu depois fui para Marília. O reitor novo, que era um médico de Botucatu que já está morto também, foi vice do Luiz Ferreira Martins. Ele então me chamou... Não, primeiro foi o seguinte: aqui eu fui chamado, e em Marília eu fui, vamos dizer assim, Marília, como é que foi? Faz tanto tempo... Vinte anos, só da Direção. Eu depois fui... Ah, sim. Eu fui para lá e foi feita a espécie de uma escolha da... isso mesmo. O Belotto foi diretor e eu fui vice. Depois, o que acontece, eu fui para a França. Tive uma bolsa na Sorbonne, bolsa da FAPESP, então o que acontece.

Quando eu fui para Marília, eu já fui apoiado pelo pessoal porque sempre havia um conflito, uma disputa, um sim, um não; e então o Belotto foi escolhido e eu fui como vice. Quando estava vencendo o mandato dele, eu fui embora para a França. Quando eu estava na França, o pessoal de Marília em elegeu, à revelia. Eu falei então, com quem era o diretor nessa época, era o professor Emanuel da Veiga Garcia. Não, Emanuel Veiga Garcia era de Rio... espera aí, estou fazendo confusão. Deixa eu colocar os pensamentos em ordem. Ele era de Franca. E o reitor *ad hoc* naquela época era um professor de história, Manuel Nunes Dias. Manuel Nunes Dias falou comigo e disse "Olha, quem eu conheço é você. Eu gostaria que você assumisse". Falei "Mas eu estou lá, agora, terminando o meu trabalho, ainda mais que o trabalho era ficar na França... Eu estagiei em tantos lugares, fui em tanta coisa". E ele falou "Você termina aí suas coisas. Deixa seu vice lá, quando puder você vem embora". Meu vice era um professor de Assis, na área de Letras. Aí eu fiz isso. Aí vim. Esse professor – aliás ele está morto também, até que eu estou sobrevivendo bem à Universidade. E aí eu fiquei lá, voltei e assumi. Quando eu terminei aqui a Direção foi que eu comecei a trabalhar em Mato Grosso, dei aulas de História, como eu disse para você, em Sorocaba também. Aqui em Mato Grosso eu criei uma pós-graduação, Mestrado, em Ambiente. Mas tinha alunos de História, tinha alunos de Geografia, tinha agrônomos, tinha biólogos. Então, quer dizer, era realmente Ambiente. Fiquei lá durante um certo tempo, 98 em diante, depois foi que eu fui para a VUNESP.

E – Então, nesta época da criação da UNESP foi o senhor quem trouxe a notícia de que ia se aglutinar os institutos ou veio de outra forma?

A – Não, o reitor veio até aqui.

E – E como foi essa vinda dele, esse encontro?

A – Naturalmente, a gente tentou evitar – eu tentei evitar – mais um conflito, senão a turma batia nele. Mas ele entrou e eu me lembro que eu usei uma expressão literária de Grande Sertão Veredas, que eu disse para ele que ele não esperasse muito apoio aqui e disse "E Deus mesmo, se vier, que venha armado". Primeiro, eu me lembro que o pessoal me acusou de querer acabar com a Matemática. E na verdade é que pouca gente sabe e não adianta discutir mais, é que eu fiquei sentado na antessala da Reitoria, que era ali na Avenida Rio Branco, em frente ao antigo Palácio de Campos Elíseos, para tentar dizer a ele o seguinte: que deixasse a Matemática, matéria-prima de todos. Quer dizer, seria a maneira dele manter os que eram de Exatas ali. Na verdade, muita gente foi colocada para fora injustamente. Então não interessa, quem queria ir embora...

[interrupção]

E – Mas então essa notícia não foi bem recebida aqui?

A – Não, a turma já deu que não queria...

E – Já estava vacinada...

A – É, já estava aquele zum-zum-zum. Mas de qualquer maneira, ficaram então alguns cursos. Inicialmente tinha dois cursos, depois foi para quatro. Inicialmente foi Geografia e Pedagogia. Depois foi Geografia, Pedagogia, mais Matemática e Ciências Sociais. E Ciências Sociais caiu fora também. Espera aí: eram os dois, depois veio Ciências Sociais e caiu fora...

E – Teve também uma Licenciatura em Ciências?

A – Teve a Licenciatura em Ciências que era um curso de curta duração. Era apenas um agregado das Ciências Sociais. Aí depois começaram a se agregar outros cursos. Mas aí foi difícil. O primeiro curso a ser agregado foi eu que criei, isso eu tenho certeza. Foi Engenharia Cartográfica, que era uma maneira de você salvar... Eu pensei o seguinte, era interessante,

quem começou a me mostrar isso foi um professor que morreu batendo, dando aula em Paraguaçu na escola de Agronomia. Ele bateu no trator do tio da Regina [esposa dele] e morreu ali, na entrada de Paraguaçu. E então, o que acontece, a Engenharia Cartográfica absorveria o pessoal de meio ambiente, absorveria o pessoal de Botânica eventualmente. Então, se você pegar, muita gente, eu mesmo dei aula na Engenharia Cartográfica. Tem a área de Matemática e absorveria também aquele pessoal, da Física, da Matemática.

E – Daí, nesse momento de resistência, teve uma ação aqui no Ginásio de Esportes que contou com a participação do povo, o senhor estava presente nela? A que veio a Aracy, a irmã do Armen.

A – Sei, Aracy Balabanian. Ela veio. O Armen sempre foi muito polêmico, nós fomos colegas de bancos escolares. Ele era mais novo que eu pouquinha coisa, mas estava um ano na frente. Aí teve uma daquelas histórias que não entram na História. Ele perdeu uma filha atropelada aqui, foi uma coisa brutal. E aí eu não sei até que ponto isso influenciou, mas a mulher dele é um doce de pessoa. Ele também era bom. Dele eu não posso me queixar. Esquerdão. Lembrei de um economista, famoso, o camarada era contra a esquerda, sempre naquela posição do capital, coisa assim, Roberto Campos. Ele costuma dizer que quem não foi comunista na juventude não tinha expectativa, não tinha valor; e quem continuou na idade avançada não tem cabeça... Foi nessa época que a turma fez, mais uma vez... Se você sair por aí, se você pegar... Quer uma pessoa que vale a pena você conversar: a Ruth.

E – Eu falei com ela.

A – Ah, já falou com ela. Outra coisa, ele já não está lá muito bom fisicamente, mas sempre foi muito partícipe das coisas, o Marcos Alegre. Não sei se você já falou com ele...

E – Já, já.

A – Quer ver quem mais que você tem aí. Mas tem alguns que você precisa verificar o seguinte: todo mundo que fala vai falar a sua visão de mundo. Então, não é que seja errado, que seja distorcido. Você precisa ver o seguinte, você precisa ver se casa com esta e se não casar, tudo bem. Você tenta explicar da sua maneira. Por exemplo. O Jairo, também de História, você chegou a falar?

E – O Jairo não.

A – Eu não sei nem se ele anda por aí mais... Ele também foi aquele que veio da História, chegou aqui, ficou e foi o que carregou a história no ombro durante este período todo, mas na verdade ele nunca foi o historiador, ele estava servindo a Geografia. Eu não vejo nada de mal nisso, mas acontece que se você tivesse um grupo, se quisesse fazer pesquisa, você tinha que sair e ir para um centro grande. Da mesma maneira a Geografia. Geografia de Prudente começou a crescer bastante foi nos últimos tempos, porque antes o dono da Geografia era Rio Claro no interior. E lá a USP como sempre. Mas a UNICAMP não tinha Geografia... Agora, tem lugares que você diz “Olha, formou um centro e foi importante para isso”. E como você pegar a Luiz de Queiroz em Piracicaba, Agronomia cresceu ali, embora fosse só ela, isolada.

E – Voltando ao Armen, o senhor lembra se a saída dele teve relação com esse caso da filha?

A – Não. Ele, o Armen... foi o seguinte... é difícil explicar, mas toda razão é explicável. O Armen, sempre foi muito fechado, eu não sei, foi um acidente mas acho que você acaba sempre pensando o seguinte. A filha dele estava junto com a filha da Conceição, Maria Conceição d’Incao, e as duas brincando e saíram correndo... O que a Conceição disse aqui, nesta sala, é que ela gritou para parar porque ela viu que de repente vinha um automóvel em alta velocidade. Filho de um fazendeiro qualquer aí... qualquer não, nem me lembro o nome dele, mas é. E aí ela berrou e a filha dela parou. A filha do Armen, que era mais independente,

ela continuou correndo e foi pega em uma pancada só. A mulher do Armen passou alguns momentos difíceis. Perdeu esta filha, mas ela perdeu também, abortou, com seis meses, de um tombo que ela tomou ali em frente o antigo colégio de aplicação, com aqueles aramezinhos ali. Pá e pum, perdeu. Depois, eu não sei se isso ajudou ou não a separação, isso é interpretação puramente pessoal, vai ficando difícil você, com tanta mágoa... Embora seja um com o outro. Então, eles acabaram separando. O Armen casou-se com uma arquiteta. A Regina tem sérias objeções, porque a Maria Helena era um tipo espetacular, filha de desembargador, viveu com ele na França... Mas os amores e os casamentos também se acabam, não?

E – Então, eu trouxe algumas imagens também para a gente conversar a respeito. Essa aqui é bem dessa época do fechamento dos cursos, queria que o senhor falasse o que o senhor lembra desse momento aí, como foi... 76, que foi bem no momento.

A – É, foi quando surgiu a Universidade. Aqui não tem quem que seria. Eu sei que o Armen era partícipe disso.

E – Acho que esses desenhos são do Eliseu.

A – Do Eliseu, né? Tem um desenho vagabundo pra chuchu que é meu.

E – Tem seu também?

A – Tem, eu não sei onde. Acho que não aqui, mas teve, realmente, sim.

E – Essa aqui também é desse momento de fechamento dos cursos.

A – O Eliseu é outro que você tem que conversar. Talvez ele, numa posição mais crítica, tenha mais coisas para... Nós tivemos, assim, alguns colegas no meio do caminho. Por exemplo, Boudin tinha um assistente dele, se é que a gente podia falar isso, que era o Antonio, Toninho Biancauscas. Morreu no capotamento de uma... Estavam indo aqui um grupo da Faculdade... Que mais que você tem aí?

E – Essas aqui dão da manifestação que teve a Aracy.

A – Exato.

E – Essa é do público e esta é a da mesa. O senhor lembra quem estava presente? Aqui é a Aracy, essa de branco com a bolsinha na mão.

A – Ela veio em solidariedade ao irmão, o Armen, não é...

E – O senhor não estava aqui?

A – Deixa eu ver uma coisa. A imagem está meio ruim... Quem é que estava aqui? Não consigo me...

E – Parece que me disseram que um próximo a ela, não sei se para lá ou se para cá, era o Armen... Esse que estava conversando aqui disseram que era o Armen.

A – Este? Eu acho que não. Parece ser o Pepe, pela postura de corpo e tal. Mas eu não sei não... O Imparcial deve ter isso, o Barbosa da Silveira.

E – Eu entrei em contato com o pessoal de lá, pelo menos o pessoal mais novo d'O Imparcial, e eles disseram que eles não têm organizado esse arquivo e que estaria difícil de conseguir...

A – Mas você tem muita fotografia aí também que o pessoal guardou. Essa aqui... Quem é essa aqui? Ah, não consigo não, viu... Sinceramente. Esse aqui, olhando assim de repente, parecia o Dióres. Parece.

E – O Marcos Alegre disse que nesta época ele estava, bem neste dia, ele estava em São Paulo, algo assim...

A – Pode ser. É capaz até que eu estivesse também. É, o pessoal fica para cima e para baixo, andas 600 quilômetros de ida e outros quase 600 para voltar para ir lá para uma reunião para falar três, quatro abobrinhas e encerrar.

E – Uma reunião de uma hora e meia...

A – Ou então, às vezes, reuniões incríveis saindo às duas, três horas da manhã.

E – E este aqui é um que teve uma importância um pouco mais geral nesse momento de criação da UNESP, não sei nem se ele veio para cá, que é o Ulisses Telles, que era de Assis. O senhor lembra dele?

A – Lembro, claro. Ele teve a mulher morta pela Ditadura.

E – É, isso...

A – Era argentina, a mulher dele. Eu estive com ele várias vezes, inclusive ele foi, depois, trabalhar na Secretaria da Educação. E eu estive com ele lá, porque ele acabou sendo, mandou uma indução para ele lá. O Ulisses era um tipo interessante...

E – Essa foto saiu na Folha em uma matéria em que ele criticava o anteprojeto da criação da UNESP.

A – É, mas muita gente criticava mesmo. Criticava pelo seguinte: você não vai dizer que isso foi democrático, que foi da base, como sempre. O Luiz Ferreira Martins, que depois foi deputado e acabou sendo Secretário da Educação, ele, na verdade, não era exatamente de esquerda. Eu encontrei com ele, hoje careca, careca, até assustei. Ele perdeu os cabelos todos. Até hoje ele está por aí. Outro dia eu encontrei com ele numa reunião em Botucatu, quando o pessoal fez uma homenagem ao compadre que dirigiu o Hospital das Clínicas, que foi Reitor, o médico que foi Reitor nosso também e foi pesquisador, criador do Hospital das Clínicas ele participou e...

E – Bom, da minha parte era isso. Se o senhor quiser falar algo mais...

A – Mas ainda tem muita coisa, se você pegar... O Marcos te arrumou alguma coisa?

E – Ele me arranjou alguns livros. Desta época aqui ele não tem fotografias...

A – É, mas tinha muita fotografia. Nossa senhora. Quem é que podia ter? Você sabe com quem você devia conversar? Com a Maria Kimie Koyanagui. Ela foi praticamente a secretária que tinha o papel de... hoje você tem o Diretor Administrativo e tem o Diretor Acadêmico, ela fazia o papel da Diretoria Acadêmica. Agora, esse aspecto de que nós tivemos colegas nossos que vieram para cá, vieram de Franca para começar uma vida e estão enterrados aí. Professora de Cartografia, que praticamente antecedeu a chegada da Cartografia. E outra coisa: a Cartografia – eu já tinha tido essa sensação, eu não falei porque se não pode documentar é melhor não falar – mas quando se criou este curso, o que acontece? Esse é um curso muito mais matematizado, com todas as técnicas da informática, então um cartógrafo, como por exemplo, o Augusto Titarelli, o Marcos, era um cartógrafo daqueles de mapa e não cartógrafo de GPS, coisa assim. Isso é muito mais matemático. E outra coisa: eles passaram a ser assim, porque olha, o geógrafo não é o camarada que faça isso. Você pega hoje, os que estão aí, como o Galera, entraram aqui na primeira turma. O Marcos estudou na Inglaterra, ou na Holanda, e partiu para pesquisas altamente matemáticas. Você tem alguns colegas aí, por exemplo, o Galera tem até livro sobre GPS, mas você nota isso, ele não é ele não é aquele cara que vai falar sobre a Geografia Física da Amazônia. Embora alguns tenham essa

sensibilidade, na verdade não é a função. O Aziz Ab'Saber era um caso a parte. Ele era da Geografia Física, mas ele conseguia ter uma ligação com a Geografia Humana. Mas ele era formado em História e Geografia. Ele trabalhou com o pessoal da Geologia. Então ele conseguia... tanto que ele começou, dentro da Geografia, ele começou a ter uma preocupação muito grande com o meio ambiente. E ele começou a teorizar, por exemplo, uma das teorias que ele faz é a Teoria do Refúgio, que diz o seguinte: o Pantanal é uma área de refúgio, tem um fluxo de populações e as populações concentraram ali alguns grupos étnicos, como os guaranis. São tupis... tupi é o povo. Guarani é uma tribo. Só que os do Paraguai dizem que falam guarani, não fala que faz parte do tupi. O tupi é a língua geral, que o Anchieta falava. Tupinambá, tupiniquim, é tudo tupi. Você pega os goitacás, o caiuá, guarani... Mas tupi quer dizer gente. E toda população tem preconceito. O Karajá faz isso também. Karajá-inã. Karajá somos nós, inã não é gente. E ele trabalhou muito tempo na Amazônia, falava perfeitamente, eu tenho um livro dele. Ele trabalhou com os "Tempê-tenê-terrara". Então, você vê o seguinte, também tinha uma formação bem eclética. Agora, vamos ver o seguinte, na questão da história aqui. Você tem também a Maria de Lourdes Ferreira Lins, que morreu há pouco tempo. Parente do Severo Ferreira Lins. Foi prefeito de Rancharia. Ela, um tipinho miúdo assim, muito boa formação, mas também isolada, ilhada no meio dos geógrafos. Mas eu trabalhei muito com ela. Tem algumas coisas que eu lembro. Ela foi diretora do Museu Municipal.

APÊNDICE I

Entrevista com Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri, em 06 de fevereiro de 2014

E – Eu costumo perguntar primeiro a sua formação, como ela se desenvolve, e onde a sua história se cruza com a história da UNESP.

L – Então, é... eu tenho que falar meu nome primeiro, né? É Lucia Maria Gomes Corrêa Ferri, sou formada em Pedagogia pela antiga FAFI, depois fiz mestrado e doutorado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Depois, fiz livre-docência lá na UNESP mesmo, campus de Presidente Prudente. Atuei no magistério municipal no início da carreira, depois no magistério estadual, fui diretora de escola, e finalmente ingressei na antiga Faculdade de Filosofia no ano de 1971, foi quando eu ingressei na faculdade.

E – E daí ficou até...

L – Aí eu fiquei até o ano de 1991.

E – Mestrado e doutorado foram feitos enquanto docente?

L – Enquanto docente. E nós não tínhamos afastamento, não tínhamos bolsa. Foi feito na raça mesmo. Com viagens a São Paulo, naquele tempo a gente tinha um trecho grande, a gente ia pela Raposo Tavares até perto de São Roque, a gente ia pela Raposo Tavares. Ficamos conhecendo todos os buracos da rodovia... Mas valeu a pena, sabe? Foram anos muito interessantes dentro da academia. Depois houve a instalação da Universidade e, realmente, foi uma parte interessante da trajetória profissional, que eu considero muito interessante.

E – E como chegou aqui em Prudente, como vocês ficaram sabendo dessa criação da UNESP, dessa aglutinação dos institutos para formar a Universidade?

L – Eu já fazia parte do corpo docente, eu já estava dentro do corpo docente. Bom, eu quero dizer que eu sou natural de Botucatu, mas eu só nasci em Botucatu. Porque teve o deslocamento da família de Botucatu na ocasião, mas eu fui criada, vivi sempre em Presidente Prudente. Quando eu me casei, eu morei oito anos em Martinópolis e durante a minha formação eu fiz o curso Normal no Instituto de Educação Cardoso de Almeida, de Botucatu. Eu tinha, assim, muito interesse em fazer o curso Normal na mesma escola em que a minha mãe tinha se formado e realmente aconteceu isso. Foi por uma via não tanto interessante familiar porque nós tivemos, perdemos uma parente aqui em Presidente Prudente, uma tia da minha mãe, e minha mãe resolveu morar um tempo em Botucatu. Foi quando eu cursei a escola Normal em Botucatu. Bom, e aí fiz a Pedagogia aqui na FAFI e ingressei como diretora de escola em Martinópolis. Aí casei e fui morar em Martinópolis, meu marido era de Martinópolis. E depois de alguns anos já retornei outra vez para Prudente. Então as raízes são todas prudentinas. E o que eu tenho a dizer para você é que eu ingressei em 71, naquele tempo, na antiga FAFI, não tinha a função de auxiliar de ensino, você já entrava como professor assistente, para trabalhar, então, no curso de Pedagogia e nas licenciaturas, na Geografia, na Matemática. Eu ficava muito próxima da professora Myrtes Fonseca, ficava muito próxima a ela. E durante todo o meu curso sempre tive uma tendência, durante toda a carreira. Eu trabalhei com, no caso, Administração Escolar, Gestão Escolar, e até hoje o meu enfoque passa por aí. Então esta é a trajetória. Agora, como aconteceu? Aconteceu que nós tínhamos os Institutos Isolados de Ensino Superior. Então tinha Prudente, tinha Marília, tinha Botucatu, enfim, esparramado por todo o Estado de São Paulo. Ao contrário do que aconteceu no Paraná, por exemplo, a UEL, a UEM, as Universidades elas se tornaram autônomas em cada município desse. Então ela se aglutinou e foi então fundada, criada é melhor, a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Eram tempos áureos da Ditadura e,

com essa criação, nós tivemos alguns cursos que foram fechados. Porque o princípio era a não repetição, como era uma universidade só. Então, se tinha Pedagogia em Marília, Prudente não deveria ter, então, Pedagogia. E nós passamos de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nós passamos a chamar Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais. Isso foi um embate muito grande. E com a criação da Universidade, nós tivemos muitas assembleias de discussão do estatuto. Um dos nomes que apareceu bastante foi o do professor Jorge Nagle, de Araraquara, e para mim, ali, foi uma escola, sabe? Porque a gente aprendeu o sentido da Universidade, os objetivos, as funções, enfim. Foi um período muito interessante esse dos debates dos estatutos da Universidade. Passamos por muitas dificuldades, porque com a extinção de alguns cursos na ocasião, e também nós tivemos uma Congregação que na ocasião a gente chamava de Biônica. Essa Congregação não era natural do campus. Tudo em virtude do momento político e tudo mais. E a gente lutou muito por isso, para reconquistar a Congregação do próprio campus. Tivemos diretor de outros campi que vinham ser nossos diretores. Então, assim, foi uma trajetória de grande luta. Todos trabalharam muito e quando houve a instalação do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais, o professor Marcos e o professor Alvanir fizeram esforços muito grandes porque uma parte dos professores, aí não seria deslocada – porque nós fomos deslocados para outros campi – e permaneceria prestando serviços, embora deslocado o cargo para outro campus, mas nós ficamos à disposição do Instituto de Planejamento. Então o professor Marcos, o professor Alvanir lutaram muito para que isso ocorresse. E muitos outros, o pessoal da Geografia teve uma atuação muito interessante, o pessoal da Matemática e da Pedagogia de quem ainda permanecia dentro do campus.

E – Você ficou vinculada a qual unidade?

L – Eu fiquei vinculada a Marília. Aí eu peregrinei, porque eu acabei, como Assis era mais perto, eu passei a trabalhar em Assis, dar aulas no curso de licenciatura em Assis. Aí instalou Engenharia Cartográfica. E a Engenharia Cartográfica tinha uma disciplina que chamava Teoria Geral da Administração. Então eu fiquei com esta disciplina, prestei concurso de efetivação – eu já tinha prestado a seleção para entrar lá no começo, em 71 – aí, acho que em 78 eu prestei o concurso para efetivação.

E – Nesta disciplina aqui?

L – Não, eu prestei o concurso em 78 em Marília, porque a UNESP determinou que não poderia mais acumular, e eu acumulava o cargo de diretora de escola com a faculdade. Na ocasião, até, eu estava à disposição da Universidade. Aí o governo decidiu que não, que ela tinha que ter um quadro dela e que nós tínhamos que optar, ou ficava para lá ou ficava para cá. Para ficar para cá, eu tinha que prestar o concurso. Eu já tinha prestado o concurso de diretora e tudo. Daí prestei o concurso em Marília, o concurso foi em Marília. Fui aprovada e efetivada com cargo em Marília. Aí passou um pouco de tempo... Mas à disposição do campus de Prudente para lecionar a Teoria Geral da Administração e acumulando Assis. Então depois houve um momento em que as coisas foram se tornando, assim, mais ajustadas e uma professora da Geografia que era de Marília estava em Prudente. Então houve uma permuta: ela foi para Marília e o meu cargo veio para Prudente. Então foi um período, assim, de agitação, de ir para um campus e voltar para outro, mas de inovação também. Porque como nós estávamos num Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais e eu fui para o Departamento de Planejamento, então nós tínhamos que pensar trabalhos, pesquisas, que tivessem a ver com este departamento, o que foi bom para mim. Foi bom porque eu fui conviver com colegas de várias áreas: Direito, Medicina, Engenharia, estava tudo ali no Planejamento, sabe? Então foi um período, assim, muito interessante do ponto de vista do ganho acadêmico, de ampliação de visão no trabalho. Ali fiquei, no Departamento de

Planejamento, chefiei o departamento, terminei na aposentadoria na chefia do departamento. Eu me aposentei, não foi com 25, eu me aposentei com 28 anos. Ainda eu esperei três anos porque o Departamento tinha que ter um número "X" de doutores para não perder a autonomia. Então eu aposentei com 28 anos porque eu tinha o tempo lá, assim que eu me formei normalista eu já comecei a trabalhar. Então, praticamente, foi uma aposentadoria num período, vamos dizer, que eu ainda estava... E, dentro do Departamento de Planejamento, a gente trabalhou várias coisas interessantes. Uma delas foi um curso de especialização que nós tivemos uma quatro ou cinco... quatro versões, acho que foram três ou quatro versões, em Direção e Chefia na Administração Pública. Esse curso foi muito interessante e a gente trabalhou todo o pessoal da Administração Pública de Presidente Prudente, municipal, estadual, federal, e com isso a gente ganhou alguns alicerces fortes dentro da comunidade, porque esses alunos ficaram convivendo conosco um ano e meio de curso. Era, então, o chefe da Fazenda, gente da área da saúde, tudo isso. Depois desse curso de Direção e Chefia na Administração Pública, nós fizemos um convênio com a FUNDAP, a Fundação para o Desenvolvimento Administrativo de São Paulo, e vieram pessoas da FUNDAP trabalhar junto com a gente, enfim. Do ponto de vista da Administração Pública foi um ganho muito grande. Chegamos até a nos entusiasmar e fazer um projeto de graduação em Administração Pública. Um projeto muito bem feito, diga-se de passagem. Eu acho que, para a ocasião, estava muito bem feito. Mas esse projeto nós entregamos para Araraquara, porque Prudente não ia ter Administração... Aliás, foi uma escolha, quando houve o retorno dos cursos, ou implantava este ou retornava outro, assim por diante. Então a gente passou essa Administração Pública para o campus de Araraquara.

E – Mas você assistiu a volta da Pedagogia para Prudente?

L – Que ano que foi? Eu acho que lembro, vagamente. Porque eu fiquei no Planejamento, eu não saí mais do Planejamento. No Planejamento trabalhava com a Engenharia Cartográfica, a disciplina que eu ministrava era na Engenharia Cartográfica e no Planejamento nós começamos a trabalhar nos Planos Diretores. Então, primeiro o Plano Diretor de Martinópolis, nós trabalhamos, elaboramos o primeiro Plano Diretor de Martinópolis, foi a primeira experiência. A professora Marangoni vinha da USP para trabalhar junto com a gente para a elaboração deste Plano e foi uma experiência muito interessante. E até Martinópolis acabou recebendo do Governo Federal uma verba para o saneamento básico, acabou sendo aquilo que chamava Cidade 2000 porque existia o Plano Diretor dela, as outras cidades não tinham. Então aquelas que apresentaram o planejamento... Acho que foi no governo Sarney... E foi muito interessante essa elaboração do Plano Diretor. Depois foi feito o de Venceslau, até o de Venceslau eu acompanhei, depois eu me aposentei. Aí nós instalamos o curso de especialização em Gestão Municipal. Planejamento e Gestão Municipal. Esse teve vários cursos... Foi destinado, então, às questões relativas ao planejamento municipal. E nisso então, depois que eu saí, foram instalados os outros cursos.

E – Voltando ao ano de 76, você já estava na universidade e vocês ficaram sabendo da criação da UNESP só pela divulgação no Diário Oficial ou tinha um burburinho antes?

L – Não, existia o burburinho porque era a tal história de que não podia repetir cursos, porque num primeiro momento foi entendido como uma economia. Que não podia ter o mesmo curso em duas localidades próximas. Então, onde ia ficar a Pedagogia? Aquela briga, aquela coisa, e ficou em Marília. A História ficou em Assis. E assim foi. Então existia o burburinho e a gente sabia, tinha noção sim, que ia ser criada uma Universidade porque nós estávamos afetos à Coordenadoria do Ensino Superior, que se chamava CESESP. E também existia, lógico, um trabalho político no sentido da criação da Universidade e aquelas pessoas passarem a fazer parte de um quadro de Universidade. Então, não foi uma surpresa não. A gente tinha noção

que as coisas estavam acontecendo, que existia uma tendência para a criação da Universidade e, da primeira vista, era a questão da não duplicação de esforços. Não duplicação de esforços era o lema.

E – Alguns professores receberam, pelo que eu já conversei com alguns, receberam bem a notícia, com entusiasmo afinal de contas ia ser criada uma Universidade e se esperava modernização e tudo mais; outros foram contra desde o começo. Como você via isso, com que olhos você via e sentia dos outros?

L – A criação da Universidade em si era interessante, lógico, era muito interessante. Agora, o modelo... Porque você vê que as outras que foram mais autônomas tiveram mais facilidade na sua gestão, na sua administração. Então a gente via um Estado muito grande, com muitas Unidades espalhadas, uma Faculdade de Medicina e um hospital, que consome bastante verba, consumia, né, bastante verba. Então eu via assim: era importante uma Universidade mas o modelo, a gente tinha uma certa cautela com relação ao modelo de Universidade que estava sendo implantado. Existia uma cautela da nossa parte em relação a isso, dada a extensão territorial, todinho espalhado. Eu acredito que os colegas que foram contra foram mais nesta direção, da liberdade, da autonomia, acharam, então, que haveria maior burocratização.

E – Eu sei que o reitor, ou futuro reitor, o Luiz Ferreira, veio para cá para comunicar, ou para discutir alguma coisa, mas acabou não discutindo nada. Você participou?

L – Olha, teve muitas assembleias, muitas reuniões. O Dr. Luiz Ferreira Martins foi bastante criticado era a questão da economia dos esforços, quer dizer, retirar os cursos, então foi uma figura que teve embates com o campus de Presidente Prudente. E não só aqui, houve outros campi que tiveram embates com o professor Luiz Ferreira Martins. Houve sim. Porque ele representava também uma corrente política, não é? Uma corrente política. Então, houve sim, houve embates.

E – E neste mesmo ano de 76 teve uma manifestação no Ginásio, com a participação da Aracy Balabanian...

L – Ah, sim, porque a Aracy Balabanian era parente do professor Armen Mamigonian. Balabanian acho que é um nome artístico. Ali era assim, tinha mesmo movimentos, contestação, mas isso foi muito importante porque formou uma massa crítica muito interessante para a nossa região, muito bom. Então teve sim, teve embates sérios

E – Nesta manifestação do Ginásio, você estava presente?

L – Eu não me lembro, sabe por que? Que ano que você falou que foi?

E – 76.

L – 76. Eu não me lembro porque eu tive duas licenças gestante. Então eu não estou recordada de estar presente. Tenho conhecimento de que houve, mas acho que não estive presente em função de que eu tive dois afastamentos de licença gestante no período.

E – Ainda falando do professor Armen, ele saiu daqui neste período também, da criação da UNESP e tudo mais.

L – Não foi um pouco depois?

E – Foi, acho, em 78. Ainda era um momento de transição.

L – Não foi um pouco mais?

E – Não estou com certeza, mas foi por aí. 78 ou 80, foi mais ou menos por aí. Eu tenho a data, mas esqueci agora. Você lembra como foi esse processo de saída dela?

L – O processo de saída dele... houve uma contenda, etc e tal... houve uma via judicial no caso, mas ele ganhou a ação, né. Tinha direito de ser reintegrado, parece que foi também indenizado, mas ele optou, acho, que por ficar na USP. Agora muito interessante que foi na ocasião é que houve uma sindicância. Então o pessoal lá, os que eram a favor ou contra da situação que tinha havido, mas depois o reitor deixou à disposição para todo mundo ler o processo. Deixou público o processo. Agora, a única coisa que eu senti, porque teve uma pessoa, né, que continua aqui em Presidente Prudente, o professor Armen deu todo o apoio. Para não dizer, o professor Armen até hospedou na casa dele. E foi a primeira pessoa que subiu a rampa para depor contra o professor Armen. Então isso me marcou muito, sabe. Na ocasião eu fiquei triste com isso porque, realmente, ele deu mesmo muito apoio para essa pessoa, fez o que pôde e o que não pôde. E diga-se de passagem, ele é brilhante, sempre foi brilhante na academia. Tinha as ideias dele, lutava pelas ideias dele, mas faz parte da academia.

E – Já disseram que ele era muito combativo inclusive frente ao reitor.

L – Sim, lógico. Ele não concordava com muitas coisas, inclusive nós estávamos dentro de um regime militar, nós estávamos na Ditadura Militar. Então, não concordava. Agora, nós tivemos um contato com a Reitoria em função destes cursos que eu estou falando para você, esse de Direção e Chefia na Administração Pública. A gente precisava do afastamento dos funcionários. Os funcionários eram afastados dois dias da semana. Melhor, um dia. Na sexta-feira. Porque ele funcionava na sexta e no sábado. Começava acho que quinta à noite, depois era sexta o dia inteiro e depois sábado de manhã. E nós precisávamos do afastamento do funcionário para ele permanecer no curso às sextas-feiras. E aí tinha uma dependência direta com a Reitoria neste sentido de solicitação para que o curso funcionasse.

E – Neste momento o diálogo com a Reitoria já era bem melhor?

L – Era, mas olha... eu vou falar a verdade para você. No tempo ditatorial, as coisas eram difíceis. Uma burocracia muito forte, muito enérgica. Não era fácil o trânsito da gente. Não era nada fácil. Mas a gente teve uma proximidade com a Reitoria neste caso aí. Enfim, eu acho que é uma história de luta, desde o começo, da instalação da faculdade, lá da FAFI, a comunidade toda se mobilizou. Aliás, esta é uma característica de Prudente. As coisas são conquistadas mesmo pelo povo. E construídas, na maior parte. Você veja a história da Santa Casa, se levantar a história das principais instituições você vai verificar o quanto a comunidade trabalhou para conseguir o que ela possui.

E – Depois de efetivada esta reestruturação, digamos, você ainda ficou aqui. Como foi o clima aqui entre os que ficaram, vendo outros indo embora, sendo demitidos, enfim.

L – Foi uma situação, assim, muito delicada, muito delicada mesmo, neste caso. A gente sentia a perda. Então foi uma situação dura, foi um período, mas ao mesmo tempo o pessoal mostrou resiliência, que dizer, vamos lutar porque senão isso aqui fecha, nós temos que conseguir. Eu acho que o professor Alvanir, o professor Marcos, eles lutaram bastante mesmo, procurando fazer esse meio de campo com a Reitoria, sabe? Enfim, foi um período de perda mas que houve uma resistência e ao mesmo tempo uma disposição para lutar.

E – Eu trouxe algumas imagens para a gente discutir. Deixa eu achar a primeira aqui. Essa aqui é bem de 76, que é bem o momento de criação da UNESP mesmo. Você lembra da publicação do Carcará?

L – Lembro.

E – Quem fazia... não?

L – Então, era dentro do Departamento de Geografia. Era o Diretório Acadêmico, não era?

E – A organização geral, digamos, era do Diretório Acadêmico.

L – É, olha, Diretório Acadêmico 3 de maio. Eu lembro.

E – Esse aqui era bem da época de fechamento de curso. Aqui tem a FUVEST com as inscrições e a janelinha da UNESP fechada.

L – É, isso.

E – Tem outra aqui. Essa já é mais clara no corte aqui.

L – Ah, é. Houve corte de vagas, né. Foi difícil, viu. Porque era uma nova visão política ali, de economia. Econômica mesmo essa visão. E também político. Nós tínhamos um curso de Ciências Sociais muito atuante e nós estávamos na Ditadura. Então... você está entendendo? Tivemos vários ex-alunos e até alunos que estavam em determinados pontos de reunião e foram presos na ocasião da Ditadura.

E – O Cirton era um desses?

L – É, o Cirton. O Cirton estava aí.

E – Essa aqui é bem daquela manifestação que você disse que acha que não estava lá. Aí tem a Aracy aqui no meio. Aqui é ela. A foto não está muito boa... mas dá para reconhecer mais alguém aqui?

L – Está difícil, hein... Onde você apontaria o pessoal da Geografia aqui? Cadê o Armen?

E – Disseram que é este que está do lado dela, conversando com alguém aqui. Não dá para ver o rosto dele, que está virado.

L – É, está meio apagado. O Márcio, o Dióres, estão aparecendo aqui.

E – Esse aí foi lá no Ginásio.

L – Esse Ginásio que você está falando é o Ginásio de Esportes Municipal?

E – Isso, é.

L – Ah, o Milton Perina, aqui fala. *[Lê um trecho]*. Será que o Antonio Servantes seria esse? Dr. Antonio Fernandes Ferrari, da Sociedade de Medicina. Formou em Botucatu, né? Ferrari. Dr. Costa Neto que era um médico muito respeitado e também fazendeiro, porque representou a classe agropecuária. E o vereador Milton Perina Santos. Eu acho que esse aqui é o Perina, viu? Falou em nome da Câmara Municipal. E o André Pescarin, que eu acho que já faleceu. *[Lê mais um trecho]*.

E – Falou aí da ADUNESP. Não sei se você lembra deste moço que já não é mais moço.

L – Esse aqui, quem que é?

E – É o Ulisses Guariba.

L – Ah, o Guariba! De Assis.

E – Ele veio para cá neste período, lembra de alguma coisa dele, de participação?

L – Ah, eu lembro sim... alguma coisa. Por que ele era próximo? Ele era muito próximo Espera lá. O que o Guariba tinha a ver de parentesco...

E – Ele era o presidente da então criada ADUNESP.

L – Não só isso como ele tinha... Ah, não. Era uma colega, que o irmão era médico e a esposa dele era parente do Ulisses. O Ulisses tinha muita proximidade com o pessoal da Geografia. Ele vinha bastante sim aqui a Prudente, e conversava.

E – Ele era da ADUNESP e ele deu alguns depoimentos a jornais...

L – A esposa dele desapareceu durante a Ditadura

E – Isso que eu achei interessante. Com esta história na família dele, ele ainda combateu tão publicamente.

L – É... a esposa dele desapareceu. E ela era filha de um general, né. Se não me engano, ela era filha de um general. Ele, eu acho, aposentou em Assis, não é?

E – Não, acho que ele aposentou na USP. Acabou voltando para a USP, mas ele mora em Assis atualmente. Ele é da FEMA.

L – Ah, sim.

E – Da minha parte é isso. Se a senhora quiser acrescentar mais alguma coisa.

L – Não... Se você quiser mais algum dado, alguma coisa que fale... Ah, acrescentar sim que os alunos, os alunos participavam, eles lutavam muito com o corpo docente, enfim. O Diretório Acadêmico era uma força grande, que acabou tendo uma modificação com a Ditadura, essa questão do Diretório Acadêmico. E isso foi muito bom, sem sombras de dúvida, para a formação cidadã. Então houve um compromisso de formação não só daquele profissional, do licenciado, pedagogo, mas os alunos que passaram pela faculdade tiveram nesta ocasião, e acredito que depois consequentemente, tiveram uma formação política, essa questão de se posicionar, de colocar suas ideias claras, de participação. Isso foi muito importante, acredito, para todos. Se você conversar com eles, que hoje são líderes de vários setores você vai verificar que eles vão dizer isso, da importância dessa formação, que foi na luta e no movimento. Que o movimento todo nosso acabou sendo também um espaço pedagógico de formação.

E – A professora Carminha era estudante nessa época e ela me contou da colação de grau dela, se não me engano, que o Luiz Ferreira veio participar. Não sei se você estava presente nesta colação. E ela estava fazendo um discurso combativo com relação a este fechamento de cursos e o reitor se virou como se fosse sair dali...

L – Ah, sim, teve essa passagem, teve. Porque como ele estava nessa posição de reitor ele defendia todo aquele ideário político da posição que ele era engajado e isso trouxe mesmo embates colossais. Colossais.

E – Então é isso... Obrigado professora.

APÊNDICE J

Roteiro das entrevistas – história oral

Formação / Relacionamento com a Unesp

Como ficou sabendo da notícia da instalação da Unesp?

Como esta notícia foi recebida na FAFI?

Teve participação local nas discussões do anteprojeto? Como? Participou?

Como foi a vinda do futuro Reitor à FAFI para discutir isso?

Como foi a manifestação para não perder os cursos? Teve debate? Teve show?

Como foi depois de efetivada a reforma? E com o passar do tempo?

Acredita que era um tipo de perseguição com Prudente? Por que?

Alguns dizem que foi um momento traumatizante... Por que?

Apresentação das imagens.

APÊNDICE K

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: "**A História da Educação e a Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente: o Uso da Fotografia como Gatilho da Memória**[12]"
Nome do Pesquisador: **Édison Trombeta de Oliveira**
Nome da Orientadora: **Arilda Inês Miranda Ribeiro**

1. **Natureza da pesquisa**: o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade problematizar a respeito da história da UNESP, tendo como ponto principal sua criação, em 1976, utilizando-se de História Oral e fotografias.
2. **Participantes da pesquisa**: professores/estudantes da instituição na época pesquisada.
3. **Envolvimento na pesquisa**: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o pesquisador grave, transcreva, analise e utilize como citação no trabalho partes ou o todo da entrevista.
4. **Sobre as entrevistas**: serão do tipo História Oral, aguçadas por imagens representativas da época.
5. **Riscos e desconforto**: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade**: todas as informações coletadas neste estudo são para fins de pesquisa científica. Portanto, ao participar da presente pesquisa, o sr. (sra.) confirma estar ciente de que sua identidade poderá ser citado quando da publicação dos resultados dessa pesquisa.
7. **Benefícios**: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a história da UNESP, bem como da importância das pessoas nesta história, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir na valorização da história da UNESP e dos envolvidos nela, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.
8. **Pagamento**: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

[12] Este é o título do projeto de pesquisa. Durante a sua execução e com base nas discussões durante o processo de orientação, optou-se por alterar o título para "Memórias docentes sobre o início da UNESP em Presidente Prudente: busca por meio de imagens (1975-1980)".

Consentimento Livre e Esclarecido
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

_____
Nome do Participante da Pesquisa

_____
Assinatura do Participante da Pesquisa

_____
Édison Trombeta de Oliveira

_____
Arilda Inês Miranda Ribeiro

Pesquisador: Édison Trombeta de Oliveira (18 99726-3799)
Orientador: Arilda Inês Miranda Ribeiro (18 3229-5563)
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo
Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Renata Maria Coimbra Libório
Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526
E-mail cep@fct.unesp.br